

**LUDWIG BINSWANGER**

**O caso Suzanne Urban**

## INTRODUÇÃO

Com o caso Suzanne Urban, continuamos nossos esforços para compreender o delírio esquizofrênico. É no delírio esquizofrênico que culmina o problema da esquizofrenia; é aqui onde ele encontra o ápice de sua concretização. Por consequência, não se pode abordar o delírio esquizofrênico diretamente, mas somente aproximá-lo da compreensão científica por meio de um avanço gradual que se deixa conduzir *pela natureza da coisa*. Aqui, “a natureza da coisa” é o processo de transformação que a estrutura do Dasein<sup>1</sup>, na qualidade de ser-no-mundo<sup>2</sup>, sofre, em termos daquilo que chamamos “processo esquizofrênico”. É necessário acompanhar o caminho que o Dasein percorre quando ele, deixando a ampla e rica abundância de sua base – de sua estrutura fundamental –, se afia e culmina no delírio, mantendo-se nesse ápice. Até agora, todos os estudos tomaram essa tarefa como objetivo, não apenas o *Caso Lola Vofß*, no qual já se chegara a um pronunciado *delírio de perseguição*, mas também o *Caso Jürg Zünd*, o qual,

---

<sup>1</sup>Nota do Tradutor: Conceito fundamental no pensamento de Binswanger e da fenomenologia em geral. Literalmente *Dasein* (pronuncia-se “dázain”) significa “ser/estar aí”, trata-se de um verbo substantivado. Em sua forma verbal, é utilizado sobretudo pra indicar a existência ou a presença de algo em algum lugar, por exemplo: “*Da ist eine Fliege in meiner Suppe*” (“há uma mosca na minha sopa”), ou “*Da sind Sie!*” (“Aí está você!”). Substantivado, tem normalmente o sentido de “existência”, em termos da existência de uma pessoa ou de um ser vivo, e pode ser encontrado em expressões como “*ins Dasein kommen*” (“vir à existência”, “nascer”) e “*ein menschwürdiges Dasein*” (“uma existência digna”).

Contudo Binswanger está utilizando o termo na acepção mais específica que o filósofo Martin Heidegger lhe deu. *Dasein* é a palavra que Heidegger utiliza para designar um ser humano, como ser que está dia após dia no mundo entre outros seres e tem consciência desse estado. É a condição própria do homem, em oposição aos outros seres, em que eles não têm consciência de sua própria existência. A *Daseinsanalyse* (análise do Dasein) de Binswanger, portanto, consiste em examinar um *Dasein*, um ser humano em sua existência no mundo e sua percepção dela.

Existe uma longa tradição de tentar traduzir o termo para as diversas línguas. “Existência” não é uma possibilidade porque Heidegger dá ao termo latino (*Existentia*) um sentido próprio. A opção mais clássica é “presença”, que não tem a clareza de sentido do original e não tem aparente a raiz do verbo “ser” (embora “presença” venha do latim *praesentia*, que é uma visível combinação entre o prefixo *prae-* – “diante” – e de *-entia* – derivação do verbo *sum*, “ser” –, essa relação não é mais evidente para o falante de português). Outra escolha é “Ser-aí”, que, apesar de manter evidente a relação do termo com “ser”, é muito estranha à construção própria do português e não carrega todos os sentidos implicados no termo alemão (como a ideia de “existência humana”, por exemplo). Optamos por manter a palavra original, que, se bem explicada, não gera maiores problemas ao leitor.

<sup>2</sup>N. do T.: *In-der-Welt-sein*, outro termo técnico de Heidegger. É usado para definir “o modo de ser” do Dasein, para descrever “como” ele é: ser no mundo. O filósofo compôs essa palavra para deixar evidente que no estado fundamental do ser não há oposição entre sujeito e objeto, entre ser e mundo, mas que ambas as coisas são a mesma.

desconsiderando-se as idéias deliroides ocasionais, mostrava um evidente *humor delirante*, bem como o *Caso Ellen West*, em que o humor delirante de fato ainda estava apenas insinuado, mas os *pressupostos* de Dasein para o delírio saltavam aos olhos com tanto mais evidência<sup>3</sup>.

Enquanto, nos três primeiros casos, não se pôde *demonstrar* (!) de pronto que “uma vivência especialmente afetiva” ou também “toda uma série de vivências interrelacionadas desse tipo” (Wernicke) ou “um complexo de ideias marcado pelos afetos” (Bleuler) era o “ponto de partida” da disposição e das ideias delirantes, isso veio à luz com muita clareza no *Caso Ilse*. O “ponto de partida” aqui era o amor passionai pelo pai e o sofrimento constante pelos maus-tratos que ele dispensava à mãe. Entre esse “complexo de ideias marcado pelos afetos” e o delírio de perseguição coloca-se ainda certa “vivência afetiva” posta em cena pela própria paciente: o ato de queimar o antebraço no forno para “mostrar” ao pai “do que o amor é capaz” e fazê-lo, por meio de seu sacrifício, tratar a mãe mais amorosamente. Foi somente com o fracasso desse sacrifício que surgiu (apenas depois de um intervalo bem longo – como na maior parte das vezes –, mas, por outro lado, em um evidente processamento deliroides do fato) um delírio de perseguição que se estendeu por um ano, mas que, por fim, passou desse estado para um processo longo de cura.

Enquanto, no *Caso Ilse*, o Dasein estava sob uma alta-tensão que durou muitos anos e “deu vazão” a si mesma primeiramente no sacrifício da queimadura, depois no delírio de perseguição e no delírio amoroso, a alta-tensão sob a qual está o Dasein no caso *Suzanne Urban* mostra-se não apenas em um amor “idólatra” pelos pais, mas também em um culto amoroso hipocondríaco “quase anormal” aos pais e ao esposo. Esse culto é afetado profundamente e é colocado sob a máxima prova quando o esposo (um primo) contrai câncer na bexiga. Uma vez que aqui “uma vivência forte especialmente marcada pelos afetos” forma de fato o “ponto de partida” biográfico (não confundir com “causa”!) do delírio de perseguição, e há informações mais detalhadas de como a transformação do Dasein se consuma no tempo entre essa vivência e o aparecimento do delírio, parece justificado expô-la, apesar da falta de dados amnésicos da infância, psicanalíticos e catamnésicos. Além disso, ressalte-se desde já que não se trata de um delírio de perseguição singular “residual” que se liga a uma vivência de desabamento do mundo, como no caso Schreber-Flehsig, mas, como nos casos Lola e Ilse, de um delírio de

---

<sup>3</sup>Referimo-nos também ao *Caso Ilse*, que, da mesma maneira, mostrou o quadro de um *delírio de perseguição* esquizofrênico.

perseguição *anônimo* ou *plural*. Teremos que nos ocupar dessa diferenciação no capítulo psicopatológico-clínico. Apenas se mencione que – devido à novidade de nosso método –, também neste quinto estudo, ainda não se pode falar em observações “conclusivas”, mas apenas na demonstração do *caminho* para a continuidade da pesquisa, na medida que for possível com nossos meios atuais.

Também está relacionado à novidade do método o fato de que, na nossa investigação, houve mais repetições do que o desejado, por um lado, por motivos didáticos, contudo principalmente porque está na essência do método de análise do Dasein não perder de vista os fios de todo o Dasein, tanto em seus traços essenciais, quanto na variação deles, e sempre trazê-los novamente aos olhos do leitor, fazendo isso com o máximo de rigor possível.

## A. RELATO

### I. INFORMAÇÕES DADAS PELOS FAMILIARES

**na ocasião da entrada da paciente de 48 anos, casada e sem filhos no  
sanatório Bellevue, em Kreuzlingen**

#### a) A ascendência

O *pai* foi um advogado muitíssimo enérgico, sólido e bem-sucedido. A *mãe* tem 82 anos e permanece muito viva corporal e mentalmente. O *avô materno* tem 87 anos; nos últimos dois anos apresenta *dementia senilis* com ideias de grandeza infantis. Também há na família da mãe acadêmicos altamente talentosos. A *paciente* é a terceira de três irmãos ainda vivos e muito talentosos. Uma *irmã* cometeu *suicídio* aos 29 cortando a garganta com uma navalha durante uma melancolia com ideias de culpabilidade e ruína; nenhuma peculiaridade durante a puberdade. A *irmã mais velha*, de uma capacidade intelectual abaixo da média, teve há quatro anos uma *depressão no climatério* que durou três meses, desde então é muito nervosa. Os dois irmãos, ainda vivos, são muito saudáveis. Trata-se de uma família *judaica* antiga e muito prestigiosa.

## b) Biografia e histórico da doença

Nascimento normal, sem raquitismo, sem escrófula. Aprendeu a andar e a falar no tempo normal. Foi criada com muita delicadeza e muito cuidado. Precoce. Criança prodígio. Teimosa e mandona. Nunca queria se subordinar à opinião alheia. Muito sensível. De acordo com informações da própria paciente, quando, uma vez aos 14 anos, uma professora lhe disse que, se não a obedecesse, pediria ao pai que a açoitasse, "suas pernas ficaram duras" pelo orgulho ferido. Sem enurese. Sem *pavor nocturnus*. Quando criança, era impecavelmente limpa. Só se permitia vestir uma roupa se ela estivesse sem a menor mancha. Uma vez que se sentisse irritada por não estar cumprindo a própria vontade, podia vir a gritar quase freneticamente; buscava dominar as pessoas que a cercavam. Recebeu muito amor dos pais; de igual maneira, a filha tinha um amor idólatra por eles, "quase anormal"; preocupava-se com as menores necessidades deles. Dos 7 aos 11 anos foi ensinada em casa, depois estudou até os 17 no ginásio; fez o exame de conclusão. Bons resultados na escola. Muito ambiciosa desde sempre, queria ser a aluna modelo por completo. Aprendia fácil e era aplicada. Era constantemente passada de ano. Muito boa em matemática. Depois da escola, aprendeu inglês e italiano. Fala quatro línguas. Quando menina, aprendeu canto e piano, quando jovem, pintura.

Sempre se relacionava com poucas colegas de classe, que ela mesma selecionava; nenhuma amizade autêntica. Dava as costas às colegas restantes. Além disso, pouca confiança em seus companheiros<sup>4</sup> ao longo da vida. Tinha muitos inimigos porque frequentemente dizia seus pontos de vista na cara dos outros quase sem escrúpulos. Sem veia social.

Estudava tanto que brincava pouco; tinha pouca vontade de fazê-lo.

Com 13-14 anos, teve sua primeira menstruação; envergonhou-se terrivelmente por conta do primeiro período menstrual. Na puberdade, era

---

<sup>4</sup>N. do T.: Tradução aproximada do termo *Mitmensch*, composto pelo prefixo *mit* ("com-") e a palavra *Mensch* ("pessoa"), usado para designar as pessoas como criaturas que fazem parte da comunidade humana. Ao longo do estudo, diz respeito às outras pessoas que fazem parte do *Mitsein* ("ser compartilhado" cf. abaixo nota 83). Sempre que o termo "companheiro" aparecer, portanto, ele deve ser compreendido dessa maneira.

bastante retraída. Foi desde sempre muito viva e alegre. Amava o sarcasmo. Gostava de contar piadas. Gostava de ser irônica.

Com 18-19 anos era uma leitora apaixonada de romances. Comprimia as pernas quando os lia, até que um sentimento de felicidade surgisse nela de maneira semelhante a um orgasmo. Mais tarde, disse ainda que isso lhe trazia mais alegria do que tudo em seu casamento. Sobretudo nos últimos anos, colocou que o ideal haveria sido não ter se casado, mas ter feito carreira no teatro. Natureza muito erótica, adquiria escritos eróticos. Também gostava de contar ao velho pai piadinhas eróticas.

Quando menina, era notavelmente bonita. Recebia os elogios abundantes como algo natural. Não agia como uma coquette, não tinha disposição para flertes.

Tornou-se noiva de um primo muito rapidamente; o noivado durou pouco, só alguns meses. Não estava muito apaixonada quando noiva. Na verdade, ela só noivou depois de ouvir como alguns estudantes falavam uns com os outros sobre a então belíssima jovem de 21 anos: “A bela X já está ficando velha”.

Aos 27 anos começaram ataques de espirro paroxísticos que permaneceram fechados à influência terapêutica. A organoterapia junto a renomados laringologistas falhou completamente. Não obteve avanço substancial ao realizar tratamento junto a muitos neurologistas. Quando muito, compressas frias sobre a testa ajudavam em alguma medida.

Fora o suicídio da irmã – a paciente tinha então 17 anos – e a morte do pai há quatro anos, a paciente nunca teve as menores preocupações. O marido a distanciava completamente de seus interesses comerciais e a amava efusivamente. A única que lhe causava preocupações era a mãe, amada doentamente, de quem tomava conta com um cuidado hipocondríaco. O marido tinha um amor idólatra por ela; era dominado pela esposa, cedia a ela constantemente e nunca tentava negar-lhe coisa alguma. No começo, ela não queria filhos; a partir do décimo ano de casamento ela passou a sofrer pela ausência deles: o fato começou a machucá-la cada vez mais na medida em que percebia que o marido sofria por isso. Há 14 meses, em Berlim, constatou-se que o marido tinha cistite. Quando, mais tarde, houve o tratamento, *há 11 meses*, a paciente acompanhou o marido à cistoscopia. Ela ficou ouvindo na sala ao lado, escutou os gemidos do marido que não havia sido anestesiado com clorofórmio. Depois viu o rosto sério e grave do médico, ouviu dele o diagnóstico de câncer (aspecto de couve-flor) e que havia fortes dúvidas sobre a possibilidade de operação.

*Desde então, passou a sentir um triste desgosto e a se lamentar muito. Há oito meses esteve com o marido doente em Paris. Discutiram sobre o problema da operação em termos de medicina especializada. A paciente se atormentava dia e noite, conduzia todas as discussões com inacreditável energia, quase não dormia mais, lia a literatura médica especializada, debruçava-se ela mesma sobre os exames de urina, queria estar presente em todas as aplicações de tratamento, conversava consigo mesma.*

Os médicos exigiram completo relaxamento e repouso. O aspecto da paciente estava pálido como de um cadáver. A irmã mais velha assumiu os cuidados. Há cinco meses, se recuperara bem corporalmente, mas se tornara tremendamente sensível; *só tinha interesse pelo câncer do marido*, não suportava qualquer outro assunto. Indignava-se se alguém risse em sua frente. Queria acima de tudo matar o marido ela mesma e suicidar-se depois. Desejava um acidente que trouxesse a morte para os dois. Imaginava possibilidades alternativas, talvez não se tratasse de câncer; chorava dia e noite.

*Nesse ponto, começou a farejar riscos por toda parte: as pessoas seriam más, os enfermeiros não fariam seu dever, as criadas espreitariam para entre ouvir as conversas; não acreditava em ninguém. Insultava os médicos porque eles não matavam o marido.*

Há quatro meses, começou a comer mal. Não podia mais andar sobre a sola dos pés inteiras, de tanto que estava acostumada a andar permanentemente na ponta dos dedos. Tornava-se cada vez mais inquieta, medrosa, tinha cada vez mais *autorreferências e ideias de perseguição doentias*.

Há três meses, consulta junto a um psiquiatra que insistiu em que ela fosse separada do esposo. A paciente ingressou em um hospital psiquiátrico em G., onde permaneceu por quatro semanas. Ali, desde o começo, acreditava que estava sendo observada, perseguida pela polícia, radiografada; segundo ela, a família fora desgraçada, estavam tomando seus bens, no parque havia fios elétricos que registravam os passos de todos, ela fora infectada com sífilis, tinha câncer e todas as doenças possíveis. Recusava comida, acreditando que ela estava envenenada. À noite, vozes entravam na cabeça dela e falavam que ela dissesse tudo que havia de mau; isso seria impresso e divulgado por meio de gravadores especiais. Havia fios por toda parte. Mesmo no banho, havia aparatos que a fotografavam nua para expô-la publicamente depois. Pensava que tomava, junto com os pós medicinais, o sêmen de rãs e lagartos, queria vomitar tudo. Estava infectada com sífilis da cabeça aos pés; fora untada com sífilis pelas coberturas e pelos envoltórios. A menor

mancha de pele tornava-se para ela um sinal de sífilis. Também via no comportamento de outros pacientes tudo o que fosse possível. As ideias persecutórias pioravam cada vez mais. Gritava da janela, a polícia viria buscá-la, a família já fora aprisionada, haviam cortado fora o nariz, as orelhas, os braços etc. da mãe. Os familiares estavam enfiados em covas em meio a fezes, batiam neles com barras de ferro etc. Queria enforcar-se com um cachecol, mas não houve qualquer tentativa séria. Uma vez escondeu uma faca consigo.

Após quatro semanas, alta e acomodação na casa da irmã, onde ela permaneceu até alguns dias atrás.

A doença do marido recuou quase completamente nas ideias. Em contrapartida, o sistema delirante tornou-se cada vez mais claro: *a polícia perseguia toda a família, uma parte de toda a família estava morta, atrocidades estavam sendo cometidas contra outra parte*. Quanto a ela própria, não estava doente de forma alguma.

A paciente compreende bem o que não está correlacionado ao sistema; boa memória. Não há visões. Veio para a viagem voluntariamente. Contudo, declarou que a polícia não a deixaria partir, não se conseguiriam os vistos, não haveria dinheiro etc. No caminho, impelia-se para fora, queria sair pela janela. Na viagem pelo Bodensee, queria lançar-se à água. Durante uma refeição, testou de brincadeira se a faca estava afiada. Logo após isso, disse que a polícia de toda parte já estava informada, os empregados da alfândega haviam feito um certo gesto. Um determinado movimento de mão – mão na coxa – queria dizer que ela e o marido eram ladrões; quando um homem acariciasse o bigode, isso significava que os lábios dos familiares haviam sido cortados fora. Queria, a partir desse momento, retornar para casa imediatamente. Durante a doença, desaprendeu cada vez mais a cuidar de sua aparência exterior; antes era muito elegante. Perdeu *suas boas maneiras*. Nos últimos tempos, *envelheceu muito, os cabelos esbranquiçaram rapidamente*.

## II. AUTODESCRIÇÕES

No nono mês de sua estadia de 14 meses em nosso hospital psiquiátrico, Suzanne Urban deixou-se convencer pela médica responsável, a única pessoa na qual passou a ter certa confiança, a escrever uma descrição do início e do desenvolvimento de sua doença. A paciente, que ainda vivia completamente em



seu delírio, fez isso com grande zelo e escreveu em poucos dias dois cadernos completos em alemão, embora esse não fosse seu idioma natal. Nós faremos citações desses cadernos sem alterações de palavras ou ortografia. Apenas foram modificados os nomes das pessoas e dos lugares e as datas. A partir dos escritos, pode-se perceber o quão exatamente as informações dadas pela paciente concordam com as dadas pelos familiares do ponto de vista do tempo e dos fatos, excetuando somente, de alguma maneira, que a doença do marido, de acordo com as informações da própria paciente, não havia sido colocada em segundo plano tanto quanto os familiares acreditavam.

#### **a) O exame do marido no urologista e seus antecedentes**

"Na primavera do ano de 19... (o ano do adoecimento dela) estávamos em M.. Meu marido não se sentia muito bem; não gostava de passear, dizia que isso o cansava rapidamente, também raramente tinha apetite; se ele comia alguma coisa, precisava ser salgado ou azedo, picante. Ele nunca havia sido exigente antes. Há certo tempo, ele tinha um parasita eczemático na região do abdômen, mas tinha sempre vergonha de falar sobre ele e de mostrá-lo aos médicos que nos atendiam em casa, dizendo que aquilo era apenas algo de pouca importância. Quando estávamos retornando de M. (abril de 19...), eu o convenci a procurar um médico por conta disto; nosso irmão, que estava em X., indicou-nos o dermatologista Prof. X., de B. Este recomendou um tratamento de raios X e ele mesmo o aplicou a meu marido pela primeira vez, mandou-o urinar e disse a meu marido que o eczema era um detalhe menor, sua bexiga era muito mais importante; talvez fosse um forte muco vesical, mas, de qualquer maneira, ele precisaria cuidar dela. Recomendou, uma vez que nós já estávamos há muitos dias em B., um jovem médico de X., que outrora fora seu assistente.

Meu marido voltou para casa deprimido, uma vez que há alguns meses ele perdera um irmão, que morreu de câncer na bexiga. Em X., ele estava tão tomado por seus negócios que ele não queria ouvir falar nenhuma palavra sobre tratamento; ele tinha simplesmente medo e o adiava dia após dia. Por fim, ele mandou vir o médico que havia sido recomendado, mas pediu-lhe que tratasse dele somente com medicamentos exteriores (por ingestão); resistia a qualquer cateter, diante dos quais tinha um medo mortal. Contudo, uma vez que esses remédios (Helmitol, Urodonal, Urotropina) não ajudaram em nada e cada vez mais meu marido sentia pequenas sensações incômodas ao urinar, além das pequenas

marcas de sangue que também surgiam durante o ato e, ao dirigir, não sentia dores violentas, que seriam um sinal de pedra na bexiga, eu supliquei e o fiz se decidir a deixar-se examinar com o cistoscópio.

*Eu fui com ele ao médico, esperei na sala ao lado e escutei, tremendo e chorando, seus gemidos terríveis. O médico disse-lhe que havia uma parte da bexiga que estava ferida, mas, quando ele virou as costas, fez para mim uma cara tão terrivelmente desesperançosa que eu fiquei completamente paralisada, apenas abri a boca de susto, de modo que o médico agarrou minha mão para me indicar que eu não devia mostrar a ele nenhuma das minhas sensações. Essa mímica foi uma coisa pavorosa! Meu marido também percebeu algo, talvez, mas exibiu uma expressão completamente amigável e apenas perguntou ao médico de onde isto poderia ter vindo; ele respondeu que isso frequentemente está no sangue, sem que se saiba sua origem".*

## **b) A estadia em Paris**

"O coitado precisava se expor a lavagens internas todo dia e, cada vez que ele vinha para casa depois delas, sentia dores mais fortes. Vários meses se passaram dessa maneira; nós consultamos mais alguns médicos que lhe aplicaram a cistoscopia; todos diziam o mesmo: era câncer, em uma de suas formas mais perigosas (*cancer cooné cancroide*). Meu marido, que sempre me vira alegre, reparou muitas vezes em como eu estava deprimida, ainda que eu me esforçasse para fazer uma cara boa em sua frente. Visto que a doença piorava cada vez mais, que meu marido começou a sofrer de insônia total apesar da medicação e que só comia se o forçavam e se alimentava principalmente de sangue prensado com creme, ovos e carne, os médicos sugeriram, uma vez que não se podia obter o novo medicamento (mesotório) onde morávamos, que fôssemos a Paris, ao que meus familiares também me encorajavam, dizendo que eu devia de toda maneira, embora estivesse arrasada, inconsolável, tentar também isso, a fim de nunca poder me culpar por ter tentado fazer todo o possível<sup>5</sup> para, se não salvar, ao menos prolongar a vida do homem. Essa estadia de dois meses em P. foi o inferno para o pobre homem, alguns médicos queriam mandar operar meu marido, proposta, contudo, veementemente rejeitada por outros médicos".

---

<sup>5</sup> N. do T.: Nesse trecho, há um erro de alemão, que mantive na tradução. A frase esperada seria "a fim de nunca poder me culpar por **não** ter tentado fazer todo o possível..."; a paciente parece ter esquecido de colocar a negação.

Em uma carta escrita a um conhecido na época dessas anotações, a paciente expressou-se ainda mais precisamente sobre a estadia em Paris<sup>6</sup>:

“Primeiro a doença do meu marido, que fazia progressos tão terríveis, nossa partida para Paris, onde eu esperava salvá-lo por meio de uma operação, mas os médicos me desaconselharam, tendo constatado o câncer em sua forma mais terrível e me fizeram entrever em quais sofrimentos excruciantes meu marido iria passar os últimos anos, de sua vida. Tudo isso me abalou de tal maneira que eu voltei a X. mais morta do que viva, incapaz de pensar em qualquer outra coisa que não encurtar os sofrimentos do meu marido matando-o e me suicidando em seguida; eu também supliquei aos médicos que me dessem veneno. Foi essa ideia infeliz que levou os médicos a me fazerem sair da casa à força para ir a G., esta terrível armadilha em que caí e que só tem como objetivo me comprometer a todo custo, apesar de minha inocência absoluta.”

### c) A época entre Paris e a primeira internação

“Dessa maneira, nós voltamos para X. sem qualquer resultado; os espasmos estavam cada vez mais violentos, o sangue, sempre em maior quantidade. Enquanto isso, morreu o médico que cuidava do meu marido e por quem ele nutria grande confiança e simpatia.

Isso causou a nós dois uma impressão terrivelmente opressiva. Visto que eu quase não conseguia mais dormir e dificilmente ia pra cama quando precisava, tomei pílulas de arsênico e diversos tranquilizantes. Mas a ideia de suicídio e de um maritícídio por envenenamento simultâneo vinha-me à mente sem cessar. Ocasionalmente eu pedia a meu médico que me desse qualquer medicamento, pedido que ele ignorava, de modo que, por fim, ele decidiu chamar mais um médico para meu caso – era o doutor R. – o carrasco – a desgraça de toda a família. – Ele decidiu de toda maneira me colocar em isolamento e aconselhou o lugar nas proximidades de X-G.. Eu não queria deixar a casa de maneira alguma, mas me levaram para lá quase à força. Aqui começa de verdade a assustadora odisseia”.

---

<sup>6</sup> N. do T.: Em francês. A carta apresenta erros de descontinuidade e pontuação, que mantive na tradução.

**d) A estadia no primeiro hospital psiquiátrico**

“Logo à primeira vista, noto um grande número de homens que, como que, esperando (no vestíbulo do prédio), olhavam-me com um sorriso sarcástico, e várias senhoras também faziam caras completamente estranhas. Imediatamente eu sinto uma atmosfera de pessoas rancorosamente hostil a mim; meu corpo todo treme. O médico recebe a carta de recomendação e entra imediatamente comigo e com minha irmã no quarto que foi escolhido para mim. Nesse ponto, eu noto a ironia com que ele fala comigo e, depois que eu compartilho com ele meus pensamentos dizendo o quanto eu me arrependo de ter deixado minha casa em lugar de permanecer fiel a meu dever e ficar ao lado de meu marido gravemente doente, ele me responde: 'Mesmo um *criminoso*<sup>7</sup> precisa ir ao hospital se ele está doente', então ele faz, como que por engano, um erro e diz no lugar de "hospital" a palavra "lazareto", que em nossa cidade, X., é um hospital para pacientes dermatológicos, especialmente os sífilíticos. Então também olhou a parede em que minha cama estava encostada de uma maneira muito peculiar e apertada a mesa, como se ele estivesse em contato com uma corrente subterrânea por meio dela.

Os dois médicos e a governanta vêm a mim, mas sempre com rostos tão escarnecedores que eu estou indignada. Eu escuto com exatidão como instalam uma máquina na parede que fica ao lado da minha cama e, também mais tarde, quando eu entro na banheira, eu escuto fazerem a mesma coisa para me fotografarem nua. É como se fosse uma máquina de raios X. Sobre mim, em cima do teto do quarto, há a mesma máquina e eu tenho a perfeita impressão de que estão ouvindo as palavras que eu digo para minha irmã, de que nos escutam e fotografam. Eu contei a minha irmã algumas experiências triviais que ela não sabia, logo no primeiro dia. Quando, depois de vários dias, eu saí e me sentei, eu notei sobre a minha janela uma cabeça de gendarme e ouvi o ranger do papel com exatidão, como se todas as minhas palavras estivessem sendo estenografadas. Eu digo isso para minha irmã, mas ela ri de mim. Essa foi a primeira armadilha. Enquanto eu estou andando pelo parque, eu escuto minhas expressões um tanto triviais serem repetidas por algumas mulheres que estão andando o mais perto possível de mim, a fim de me mostrar que elas ouviram tudo. Isso me deixa frenética. Até mesmo meus pensamentos são repetidos por outras pessoas. Eu digo para minha irmã: 'Nós estamos aqui entre espíões, o que eles querem de mim?' Mas ela apenas ri de mim e repete ao médico o que eu disse. Eu tenho

---

<sup>7</sup> Todas as ênfases [marcadas aqui com *itálico*] são da própria paciente.

precisamente a sensação de que há fios subterrâneos próximos a todos os pavilhões, pois, toda vez que alguém passa por eles, cai uma pequena armadilha. Quando o tratamento começa, aplicavam fricções cedo e envoltórios e banhos alternadamente ao meio-dia, que a mesma criada faz; ela me fricciona com tanta força que me arranha a pele. Quando trazem as coberturas de lã para os envoltórios, eu sinto um odor horrível, como graxa especial para coturno, e grito alto, porque, além disso, eu notei a água suja do balde em que os panos envoltórios são umedecidos: O que é isso? Os panos estão sujos eles vêm do lazareto, querem me injetar sífilis<sup>8</sup> por fora, pela pele arranhada.

Eu grito: 'Eu quero ir pra casa!' Mas o médico diz ironicamente: 'É tarde demais, agora você não voltará mais para casa'. No parque, na frente de um casarão, há uma guarita, como na frente das prisões. Mandam dois enormes corvos adestrados sair voando da janela, como predição da desgraça. À mesa, eu vejo que há saliva no meu leite, no meu mel etc.. Eu também vejo saliva na banheira, água suja de louça diante da minha janela. Eu sinto um cheiro peculiar na comida, como se fosse um narcótico e, exatamente ao meio-dia, eu fico tão sonolenta que eu me deito; os sonhos são tão fantásticos: eu vejo mãos completamente queimadas, prisões. Nisso eu pressinto, apesar de estar dormindo, uma corrente elétrica; também a sinto nas aplicações dos envoltórios, de modo que, ao invés de ficar quente, eu fico com os membros completamente paralisados, como se estivesse congelada. Eu digo ao médico: "O que é isso? Querem me tornar paralítica?" Ele não responde nada, sorri sarcasticamente.

A criada está vestindo meus aventais, que eu reconheço, para me mostrar que estão fazendo revistas no meu quarto.

Um senhor sai de um casarão, com um criado atrás dele; ele nunca esteve no sanatório; tem um rosto tão cruel; seguramente é um *carrasco*. Ela olha para ele e faz o mesmo sinal, que apenas o criado responde.

Preciso fazer o adendo de que toda vez que nós nos deitávamos, mesmo antes dessa época, o barulho começava sobretudo no refeitório: tocavam piano (tango, valsas etc.) horivelmente, o mais alto possível, e andavam para cima e para baixo no corredor. As portas dos quartos que ficavam frente a frente faziam um ruído peculiar ao abrir e fechar: um apitar policial; essas portas ficavam em

---

<sup>8</sup>Em uma carta, ela escreve: "Os médicos riam de mim sarcasticamente, faziam alusões maliciosas a minha *estadia em Paris*, onde eu estava com meu marido doente, completamente deprimida, e não podia pensar a respeito de tais safadezas".

movimento a noite toda e eu tinha a sensação de que cada um dos meus pensamentos era imediatamente anotado.

Eu sinto que querem me comprometer a todo custo e convencer-me de inverdades. Eu me sinto cada vez mais mal à mesa e quero comer somente no quarto. Trazem-nos petiscos a cada dia piores e mais velhos, também o pão está piorando. Eu vejo tudo, mas não faço nem minha irmã atentar a isso.

Eu digo ao médico: 'Aqui nesse hospital me tratam com ódio, zombam até da doença de meu marido, porque uma mulher disse alto: 'Câncer, câncer, pelo amor de Deus! Por que não lagosta?'<sup>9</sup> E ainda uma outra: 'É possível fazer um limoeiro crescer no estômago, se se engolir um caroço de limão'. Falam o mais que podem sobre câncer. Ele responde com seu sorriso diabólico-sarcástico: 'Não necessariamente estão se referindo a *você* quando falam isso'.

Eu vou retornar a minha narrativa mais uma vez para descrever que tipo horrível de *decoração* ainda estava preparado para ser feito ali: batiam sempre os tapetes diante da minha janela, porque, com certeza, haviam ouvido da minha criada o quanto eu odiava aquilo, especialmente desde que meu marido ficou doente e queria sossego. Quando eu ia ao parque, começavam a bater os tapetes perto de mim, no parque. Retiraram uma sacada que ficava em cima de mim para que outra fosse construída em seu lugar, para fazer um barulho terrível ao bater os tijolos. Um gato andava pelo parque; uma vez, ele apanhou um pássaro. Enquanto minha irmã se apiedava do pobre passarinho e o dizia em voz alta, eu ouvi de uma mulher: 'Deixem o gato em paz, deixem-no dar uma boa mastigada no pássaro'. Eu ouvia um uivo pavoroso, parecido com o dos lobos, o dia e a noite inteiros. Uma carroça com estrume ficava ocasionalmente diante da minha janela de manhãzinha e andavam perto de mim com carrinhos-de-mão pesados. Deviam ser alguns paus e pedras substituindo um túmulo. Tossiam e cuspiam alto diante da minha janela.

Eu escutava sempre passos atrás da cerca de madeira, atrás do banco onde frequentemente nos sentávamos, e via através das frestas a cabeça de alguma pessoa. Na rua, eu ouvia observações sarcásticas, p. ex.: 'Essa aí com certeza não precisa de G. (o hospital psiquiátrico), ela precisa é do 'lazareto''. Tratava-se certamente de uma armadilha pavorosa que tinha como objetivo me comprometer. Mas realmente eu não o merecia a tal ponto, era algo muito superficial, porque eu adorava irritar as pessoas e não ocultava nada, contrariamente ao que muitos fazem. Além dos movimentos manuais, a enfermeira anterior fazia ainda no

---

<sup>9</sup>N. do T.: Em alemão, "câncer" é *Krebs*, caranguejo, que também era o significado original da palavra latina (*cancer*).

sanatório um movimento: ela puxava o nariz e lhe respondiam da mesma maneira; ao mesmo tempo, ela às vezes dizia: "a cabecinha precisa cair". Minha pobre e velha mãe me esperava na casa quando eu cheguei, chorava terrivelmente, porque todos me consideravam doente, e eu, ser repulsivo, falei mais uma vez sobre mim e não sobre os perigos que ameaçavam os meus. Minha mãe não quis conhecer a enfermeira, ainda mais porque ela não queria deixar sozinho meu marido doente. Quando a enfermeira veio a mim, ela se posta diante da janela, puxa o colar e depois os olhos, o nariz, os lábios, as orelhas, coloca-se sobre os calcanhares e range os dentes com tanta força que se vê o movimento do maxilar. Ela fecha o punho e indica que os dentes estão sendo arrancados. Eu fico completamente muda e paralisada. Também a criada olha para mim sarcasticamente.

Eu digo: isto é loucura, não se deve acreditar em todo mundo, mas meus familiares têm tanta confiança no médico, no demônio, que eles não querem ir sequer um passo além das prescrições dele. No banheiro, eu ouço um apitar exatamente como aquele que se escuta nos brinquedos infantis.

Em uma janela no lado do pátio, eu vejo uma faca de cozinha grande. Eu estou completamente muda, mas me torno cada vez mais nervosa, de tal maneira que minha irmã pede ao médico que me visite com tanta frequência quanto puder, o que ele faz com prazer, olha para mim sarcasticamente e me martiriza com suas falas sarcásticas e irônicas. A cada noite, a enfermeira assumia uma '*pose plastique*'<sup>10</sup> peculiar, na qual ela insinuava com a mão a amputação do outro braço, deixava um pé sair da coberta, a cabeça pender, abria a boca, roncava alto. Eu gritei quando vi isso.

Então minha irmã foi ao telefone para me acalmar e provar que todos estão lá, porque todos sempre respondiam. Mas meus irmãos homens estavam tão tomados pelo trabalho que eles não gostavam de receber telefonemas frequentes e desnecessários, ainda mais porque, visto que eu ouvia no telefone o apitar policial, eu não queria lhes dizer nada; somente lamuriava, o que eles consideravam nervoso, doentio.

Eu poderia, contudo, ter chamado a atenção do meu irmão na rua para o fato de que nossa vida está no fim e, em lugar de se exporem aos tormentos e aos martírios que os coitados têm agora, matarem a si próprios<sup>11</sup>. Este pensamento não

---

<sup>10</sup> N. do T.: "Pose plástica" em francês, prática surgida no século XIX, em que pessoas imitavam poses de pinturas, formando verdadeiros "quadros vivos".

<sup>11</sup> N. do T.: A falta de continuidade desse trecho também existe no original. Antes de "em lugar de" falta uma frase como "que seria melhor".

me veio à cabeça, de que eu tinha arsênico 0,3 em casa, o qual foi prescrito em Paris a meu marido para ser utilizado em injeções, mas que os médicos em X. recusaram-se a usar, julgando que apresentava perigo à vida. E eu, mulher estúpida, pedi veneno ao médico quando eu tinha veneno à mão. *Treppenwitz*<sup>12</sup>! que custa a vida de tantas pessoas. Eu também vejo vermes ao pé da luminária elétrica e no chão, os horríveis russos cinzentos, e sinto as seguintes palavras: Eles vão receber pão com vermes. Além disso, eu *sinto* como me sussurram a seguinte frase: Em primeiro lugar, minha *mãe* é uma l.[adra] velha, roubou prata, o que é uma mentira pavorosa, ela era a mulher mais fiel, honrada e direita do mundo; vivia apenas por causa dos pobres; costurava para eles, ensinava crianças pobres (o que, aqui, é um *pecado* punido com prisão). Chamavam-na a *santa*, diante de quem só se podia cair de joelhos. Ela nunca teria tocado um alfinete alheio, *portanto, é uma vítima completamente, totalmente inocente*. Ela também não precisava tomar nada para si, porque toda a vida meu pai trabalhou como um negro para deixá-la sem preocupações em seus anos de velhice. Eu teria considerado louco quem me dissesse ainda no ano passado que eu seria a assassina de minha mãe e que eu tenho tal desconfiança dela. Então eu escuto, em segundo lugar, que meu pai cometeu apropriação indébita – também uma mentira horrível: primeiro, ele era *honrado* demais para isso e, segundo, esse é um crime que apresenta perigo à vida; vai-se à Sibéria. Então, em terceiro lugar, eu falo *em pensamentos* sobre meu marido 'faux monnayeur'<sup>13</sup> – também uma mentira assustadora e uma calúnia. Então de novo: meu irmão mais velho não manteve os livros suficientemente em ordem, meu irmão mais jovem já estava sob observação policial, tudo mentira, mentira; meu sobrinho mais velho, arquiteto, que fez um trabalho para um concurso, uma planta para um novo hospital, e recebeu o primeiro pagamento após 45 trabalhos, eu digo que o trabalho *não* era seu, contudo, eu sei e juro que, exatamente naquela época, ele estava de cama há 14 semanas, seu joelho estava inchado, e ninguém o visitava, mas ele se dedicava a esse trabalho com ainda mais zelo; eu digo em pensamentos que ele não está inteiramente quite com os impostos de sua casa, a qual ele construiu só agora; o segundo sobrinho, este é um bandido, o mais novo, um pe[derasta], ele também teve uma história de amor, todos, todos são socialistas,

<sup>12</sup> N. do T.: Termo alemão que significa um pensamento sagaz que se tem depois do momento em que ele seria útil. No caso, Suzanne Urban tomou consciência de que tinha veneno à mão somente quando não podia mais usá-lo. É tradução do termo francês "*l'esprit de l'escalier*" (literalmente "sagacidade da escada"), usado por Diderot em "Paradoxo sobre o Comediante". Depois de falar que o dito de um homem que visitava o havia deixado sem resposta em certa ocasião, ele diz: "o homem sensível, como eu, abala-se por completo pelas objeções feitas a ele, perde a cabeça e só se recompõe quando já desceu a escada" (na época, as salas de recepção ficavam no segundo andar, e, ao sair, o visitante tinha que descer a escada).

<sup>13</sup> N. do T.: "Falsificador de dinheiro" em francês.



anarquistas etc. – portanto mentiras evidentes, mentiras que os coitados sofrem da minha parte agora, como mártires pavorosos, na lama, com os narizes, orelhas, lábios, mãos e pés cortados fora e dentes quebrados.

Assim, tornei-me *assassina* de *toda* a família; não isso apenas; eu *mando* despedaçar a tumba do meu pai. Esses pensamentos me vêm na língua ..., que eu nunca usei em casa. Uma história diabólica, e *eu*, assassina, estou deitada aqui na cama, estou sendo alimentada, estão me dando banho enquanto meus inocentes familiares atormentam-se.

Certa vez, eu *penso*: oh, Deus, como seria bom se quisessem *me* decapitar por conta desses pensamentos; no dia seguinte, eu *vejo* diante de mim um menino (10-12 anos) que tem um sabre de brinquedo e faz o movimento da decapitação diante de mim. Eu juro que tudo o que eu descrevo aqui é verdade.

Posso eu então viver como uma assassina? Não, eu não tenho direito a isso; aliás, uma morte como se afogar no lago não é nada em comparação com os tormentos que os outros (14 pessoas, eu acho: minha mãe, meu dois irmãos, meu marido, o administrador, um outro parente, que é um jovem estudante pobre para quem minha mãe pagou uma bolsa em nome de meu pai, a família F. (4 pessoas), que certa vez estiveram um pouco envolvidos com o partido socialista, meu sobrinho mais velho, a irmã de Clara, um amigo de meu irmão etc.<sup>14</sup>

Não são, contudo, ideias *delirantes*, são ideias *verdadeiras*<sup>15</sup>!

Obrigam-me a *pensar* que meus familiares serão cobertos com chumbo e piche.

Além disso, *capinavam* toda vez a grama da mesma maneira com que a primeira enfermeira o fazia antes, ainda em G., e *mostravam a foice* *significativamente*. Minha irmã tomou isso pelo lado bom, eu, contudo, entendi o *sentido da foice*.

'Ah não, doutor, vão *cortá-los* (os irmãos) *em pedaços*, *querem martirizá-los*.'

Depois de alguns dias, uma enfermeira chega em casa com a novidade de que em nossa casa falava-se a respeito de aplicar a meu marido um medicamento

---

<sup>14</sup> N. do T.: A oração iniciada por "que os outros" permanece incompleta no original; de igual maneira, os parênteses não são fechados.

<sup>15</sup>N. do T.: No original, a paciente faz um jogo entre as palavras "Wahnideen" e "Wahrdeeen" (o *itálico* é dela), que significam, respectivamente, "ideias delirantes" e "ideias verdadeiras".

totalmente novo inventado em Munique e de que, provavelmente, meu irmão viajará para lá especialmente para buscá-lo.

Eu olhei (antes da partida para a Suíça) em direção ao médico e notei em seu olhar a expressão: Ah, criminosa! Minha mãe se despediu e até agora me assombra o quão *friamente* eu beijei as mãos e o rosto dela em lugar de jogar-me a seus pés e confessar-lhe (a *ela* que é tão *inocente*, que me endeusava tanto)<sup>16</sup> que eu, em meus pensamentos, a *acusei* tão *terrivelmente*, que me tornei sua assassina.

Esses sinais são feitos tanto pelo pessoal que trabalha no trem quanto pelos passageiros; eu vejo o mesmo no hotel em L., onde pernoitamos, e lá... mesmo no barco a vapor que nos trouxe até aqui. Minha irmã e meu irmão me vigiam porque notaram que eu ocasionalmente me aproximava da proa e tinha a ideia de pular na água, o que eles, no entanto, sempre consideravam apenas uma ideia de suicídio *doentia*. Assim, em todo o caminho, eu *não* os esclareci, não os alertei quanto ao *uso* da medicina que apenas prolonga o tempo do sofrimento do homem (uma vez que prolonga sua vida). Meus familiares desapareceram imediatamente, sem terem me visto; quando nós viemos ao sanatório, eles apenas deram a carta de recomendação aos médicos locais e eu fui arrastada para o quarto. Somente quando eu revi minha irmã depois de alguns dias eu soltei: Afogue-se ou enforque-se, nós somos apenas os resquícios de *toda a família*, que nós deixamos em casa e que vai ser pavorosamente martirizada. Eu também só vou continuar aqui por pouco tempo e também vou me jogar no lago; nós somos mendigas, eu caluniei vocês todos por meio do poder do diabo. Em seguida, ela me respondeu apenas: Ah, isto não é bem caluniar. Até o dia de hoje ela não quer entender que essa calúnia inaudita custa a vida de tantas pessoas e que agora ela está se correspondendo com a polícia, que ainda está zombando de pobres seres atormentados, falsificou a letra deles e até mesmo mandou uma foto coletiva falsificada. Veio-me tarde demais a decisão de salvar os meus. Agora estou vivendo com a única esperança de escrever um pedido (petição) de que fuzilem as pobres pessoas sofridas ao invés de martirizarem-nas por tanto tempo. Até o dia de hoje, os médicos locais não querem acreditar em mim, que coisas diabólicas do tipo podem acontecer, mas é, contudo, apenas em X...."

(Aqui ela interrompeu a escrita no meio da palavra.)

---

<sup>16</sup>N. do T.: Inserir os parênteses para facilitar a compreensão do texto em português.

### III. OBSERVAÇÕES PRÓPRIAS

#### A Estadia em Kreuzlingen

16/7/19... até 14/9 do ano seguinte

Ao entrar no *segundo* hospital psiquiátrico, Suzanne Urban tem 48 anos. Menopausa. Altura mediana, levemente grisalha; quanto à constituição do corpo, não é nem pícnica nem pronunciadamente leptossômica. Sem anomalias acromegaloides, masculinas e endócrinas de outro tipo. Estado do corpo e dos nervos perfeitamente sem anomalias.

No dia da admissão, a paciente anda intranquila pela sala, olha para o médico com desconfiança, examinando-o de lado; não lhe dá a mão, não presta atenção no que ele diz. Não quer ouvir falar de ficar no local, ela diz que não quer ir para uma prisão. Quando, no carro, o médico torce o nariz, ela diz que isso é um sinal que indica alguma coisa; a mesma coisa se repete quando ele acaricia o bigode. Tentativas sem resultado de fazer a paciente sair do carro por vontade própria; por fim, ela precisa ser retirada, sob considerável resistência, e levada ao quarto. Nesse ponto, torna-se violenta e mete-se de tal maneira porta afora que torna-se necessário trancá-la. Precisa ser retirada sob uma resistência que vai se tornando menor. Protege-se contra qualquer toque feito a seu corpo. Perambula tímida, medrosa. Recusa qualquer alimento. De noite, não se deixa examinar pelo médico. Evita, com medo, qualquer toque, cobre-se até em cima, puxa as mangas da camisa sobre as mãos. Pulso acelerado, mas regular e com pressão normal. Olha o médico cheia de medo misturado com repulsa. Coloca-se à parede, emite gemidos monótonos. Conversa consigo mesma em sua língua natal. Não se consegue obter resposta.

Sobre as declarações e o comportamento de Suzanne Urban durante essa segunda estadia em uma clínica, podemos ser breves, uma vez que eles, em grande parte, correspondem a sua descrição da primeira estadia, que, como mencionado, é do nono mês de seu tratamento em Kreuzlingen. Contudo a agitação parece ser inicialmente mais forte do que na primeira clínica. A paciente pede constantemente, intranquila ao extremo, que a matem, que lhe consigam um revólver, uma corda ou veneno, que a deixem se enforcar. Segundo o que dizia, era a maior de todas as criminosas, visto que levava todos os seus à desgraça por meio de calúnias. Ela teria feito tudo isso sob a influência de uma *anestesia*. Quando

perguntada, ela informa que não pronunciou essas calúnias de maneira alguma, mas que somente fez "hm-hm", o que, no entanto, foi assim *interpretado* pelos outros. Por causa disso, seus familiares seriam *martirizados* da forma mais vergonhosa, seus membros seriam decepados, seus órgãos genitais, arrancados, além disso, eles seriam forçados a se deitar na lama no frio. Em uma carta, ela escreve que cobririam os seus com piche quente e ferro derretido; em uma outra, ela encontra a palavra que designa o massacre de toda sua família: "é um *martirológio*"<sup>17</sup> (sublinhado por ela mesma). Em outras cartas, ela se ocupa principalmente com a questão "como eles conseguiram *me fazer pensar coisas falsas*, absolutamente falsas, para tornar-me assassina daquela que eu adorava (de sua mãe)?" Nesse ponto, ela não ousa escrever o que a fizeram pensar sobre sua mãe, mas o insinua apenas com iniciais (incompreensíveis): "Ela nunca foi isso, nunca é *p. niv*"<sup>18</sup>...." (fortemente sublinhado). Quando disse ao médico que há meios de obrigar alguém a pensar em coisas falsas, "servindo, em seguida, como meio de calúnia para colocar [outras pessoas] na prisão, dizem que estou louca, não querem acreditar em mim". Algumas vezes não são os gendarmes e a polícia que originam os horrores, mas pessoas que querem enriquecer pela decadência da família, pela confiscação da fábrica do marido etc. No centro dessas pessoas parece estar a enfermeira anterior, que ela chama de prostituta de rua e, conforme supõe a paciente, foi recolhida na rua pelo irmão e feita sua amante. Uma única vez, ela faz, em uma carta a um chefe de polícia, a observação notória: "Ainda que eles (seus familiares) tivessem merecido um castigo, ele não deveria ser tão cruel"<sup>19</sup>.

Ela só veio a saber de todos os horrores por meio de *insinuações*. Contudo ela tem uma convicção firme como pedra da realidade de suas idéias. Quer ser *martirizada* ela mesma; joga-se ao chão e quer machucar-se com as cadeiras e matar-se com a mesa. Afirma que tem *câncer de estômago, câncer de faringe*. Tranquiliza-se sob a influência de medicamentos (ópio etc.), envoltórios, banhos (a estadia é do tempo da Primeira Guerra Mundial!) no correr de algumas semanas. Tem permissão de ir ao jardim e permanece calma quando está lá, mas observa as árvores para ver se consegue se enforcar nelas. Agora também fala de vez em quando sobre alguma outra coisa, deixando aparecer sua grande formação e seu grande talento linguístico. Ainda agora gosta de contar piadas e ri delas, pelo que, mais tarde, censura a si mesma novamente. As cartas dos familiares teriam sido

<sup>17</sup> N. do T.: Os trechos das cartas citados estão em francês.

<sup>18</sup> N. do T.: Uma vez que não se sabe o que paciente quis escrever em francês, não traduzimos as abreviações.

<sup>19</sup> N. do T.: Em alemão.

falsificadas pela polícia. Ameaçar com a sonda ajuda contra sua recusa a se alimentar. Sempre *ouve* o martelar de uma forja "nos ouvidos", que foi construída especialmente em Kreuzlingen para mostrar que a mulher do falsificador de dinheiro mora aqui. Então a agitação aumenta novamente. Procura tirar a própria vida de toda maneira imaginável. *Vê* diante de si os familiares dia e noite em seus martírios, amaldiçoa a polícia, que lhes arrancaria os olhos etc. Por volta do fim do ano, há de novo uma agitação muito intensa; alimentação por sonda. Fala muito sobre a enfermeira da primeira clínica: "Esta prostituta de rua é culpada por toda a infelicidade da família". Logo depois, segunda visita da irmã e do sobrinho. Enquanto a primeira visita ainda a perturba, agora ela está alegre e vivaz, conta muitas coisas de outra época e menciona à enfermeira o quanto ela seria uma mulher feliz se tudo isso não fossem ideias verdadeiras, mas ideias delirantes<sup>20</sup>. Contudo, apesar dos fracos raios de esperança, mantém-se firmemente atida a suas ideias. Quer enviar ao governo do exército de ocupação em seu país uma petição de que *matem seus familiares e os livres de seus sofrimentos*. Ela diz que uma fotografia de grupo de toda sua família é falsificada. A polícia compilara as figuras de outras fotografias que haviam sido feitas há dois anos em uma celebração de família, ela podia perceber isso com toda a exatidão. Está repleta de medo por seu sobrinho, que quer viajar para Paris e lá cairá nas mãos de espíões. Teriam-na mandado dizer que ele é um socialista. *Sente* depois, com toda a exatidão, que estão arrancando também os olhos dele. Se ele tivesse permanecido na Suíça... mas ela dizia sempre "tivesse, tivesse", *sempre tarde demais*. "Alguém poderia enlouquecer com esses pensamentos". Ela repete essas acusações por semanas. Em 10/03, recebe uma carta de seu sobrinho vinda da América, que a tranquiliza porque lá constam detalhes antes conversados com ele "que a polícia não teria como saber". De 10 a 20/03 ela tem uma época muito boa, durante a qual, por alguns dias, da manhã até a noite, ela escreve autodescrições destinadas apenas para sua médica, com visível alegria de escrever e com grande facilidade.

Em 19/03 ela escreve uma carta de petição<sup>21</sup> (uma de muitas), dessa vez para um funcionário público de alto cargo em sua cidade natal; nessa carta ela também pede a ele, apresentando exatamente sua "situação", que use seus contatos influentes para que seus familiares fossem livrados de seus sofrimentos por meio da morte. Nessa carta, ela fala novamente que os médicos deixaram que ela entreviesse que o marido tinha um câncer "*em sua forma mais terrível*" e "em quais

---

<sup>20</sup>N. do T.: Cf. nota 15.

<sup>21</sup>N. do T.: Trata-se da mesma carta já transcrita acima, na seção "Autodescrições". Os trechos entre aspas estão em francês.

sofrimentos terríveis meu marido iria passar os últimos anos de sua vida". Essa perspectiva a chocou de tal maneira que ela teria voltado mais morta do que viva (de Paris) para casa e não podia pensar mais em nada que não fosse *matar seu marido e então se suicidar ela mesma*. Por isso, ela requerera veneno dos médicos. Depois, mais uma vez as já conhecidas ideias delirantes: "Foi essa ideia infeliz que levou os médicos a me fazerem sair da casa à força para ir a G. (o primeiro hospital psiquiátrico), essa terrível armadilha em que caí e que não tem como objetivo senão me comprometer a todo custo". Então ela descreve suas experiências em G. e agora declara que, quando ela ainda estava com a irmã (portanto, antes de G.), uma *voz terrível* ("*une voix terrible*"<sup>22</sup>, duplamente sublinhado por ela) teria a obrigado "a pensar e dizer calúnias contra todos os meus" (seguem-se as sabidas calúnias contra mãe, marido, irmãos, sobrinhos etc.). De repente, contudo, não é mais "uma voz terrível", mas – ainda na mesma sentença – "*uma força diabólica*", sob cuja influência ela teve que pronunciar todas essas *mentiras*. Ao pedido de mandar matar os familiares, ela adiciona: "*É terrível fazê-los suportar esses sofrimentos até a morte, a morte será sua libertação*". Tão logo lhe fosse dada a alta, ela se lançaria no lago, mas o que seria a morte em comparação com "os sofrimentos terríveis suportados pelos meus"? "Quem teria pensado que o destino de toda minha família seria tão trágico"<sup>23</sup>!

Em abril, a paciente declara que toda X. (sua cidade natal) estava zombando de sua família. "Esse drama foi a grande sensação do ano". Além disso, as velhas reclamações: "*Cada novo dia prolonga o tormento dos coitados*". Também quanto ao sobrinho, tem novamente os pensamentos mais sombrios. Não quer comer nada, porque os seus só recebem vermes para comer, nem tomar banho, porque eles estão deitados na lama. "Uma matricida não tem o direito de viver". A paciente tem frequentemente o desejo de ser um ano mais jovem e (como Jürg Zünd) de *poder voltar no tempo*: "Então tudo estaria bem. Eu não iria abandonar meu marido doente, eu teria nos envenenado de preferência. Eu tinha arsênico em casa. Como eu pude deixá-lo, entregá-lo ao martírio. O coitado! Ele está deitado na lama com sua doença pavorosa. *Que dores devem ser estas sem morfina*"<sup>24</sup>! Lamenta por algumas horas: "Um ano de volta, oh, dêem-me um ano de volta!" No meio de maio, a paciente mantém-se novamente mais ocupada. O histórico da doença menciona: "Por vezes consegue conversar muito bem, no que ela mostra constantemente que

<sup>22</sup>N. do T.: Mantive essa citação no original francês porque a tradução do termo está logo antes dos parênteses.

<sup>23</sup>N. do T.: A começar por esse trecho, as citações estão em alemão.

<sup>24</sup> Os itálicos são meus.

sua memória e sua capacidade de julgamento, a observação aguda, o temperamento vivaz e a inclinação ao humor e à espirtualidade não sofreram de nenhuma maneira". Contudo, tão logo conta uma piada, faz mais uma vez censuras a si mesma. Ocasionalmente há marcas de consciência da doença. Em junho e julho, exatamente o mesmo quadro. Tenta tirar a própria vida com todos os meios possíveis e impossíveis; fere-se nos cabelos, arranha o corpo inteiro. Às vezes, movimenta-se de um lado para outro na cama lamentando e gemendo ininterruptamente; frente à enfermeira, é completamente despidorada, masturba-se diante de seus olhos. Em agosto, torna-se mais calma novamente, mas ainda faz continuamente petições para todas as autoridades possíveis; além disso, alternam-se humores profundamente depressivos e alegres. Conta com muito gosto as piadas mais sujas. Pergunta quem lhe tirou o entendimento.

Em 04/09 é retirada do hospital psiquiátrico pela irmã imprudente, depois da assinatura de uma declaração rigorosa. Em 25/10, esta escreve uma carta de agradecimento de Zurique com a observação de que a irmã está melhor, mas que, na sua opinião, ela somente se curaria completamente em casa, com seus familiares! Desde então, não ouvimos sequer mais uma palavra a seu respeito, e todas as buscas ficaram sem resultado devido ao caos da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. Contrariamente à opinião do médico encaminhador (que havia considerado uma fase depressiva da insanidade maníaco-depressiva e o começo de uma doença pré-senil), o prognóstico apresentou-se como muito grave e, no mínimo, de gravidade digna de investigação já no verão do ano passado, por conta do início da degeneração da personalidade. Até o último momento, a *letra* era tão precisa e pequena que a paciente podia colocar toda a história de seu sofrimento em um cartão postal, ou, como na maior parte das vezes, seus bilhetes representavam uma confusão crespada, sem margem interior ou exterior, sem espaçamento entre linhas; as linhas, contudo, eram completamente horizontais, sem exceção, nem direcionadas para cima nem para baixo, com um monte de sublinhados, inserções e reforços posteriores de letras em separado ou palavras inteiras. Nas cartas direcionadas a pessoas com altos cargos, contudo, a escrita também podia ser ordenada; no entanto, nessas ocasiões ela não apresentava o espaço das margens e nível de forma<sup>25</sup>, de modo que se poderia tomá-la pela escrita de alguém sem formação.

---

<sup>25</sup> N. do T.: Em alemão, *Formniveau*, conceito inventado pelo grafólogo alemão Ludwig Klages (1872-1956), que seria "o aspecto geral da escrita, ou seja, aquele que nos dá a exata noção da superioridade ou inferioridade do grafismo e, conseqüentemente, da pessoa que escreve. Em linhas gerais, revela (sic) o grau de organização, cultura, espontaneidade, originalidade, ritmo e

## B. ANÁLISE DO DASEIN

### I. INTRODUÇÃO: ANTECEDENTES E DELÍRIO

Uma vez que o Dasein percebe aquilo que originalmente é ele mesmo como mundo exterior (W. Szilasi) e o delírio é apenas um caso extremo especialmente drástico dessa percepção, a análise do Dasein precisa se iniciar no *mundo* da nossa paciente. Esse mundo nos mostra a queda horrenda e abominável de toda uma família, de maneira semelhante à que conhecemos de mitos antiquíssimos e encontramos representada em tragédias de todas as épocas. É um mundo cujos "fios" são mantidos e concentrados nas mãos de um poder sinistro e "diabólico", um mundo, portanto, em que *não há acaso*, mas, de acordo com a governança daquele poder sinistro, tudo "se refere" a uma e mesma coisa. Se esse poder é *designado* como "*poder diabólico*" (*force diabolique*<sup>26</sup>), como uma *voz terrível* (*une voix terrible*) ou como uma força que se impõe sobre a consciência ("anestesia") é de importância completamente secundária. O principal é que esse poder, como se pode reconhecer em seus efeitos, quer o mal com uma consequência inexorável. E, de fato, ele é um *espírito do castigo e da vingança*, semelhante à *maldição* que domina estirpe de Tântalo ou ao *deus da vingança* Jeová, que perseguirá aqueles que não o obedecem com "terror, a tísica e a febre ardente" para que lhes "consumam os olhos e atormentem a alma"<sup>27</sup>, para que eles fujam "sem que ninguém os persiga"<sup>28</sup>, que mandará para o meio deles feras selvagens "que os desfilharão, e desfarão seu gado"<sup>29</sup>, que trará sobre eles uma espada de vingança para vingar sua aliança, que os entregará na mão do inimigo, enviará a peste entre eles, castigá-los-á ainda sete vezes sete vezes mais até que eles comam "a carne de seus filhos e a carne de suas filhas e seus cadáveres sejam lançados sobre seus ídolos"<sup>30 31</sup>.

---

dinamismo do escritor." (CAMARGO, Paulo Sérgio de. *Grafologia Expressiva*. São Paulo: Editora Ágora, 2006. p. 18)

<sup>26</sup> N. do T. Quando os termos citados em francês são traduzidos no próprio texto, mantenho-os em francês. Contudo aqui há uma leve variação: o francês diz "força", não "poder".

<sup>27</sup>N. do T.: O trecho é da Bíblia, Levítico, 26:16. Binswanger cita a tradução de Lutero e utiliza as palavras que nela aparecem mesmo nos trechos parafraseados. Utilizei os trechos e os termos tal como se encontram na tradução de João Ferreira de Almeida, apenas colocando os pronomes de segunda pessoa em terceira para que se adequassem mais ao texto.

<sup>28</sup>N. do T.: Lev, 26:17.

<sup>29</sup>N. do T.: Lev, 26:22.

<sup>30</sup>N. do T.: Apesar das aspas, trata-se, na verdade, de um resumo do que é dito em Lev, 26:29-30 e não de uma citação. O texto original é: "Porque comereis a carne de vossos filhos, e a carne de



Já aqui vemos que a essência da força imaginativa da vingança é entorpecer-se em seu próprio "espírito", inebriar-se insaciavelmente sempre com novas "imaginações" e sempre inventar novas particularidades ("detalhes").

Assim como o povo judeu era a família eleita de Jeová, também no caso Suzanne Urban estamos lidando com uma família, que, apesar de ter parentesco de sangue, foi eleita para um *culto* em particular. Pois, enquanto, por um lado, Suzanne Urban era já na infância "teimosa e mandona", procurava cumprir sua vontade por meio de gritos frenéticos e "dominar as pessoas que a cercavam", posteriormente "tinha muitos inimigos" porque dizia seus pontos de vista na cara dos outros sem escrúpulos e "não tinha qualquer veia social", por outro lado, diz-se que já na infância tinha um amor "idólatra" (quase "anormal" ou "doentio") pelos pais e, mais tarde, preocupava-se com a mãe "com um cuidado hipocondríaco". Além disso, há o fato de que ela, casando-se com um primo, casou-se, como se costuma dizer, "dentro da própria família". Segundo os relatos, esse casamento não veio a acontecer por conta de um amor profundo ou uma paixão momentânea, mas porque Suzanne ouviu – aos 21 anos – que viam que estava envelhecendo. O casamento, portanto, não a separaria da família. Infelizmente não sabemos muito sobre sua relação com o pai. Ela gostava de contar-lhe piadas eróticas e, assim, tinha com ele, na adolescência, uma relação "de moleques". Contudo, também ouvimos dizer que, na infância, "suas pernas ficaram duras" quando ela foi ameaçada pela professora com um *açoitamento* da parte do pai! O dado dos familiares de que esse endurecimento das pernas surgiu "de um sentimento de orgulho ferido" lança, independentemente de todas as outras informações, novamente uma luz sobre a "natureza dominadora" de Suzanne Urban. Aquilo que contraria sua "natureza" torna-se uma *impressão* "prodigiosa", literalmente *percorre seus membros*<sup>32</sup>. O que a linguagem coloquial designa com muita propriedade como percorrer-os-membros tem daseinanaliticamente os caracteres da importunação, da urgência e da proximidade, em uma palavra, da

---

vossas filhas comereis. E destruirei os vossos altos, e desfarei as vossas imagens do sol, e lançarei os vossos cadáveres sobre os cadáveres dos vossos deuses; a minha alma se enfadará de vós".

<sup>31</sup>Cf. Levítico, 26 – Referentemente a essa passagem, Hegel observa em sua *Religionsphilosophie* [Filosofia da Religião] (*Jubiläumsausgabe* [Edição do Jubileu] XVI, pp. 89-90) que ela mostra que, entre os judeus, o mal estaria no espírito subjetivo (i. e. precisaria ser combatido nele e por ele) e que o próprio Deus não está em luta contra o mal, "mas ele *castiga* o mal". No presente caso, tanto o mal quanto o castigo estão no "espírito subjetivo".

<sup>32</sup>N. do T.: Trata-se de uma expressão da língua alemã: "*in die Glieder fahren*", literalmente, "correr para os membros", que significa "impressionar", "abalar", indicando possivelmente o estremecimento dos membros. O próprio autor a explica nas linhas seguintes.

*Beeindruckbarkeit* ou da simples impressionabilidade<sup>33 34</sup>. Com isso, no caso de Suzanne Urban, recai sobre a esfera da *receptividade*<sup>35</sup> e, ao mesmo tempo, da *corporeidade* uma ênfase particular desde o começo (e, como vamos ver, até o final)! Quando, além disso, ouvimos que Suzanne Urban, ao “comprimir as pernas”, chegava a um orgasmo sexual que superava de longe o que tinha no intercuro com o marido, é apenas outra confirmação deste fato. O “autoerotismo” implica a possibilidade mais extrema da “vida no corpo” e, propriamente, na forma do ato de pegar a si mesmo “pelo corpo”. De qualquer maneira, no presente caso, vemos que ser castigada e o autoerotismo certamente contraíram uma ligação particularmente estreita, de modo que nos ocorre que “impressões” sadomasoquistas tenham participado da excitação sexual pelas leituras (de que também ouvimos falar). Mas faltam-nos outras indicações de que o próprio pai teria se tornado o deus da vingança ou o espírito da maldição, como sabidamente ocorre em outros casos. Em seu delírio, Suzanne Urban não culpa o pai de forma diferente ou mais maliciosa do que o faz com os outros membros da família.

O amor idólatra pelos pais e o cuidado “doentamente” exagerado com a mãe encontram seu eco no “endeusamento” da filha pela mãe, assim como a apreensão quanto ao marido encontra seu eco em seu amor “idólatra” pela mulher. Suzanne Urban, dessa maneira, não se sente apenas um “membro da família”, mas um membro particularmente dileto. O fato de que ela mesma não quis ter filhos e só começou a sofrer pela ausência deles quando notou depois de muitos anos que seu marido sofria por isso mostra que seu “instinto materno” não era grande de

---

<sup>33</sup>N. do T.: As últimas duas palavras são *Beeindruckbarkeit* e *Impressionabilität*, uma de origem germânica, outra de origem latina. São sinônimos em alemão; deixei o primeiro termo no original. Ao longo do texto, Binswanger deixa *Impressionabilität* de lado e usa apenas *Beeindruckbarkeit*. Sempre que ela apareceu, portanto, traduzi por “impressionabilidade”.

<sup>34</sup>Cf., em relação a isso, “*Nehmen und Genommen-werden beim Ohr*” [Pegar e Ser Pego pela Orelha] em *Grundformen und Erkenntnis des menschlichen Daseins* [Formas Fundamentais e Reconhecimento do Dasein Humano]. pp. 304 ss. e pp.566 ss.

[“*Nehmen und Genommen-werden beim Ohr*” – “Pegar e Ser-pegado pela Orelha” – é uma subdivisão da categoria *Nehmen-bei-etwas*, “pegar-por-alguma-parte” (literalmente, “por algo”) à qual Binswanger faz referência seguidamente em seus escritos psicopatológicos e é plenamente desenvolvida em sua obra antropológica *Grundformen...*. Literalmente descreve o ato de pegar alguém por alguma parte do corpo; “*bei der Hand nehmen*”, por exemplo, significa “pegar pela mão”. Em Binswanger, a expressão caracteriza as modalidades da abertura do Dasein ao mundo compartilhado. Nesta, as relações se dão a partir do estabelecimento de um ponto de contato entre o Dasein e o mundo ou as relações com o outro, fazendo com que toda relação se dê por meio de uma parcialização, tomando os objetos do mundo ou a alteridade por apenas uma parte de sua totalidade. Essa totalidade, no universo humano, por sua vez, só pode ser dada no amor; conseqüentemente, na ausência deste, o Dasein fica à mercê do *Nehmen-bei-etwas*, como se vê neste estudo de caso.]

<sup>35</sup>Cf. W. Szilasi, *Macht und Ohnmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito]. pp. 65 ss.

forma alguma e que, de sua parte, ela não estava realmente interessada em contribuir para a “reprodução” de sua família amada de forma idólatra. Permaneceu-se no simples *culto* familiar.

Em oposição a esse culto familiar “doentio” está – numa antítese muito grosseira – a *calúnia* à família que, em seu delírio, ela teria sido forçada a fazer. No ponto de articulação dos dois extremos – do culto exagerado ao bem e da horripilante consumação do mal – está, como tal, o Dasein a que demos o nome de Suzanne Urban, um Dasein em que, *no fundo, trata-se apenas de si mesmo*. Pois também a família resulta aqui como um si-mesmo<sup>36</sup> expandido (contudo de forma alguma aprofundado). A partir disto, torna-se evidente que, quanto à família, tanto o excesso no bem quanto o excesso no mal resultam, “no fundo”, em excessos (“excrecências”) do próprio Dasein na luta consigo mesmo; mais exatamente: na luta consigo mesmo “na qualidade de si-mesmo”. Temos que acompanhar o caminho pelo qual se tornou possível a reviravolta de um “excesso” para o outro.

## II. MUNDO

### a) A cena original e o tema entregue por ela como um encargo

#### (A consulta junto ao urologista, 11 meses antes de Kreuzlingen)

Na época em que Suzanne Urban já está passando por uma “crise vital” por conta do climatério, acontece um incidente que a coloca em risco extremo quanto a sua sustentação, naquilo que significa sua “segurança”: seu marido, que não é apenas seu marido, mas, ao mesmo tempo é, na condição de primo, um membro da família como um todo, contrai câncer. Se, já para toda esposa, tal adoecimento significa “uma vivência difícil de se assimilar”, como expressa Wernicke em sua teoria das ideias sobrevalorizadas, ela é mais inassimilável para Suzanne Urban na medida em que, para ela, a família era exatamente “o que há de mais elevado”, e nada de *autêntica*<sup>37</sup> elevação suprema, nenhum “*agathón*”<sup>38</sup> a unia ao mundo

---

<sup>36</sup>N. do T.: Tradução do termo alemão *Selbst*, que significa literalmente “próprio”, “mesmo”. Aparece, por exemplo, juntamente com os pronomes pessoais: *ich selbst, er selbst* (respectivamente, “eu mesmo”, “ele mesmo”). Aqui está sozinho e substantivado, implicando a idéia do “próprio”, do “mesmo”, do “em si” do Dasein.

<sup>37</sup>N. do T.: “Autêntico” traduz o termo heideggeriano *eigentlich*. Derivado do adjetivo *eigen* (“próprio”), é usado pelo filósofo para descrever tudo o que o Dasein experiencia ou realiza de acordo consigo mesmo e em afirmação de si mesmo frente ao mundo compartilhado. Aquilo que

compartilhado de alguma maneira. Não encontramos, na forma de Dasein de Suzanne Urban, nenhum elemento de um “bem de elevação suprema” no sentido do modo dual, do amor *autêntico* e da “ideia” *autêntica*, portanto nenhum elemento sobre o qual se funda uma verdadeira *comunidade*. Seu culto familiar repousa muito mais sobre o sentimento de “solidariedade” do que sobre o de comunidade verdadeira, que também supera doença e morte. Precisamos manter isso em vista se nós quisermos entender a *impressão* da consulta junto ao urologista exatamente *nesta* forma de Dasein (“desproporcional”<sup>39</sup>).

Quando o marido contrai dificuldades na bexiga, esse fato vai de encontro a uma Suzanne Urban já “sensibilizada” pela morte do cunhado por câncer na bexiga e pela reação depressiva de seu marido a essa morte. Ela implora ao marido, que está adiando o exame médico e tem um “medo mortal” de cateteres, que se submeta a uma cistoscopia para obter um diagnóstico. Isso finalmente acontece. (Uma vez que, neste ponto, cada palavra é importante, nós colocamos aqui mais uma vez o trecho da autodescrição. Nisso, enfatizamos que não vemos nenhuma ocasião para duvidar da credibilidade dessa autodescrição, a qual também é confirmada pelos familiares, embora ela seja da época do delírio).

“Eu fui com ele ao médico, esperei na sala ao lado e escutei, tremendo e chorando, seus gemidos terríveis. O médico disse-lhe que havia uma parte da bexiga que estava ferida, mas, quando ele virou as costas, fez para mim uma cara tão terrivelmente desesperançosa que eu fiquei completamente paralisada, apenas abri a boca de susto, de modo que o médico agarrou minha mão para me indicar que eu não devia mostrar a ele nenhuma das minhas sensações. Essa mímica foi uma coisa pavorosa! Meu marido também percebeu algo, talvez, mas exibiu uma expressão completamente amigável e apenas perguntou ao médico de onde isto poderia ter vindo; ele respondeu que isso frequentemente está no sangue, sem que se saiba sua origem”.

Aqui, precisamos distinguir: em primeiro lugar, o ato de *ouvir* os *gemidos terríveis* tremendo e chorando, em segundo, o *medo da expectativa* em relação ao diagnóstico, em terceiro, a *visão* do rosto *terrivelmente desesperançoso* do médico e a *paralisia* e o ato de abrir a boca de *pavor* sem qualquer palavra, em quarto lugar, o

---

esta relacionado ao oposto, ou seja, a um estado de sujeição do Dasein aos outros seres em detrimento a si, Heidegger define como *uneigentlich* (que traduzo por “inautêntico”).

<sup>38</sup>N. do T.: Do adjetivo grego *agathós*, i. e. “bom”, “nobre”. Substantivado, a partir de Platão, passa a significar o próprio bem absoluto.

<sup>39</sup>Cf. *Henrik Ibsen und das Problem der Selbstrealisation in der Kunst* [Henrik Ibsen e o Problema da Autorrealização na Arte]. p. 57.

*caráter pavoroso da mímica* feita pelo médico, com a qual ele a agarrou pela mão para que ela não revelasse nenhuma de suas sensações ao marido.

Toda cena é, portanto, uma “mistura” de terríveis *tormento* e *tortura* corporais, de *simpatia*<sup>40</sup> tormentosa que treme e chora por aquele que é atormentado, de tensa expectativa quanto à sentença do médico, a qual decidirá sobre vida e morte, e de horror *mudo* ao rosto “terrivelmente desesperançoso” dele, que anuncia essa sentença. Essa sentença não encontrou somente sua confirmação, mas também sua expressão *completamente* clara e definitiva, embora igualmente muda, manifestamente apenas na *mímica* com a qual o médico agarrou Suzanne Urban pela mão para a *alertar* contra qualquer expressão de seus próprios sentimentos. Com a curta frase final, “essa mímica foi uma coisa pavorosa”, Suzanne Urban parece comprovar que somente por meio dela o *pavoroso* da situação veio-lhe *completamente* à consciência.

Observemos mais uma vez o fato de que a apreensão “exagerada” e “quase anormal” quanto ao bem e à saúde de seus familiares é a única coisa que, de fato, vai além de sua preocupação com seu próprio bem, mas permanece estreitamente ligada a ela, forma uma unidade inseparável do *sentido* de seu Dasein; dessa maneira, compreendemos que ela, para usar sua própria expressão, empregada posteriormente, estava *arrasada* pelo rosto e mímica agourentos do médico. A suposição, já alimentada pela morte do cunhado por câncer na bexiga, de que o irmão dele, seu marido, iria sucumbir ao mesmo sofrimento tornou-se certeza nesse instante.

A palavra “câncer”, não importa se expressa verbalmente ou manifesta por mímica, é uma daquelas palavras das quais se pode dizer que alteram a *fisionomia do mundo* para os afetados ou seus familiares. Suzanne Urban leu no rosto e na mímica do médico não apenas a *sentença de morte* do marido, mas também a perspectiva das dores tormentosas que o aguardavam. Com isso, transformou-se a fisionomia do mundo que, apesar de todas as preocupações, no fundo, era de confiança<sup>41</sup>, doméstica, em uma fisionomia indigna de confiança<sup>42</sup>, sinistra<sup>43</sup>,

---

<sup>40</sup>N. do T.: O termo alemão é *Mitempfinden*, literalmente “simpatia”. Contudo, tanto o termo original quanto a tradução que propusemos devem-se interpretar em seu sentido original, “sensação conjunta, compartilhada”. É a combinação entre o prefixo *mit-* (na palavra em português, de origem grega, *syn-*), que significa “com”, e o verbo substantivado *Empfinden*, que significa “sensação” (em português, a segunda parte da palavra vem de *páthos*, do grego, “paixão”, “experiência”, “sensação”).

<sup>41</sup>N. do T.: A palavra em alemão é *vertraut*, que normalmente significa “familiar”, mas também tem o sentido de “de confiança”. Derivada do verbo *vertrauen* (“confiar”), que substantivado significa

hostil<sup>44</sup>. Agora essa fisionomia (assim como a do médico) mostrava os traços da sombria desesperança, do inevitável destino de morrer depois de um longo sofrimento. Toda a razão de ser de Suzanne Urban consistia agora apenas em *adiar* pelo maior tempo possível a execução da sentença de morte, *prolongar* a vida do marido, talvez por meio de uma operação, *aliviar* seus tormentos (“sofrimentos excruciantes”) de toda maneira possível e *ocultar-lhe* a natureza do sofrimento dele por quanto tempo fosse possível. Todo o Dasein estava agora sob o domínio do tema de que foi encarregado na “cena original”, o tema do “câncer do marido”. Como algo de que alguém é encarregado “a partir de fora”, esse tema implica um *encargo*<sup>45</sup>, o encargo, propriamente, de “levar a cabo” esse tema de alguma maneira, de não sucumbir a ele, mas vencê-lo<sup>46</sup>. Encontramos, num primeiro momento, tentativas verdadeiramente enérgicas desse tipo. Quanto mais sombria a fisionomia do mundo se tornara agora, com mais valentia Suzanne Urban entrava em embate com esse tema, procurava salvar e aliviar o que ainda podia ser salvo e aliviado. Como nós costumamos dizer, ela ainda agia *de acordo com a situação* (mundana).

---

“confiança” (e assim é traduzido aqui); por isso, escolhi manter a relação que existe entre os dois termos no original.

<sup>42</sup>N. do T.: O termo é *unvertraut*, contrário de *vertraut* (cf. nota 41), tendo normalmente o significado de “não-familiar”. Devido à relação semântica existente entre a palavra e *Vertrauen*, escolhi traduzir desta maneira.

<sup>43</sup>N. do T.: A palavra aqui utilizada é *unheimlich*, cuja tradução consagrada é “sinistro”. Contudo, é importante notar que, sendo formado pelo prefixo de negação *un-* (equivalente ao nosso “in-” em e. g. “impossível”) e a palavra *Heim* (“lar”), originalmente ela significa “aquilo que não pertence ao lar” e consequentemente “estranho”, “sinistro”. Portanto, aqui ela está em oposição a *heimisch* (que traduzi por “doméstico”).

<sup>44</sup>A alteração da fisionomia do mundo expressa-se muito bem nas palavras de Ellen West: “Um espírito maligno me acompanha e amarga a alegria que eu possa sentir quanto a qualquer coisa. Ele deturpa tudo que é belo, tudo que é natural, tudo que é simples e faz disso uma careta. Ele faz de toda a vida uma caricatura” e “Na minha cabeça, toda a imagem do mundo está fora do lugar”.

<sup>45</sup>N. do T.: No original, o jogo de palavras é entre o verbo *aufgeben* (aqui, “propor”, “encarregar”) e o substantivo aparentado *Aufgabe* (“tarefa”, “encargo”).

<sup>46</sup>N. do T.: Em alemão, trata-se do verbo *meistern*, que pode significar tanto “vencer” quanto “dominar”.

**b) O domínio absoluto**  
**do tema entregue como um encargo pela cena original**  
**O “interesse elevado” ou a “ideia extravagante”**

**A estadia em Paris (aproximadamente entre o oitavo e o sexto mês antes de Kreuzlingen)**

No primeiro plano, encontra-se agora a incerteza torturante a respeito da possibilidade e das perspectivas de uma operação que adie a sentença de morte. Suzanne Urban conduz ela mesma as discussões a respeito com “inacreditável energia”, lê literatura médica especializada, quer estar ela mesma presente em todas as aplicações de tratamento e faz ela própria a análise dos exames de urina. Assim, já nessa época, aplica-se a informação dada pelos familiares: “*ela só tinha interesse pelo câncer do marido*”. Dessa maneira, o tema entregue pela cena original como um encargo já prevaleceu, ou seja, ele pôs todo o si-mesmo da paciente a seu serviço. Esse si-mesmo, na verdade, ainda *luta* com o tema, ainda tenta vencê-lo<sup>47</sup> e afirmar-se frente a ele mobilizando a mais extrema energia; nisso, contudo, é cada vez mais reivindicado ou *absorvido* pelo tema. As forças corporais são as primeiras a sofrer por causa disso: Suzanne Urban quase não dorme mais e tem o aspecto pálido como de um cadáver. O estado de ser reivindicada<sup>48</sup> exclusivamente pelo tema é visível, além disso, no fato de que ela não somente reivindica as pessoas que a cercam (i.e. *dirige a palavra a elas*<sup>49</sup> e *as ouve*) tendo em vista apenas esse tema, mas também reivindica a si mesma dessa maneira. Isso se expressa nas *conversas* que ela começa a ter *consigo mesma*. Suzanne Urban agora *fala* consigo mesma, *ouve* a si mesma, *escuta*<sup>50</sup> exclusivamente a si mesma. Se o dito de que todo monólogo é um diálogo (Voßler) é correto, isso também se aplica neste caso. Mas, diferentemente do monólogo real, no qual o si-mesmo de fato *fala consigo sobre* um tema, mas, ao fazer isso, *escuta* exatamente a voz do mundo compartilhado, a possibilidade de seu consentimento ou de sua desaprovação, aqui o Dasein já se

---

<sup>47</sup>N. do T.: Cf. nota 46.

<sup>48</sup>N. do T.: A locução que traduzimos por “reivindicar” é “*in Anspruch nehmen*” (literalmente “tomar em reivindicação”), podendo significar “exigir”, “tomar para si”, “usar”.

<sup>49</sup>N. do T.: A expressão “dirigir a palavra” traduz o verbo alemão *ansprechen*, do qual deriva o substantivo *Anspruch*. Apesar do sentido das duas palavras não ser semelhante, Binswanger aproxima-as pela morfologia aparentada.

<sup>50</sup>N. do T.: No original, há um jogo de palavras entre *anhören*, “ouvir” e *auf jemanden hören*, “escutar”, ambos no sentido de “obedecer a alguém”.

enclausurou de tal maneira com seu tema que ele *exclui*<sup>51</sup> definitivamente o mundo compartilhado da conversa sobre esse tema. Contudo seu poder ainda retira o tema a partir da situação concreta do mundo. É essa situação que coloca suas reivindicações, demandas e condições rígidas e torturantes. Enquanto o si-mesmo aberto (isto é, aberto à verdadeira comunidade) atenua a carga de tal tema falando a respeito dele com um amigo, o si-mesmo que se enclausura com o tema procura carregá-la “*exclusivamente*”<sup>52</sup> em seus próprios ombros, sem ver que esses ombros se tornaram fracos demais para isso há muito.

A essa altura, estamos diante do primeiro passo desse Dasein em direção ao *cegamento* do si-mesmo<sup>53</sup> ou à *extravagância*. Aquilo que aqui designamos como o “interesse elevado” é, na verdade, o mesmo que antes chamamos de “*ideal extravagante*”<sup>54</sup>. Cito o *Caso Jürg Zünd*<sup>55</sup>: “Esse ideal (no presente caso, o ideal do autossacrifício no cuidado *exclusivo* do marido doente) lhes é mais importante até mesmo do que o Dasein; serem desviados ou empurrados para longe dele bota-lhes medo e pavor, e, contudo, ele lhes escorrega e flutua para longe deles cada vez mais e mais. Sua luta para atingir o ideal conduz constantemente à derrota; na verdade, eles sempre se animam para uma nova luta, no entanto, somente com o resultado de ela consumir suas forças psíquicas e corporais, estreitar espiritualmente eles próprios cada vez mais e de roubá-los cada vez mais de seu domínio sobre si mesmos”. “Pois, na medida em que precisam protegê-lo [i. e. o ideal], em um medo constante, contra as ‘reivindicações’ do próprio ser deles, assim como contra as reivindicações ‘dos outros’, eles escorregam para cada vez mais longe da graça do amor, assim como da ação autônoma no mundo, e cada vez mais para a *resistência* ou *defensiva* constante. Com isso, eles *decaem*<sup>56</sup> exatamente no

---

<sup>51</sup>N. do T.: Em alemão, a oposição se dá entre os verbos antônimos *einschließen* (“incluir”, “enclausurar”) e *ausschließen* (“excluir”, “fechar para fora”), ambos advindos da mesma raiz verbal, *schließ-*, que significa “fechar”.

<sup>52</sup>N. do T.: *ausschließend*, advérbio de modo que vem do verbo *ausschließen*, cf. nota 51.

<sup>53</sup>N. do T.: No original, *Selbst-Verblendung*, que normalmente poderia ser traduzido como “autocegamento”. Contudo, a separação das duas palavras por um hífen, incomum em alemão, parece indicar que Binswanger não utiliza *Selbst* apenas como um prefixo (“auto-”), mas que se refere ao conceito de *Selbst*, cf. nota 36.

<sup>54</sup>N. do T.: “Interesse elevado” é *gesteigertes Interesse*, “ideal extravagante”, *verstiegenes Ideal*. *Gesteigert* e *verstiegen* vêm da mesma raiz, *steig-*, que significa “subir”, “elevar”. Binswanger parece querer aproximar os dois conceitos também pela etimologia.

<sup>55</sup>pp. 269-270. [As páginas e as notas referentes aos outros casos que constam no livro de que extraímos o *Caso Suzanne Urban* – os casos Ilse, Ellen West, Jürg Zünd e Lola Voß – dizem respeito à edição *Schizophrenie*. Tübingen:Neske, 1957].

<sup>56</sup>N. do T.: Refere-se aos conceitos heideggerianos de *Verfallen* (“decadência”) e *Verfallensein* (“estar-decaído”). Em alemão, *verfallen* pode ser um verbo (“cair”) ou um adjetivo, que pode definir um



mundo, tanto no mundo próprio, quanto no compartilhado, bem como no mundo circundante<sup>57</sup>. O mundo torna-se agora o poder que absorve suas forças, de maneira que eles próprios se mundanizam cada vez mais, i. e., de pessoas autônomas, capazes de amar e livres, eles se tornam criaturas presas ao mundo ... sem liberdade, perseguidas pelo medo, apenas um brinquedo de um esboço de mundo *reduzido* ao simples “impulso” ou mecanismo, e, com isso, à repentinidade e ao espaço-próximo, do esboço do mundo na qualidade de *perigo*”.

Devem-se mencionar ainda dois momentos que tornam a carga do tema *ainda* mais penosa: em primeiro lugar, o autodomínio compulsório diante do marido, em segundo, a flutuação na incerteza tormentosa da possibilidade e das perspectivas de uma operação. Quanto a isso, a situação mundana como tal ainda era “ambígua”, portanto o si-mesmo ainda era arrebatado pelo mundo de um lado para o outro entre *medo* e *confiança*, estes dois poderes primordiais de nosso Dasein<sup>58</sup>. Assim, o tema exibia espontaneamente a face dupla da esperança e do desespero. Por conta de tudo isso, a estadia em Paris não foi um “*inferno*” apenas para o marido, mas também para a própria Suzanne Urban.

---

estado de decadência ("*dieses Gebäude ist verfallen*" - "Este prédio está decaído, em ruínas") ou indicar vício ("*er ist den Drogen verfallen*" - "ele é viciado em drogas"). Heidegger usa esse termo para indicar a perda do poder do Dasein sobre si mesmo, que é absorvido pelo mundo compartilhado, é fascinado por ele.

<sup>57</sup>N. do T.: A palavra é *Umwelt*, que se traduz normalmente por "meio-ambiente". Traduza aqui desta maneira para manter a palavra *Welt* ("mundo"), que a compõe.

<sup>58</sup>Cf. W. Szilasi, *Macht und Ohnmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito]. pp. 65 ss.

**c) O início do desprendimento do tema para longe da cena original e a  
atmosferação do mundo**

**A disposição delirante**

**A época entre Paris e a primeira internação**

**(aproximadamente entre o sétimo e o terceiro mês antes de Kreuzlingen)**

Nessa época, o tema liberta-se de sua ligação à *situação* mundana concreta, ao lugar, ao tempo e às personagens da “ação”<sup>59</sup>. Partindo do *estado*<sup>60</sup> mundano determinado *tormentoso* em que o Dasein se encontra, ele agora mergulha na vaga e indefinida *atmosfera* do tormento e da tortura.

De início, a paciente reivindica o mundo compartilhado de maneira cada vez mais dominadora e exclusiva para que também ele se entregue puramente ao tema e, com isso, naturalmente também avança a perda da comunicação autêntica com o mundo compartilhado. Suzanne Urban não suporta qualquer outra conversa, uma vez que, de fato, ela ainda só “tem interesse pelo câncer do marido”. Ela se indigna se alguém ri em sua frente e conseqüentemente não se *subjuga* a seu tema. Como foi dito, em lugar de deixar os outros em sua liberdade, ela busca também enclausurá-los no tema, mais exatamente, *enclausurar-se* nele *juntamente com os outros*. Se seu companheiro escapa desse cerco (mostrando, portanto, que não é um escravo, mas uma pessoa livre, autônoma), ele aumenta o abismo entre os dois. Em lugar da confiança em seus companheiros, já escassa por natureza, entra a privação de confiança, a *desconfiança*, essa “obsessão negra da alma”<sup>61</sup>. Esse

---

<sup>59</sup>N. do T.: A palavra em alemão é *Handlung*, “ação”, que também significa “enredo”. Da mesma maneira, *Person*, “pessoa”, também tem o sentido de “personagem”. Optamos pelas últimas acepções devido ao contexto.

<sup>60</sup>A palavra alemã é *Lage*, sinônimo de *Situation*. Traduzimos por “estado” para manter a variação em português.

<sup>61</sup>Cf. Heinrich von Kleist: *Die Familie Schroffenstein* [A Família Schroffenstein - N. do T.: trata-se da obra de estréia desse autor, uma peça que conta a história de amor de Agnes e Ottokar, que pertencem a famílias que se odeiam mortalmente]:

“A desconfiança é a obsessão negra da alma,  
E, para o olho doente, tudo, até a pureza inocente,  
Veste o traje do inferno.  
O que nada significa, o comum, o completamente  
Cotidiano, como fios dispersos,

é o sentido de sua “tremenda sensibilidade”. Agora ela não “acredita” em mais ninguém, considera as pessoas más, os enfermeiros negligentes, as criadas desatinadas (elas espreitariam para entre ouvir as conversas). Em poucas palavras, ela começa, como os familiares bem souberam expressar, a “farejar riscos por toda parte”.

Nesse ponto, estamos de fato diante do problema da *extravagância*<sup>62</sup> como uma forma de *cegamento* do Dasein (para empregar uma expressão da esfera da *iluminação* do Dasein), como uma forma do *enclausuramento* ou *fechamento*<sup>63</sup> dele (para usar uma outra expressão da esfera de sua *espacialização*). O *malogro* da tendência extravagante ou cegada da paciente de enclausurar os outros no tema consigo mesma e também de escurecer-lhes<sup>64</sup> o mundo focando-os nesse tema soterra a *confiança* de Suzanne Urban no mundo compartilhado. Com isso, ela se isola ou se distancia ainda mais dele, pois “a confiança traz para perto, a desconfiança afasta”<sup>65</sup>. Em lugar de uma proximidade *de confiança*<sup>66</sup> com o mundo compartilhado, que, pela natureza deste Dasein, não era possível nem mesmo com a família<sup>67</sup>, entra a proximidade em que não se confia<sup>68</sup>, sinistra, impalpável e que, contudo, “sempre se aproxima mais”, a proximidade *farejada* ou *pressentida* do risco que o mundo compartilhado apresenta. Também aqui vem à luz (para usar uma

---

É costurado minuciosamente a uma figura

Que nos aterroriza com faces hediondas”.

(Inselausgabe I, p. 35)

<sup>62</sup>Cf. *Über Verstiegheit* [Sobre a Extravagância] *Der Nervenarzt* [O Neurologista], ano 20, caderno 1, 1949 e acima.

<sup>63</sup>N. do T.: Em alemão, respectivamente, *Eingeschlossenheit* e *Verschlossenheit*, que, partilham da raiz *schließ-*, fechar. Cf. nota 51.

<sup>64</sup>N. do T.: O termo em alemão é *abblenden*, que significa diminuir uma luz ou um som. Também é um termo utilizado em fotografia para indicar o efeito obtido pelo fechamento do diafragma: menos luz entra na câmera, mas a profundidade de campo aumenta, isto é, o quanto da imagem permanece no foco. Assim podemos considerar que Binswanger tem em mente um processo em que o mundo se escurece por meio de um estreitamento, mas é inteiramente colocado sob o foco do tema. A palavra vem da mesma raiz que *Verblendung* (*blend-*, “cegar”, “ofuscar”), que aqui traduzimos por “cegamento”.

<sup>65</sup>Cf. *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins* [Formas Fundamentais e Reconhecimento do Dasein Humano], p. 353.

<sup>66</sup>N. do T.: *vertraut*, cf. nota 41.

<sup>67</sup>Uma vez que esta confiabilidade [*Vertrautheit*, familiaridade, cf. nota 41] esteve por muito tempo ameaçada pelo temor “hipocondríaco”.

<sup>68</sup>N. do T.: *unvertraut*, cf. Nota 42.

expressão de Kierkegaard<sup>69</sup>) o “reflexivo no Dasein”, o fato de que o fechamento ou falta de liberdade (da qual o cegamento ou a extravagância representa apenas determinada forma) “transforma a si mesmo em prisioneiro”. O Dasein já cai “nas mãos” dos outros ou, se pensarmos nas criadas que entreouvem as conversas, *nos ouvidos* dos outros; ele perde o poder sobre si mesmo e torna-se, juntamente com sua prisão em si mesmo, o prisioneiro dos outros. De toda maneira, ainda vemos tentativas de encontrar saídas da situação mundana como tal. Suzanne Urban planeja matar o marido e, depois, a si mesma. Além disso, ainda se apresentam desejos e esperanças condicionados pela situação: um acidente poderia dar um fim à vida dela e de seu marido; sonha-se ainda com a possibilidade de que “não se tratasse de câncer” como uma *saída possível da situação*. A paciente chora dia e noite. Perde peso visivelmente, só consegue andar na ponta dos dedos e insulta os médicos porque eles não matam o marido. Torna-se cada vez mais intranquila e medrosa e “apresentam-se cada vez mais autorreferências e idéias de perseguição doentias”.

Nesse ponto, temos, expressando-nos novamente nos termos de Wernicke, a transição do “interesse elevado” à esfera da *ideia “sobrevalorizada”* ou *delirante*<sup>70</sup>. Wernicke sabidamente diferencia esta daquele por meio de dois critérios: de um lado, pela *inacessibilidade* frente aos contra-argumentos, de outro, pelo *delírio de referência* a ela associado. Aqui, esse grande mestre da psiquiatria, um dos maiores, fez conhecida, com muita propriedade, uma correlação “externa”, sem, contudo, pesquisá-la “por dentro”, i. e. em sua essência de Dasein. Incorrígibilidade e delírio de referência juntam-se aqui ao interesse elevado puramente em razão da experiência clínica, contudo, não se exhibe a *razão autêntica* que ilumina essa experiência. De fato, aponta-se com toda a clareza a correlação da ideia sobrevalorizada com uma vivência ou uma série de vivências “difíceis de se assimilar”, todavia, não se mostra por que a dificuldade de assimilação de vivências pode ter uma “ideia sobrevalorizada” como consequência. Além disso, aponta-se que nenhuma vida humana está livre de tais vivências, mas novamente apenas com o objetivo de *caracterizar* descritiva (aplicando exatamente os termos incorrigibilidade e delírio de referência) e clinicamente a ideia sobrevalorizada que se seguem a elas.

Exatamente nesse ponto, mostra-se que podemos aprimorar a compreensão do delírio e como podemos fazê-lo se depusermos toda a investigação sobre o

<sup>69</sup>Cf. Kierkegaard, *Der Begriff der Angst* [em dinamarquês. *Begrebet Angst*, traduzido normalmente por “O Conceito de Angústia”], p. 123, e *Der Fall Lola Voß* [O Caso Lola Voß], p. 331.

<sup>70</sup>*Grundriß der Psychiatrie* [Esboço da Psiquiatria]. XV. Palestra.

terreno do Dasein como ser-no-mundo. Assim não podemos mais falar de vivências simplesmente como eventos em um determinado sujeito e reações de um sujeito a determinados acontecimentos, mas precisamos sempre ter em vista a unidade inseparável entre vivência e mundo. Dessa maneira, em lugar do conceito de vivência “interior” e de incidente “exterior”, entra o conceito de *situação*, do respectivo *estado* do Dasein e do mundo, conceito que abrange em si tanto o sujeito quanto o mundo<sup>71</sup>. De igual maneira, não podemos mais falar de uma *ideia* sobrevalorizada enquanto assunto puramente subjetivo, mas temos que falar de um *tema* “sobrevalorizado” na qualidade de *situação* tematizada ou tornada tema do ser-no-mundo. Consequentemente, já se pôde dizer nos estudos *Über Ideenflucht* [Sobre a Fuga de Ideias] (p.201) que a formação de temas é “um fenômeno parcial do conflito entre o 'eu' e o mundo”. Nossa tarefa deve consistir em mostrar em que medida “o 'eu' e o mundo” ou, para usar os termos melhores que empregamos, o si-mesmo e o esboço de mundo necessariamente se alteram quando se chega a um “mundo do delírio”, e aqui, portanto, a um mundo do delírio de referência, de danificação e de perseguição ou, em poucas palavras, quando se trata de um si-mesmo “delirante”.

Uma vez que o princípio supremo da análise do Dasein, como já foi observado, é o de que o Dasein *percebe como mundo exterior aquilo que originalmente é ele mesmo*, também aqui começaremos com a alteração do mundo. Nisso, contudo, tenhamos sempre em mente que a alteração do mundo frequentemente também implica a alteração do si-mesmo. Mencionemos novamente a declaração dos familiares de nossa paciente: “*agora ela farejava riscos por toda parte*”. Tendo a fisionomia do mundo se alterado pelo diagnóstico de câncer, i. e., tendo uma fisionomia de confiança se transformado em uma fisionomia desfigurada, em que não se pode confiar<sup>72</sup>, a expressão da ausência de confiança<sup>73</sup> era *perigo* e, na verdade, perigo à saúde e à vida do marido. Essa foi a “situação de partida” que se tornou o tema do Dasein. *Esse perigo não foi farejado, mas reconhecido*. À transição do *reconhecimento* de uma situação de perigo determinada ao *farejamento* de um risco indeterminado e onipresente corresponde a transição da situação mundana como um contexto de atributos e referências determinado e observável a um mundo penetrado por uma *atmosfera* incerta, vaga, inobservável e irreconhecível, que só pode ser farejada. O decisivo agora não é mais o contexto de referências e

---

<sup>71</sup>Cf. Erwin Straus, *Geschehnis und Erlebnis* [Incidente e Vivência] (Berlin 1930) e meu artigo homônimo na *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* [Revista Mensal de Psiquiatria e Neurologia] vol. 80, 1931.

<sup>72</sup>N. do T.: Cf. notas 41 e 42.

<sup>73</sup>N. do T.: *Unvertrautheit*, literalmente, “não-familiaridade”; cf. nota 42.

atributos mundano, a *situação* e o *tema* do Dasein *dado por ela como um encargo*, mas o tema do *risco*, que se desprende do contexto de referências mundano determinado, isto é, que se tornou *atmosférico*. Com isso, o si-mesmo também perde, contudo, sua sustentação e sua posição firmes “no mundo”. Ele cai na flutuação de um ser-no-mundo predominantemente atmosférico, um ser-no-mundo não mais no sentido da percepção e do reconhecimento e portanto, em termos da *iluminação* e da espacialização e da temporalização do Dasein a ela correspondentes, mas no sentido do *cegamento* do Dasein, do simples farejar ou pressentir. Agora o si-mesmo não consegue mais se afirmar no mundo *autonomamente*, se temporalizar *para fora do mundo* como si-mesmo autônomo ou autêntico, em poucas palavras, *existir* como si-mesmo, mas ele se transporta e se entrega ao simples *farejamento*, é *prostrado* por esse farejamento. Um si-mesmo de tal forma “dependente do farejamento” não tem mais poder sobre si mesmo. Somente o tema farejado, a atmosfera do risco, ainda tem poder. Lugar, tempo e personagens da “ação”, da situação determinada, portanto, recuam (para enfatizarmos isso mais uma vez) para trás do tema indeterminado e indeterminável, que se tornou puramente atmosférico. O tema indeterminado é agora o que faz *determinações* em relação a lugar, tempo e personagens e mesmo em relação à própria “pessoa”<sup>74</sup>, em outras palavras, é o que lhes imprime o seu selo, o selo do risco. O si-mesmo não vai mais “ao fundo” das coisas e das pessoas, portanto, não procede mais (para usar os termos de Hegel) “concretamente”, mas agora somente “pensa” “*abstratamente*”<sup>75</sup>. Nessa abstração de todo estado de determinação e toda particularidade, nessa noite da atmosfera indigna de confiança<sup>76</sup>, na qual “todas as vacas são cinzentas”<sup>77</sup> (isto é, não se pode confiar em nenhuma), podemos observar o que chamamos de autonomização do tema (do risco). Aqui *autonomização do tema* e “pensamento abstrato” são fundamentalmente uma só coisa. Onde a atmosfera torna-se dominante e o tema se autonomiza e passa a ser farejado e pensado apenas na qualidade de abstrato, “contra-argumentos” – que sempre se apoiam em acontecimentos concretos – naturalmente não conseguem mais ser efetivos. A atmosfera e as abstrações atmosféricas são “incorrigíveis” por “argumentos concretos”; elas reivindicam o Dasein (na qualidade de cegado, extravagante, enclausurado) para si de forma

---

<sup>74</sup>N. do T.: Cf. nota 59.

<sup>75</sup> Cf. seu artigo tão curto quanto instrutivo “*Wer denkt abstrakt?*” [Quem pensa abstratamente?]. *Jubiläumsausgabe* [Edição do Jubileu] XX.

<sup>76</sup>N. do T.: Cf. nota 42.

<sup>77</sup>N. do T.: “*Nachts sind alle Kühe grau*” (“de noite todas as vacas são cinzentas”), provérbio alemão usado para dizer que, em certas situações, é difícil de discernir as coisas.

incomparavelmente mais senhoril do que os argumentos, estas testemunhas do Dasein esclarecido, conseguiriam se dirigir<sup>78</sup> a ele. Expressando-nos de outra maneira, o si-mesmo não os escuta<sup>79</sup>, enviesado<sup>80</sup> e entorpecido que está pela atmosfera e pela abstração temática dela. Ele não deixa que o *peguem por sua palavra*<sup>81 82</sup> e não responde mais a palavras (no sentido desse "pegar"), motivo pelo qual o designamos como si-mesmo irresponsável e assim lidamos com ele. Nesse ponto, ele não chega mais a respostas decisivas ou sentenciosas a perguntas *determinadas*, mas apenas a uma decisão prévia, um julgamento ou uma "resposta" comuns e "inquestionáveis" *perante* todo questionamento. Nisso se mostra que o si-mesmo perdeu seu *poder no mundo e sobre o mundo* e foi *submetido* pelo poder da respectiva atmosfera, e aqui, portanto, pelo poder do risco ou da ameaça do mundo compartilhado. Isso quer dizer: agora ele está *em poder*, isto é, *nas mãos e nos ouvidos* do mundo compartilhado. Se as criadas agora espreitam para *entreouvir*, isso mostra que Suzanne Urban não consegue mais dispor livremente de si mesma, mas é *prisioneira* do mundo compartilhado. O "acento" do Dasein agora recai não mais sobre o si-mesmo, mas sobre o mundo compartilhado.

Com essa "realocação de acento", que caracteriza a atmosfera do pavoroso, já chegamos à *essência* do delírio de referência, de danificação e perseguição. Ainda que realocação de acento seja uma expressão puramente descritiva, ela aponta para o fato de que há uma estrutura fundamental unitária. Pois apenas dentro de tal estrutura pode se consumir uma realocação de acento ou de ênfase. A estrutura unitária, no entanto, é a estrutura do ser compartilhado<sup>83</sup>, das relações e do trato

---

<sup>78</sup>N. do T.: Cf. nota 49.

<sup>79</sup>N. do T.: Cf. nota 50.

<sup>80</sup>N. do T.: Trata-se da expressão "*in etwas befangen sein*", "ser fortemente definido ou enviesado por algo". Vem da raiz *fang*- que significa "prender, agarrar".

<sup>81</sup>N. do T.: "Pegar pela palavra" traduz literalmente "*beim Wort nehmen*", que significa lembrar alguém do que prometeu. É um uso metafórico da expressão "*bei etwas nehmen*" que, como vimos, costuma ser empregada para descrever o ato de pegar alguém por alguma parte do corpo (cf. nota 34). Dessa mesma maneira, "*beim Wort nehmen*" constrói uma imagem em que alguém agarra outra pessoa por sua palavra de honra e a impede de prosseguir. Constitui uma das subdivisões da categoria *Nehmen-bei-etwas*.

<sup>82</sup>Cf. *Grundformen: Das Nehmen beim Wort. Die Verantwortlichkeit oder Responsabilität* [Formas Fundamentais. Pegar pela Palavra. A *Verantwortlichkeit* ou a Responsabilidade]. pp. 322 ss. e pp. 351 ss. [N. do T.: *Verantwortlichkeit* e *Responsabilität* são sinônimos em alemão e significam "responsabilidade", sendo o primeiro de origem vernácula (germânica) e o segundo de origem latina."].

<sup>83</sup>N. do T.: "Ser compartilhado" traduz o termo heideggeriano *Mitsein* (literalmente "ser-com"). É usado pelo filósofo para descrever a constante relação que o Dasein mantém com tudo a sua volta, seja na proximidade, seja no afastamento deles. Relacionado a esse termo é a palavra *Mitwelt* (que

cotidianos, no sentido de pegar ou ser pego por algo<sup>84</sup> <sup>85</sup>. Também a autosseclusão<sup>86</sup> *frente* aos outros é uma forma desse ser compartilhado<sup>87</sup>, também ela não escapa à estrutura do ser compartilhado. Apenas por causa desse estado de coisas essencial que a virada, a realocação de acento da extrema seclusão *frente* ao mundo para a extrema dependência *dele*, é possível. Tanto aquele "frente" quanto este "de" são possíveis somente por causa do "com"<sup>88</sup>. Isso nos leva a designar essa realocação de acento como uma realocação do modo ativo para o modo passivo do ser compartilhado. Todavia, com isso, ainda estamos na superfície, completamente à parte do fato de que a passividade sempre implica uma forma de atividade e vice-versa. Somente chegaremos ao fundo daquela realocação de acento se a compreendermos daseinanaliticamente! Como ela se mostrará então? Em primeiro lugar, ela se mostrará como uma virada a partir de um modo de Dasein e ser compartilhado ainda levado pela esperança e pela capacidade de confiar, que vive na presentificação<sup>89</sup> de uma saída de uma situação insuportável, (portanto a partir da experiência "natural" que corresponde a esse modo) para um modo de Dasein e ser compartilhado que se tornou presa da desesperança e do medo (e para a experiência nova que corresponde a esse modo, isto é, a experiência "atmosférica"). Tal virada, contudo, significa que o Dasein e o ser compartilhado saem da estrutura total de suas possibilidades de ser e estão limitados à possibilidade de ser da pura *receptividade* e da pura *impressionabilidade* (no sentido usado nas *Grundformen* [Formas Fundamentais]). Lembro-me do diálogo *Filebo*<sup>90</sup>, de Platão, e da interpretação profunda que W. Szilasi fez a seu respeito em *Macht und Ohnmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito]. Uma vez que a receptividade ainda permite reconhecer uma *estrutura* ou uma *medida*, isto é,

---

traduzimos por "mundo compartilhado" – literalmente significa "mundo-com"), que descreve o mundo que o Dasein partilha com os outros seres.

<sup>84</sup>N. do T.: Cf. nota 34.

<sup>85</sup>Cf. novamente *Grundformen und Erkenntnis des menschlichen Daseins: Das mitweltliche Nehmen-bei-etwas* [Formas Fundamentais e Reconhecimento do Dasein Humano: O Pegar-por-alguma parte do Mundo Compartilhado]. II Cap. IV.

<sup>86</sup>N. do T.: O termo traduz o verbo substantivado *Sich-Abschließen*. *Abschließen*, da raiz *schließ-*, fechar, significa "fechar alguma coisa para impedir o acesso a ela". Cf. nota 51.

<sup>87</sup>N. do T.: No original, o itálico está no prefixo *mit-* ("com").

<sup>88</sup>N. do T.: Cf. nota 83.

<sup>89</sup>N. do T.: Heidegger chama de "presentificação" (*Gegenwärtigen*) o "presente (*Gegenwart*) inautêntico" (cf. nota 37). Trata-se de um neologismo, um verbo substantivado criado a partir do adjetivo alemão *gegenwärtig* "presente". O presente autêntico ele chama "momento" (*Augenblick*).

<sup>90</sup>N. do T.: diálogo em que Sócrates discute se o melhor tipo de vida é guiado pelo prazer ou pela sabedoria.



aquelas da capacidade de ter confiança e da capacidade de ter medo, o Dasein necessariamente "se extravia" lá onde uma ou outra de ambas as possibilidades da receptividade se *isola*. Onde a *confiança* se isola ou se autonomiza, chega-se, como se mostrou em *Über Ideenflucht* [Sobre a Fuga de Ideias], ao *otimismo* de reconhecimento, ao *auto-otimismo* e ao *hetero-otimismo* do Dasein e do ser compartilhado maníacos e com fuga de ideias; onde o *medo* se isola, chega-se ao *pessimismo* da depressão ou ao *delírio* de referência, danificação ou perseguição. No caso do medo, chega-se à des-medida, ao *ápeiron*<sup>91</sup> descontrolado do simples *sofrimento*, sob o signo do transtorno "pesaroso" de humor (na depressão) ou sob o do sofrimento *infligido* (nos três tipos de delírio citados). Onde a faculdade de sofrer se isola dessa maneira, ela não somente se extravia, mas também extravia todo o Dasein (Szilasi loc. cit. p. 82). "O sentido da vida torna-se o delírio"<sup>92</sup> (p. 87). Se o Dasein *fareja* riscos *por toda parte*, em nosso caso específico isso mostra apenas que (como acontece em todos os casos) o simples medo não dá ao sofrimento nenhum meio-pelo-qual que de fato se cumpre. "O medo é o sofrimento diante de tudo e diante de nada." – "Apenas o estado de velamento absoluto pode descobrir o puro medo, este sofrimento extremo, e acreditar nele" (p. 84). Com isso, chegamos novamente à *atmosfera do pavoroso*. Na "experiência" atmosférica, na disposição delirante, a experiência é farejar ou sentir riscos *velados*. O fato de a atmosfera do pavoroso, o que também quer dizer o *medo* dele e o *sofrimento* sob ele, *envolver*<sup>93</sup> o Dasein implica, ao mesmo tempo, em ela *lhe velar* o mundo compartilhado em sua verdade, em seu ser verdadeiro, i. e. ela permite que ele seja encarado apenas como um poder pavoroso, ameaçador e hostil. A "transição" dessa experiência atmosférica à experiência deliroide, ao *mundo* do delírio ou ao palco do pavor, mostra-se então, como já se mostrou no *Caso Lola Vofß*, no fato de que a atmosfera velada, farejada e sinistra do risco se desvela no estado manifesto<sup>94</sup> dos inimigos "secrets"<sup>95</sup>. Contudo exatamente a *secretividade*<sup>96</sup> dos inimigos indica de que tipo são esse desvelamento e esse estado manifesto. Sobretudo ela é ainda um

---

<sup>91</sup>N. do T.: Termo grego que significa "sem limites".

<sup>92</sup>N. do T.: Aqui, existe um jogo entre os termos *Sinn* ("pensamento", "sentido") e *Wahnsinn* ("loucura", "insanidade", literalmente, "pensamento delirante").

<sup>93</sup>N. do T.: No original, os verbos *verhüllen* ("velar") e *einhüllen* ("envolver") partem da mesma raiz verbal, *hüll-* ("cobrir").

<sup>94</sup>N. do T.: *Offenbarkeit*, substantivo que indica a qualidade do que é *offenbar* ("manifesto"). Tem uma ligação estreita com o termo *Offenbarung* ("revelação", "manifestação") Cf. nota. 97 abaixo.

<sup>95</sup>N. do T.: Sobre *unheimlich* ("sinistro") cf. nota 43. *Heimlich*, por sua vez, provavelmente evoluiu do sentido original de algo "caseiro", "próprio do lar" (*Heim*), para o de algo que se mantém oculto em casa, daí "secreto".

<sup>96</sup>N. do T.: *Heimlichkeit*, isto é, "secretismo", "qualidade ou estado do que é secreto".

desvelamento velado ou uma manifestação<sup>97</sup> velada, um desvelamento no sentido da secretividade. Nisso está a oposição à experiência natural. Também esta permite que encontremos inimigos. Nela, contudo, é a respectiva *situação* do mundo compartilhado que desvela ou manifesta nosso ou nossos companheiros como inimigos – mesmo quando não conseguimos "tomá-los" exatamente por uma ou outra pessoa. Na experiência deliroides, como vimos, não é a situação (que sempre implica a vista, o discernimento e a visão geral<sup>98</sup> que adentram o contexto de referências *mundano* e também o observam de cima) que decide, mas o que "decide" é o meio-pelo-qual velado e sinistro do simples *medo* e sua impulsão ao cumprimento desse meio-pelo-qual por meio da secretividade dos inimigos. Além disso, essa impulsão do Dasein a um cumprimento e a um desvelamento é própria a todo sofrimento e a toda paixão. No início, nós o vimos na paixão e na força imaginativa da *vingança* e tanto mais o conhecemos da paixão e força imaginativa eróticas. O que diferencia a força imaginativa deliroides, as "imaginações deliroides", de tudo isto e também das imaginações *medrosas* é o fato de que o Dasein, naquele caso, ainda *dispõe livremente* de suas possibilidades de ser, em outras palavras, ele não escapou<sup>99</sup> da estrutura total e de sua *koinonía*<sup>100</sup> nessas possibilidades, enquanto no caso do *delírio* de perseguição, ele *decaiu*<sup>101</sup> nas "imaginações" ou se *enredou* nelas.

Todavia, com isso, nos apressamos e já ultrapassamos o passo de nossa investigação. Primeiramente devemos trazer à vista a transição da disposição

---

<sup>97</sup>N. do T.: *Offenbarung* significa literalmente "fazer manifesto", mas é utilizado normalmente no sentido de "revelação". Evitei utilizar este último termo para não sugerir um parentesco morfológico entre "desvelamento" (*Enthüllung*) e "revelação" (*Offenbarung*), não existente no original.

<sup>98</sup> N. do T.: Respectivamente, *Sicht*, *Einsicht* e *Übersicht*, todos formados a partir do radical *Sicht* ("visão", "vista"). *Einsicht* é, por sua etimologia e significado, próximo do *insight* inglês, tendo o sentido de "entendimento", "conhecimento", sua morfologia, contudo, indica a ideia simples de "visão para dentro de algo". Para traduzir esse verbo, escolhemos "discernir", que pode ser usada para uma capacidade de perceber tanto visual quanto mentalmente. *Übersicht*, por sua vez, é próxima ao termo *overview*, indicando uma visão global. Tentamos manter em certa medida o sentido de "visão" (sugerido pela etimologia das palavras alemãs) que Binswanger deseja ressaltar no trecho.

<sup>99</sup>N. do T.: O verbo no original é *ausbrechen*, que indica qualquer forma de desprendimento brusco, de "erupção" a "escapada". É um termo que aparece diversas vezes ao longo do estudo. Eu o traduzi de acordo com o contexto, indicando sua ocorrência por meio de notas quando pareceu que isso enriqueceria a leitura.

<sup>100</sup>N. do T.: *Koinonía* é o termo grego para "participação", mas também significa "comunidade".

<sup>101</sup> N. do T.: *Verfallen*, cf. nota 56.

delirante ao delírio, portanto, a configuração do tema do pavor na forma da fábula delirante, da secretividade dos inimigos.

#### **d) A configuração do tema como fábula delirante**

##### **A estadia na primeira clínica**

**(três meses antes de Kreuzlingen)**

Frente à “cara terrivelmente desesperançosa” e à “mímica pavorosa” do urologista, nossa paciente havia literalmente “calado a boca”<sup>102</sup>. O pavor “*percorreu seus membros*”<sup>103</sup> da mesma maneira que outrora o pavor da ameaça de que o pai a açoitaria “*percorreria seus membros*”. O pavor não é somente algo que corre para os membros e cala a boca, como Suzanne Urban descreve com tanta propriedade, mas algo que dá um choque no ser-no-mundo, o subverte. No pavor, o Dasein não está mais “de pés firmes no chão”, mas ele perde seu “chão”<sup>104</sup> firme e lança um olhar fixo para o “abismo da ausência de chão”<sup>105</sup>. Abrir a boca fixamente, a fixidez dos olhos e a paralisia dos membros<sup>106</sup> são a expressão tanto do não-ser-capaz-de-apreender o pavoroso que submete<sup>107</sup>, quanto do não-ser-capaz-de-se-

---

<sup>102</sup>N. do T.: No original, “*vor den Mund geschlagen*”, aproximadamente, “com algo colocado na frente de sua boca”, expressão encontrada normalmente na forma *die Hand vor den Mund schlagen*, “colocar a mão na boca”.

<sup>103</sup>N. do T.: Cf. nota 32.

<sup>104</sup>N. do T.: No original, *Grund und Boden* literalmente “solo e chão”, que é utilizado para designar simplesmente a ideia de “chão” ou a propriedade de terra.

<sup>105</sup>N. do T.: *Bodenlosigkeit*, literalmente, “ausência de chão”, contudo o também pode significar “ausência de fundo” e “insondabilidade”.

<sup>106</sup>N. do T.: “lançar um olhar fixo”, “fixamente”, “fixidez” e “paralisia” traduzem respectivamente os termos *starren* (“fitar”), *starr* (“rígido”, “fixo”, “atônito”), *Starre* (“rigidez”, “fixidez”) e *Starrwerden* (“tornar-se rígido, atônito”), que partilham todos da raiz *starr-*, que significa “fixo”, “rígido” e são geralmente usados pra descrever a paralisia de membros do corpo diante de um susto ou uma surpresa.

<sup>107</sup>O pavoroso, como tal, não deixa que o peguem [*nehmen*], apanhem [*fassen*] ou agarrem [*greifen*] por algo [N. do T.: Cf. nota 34], nem com as mãos, nem com os lábios, nem com os dentes (cf. *Grundformen: Das mitweltliche Nehmen-bei-etwas, die “Hand”* [Formas Fundamentais: O Pegar-por-alguma-parte do Mundo Compatilhado, a “Mão”], pp. 275 ss. e *Das beißende Nehmen-bei-etwas, das “Gebiss”* [O Pegar-por-alguma-parte Mordedor, os “Dentes”], 288 ss.) Contudo, ele também não deixa que o percebam e o nomeiem como tal (pp.289-300).

recompor<sup>108</sup> e o não-poder-se-mover-do-lugar em face do abismo. No pavor, somos “como que atingidos por um raio” ou “como que acometidos por um trovão” (“*attonitus*”)<sup>109</sup>; o movimento em que nosso Dasein permanentemente se encontra está suspenso, “congelado”<sup>110</sup>. Logo que a fixidez, o “estar-paralisado-de-pavor”, o *stupor*<sup>111</sup> ou o *torpor*<sup>112</sup> dos latinos, se desfaz, a boca se fecha e os membros se movem novamente, corremos “desorientados”<sup>113</sup> para longe do abismo do pavoroso, que ameaça nos devorar (“pânico”), ou nos “arrumamos” de novo, isto é, buscamos o pavoroso e, dessa maneira, procuramos nos *recompormos*, ou seja, pegá-lo *por alguma parte*<sup>114</sup>, ainda que seja apenas por seu nome ou por sua “aparência” (percepção<sup>115</sup>). Com isso, não se trata mais do pavoroso “anônimo”, “sem nome” simplesmente, mas de *algo* (ou *alguém*) pavoroso (uma ferida “pavorosa”, um animal “pavoroso”, um olhar “pavoroso” etc.). No que se refere a tais algo ou alguém nomeáveis, podemos encará-los, olhá-los na face, resistir a eles, curá-los, combatê-los e porventura vencê-los ou evitá-los; por outro lado, estamos *completamente indefesos e entregues* ao pavoroso ou ao terrível sem nome na qualidade de meio-pelo-qual do medo *que não se realiza de fato*. Uma vez que o chão<sup>116</sup>, a “terra” sobre a qual o Dasein firmou o pé, é o “mundo dele”, i. e. o

<sup>108</sup>N. do T.: “não-ser-capaz -de-apreender” é a tradução quase literal de *nicht fassen können*, que significa “estar em choque”, mostrando a incapacidade de absorver algo mentalmente. “Não-ser-capaz-de-se-recompor”, por sua vez, traduz a expressão quase idêntica *sich nicht fassen können*, que indica a impossibilidade de se recuperar de um estado de choque. O paralelismo é impossível de recuperar em português, uma vez que o verbo *fassen* (cujo primeiro sentido é “apanhar”) cobre um campo de sentido que nenhum verbo português tem.

<sup>109</sup>N. do T.: Tradução literal de, respectivamente, “*wie vom Blitz getroffen*” e “*wie vom Donner gerührt*”, ambas expressões que indicam estupefação. Binswanger também se remete ao sentido original do termo latino *attonitus* (“atônito”), termo derivado do verbo *tonare* (“trovejar”) que indicava alguém atordoado pelo trovão.

<sup>110</sup>N. do T.: *Erstarrt*, que pode ter o sentido de “congelado”, “solidificado” e “entorpecido”. Cf. nota 106.

<sup>111</sup>De *stupeo* = “estar atordoado”, “entorpecido” [*erstarrt*], aparentado ao grego *týpto* = “bater” e “atordoar” ao bater. [N. do T.: a relação entre o termo grego e latino na verdade não existe].

<sup>112</sup>De *torpeo* = estar sem sensação ou sem movimento, entorpecer-se [*erstarren*], do grego *tárbos* = pavor. [N. do T.: a relação entre o termo grego e latino na verdade não existe].

<sup>113</sup>N. do T.: *Planlos*, literalmente, sem plano.

<sup>114</sup>N. do T.: Cf. nota 34.

<sup>115</sup>N. do T.: No original, Binswanger escreve *Wahr-nehmung*, separando os componentes do substantivo composto *Wahrnehmung*, percepção, discernimento. *Wahr* significa verdadeiro, *nehmen* tomar, originalmente, portanto *wahrnehmen* (e seu substantivo derivado *Wahrnehmung*) deveria significar “tomar como verdadeiro”, “ver que algo existe de fato”. O autor parece querer recuperar esse sentido original e principalmente ressaltar que a raiz é formada pelo verbo *nehmen*, parte da expressão “*bei etwas nehmen*”, que é essencial ao pensamento do autor (cf. nota 34).

<sup>116</sup>N. do T.: Cf. nota 104.

mundo em que ele pode confiar<sup>117</sup>, estar frente ao “abismo da ausência de chão” implica, como mostrou Heidegger, a insignificância ou, em todo caso, o estado de um mundo em que não confia<sup>118</sup>. Com isso, como dissemos, a “fisionomia do mundo” se alterou, o mundo em que se confia tornou-se uma “imagem de mundo” em que não se confia, uma *caricatura* ou uma *careta*, como disse Ellen West.

No presente caso, o *pavoroso* atingiu o Dasein com o *pavor* da *cena original*, com a situação pavorosa, pertencente ao mundo compartilhado, do exame do marido junto ao urologista e a revelação<sup>119</sup> do *diagnóstico de câncer*. Desde então, o tema “câncer do marido” se tornou o tema condutor desse Dasein. Ele nunca mais se viu livre do pavor, que naquela ocasião “percorrera seus membros” e “calara sua boca”, a princípio, no sentido da tentativa de combatê-lo e superá-lo, paulatinamente, no entanto, no sentido ser completamente submetido por ele.

De fato, vimos como o tema “pavoroso” se desprende gradualmente de sua situação (ou estado) de mundo compartilhado, como ele atravessou as margens dela e englobou o ambiente próximo, dando, com isso, o primeiro passo em direção à alienação (*aliénation*)<sup>120</sup> do Dasein, tanto de seu próprio fundamento, quanto do mundo compartilhado. Uma *situação* mundana *articulada* de acordo com contextos de referências determinados, que podem ser abrangidos com a visão e discernidos por ela<sup>121</sup> tornara-se um mundo dominado pelo tema do pavor. Nessa atmosfera, o lugar, o tempo e as personagens da ação e, portanto, o tema da cena original caíram, como vimos, na oscilação, para, por fim, infundir “todo o mundo” com pavor. Seguiu-se ao “início com pavor”, à cena original (pelo que nós conseguimos acompanhar da vida de Suzanne Urban), não um “fim com pavor”, mas um “pavor sem fim”.

---

<sup>117</sup>N. do T.: Cf. nota 41.

<sup>118</sup>N. do T.: “Estado de um mundo em que não se pode confiar” traduz a expressão “*Unvertrautheit der Welt*” (lit. “não-familiaridade do mundo”), cf. nota 42.

<sup>119</sup>N. do T.: *Eröffnung*, substantivo derivado do verbo *eröffnen*, “revelar”, que também tem o sentido de “abrir”. Contrariamente ao que pode sugerir o português, não existe parentesco com o termo que traduzi por desvelamento (*Enthüllung*). Cf. nota 93.

<sup>120</sup>N. do T.: O termo alemão é *Entfremdung*, entre parênteses, está o termo em francês correspondente, *aliénation*.

<sup>121</sup>N. do T.: “Poder ser abrangido pela visão” e “poder ser discernido” traduzem, respectivamente os termos *überschaubar* (cujo sentido habitual é “facilmente compreensível”) e *einsehbar* (“compreensível”). Traduzi de maneira que em português fosse mantida de certa forma a origem etimológica das palavras, tão cara a Binswanger. Os termos estão diretamente relacionados às palavras *Übersicht* e *Einsicht*, usadas anteriormente (cf. nota 98).

É a partir deste pavor sem fim que observamos até agora o *tema do pavor* ligado à situação e sua transição à *atmosfera do pavoroso* e ao *modo de experiência* dela. Agora, ao ingressar na primeira clínica, estamos diante do *mundo do pavor*, diante do *palco do pavor*. A *sinistridade*<sup>122</sup> “atmosfericamente” velada do mundo compartilhado agora se “desvelou” na *hostilidade*<sup>123</sup> secreta desse mundo. Entretanto seria errado acreditar que agora a *sinistridade atmosférica* do mundo compartilhado desapareceu; uma das primeiras sentenças com que Suzanne Urban começa a descrição de sua estadia na primeira clínica diz: “*Imediatamente eu sinto uma atmosfera de pessoas rancorosamente hostil a mim*”<sup>124</sup>. Também o *tema original* sempre emerge novamente nesse mundo do pavor, ainda que em uma forma desprendida de sua situação original: “*O coitado! Ele está deitado na lama com sua doença pavorosa. Que dores devem ser estas sem morfina!*”. Aqui o *martírio do marido*, o *tema do pavor original* como tal, continua a atuar, mas ele entrou no *mundo do pavor*, no *martirológio*, como a própria Suzanne Urban diz ou, como dizemos, na *fábula delirante*.

Quando observamos a autodescrição da paciente mais de perto, necessariamente se faz notar que o *tema do pavor* transita *sem mediação* para o mundo do pavor, para a *fábula delirante*. Se não tivéssemos ouvido dos familiares que entre o *tema do pavor* e o mundo delirante se intercalara a *atmosfera do pavor*, isto é, o *farejamento de riscos*, não teríamos sequer uma informação sobre esse “*elemento intermediário*”<sup>125</sup> (extremamente significativa, como vimos, para a compreensão do delírio) na “*realocação de acento*” do Dasein que analisamos aqui. É do maior interesse que a própria paciente tenha atravessado esse estágio intermediário, em que ela ainda está completamente dominada pelo *tema do pavor*, mas, ao mesmo tempo, já “*fareja riscos por toda parte*”. Essa transição é um indício de que na investigação do delírio não devemos de nenhuma maneira confiar

<sup>122</sup>N. do T.: Morfologicamente *Unheimlichkeit* (“sinistridade”, qualidade do adjetivo *unheimlich*) é a negação de *Heimlichkeit* (“secretividade”, qualidade do adjetivo *heimlich*), que compareceu anteriormente. Sobre *unheimlich*, *heimlich* e *Heimlichkeit*, cf. notas 43, 95 e 96.

<sup>123</sup>N. do T.: Em alemão, existe um parentesco morfológico visível entre “inimigo” (*Feind*) e “hostilidade” (*Feindlichkeit*). Em português, há o termo “inimizade”; contudo, ele mais descreve a relação de duas pessoas inimigas do que a atitude delas, que é traduzida mais perfeitamente por “hostilidade” (do latim *hostis*, “inimigo”). De qualquer maneira, vale notar a aproximação formal das expressões *Heimlichkeit der Feinde* (“secretividade dos inimigos”) e *heimliche Feindlichkeit* (“hostilidade secreta”).

<sup>124</sup>Essa declaração lembra aquela de Strindberg: “Há pessoas, desconhecidos, que irradiam tal hostilidade que eu chego a atravessar a rua por causa delas”. Citado por Jaspers, *Strindberg und Van Gogh* [Strindberg e Van Gogh], p. 53. Strindberg também poderia ter dito “tal atmosfera de hostilidade”, pois a “irradiação” é exatamente uma maneira com que a atmosfera se faz notar.

<sup>125</sup>N. do T.: *Zwischenglied*, também “articulação”, “interligação”.

apenas na autodescrição dos pacientes. A omissão desse elemento intermediário “decisivo” torna-se compreensível se pensarmos que Suzanne Urban escreveu a autodescrição no estágio do delírio completamente desenvolvido, em um estágio, portanto, em que ela não discernia<sup>126</sup> mais a transformação de seu Dasein.

Em lugar da transformação do tema do pavor em uma atmosfera do pavor (“farejada”), já entra na descrição da paciente um membro do *mundo* compartilhado, uma *personagem* determinada, o psiquiatra trazido de outro lugar, o Dr. R., “o carrasco, a desgraça de toda a família”. Aqui já não se fala mais de um simples *farejamento*, mas já se trata de uma *verificação* determinada. E, na verdade, o Dr. R atingiu esse significado de desgraça porque ele mandou retirar a paciente da casa e colocá-la num hospital psiquiátrico contra sua vontade e “quase à força”. Como é regra nos delírios de perseguição plurais, aqui o pretenso fundador da “desgraça de toda a família” vai depressa para o segundo plano para temporariamente dar lugar a uma pessoa completamente diferente (cf. a “prostituta de rua”) e somente ser mencionado de novo ocasionalmente. O Dr. R. figura aí como aquele que a separou *de seu marido*, separação que ela “jamais deveria ter consentido”. Ela lançava contra si mesma as maiores acusações por tê-lo feito, pelo “esquecimento do dever” (cf. “o quanto eu me arrependo de ter deixado minha casa ao invés de permanecer fiel a meu dever e ficar ao lado de meu marido gravemente doente”). Em todo caso, o Dr. R. é aquele que arrancou a paciente, como mandava seu dever de médico, do serviço exclusivo no combate contra o tema do pavor; com isso, contudo, conforme as próprias palavras de Suzanne Urban, “começa de verdade a assustadora odisseia”.

Apesar de tudo isso, não parece estar fora de questão que o Dr. R. deva seu significado de desgraça ou de pavor a uma “identificação atmosférica” com o urologista que “martirizou” o marido com seu exame e lhe revelou<sup>127</sup> o diagnóstico de câncer tão “pavorosamente”. Pois o verdadeiro “carrasco”, aquele com quem “a desgraça de toda a família” começou, é certamente o médico da cena original, de quem eram “a cara terrivelmente desesperançosa e a mímica pavorosa” com que o tema do pavor assumira pela primeira vez uma forma determinada e a desgraça irrompera sobre ela e toda a família. Também não esqueçamos que, além disso, o diagnóstico de câncer já implicava o primeiro prelúdio da “separação do marido”, isto é, da morte dele. A separação exterior forçada do marido, o “isolamento”, como a paciente chama, em todo caso contribuiu para a configuração da *fábula delirante*; pois, com isso, o Dasein a que demos o nome Suzanne Urban perdeu

---

<sup>126</sup>N. do T.: *Einsicht*, cf. nota 98.

<sup>127</sup>N. do T.: Cf. nota 119.

ainda mais sua *sustentação* autêntica, o *chão* em que ele ainda *estava posto*<sup>128</sup>, isto é, a possibilidade do exercício do culto “exagerado” do *autossacrifício* por um familiar próximo.

Assim como a paciente Ilse fez, num *culto de amor* exagerado ou *extravagante*, o sacrifício de queimar a mão para mostrar ao *pai* “do que o amor é capaz” e sua existência<sup>129</sup>, na frustração pelo fracasso desse sacrifício, colapsou e deslizou para o delírio de perseguição, no qual ela mesma era a mártir, da mesma maneira, Suzanne Urban desliza para o “martirólogo”, para o delírio de perseguição, depois que sua existência colapsara em seu *culto “exagerado” de autossacrifício* ao marido e na separação forçada dele. Em lugar da *simesmação*<sup>130</sup> autêntica do Dasein no sentido da *existência*, entra a errância sem fim para o “mundo do pavoroso”, para a “odisseia pavorosa”.

A expressão “odisseia” aponta, assim como a expressão “*fábula delirante*”, originária da nomenclatura psiquiátrica, para a jornada fabuladora, narrativa e épica que caracteriza a maneira de representação escrita de Suzanne Urban, assim como o de outros pacientes semelhantes. O dito de Sartre “Um homem é sempre um contador de histórias”<sup>131</sup> não diz mais respeito a nenhum modo de Dasein humano do que ao delírio. Quando Sartre continua: “ele procura viver sua vida como se a contasse”, esse “contar” aponta sobretudo para o modo co-municativo<sup>132</sup> e “plural” do Dasein humano que, também no delírio, exatamente nele, aparece

---

<sup>128</sup>N. do T.: “Sustentação” traduz *Halt* e “estar posto” o verbo *stehen*, que normalmente significa “estar de pé”. São dois termos já utilizados anteriormente no texto para descrever o estado do Dasein durante o delírio: “Com isso, o si-mesmo também perde, contudo, sua sustentação (*Halt*) e sua posição (*Stand*) ‘no mundo’”. Nesse trecho, entretanto, comparece não o verbo *stehen*, mas o substantivo aparentado *Stand*. Traduzimos *stehen* por “estar posto” para manter também não só no sentido, mas também na morfologia, o parentesco entre *Stand* e *stehen* (tanto “posto” quanto “posição” derivam do verbo latino *pono*, “pôr”).

<sup>129</sup>N. do T.: Heidegger define existência (*Existenz*) da seguinte maneira: “Chamamos de existência o próprio ser em relação ao qual o Dasein pode se comportar de uma maneira ou outra e em relação ao qual ele sempre se comporta de alguma maneira” (*Sein und Zeit* [Ser e Tempo] § 4. *Der ontische Vorrang der Seinsfrage* [A Precedência Ôntica da Questão do Ser], p.12).

<sup>130</sup>N. do T.: O termo em alemão é *Selbstigung*, inexistente no léxico comum da língua. Trata-se de um neologismo que designa o processo de transformação em si-mesmo (*Selbst*, cf. nota 36). Dessa maneira, também criei um termo em português equivalente: aproveitei-me da palavra já existente “ensimesmação” para criar outra, “simesmação”, que aproveita a tradução costumeira para *Selbst*, “si-mesmo”.

<sup>131</sup>*La Nausée* [A Náusea]. Nrf 1938, p. 57.

<sup>132</sup>N. do T.: O termo original *mitteilsam*, também apresenta um hífen entre o prefixo e o radical (*mitteilsam*), muito possivelmente com o objetivo de ressaltar o prefixo *mit* (“com”), utilizado em expressões importantes como *Mitwelt* (“mundo compartilhado”) e *Mitsein* (“ser compartilhado”). Mantive o hífen desnecessário para manter a ênfase também na tradução.



com tanta clareza; é dessa mesma maneira que, com razão, Jean Fretel reivindica esse modo de Dasein também para as verdadeiras alucinações<sup>133</sup>.

Aquilo que se comunica ou se conta a toda pessoa que quer ouvir, seja na vida cotidiana, seja na épica artística, podemos designar como *aventura* juntamente com Sartre. Segundo Sartre, as aventuras (*aventures*) só são possíveis no modo da narração (*raconter*)<sup>134</sup>. "Quando se vive, nada acontece", declarou (ibid.) da maneira exagerada que lhe é própria. Por isso, seria necessário escolher entre "viver ou contar". Seja como for, o fato não é somente que uma grande necessidade de narração é própria ao Dasein no modo daquilo que chamamos delírio, mas sobretudo que, por meio da narração, tomamos conhecimento dos temas que dominam o Dasein. A notável idiossincrasia das narrações delirantes dos esquizofrênicos está correlacionada ao fato de que o "como" da narração, a representação linguística, pode ser extremamente sucinta e precisa – tão precisa que um leigo, em regra, dará crédito às declarações delirantes da paciente prontamente se elas não forem abstrusas demais -, enquanto o "o que", o conteúdo de suas narrativas, é em regra notavelmente impreciso, vago, ambíguo, até mesmo "aventuroso"<sup>135</sup>.

O que essa discrepância nos ensina? Ela nos ensina algo extramente importante para a compreensão do delírio de perseguição de nossa paciente, isto é, o fato de que a representação e o domínio linguísticos do tema do pavor desprendido da cena original e tornado autônomo e de sua comunicação não difere de nenhuma maneira daqueles da narrativa da própria cena original. Salta à vista que a linguagem da nossa paciente se torna ainda mais precisa quando passa a descrever o *mundo do pavor*. Logo no começo da narrativa de suas aventuras no primeiro hospital psiquiátrico, Suzanne Urban cai no *presente* (logo à primeira vista, *noto*; meu corpo todo *treme*, o médico *recebe, fala, responde, escuto, instalam, cai* uma armadilha, *grito* etc.), quando, até então, narrara somente no pretérito. O emprego do presente e a narrativa em discurso direto que agora ela passa a usar

---

<sup>133</sup>*La Relation Hallucinatoire. L'Evolution Psychiatrique* [A Relação Alucinatória. A Evolução Psiquiátrica], Fasc. II, 1949, resenhado muito bem e minuciosamente em PSYCHE IV, 6, 1950, pp. 145 ss. – todavia, eu concordo com Henry Ey quando, em uma observação referente à discussão (loc. cit. pp. 149-150.), diz que a concepção de Fretel só valeria para um grupo determinado de alucinações.

<sup>134</sup>N. do T.: Entre parênteses, nesse trecho, estão os termos usados por Sartre, em francês. *Raconter* significa "contar", "narrar".

<sup>135</sup>A discrepância notável entre "a simplicidade e a exatidão da linguagem" e "o elemento vago e frequentemente incompreensível" das "imagens que ele evoca" foi magistralmente apontada no estilo de Franz Kafka por H. S. Reiß. Cf. *Zwei Erzählungen Franz Kafkas* [Dois Contos de Franz Kafka] Trivium VIII, 3, pp. 218 ss.

frequentemente mostram que aquilo que aconteceu no hospital psiquiátrico reivindicou e impressionou a paciente com ainda mais imediatez e intensidade do que aquilo que aconteceu previamente<sup>136</sup>. Ela está agora tão submetida pelos acontecimentos aventureiros que ela abandona o estilo épico da "apresentação" ou da exibição do que se passou e cai no estilo dramático da "tensão", que "martela<sup>137</sup> e impele adiante" e cujo *páthos* "consome a individualidade" e cujo "lugar" é o *palco*<sup>138</sup>.

Aqui é necessário pensar mais uma vez o fato de que Suzanne Urban não menciona qualquer palavra a respeito da fase predominantemente *atmosférica*, a fase do *farejamento* do esquecimento do dever da parte dos enfermeiros, do entre ouvir das criadas, a fase do andar e rir inquietos e das conversas consigo mesma. Nessa fase, o tema *não* está ainda desprendido da situação mundana, contudo, é nela que *começa* a se autonomizar, isto é, o *perigo*<sup>139</sup> pavoroso e as tentativas desesperadas de se defender dele se transformam na atmosfera dos *riscos*, da resistência e do mal-querer do mundo compartilhado<sup>140</sup>. E exatamente essa fase decisiva é ignorada por Suzanne Urban em sua narrativa, enquanto a cena original recebe o tratamento que lhe é devido! Falar aqui de esquecimento ou recalque seria de uma visão limitada. Com certeza, se trata antes de uma fase que foi tão pouco *re-cordada*<sup>141</sup> que não pôde de nenhuma maneira ser esquecida ou recalcada. Por outro lado, não é possível que ela tenha passado por este Dasein "sem deixar pegadas", uma vez que conseguimos detectar com clareza suas "pegadas" no mundo do pavor. Sendo uma fase de simples "farejamento", de fato,

<sup>136</sup>Cf. Erwin Straus: "Vivemos no presente e compreendemos no perfeito [N. do T.: O perfeito (*Perfekt*) é uma outra maneira de expressar o passado em alemão, equivalente ao pretérito (*Präteritum*)]". *Vom Sinn der Sinne* [Do Sentido dos Sentidos]. p. 312.

<sup>137</sup>N. do T.: O verbo em alemão é *einhämmern*, literalmente, "cravar com um martelo", mas é usado idiomáticamente no sentido de "enfiar algo na cabeça de alguém" ou de "fazer algo ficar claro de maneira a não causar mal-entendidos".

<sup>138</sup>Cf. Emil Staiger, *Grundbegriffe der Poetik* [Conceitos Fundamentais da Poética], pp. 160 ss., 168-169, 179. Zürich, 1946.

<sup>139</sup>N. do T.: Em alemão, existe uma relação etimológica entre risco (*Gefährdung*) e perigo (*Gefahr*), que não é possível manter em português.

<sup>140</sup>Já aqui se repare que ao "laço interior" que "une" aquele perigo e este risco é o risco à própria existência que ascende do Dasein e por meio do medo "vazio" do Dasein!

<sup>141</sup>N. do T.: O verbo "recordar" em alemão é *erinnern*, que aqui o autor separa por um hífen (*er-innern*) destacando a raiz *inner-* (vinda do adjetivo *innere*, "interior") com itálico. Dessa maneira, *erinnern* estaria etimologicamente relacionado com um processo de interiorização, que aqui Binswanger deseja destacar. Em português, usei "recordar", que é formado pelo prefixo latino *re-* ("de volta") e *cord-* (raiz da palavra *cor*, *cordis*, "coração") e significa literalmente "colocar novamente no coração", sendo, portanto, similar ao termo alemão.

ela ainda não estava madura para a narração e para linguagem; dessa maneira, também não se tratava de uma fase *delirante* autêntica. Somente falei de delírio autêntico onde a "atmosfera" *velada* "da sinistridade" se *desvela* ou se manifesta no surgimento de inimigos secretos, onde o Dasein recupera na *linguagem* uma sustentação, um lar. Pois o mundo se "firma", como Heidegger mostrou, primeiramente na linguagem. Isso em nada muda o fato de que de que mesmo nesse intervalo delirante sejam recorrentes expressões como: "me sinto como se...", "eu tenho a sensação" ou "me sinto como se..." etc.. Pois mesmo nesse como-se o mundo já "mundifica".

Onde há mundo, aí também está<sup>142</sup> algum tipo de si-mesmo! Enquanto, na fase do farejamento, lidamos com um si-mesmo que *não* consegue *se expressar* diante de outros mas somente *conversar consigo mesmo*, na fase do delírio, encontramos um si-mesmo que sai de maneira excepcional em busca de narração épica e de descrição dramática, de lamento e de acusação<sup>143</sup>, e, *dessa maneira*, não pode ser de nenhuma maneira designado como puramente autista. Ele é agora um si-mesmo extremamente comunicativo e extremamente necessitado de comunicação, portanto, um membro do "nós" plural, do "nós" das relações e do trato do mundo compartilhado. Todavia também aqui seu "contato com o mundo compartilhado" não está de nenhuma maneira limitado à narração de suas aventuras, de suas tribulações e seus martírios, aos quais foi exposto por seus torturadores, mas sobretudo o si-mesmo ainda busca se defender deles (por meio de petições, acusações etc.), de maneira semelhante à qual tentou se defender por meio de consultas constantes etc. do perigo de morte em que o marido flutuava.

O elemento novo que, nesse delírio, vai de encontro à análise do Dasein é, para enfatizá-lo mais uma vez, a virada do Dasein a partir do modo do enclausuramento com seu tema do pavor mundano e das tentativas tirânicas, mas malogradas, de enclausurar nesse tema também o mundo compartilhado para o mundo do pavor que vem justamente do mundo compartilhado. A prisioneira do tema do pavor torna-se prisioneira do mundo do pavor. Em lugar de um si-mesmo *extravagante*, enclausurado no mundo próprio, não-comunicativo e *dominador* entra um si-mesmo completamente *abandonado à publicidade* e *escravizado* por ela. Agora essa entrega à publicidade é o elemento tormentoso, irritante, que "deixa" a

---

<sup>142</sup>N. do T.: Note-se o uso do verbo *dasein* ("estar aí", "estar presente", "existir") cuja forma substantivada é o termo técnico *Dasein*.

<sup>143</sup>N. do T.: As palavras alemãs para "lamento" e "acusação" (respectivamente, *Klage* e *Anklage*) têm morfologia aparentada, surgindo da raiz *klag-*, associada à ideia de "lamentar", "reclamar". Essa relação não pôde ser mantida na tradução.

paciente "frenética", o verdadeiro martírio. A época das conversas consigo mesma passou há muito.

As palavras de Suzanne Urban são "escutadas" e "anotadas" ou "estenografadas" (ela "ouve o ranger do papel com exatidão"), frases inteiras de suas cartas, mesmo os pensamentos dela são "repetidos". Ela própria é "fotografada" nua na banheira por meio de "máquinas de raios X" que estão instalados na parede ou no teto, com o objetivo de comprometê-la diante da publicidade. Os móveis do quarto estão "em contato com uma corrente subterrânea"; "fios subterrâneos" conectam todos os pavilhões, pois toda vez que se passava por eles, caía, segundo ela, "uma pequena armadilha". Mas também durante o sono e as aplicações de envoltórios ela "pressente" uma corrente elétrica, de modo que, ao invés de ela ficar quente, ela fica com "os membros completamente paralisados", "como se estivesse congelada". (Conhecemos essa paralisia dos membros do efeito pavoroso da ameaça de açoitamento por parte do pai e da atividade autoerótica, bem como do efeito pavoroso da mímica do urologista).

Quanto mais evidente é a sinistra entrega de Suzanne Urban à publicidade, mais os órgãos executores dela (aqui como em outros lugares) se subtraem a uma verificação exata. Todos procedem de maneira mais ou menos *secreta*<sup>144</sup>. Suzanne Urban está cercada de *espiões*, contudo ela não consegue vê-los e identificá-los; ela escuta "um apitar policial", mas não vê nenhum policial. Também o Dr. R., o "carrasco", o "demônio", mantém-se em segundo plano. Onde ela vê expressões faciais e observações irônicas, sarcásticas e derrisórias, as pessoas em questão não tem nenhum papel "pessoal", mas estão somente a serviço, são apenas órgãos executores da polícia e mesmo da publicidade. *Trata-se, portanto, em todos os aspectos, da forma social da sociedade, mas não da forma social da comunidade!* A despeito do sentimento de ódio para com o Dr. R. e, de algum modo, para com a "prostituta de rua" que entra temporariamente em seu lugar, Suzanne Urban, ao contrário do presidente do senado Schreber, não implica com uma pessoa determinada, ao redor da qual circula amor e ódio. Com a internação nos hospital psiquiátrico, não foi nem um "ele", nem um "ela" que armou, mas simplesmente "*armaram*"<sup>145</sup> uma "armadilha pavorosa" contra ela; pois não é um hospital, mas um "lazareto para

<sup>144</sup>N. do T.: Sobre "sinistro" (*unheimlich*) e "secreto" (*heimlich*), cf. notas 43 e 95.

<sup>145</sup>N. do T.: Em alemão, trata-se dos pronomes *er* ("ele"), *sie* ("ela") e *man*. O último pronome não tem tradução em português; trata-se de um sujeito indeterminado, que em português traduziríamos pela terceira pessoa do plural sem sujeito expresso ou pelo índice de indeterminação do sujeito "-se". Dessa maneira, *man hat den Hund gehört* poderia ser traduzido como "ouviram o cachorro" ou "ouviu-se o cachorro". Aqui optei pela primeira forma, que é mais versátil.

sifilíticos". Atraíram-na para esta armadilha com o objetivo de “comprometê-la” e esse ser comprometida, por sua vez, é um castigo porque “eu adorava irritar as pessoas e não ocultava nada, contrariamente ao que muitos fazem”. Todavia, ela “realmente não merecia a tal ponto” esse castigo, “era algo muito superficial”!

A última declaração é, portanto, da maior significância, pois mais uma vez aparece nela a ligação do tema do pavor com o tema do *castigo*. A amalgamação de ambos os temas emerge pela primeira vez quando Suzanne Urban expressa seu arrependimento por ter deixado sua casa em lugar de permanecer fiel a seu *dever* de ficar ao lado do marido gravemente doente, e o médico responde: “Mesmo um *criminoso* precisa ir ao hospital se ele está doente”. Ela precisa, portanto, admitir a culpa<sup>146</sup> de não ter cumprido até o fim seu dever para com o marido. Da segunda vez, agora, ela liga o castigo a seu comportamento agressivo em relação ao mundo compartilhado, a sua vontade de desafiar os outros (pelo que “ela tinha muitos inimigos”!) ao dizer-lhes abertamente sua opinião, ao adorar *irritá-los* com observações irônicas ou sarcásticas. Vemos, portanto, como não apenas o tema *pavor*, mas também o tema do *castigo* se desprende da situação original e do passado e se estende até o presente. Nisso se sobressai necessariamente um tipo de “partidas dobradas”<sup>147</sup>: o fato de esse *castigo* ser tão monstruoso, tão cruel acima de qualquer medida, aponta para a presença de um *profundo sentimento de culpa existencial*. Na *narrativa*, contudo, essa culpa é como que deslocada para um desvio inofensivo. Lidamos, portanto com duas “linguagens”, com uma linguagem do pavor e uma linguagem da verificação calma e da reflexão. Delírio e reflexão sóbria não se excluem mutuamente, mas aqui, como em outros lugares, eles caminham lado a lado.

E não é o bastante que Suzanne Urban esteja abandonada ao pavor e ao tormento da exibição e do comprometimento públicos, que seja publicamente sondada e exposta! Adicionam-se a esse tormento torturas corporais e psíquicas especiais e selecionadas. Onde o mundo se tornou um mundo do *pavor* e do *tormento*, o pavor e o tormento não têm fim, quase da mesma maneira do que onde ele se tornou um mundo da *tentação* (como, por exemplo, no caso de Santo Antônio<sup>148</sup>), a tentação não tem fim. O que diz respeito à análise do Dasein não é a

---

<sup>146</sup>N. do T.: Em alemão, o sentido é algo mais forte: “*sie muss dafür büßen...*” significa literalmente “ela precisa expiar por...”.

<sup>147</sup>N. do T.: Um sistema amplamente utilizado pela contabilidade, em que colocam lado a lado o débito contraído pela empresa e o crédito concedido por ela, que devem sempre estar em equilíbrio.

<sup>148</sup>N. do T.: Santo que viveu entre os séculos III e IV, famoso pela série de tentações sobrenaturais que teria sofrido em sua estadia no deserto.

enumeração ou a descrição das fantasias de tentação ou das torturas isoladas, mas a demonstração da *obsessão*<sup>149</sup> do Dasein pelo poder da *tentação* ou pelo poder do *tormento*<sup>150</sup>.

Agora arranham a *pele* da paciente para infectá-la com sífilis (com alusões maldosas a pretensas fantasias sexuais em Paris); as coberturas para os envoltórios têm um *odor* horrível; a água para os panos envoltórios está suja; ela *vê* saliva no leite e na banheira; *sente* um cheiro na comida, como o de um *narcótico* que a torna sonolenta. Durante o sono, *pressente*, como já foi mencionado, uma *corrente elétrica* que faz com que seus membros fiquem paralisados, como se estivesse congelada. "Mandam"<sup>151</sup> dois enormes corvos treinados sair voando da janela "como predição da desgraça"; um senhor tem um rosto tão cruel que seguramente ele é *um carrasco*. "Fazem" um *barulho* horrível para não deixá-la dormir; as portas fazem um *ruído* peculiar: "*um apitar policial*". A comida fica cada vez pior. "Batem"<sup>152</sup> de propósito os tapetes diante da janela dela tão *alto* porque, com certeza, ouviram o quanto ela odiava aquilo, "especialmente desde que meu marido ficou doente e queria sossego". (Aqui o tema original se projeta inalterado para dentro da fábula delirante). Suzanne Urban *ouve* dia e noite um uivo pavoroso, como o dos lobos. "Tossem" e "cospem"<sup>153</sup> alto diante da janela dela, ela vê grandes *facas de cozinha* que estão numa janela e grita alto ao ver algumas gotas de *sangue* sobre o chão<sup>154</sup> etc.

A essas torturas, que, de acordo com as próprias informações dela, apontam para um *fim* determinado, o "predizem", e que contêm um "tarde demais" irrevogável (em termos de uma virada na fortuna), juntam-se palautinamente, por meio de *sinais* e *alusões* secretos da parte do mundo compartilhado, torturas que apontam para o mesmo fim: a criada do hospital psiquiátrico está vestindo os aventais dela para "mostrar"-lhe que estão fazendo "revistas" (policiais) em seu quarto. As declarações de uma senhora de que se deveria deixar o gato "dar uma boa mastigada no pássaro", certos movimentos manuais e o ato de puxar o nariz,

<sup>149</sup>N. do T.: Note-se o sentido duplo de "obsessão", que também pode significar "possessão demoníaca". O termo alemão é *Besessenheit*, e é usado em ambos os sentidos com muito mais frequência do que seu correlato em língua portuguesa.

<sup>150</sup>O mesmo vale, como vimos, para o poder da vingança.

<sup>151</sup>N. do T.: No original, o autor coloca entre aspas o pronome *man* para enfatizar a impessoalidade da ação. Cf. nota 145.

<sup>152</sup>N. do T.: Cf. nota 145.

<sup>153</sup>N. do T.: Cf. nota 145.

<sup>154</sup>N. do T.: No original, essa informação não consta no "Relato".

tudo isso tem o mesmo sentido, que algumas vezes ela escuta expresso por palavras, o sentido: "a cabecinha precisa cair". A enfermeira puxa o colar e depois os olhos, o nariz, os lábios, as orelhas e range os dentes com tanta força que se vê o movimento do maxilar: todas alusões aos mártirios que esperam a ela e os seus. Ao fechar o punho, a enfermeira indica que os dentes estão sendo arrancados. Como na cena original, Suzanne Urban fica "completamente muda e paralisada" nesse momento. A cada noite a enfermeira assume uma "*pose plastique*" peculiar, na qual ela "*insinua*" com a mão a amputação do outro braço: "Eu gritei, quando vi isto". Depois de pensar como seria bom se quisessem decapitar ela própria (em lugar de seus familiares), no dia seguinte, ela vê "diante si" um menino que tem um sabre de brinquedo fazer o movimento da decapitação. Ao capinar a grama "*mostram*"<sup>155</sup> a foice *significativamente*: "Eu, contudo, entendi o *sentido da foice*". Durante a viagem, ela é "perseguida" pelo pessoal que trabalhava no trem e no navio e pelos "passageiros"<sup>156</sup> com *sinais* que ela conhece. No hospital, não somente a "*tratam*"<sup>157</sup> com ódio, mas também "*zombam*"<sup>158</sup> dela, até mesmo da doença do marido: "Câncer, câncer, pelo amor de Deus! Por que não lagosta?" (Aqui vem à luz mais uma vez o traço irônico-sarcástico no Dasein de Suzanne Urban!) "Falam o mais que podem sobre câncer". O médico responde com seu "sorriso *diabólico-sarcástico*", e a *martiriza* com suas falas sarcásticas e irônicas.

Ao mesmo tempo em que a psicopatologia, por causa de sua atitude sensual-intelectual, partiu das *percepções delirantes* isoladas e, além disso, falou a respeito de um "estabelecimento não ocasionado de referências" e imediatamente usou um "processo orgânico" para "esclarecê-lo", é necessário que compreendamos que a percepção não é nada "primário", mas já é um *resultado*, uma expressão da alteração de todo o modo de Dasein. Designamos esta alteração como a *obsessão*<sup>159</sup> do Dasein pelo *tema* ou sua *submissão* a ele, que foi alienado à situação mundana original e, conseqüentemente, à "experiência natural" e adentrou um modo de experiência completamente outro.

O mundo, de acordo com a extensa liberdade do Dasein, nunca é dominado por *um* ou *alguns temas*, nunca se limita a *uma* ou *algumas situações*, mas exhibe o

---

<sup>155</sup>N. do T.: As aspas estão no verbo "mostrar" (*zeigen*) e não no sujeito (*man*).

<sup>156</sup>N. do T.: No original, a palavra é *Publikum* ("público"), que também pode ser usado para significar "clientela".

<sup>157</sup>N. do T.: Cf. nota 145.

<sup>158</sup>N. do T.: Cf. nota 145.

<sup>159</sup>N. do T.: O termo alemão é *Besessensein*, "estar obcecado/possuído". Sobre a escolha de tradução, cf. nota 149.

*incessante* jogo recíproco da transcendência subjetiva e objetiva e, conseqüentemente, de situações e temas que são sempre novos. O Dasein, de acordo com seu estar-em-lançamento<sup>160</sup> permanente, é inerentemente *aberto ao mundo*<sup>161</sup>, e só se pode falar de um si-mesmo autêntico onde, nesta abertura ao mundo, ele se movimenta livremente e se prova constante, a despeito do lançamento de todo Dasein. Aqui, contudo, no modo do delírio, "o mundo" está *velado* ou *fechado* ao Dasein, *enclausurado* que está em seu tema e na *absolutização* dele. O que torna o "paciente que sofre de delírio" alheio a nós, o que o faz parecer alienado não são percepções ou ideias isoladas, mas o fato de seu enclausuramento em um *esboço de mundo* dominado por um único ou alguns poucos temas e, nesse sentido, enormemente *estreitado*. Voltaremos a esse estreitamento no capítulo "Espaço".

Com tudo isso, infelizmente ainda não estamos no fim; o tema do pavor e do tormento faz cada vez mais círculos *dentro* desse mundo tão estreitado.

No caso de Suzanne Urban, o mundo do tormento e do pavor não para na simples *publicização* de sua forma corpórea e de suas palavras, mais do que isso, a publicidade se apodera também de seus pensamentos. Além de seus próprios pensamentos, e eles entram cada vez mais em segundo plano, há os pensamentos que "*mandam-na pensar*"! Dessa maneira, a enfermeira a manda "pensar em lama" (o que não é mencionado no trecho da autodescrição), "*obrigam-na*"<sup>162</sup> a *pensar* (o sublinhado é dela mesma) que os familiares são cobertos com chumbo e piche. Ela gostaria de se jogar aos pés da mãe para confessar-lhe que a acusou tão terrivelmente "*em seus pensamentos*". O mais tormentoso de todos os tormentos é, na verdade, a obrigação, que parte de um *poder diabólico*, de *caluniar* seus familiares "*em pensamentos*" ou com palavras e, desse modo, de *fazer-se culpável* pelos martírios e pela decadência tormentosa deles, portanto, de ser uma *criminosa*, por assim dizer, uma criminosa a contragosto. Também aqui, a despeito de todos os motivos de Dasein mais profundos, ainda pode estar nesse jogo o fato de que ela, como sabemos, queria *envenenar* o marido. De qualquer maneira, esse pensamento sempre emerge novamente na autodescrição e ainda depois.

---

<sup>160</sup>N. do T.: *Im-Wurf-sein*, literalmente "estar-no-lançamento". Refere-se ao conceito heideggeriano de *Geworfenheit*, que abaixo traduzi por "lançamento". O termo descreve a arbitrariedade do Dasein, que, é "lançado" num mundo cujos elementos que não foram escolhidos por ele e com os quais ele têm que lidar.

<sup>161</sup>N. do T.: A palavra original é *weltoffen*, que traduzi literalmente por conta da implicações de sua etimologia. Normalmente é utilizada para significar "cosmopolita" ou alguém "de mente aberta".

<sup>162</sup>N. do T.: Cf. nota 145.



Somente com o "motivo" da própria *culpa* a fábula delirante completa-se de alguma maneira, todavia, muita coisa ainda fica na escuridão. Essa escuridão, por sua vez, está totalmente em oposição às formulações linguísticas e afirmações extremamente precisas e à paixão imperturbável pelo lamento e pela acusação<sup>163</sup>. Aquela escuridão, entretanto, não nos deve causar assombro, pois corresponde ao modo de ser do poder impalpável, sinistro e escuro, que aqui traz à tona todos os acontecimentos e dirige toda experiência. Esse poder "origina-se" da sinistridade e da escuridão do próprio Dasein. As "ideias de referência", as ilusões e as alucinações são apenas modos de perceber esse poder "alheio ao si-mesmo".

E, na verdade, a percepção de Suzanne Urban oscila entre pressentir, sentir e ver, ouvir e escutar sussurros e ter "pensamentos" forçados. Nisso, ora a própria paciente também é arrebatada para a desgraça comum, ora está fora dela e quer se matar. Primeiramente ela se acusa por não ter chamado a atenção do irmão para o fato de que "nossa vida está no fim" e que seria melhor, em lugar de sofrer todos os "tormentos e martírios", matarem a si mesmos. Aqui a presença da pluralização da personagem principal do tema original emerge do fato de que, seguindo-se a essa omissão, menciona-se imediatamente aquela omissão que ela cometeu ao pedir aos médicos veneno em lugar de administrar ao marido o arsênico que tinha em casa. Ela designa essa omissão como *Treppenwitz*<sup>165</sup>, mas prontamente emprega essa expressão no sentido da fábula delirante mais uma vez, pois está falando de um *Treppenwitz* "que custa a vida de tantas pessoas". Quem consegue ler a linguagem do delírio também vê aqui claramente como o tema original e o "tema em geral", o tormento e o martírio do marido pelos sofrimentos do câncer e o tormento e o martírio de toda a família pela ação do "poder diabólico" ("martirológio"), estão ligados um ao outro de maneira indissolúvel. Esse poder tem, como vimos, a peculiaridade de não *falar* como pessoas falam e de, no entanto, dar a saber coisas que se ouvem em frases claras e ganham expressão: "Eu sinto como me sussurram a seguinte frase". O frequente retorno desse sujeito indeterminado<sup>166</sup> não é aqui, bem como nos outros lugares, accidental. Esse sujeito indeterminado (as fofocas, a desconfiança e o julgamento *impalpáveis* e públicos, aos quais todo Dasein está exposto – pense-se novamente nos romances e contos

---

<sup>163</sup>N. do T.: Cf. nota 143.

<sup>164</sup>A respeito desta paixão pelo lamento, cf. mais uma vez W. Szilasi (loc. cit. p. 95): "O lamento tem sua origem no lamento sobre si mesmo, sobre toda a sinistridade daquilo que tem o poder de dispor da alma."

<sup>165</sup>N. do T.: Cf. nota 12.

<sup>166</sup>N. do T.: *Man*, em itálico. Cf. nota 145.

de Franz Kafka) já é em si um poder sinistro<sup>167</sup> e, nessa medida, especialmente apropriado para entrar a serviço do sinistro exatamente lá onde o Dasein se *secludira*<sup>168</sup> hermeticamente do poder sinistro da publicidade! Mais uma vez, aqui se sobressai a clara visão geral, a catalogação (em primeiro, segundo, terceiro lugar) dos acontecimentos sinistros.

A frase que Suzanne Urban sente que lhe sussuram refere-se "em primeiro lugar" à mãe: "Minha mãe é uma l.[ladra] velha, roubou prata". Segue-se a ardente defesa da mãe, esta "santa, diante de quem só se podia cair de joelhos", desta "vítima completamente, totalmente inocente". "Eu teria considerado louco quem me dissesse ainda no ano passado que eu seria a assassina de minha mãe e que eu tenho tal desconfiança dela." – "Então eu escuto, em segundo lugar, que meu pai cometeu apropriação indébita." (Segue-se mais uma vez uma defesa.) "Então, em terceiro lugar, eu falo *em pensamentos* (sublinhado dela) sobre meu marido *faux monnayeur*<sup>169</sup>". Segue-se mais uma vez uma longa defesa que diz que nem ela, nem o marido haviam visto alguma vez uma forja (para falsificação de dinheiro). Contudo, isto não basta ao partido contrário; pois "a voz" pergunta-lhe: "como", "onde?" , ao que Suzanne Urban responde "no porão"<sup>170</sup>. Ela também se defende minuciosamente frente a essa "mentira horrível" recente. Essa acusação ao marido repetida indica que a atitude para com ele é particularmente ambivalente. Ao mesmo tempo, essa passagem mostra-nos que Suzanne Urban não está "dividida" em dois "partidos", mas que estamos lidando com três instâncias: em primeiro lugar, com a "voz" *inquisidora*, em segundo, com um poder caluniador dos pensamentos e das palavras que lhe é imposto e, em terceiro, com uma instância suprapartidária que reflete o jogo de perguntas e respostas, se opõe a ela e é aceita como destino pela "voz", mas "corrige" as respostas como sendo impostas ou arrancadas. Aí vemos que o Dasein ainda consegue resistir à publicização dos "pensamentos" ou, ao menos, ainda consegue encará-la de frente se ela estiver em extrema contradição com o si-mesmo. No entanto, é claro que as acusações caluniadoras surgem a partir do próprio Dasein. Mas isso não é o bastante. A respeito de seu irmão mais velho, diz "em pensamentos" que ele não manteve os livros suficientemente em ordem; de seu irmão mais jovem, que já estaria sob

<sup>167</sup>O poder dos "olhos" e das "mãos" da "opinião pública" também ganha expressão com muita força na *Brief an einen Unbekannte* [Carta a uma Desconhecida] de R. J. Humm, *Weltwoche-Almanach* [Almanaque Internacional Semanal] 1944.

<sup>168</sup>N. do T.: O verbo no original é *abschließen*, cf. nota 86.

<sup>169</sup>Em Kreuzlingen, ela sempre ouve o martelar de uma forja "nos ouvidos", que indica que ali mora a mulher do falsificador de dinheiro!

<sup>170</sup>N. do T: Essa informação não consta no "Relato".

observação policial; de seu sobrinho mais velho, que o trabalho que ele fez para o concurso não seria *dele* e que não está inteiramente quite com seus impostos; do segundo sobrinho, que é um bandido; do mais novo, que é um pederasta; diz que todos são socialistas, anarquistas etc. – "portanto, mentiras evidentes, mentiras que os coitados sofrem da minha parte agora, como mártires pavorosos, na lama, com os narizes, orelhas, lábios, mãos, pés e órgãos genitais cortados fora, dentes quebrados etc.". Também aqui vemos como o tema original, o sofrimento tormentoso do marido, *seus martírios*, se estendeu para o tema do *martirologio*, da decadência de toda a família por meio do martírio. Por fim, são 14 pessoas, nas quais estão inclusos o mordomo e uma família amiga, de quem ela se sente a "assassina". Por causa disso, diz que devem decapitá-la ou e que quer se afogar, "embora uma morte assim não seja nada em comparação com os tormentos por que os outros têm que passar". Se alguém designar todos esses pensamentos como ideias delirantes, declara ela energeticamente: "Não são ideias delirantes, são ideias verdadeiras". (Enquanto isso, Suzanne Urban faz de novo um relato completamente objetivo sobre o novo medicamento que foi inventado contra o câncer em Munique e que seu irmão buscará.) Antes da partida para a Suíça ela nota no olhar do médico "a expressão: Ah, criminoso". Ela própria fica assombrada quanto ao quão friamente ela se despediu da mãe, em lugar jogar-se a seus pés e *confessar-lhe* que, em meus pensamentos, ela a acusou tão terrivelmente e que se tornou sua assassina.

#### e) A persistência da fábula delirante

##### Fábula delirante e cena original

##### A estadia em Kreuzlingen

(16/7/19... até 14/9 do ano seguinte)

Agora está no primeiro plano, independentemente da visão, audição e sentimento constantes dos martírios dos familiares, a questão de como "eles teriam conseguido" obrigá-la a pensar "coisas falsas". Ora ela tem em mente uma *anestesia*, ora uma *voz terrível*, ora um *poder diabólico*. Em oposição às informações dadas na autodescrição, ela diz que não pronunciou as calúnias e que também não as fez em pensamento, mas que apenas fez hm-hm, o que então "foi assim interpretado" pelos outros. Agora não é sempre a polícia que leva seus familiares à ruína, mas pessoas que querem enriquecer por meio da decadência dos seus. Entre essas

peçoas, mais uma vez a enfermeira do primeiro hospital psiquiátrico, na qual ela vê uma amante do irmão, figura como principal culpada. A partir da apresentação que fizemos, já deve ter se tornado claro o quanto a oscilação de todas essas declarações da paciente é de significação secundária para a compreensão daseinanalítica do delírio.

Ainda duas declarações de Suzanne Urban são de especial interesse. Uma é a alegação de que ela mesma tem câncer. Isso aponta mais uma vez que o tema se desprende da situação original. Esse desprendimento e o novo modo de experiência que o acompanha são a *condição de possibilidade* daquilo que, em um caso assim, costumamos designar como "*indentificação com o marido*". A outra declaração liga-se à observação anterior de Suzanne Urban a respeito de sua própria culpa e do castigo que mereceria, na qual ela ressaltou que o castigo de nenhuma maneira devia ser *tão* pesado. Agora ela afirma o mesmo em relação a seus familiares: "Ainda que eles tivessem merecido um castigo, ele não deveria ser *tão* cruel!" Em ambas as declarações, mostram-se mais uma vez as "partidas dobradas", usando a expressão daseinanalítica: a oscilação do Dasein entre dois esboços de mundo e dois modos de experiência, entre aquele do delírio e o da reflexão "natural" sobre a ocorrência deliroide.

Além disso, deve-se ressaltar que a intenção de matar o marido com veneno (arsênico) agora é colocada como a causa de sua internação no primeiro hospital psiquiátrico, bem como devemos ter em vista o fato de que as declarações a respeito da situação original e as sobre a tragédia familiar se tornam cada vez mais parecidas: "*Cada novo dia prolonga o tormento dos coitados*"... "*Que dores devem ser estas sem morfina?*"... "*É terrível fazê-los suportar estes sofrimentos até a morte, a morte será sua libertação*" etc. Precisamos somente transformar o plural em singular em cada um dos casos, de modo que imediatamente a primeira e a terceira frase passarão a se aplicar ao tema original.

Enquanto a fábula delirante em si e por si<sup>171</sup> permanece "estacionária" na ocasião da estadia na segunda clínica, aqui se mostra uma alteração significativa em relação à autodescrição feita durante a estadia na primeira clínica, tanto do ponto de vista daseinanalítico quanto do clínico: a paciente agora inflige a si mesma os martírios a que os familiares estão expostos. Estamos diante do importante fato de que, além e, pouco a pouco, até mesmo em lugar da mundanização deliroide do tema, de seu deslocamento para o mundo

<sup>171</sup>N. do T.: "Em si" traduz *an sich*, que, como em português, traz a ideia de "inerência", "intrinsecidade", como na frase "*die Liebe an sich*", "o amor em si". *Für sich*, também como a expressão portuguesa "por si", significa "em separado", como em "*jeder für sich*" ("cada um por si").

compartilhado, surge a *atividade* do tema no *próprio corpo*: se antes Suzanne Urban acreditava que a enfermeira e os médicos a *arranhavam* para injetar sífilis na pele arranhada, agora ela mesma arranha "o próprio corpo" incessantemente, como consta no histórico da doença. Isso vale também para sua crescente tendência à autoaniquilação. No entanto, o fato que aqui temos em vista ganha o máximo de clareza no terreno do erotismo: enquanto a exposição pública, o fotografarem-na nua no banho "com o objetivo de comprometê-la" "deixavam" a paciente "frenética" e, portanto, a exibição pública de seu corpo mostrava uma face dupla, isto é, de um lado, a face do deslocamento do tema erótico para o mundo compartilhado, de outro, a de um pronunciado sentimento de *pudor*, ou melhor, de *vergonha*<sup>172</sup> quanto a esse mundo compartilhado, agora a paciente se *masturba*, segundo o que está dito no histórico da doença, "*despudoradamente*" diante dos olhos da enfermeira. Isso significa uma irrupção do tema erótico em sua forma original, em sua atividade no *próprio corpo*. O mundo compartilhado, que normalmente tem o papel principal no delírio, aqui afunda em direção à completa insignificância. O Dasein retorna à vida no próprio corpo e ao gozo do próprio corpo, agora não mais na seclusão do mundo compartilhado, mas "diante dos olhos dele". Aqui precisamos mais uma vez lembrar da observação de Kierkegaard<sup>174</sup>, extremamente importante do ponto de vista daseinanalítico, segundo a qual "quanto mais a elasticidade ou a liberdade se consumir a serviço do fechamento (cuja forma mais extrema é o delírio, ref.), mais facilmente o segredo se desprende do homem por fim". A esfera secreta da corporeidade, que havia se tornado um "segredo público" no delírio, agora não configura mais um segredo, pois o pré-requisito de qualquer segredo, o "contato com o mundo compartilhado", esvaesce cada vez mais.

Com tudo isso, colocamos sob a iluminação daseinanalítica o que chamamos em linguagem clínica de "decréscimo" ou "desconstrução" da personalidade.

---

<sup>172</sup>N. do T.: Os termos traduzem respectivamente *Scham* e *Schande*, que poderiam ser ambos traduzidos por "vergonha". Contudo, *Scham* diz mais respeito ao sentimento de pudor, e *Schande* à desgraça pública, à infâmia.

<sup>173</sup>Cf., para essa distinção: *Der Fall Ellen West* [O Caso Ellen West] (Capítulo *Das Schamphänomen und das Schamproblem und der schizophrene Prozess* [O Fenômeno e o Problema do Pudor e o Processo Esquizofrênico]) e *Der Fall Jürg Zünd* [O Caso Jürg Zünd] (Capítulo *Scham und Schande* [Pudor e Vergonha]).

<sup>174</sup>*Der Begriff der Angst* [O Conceito de Angústia], p. 128. Cf. também pp. 122 ss. e pp. 126 ss., da mesma maneira, os *Stadien [auf des Lebens Weg* - Os Estados no Caminho da Vida] pp. 394 ss.

### III. ESPAÇO

#### a) O palco do pavor

A forma do Dasein a que demos o nome Suzanne Urban se põe diante de nós como que desenhada pelo poder do pavoroso. Esse poder mostrou-se em três formas, na forma do *pavor da cena original*, da *atmosfera pavorosa* e do *mundo do pavor* (do delírio). Mas isso não é o bastante! Ainda tivemos informações a respeito de uma forma prévia do poder do pavoroso, uma forma prévia na medida em que ela só se deu a conhecer na defesa contra esse poder. Referimo-nos ao *cuidado hipocondríaco* com os pais, que se estendia até "as menores necessidades deles". Se traduzirmos essa expressão para a linguagem coloquial, ela ficará assim: "Seria terrível, pavoroso, se algo acontece com meus pais, portanto, preciso cuidar incansavelmente até dos mínimos detalhes para prevenir que isso ocorra"<sup>175</sup>. Esse "cuidado hipocondríaco" encontrou sua expressão mais extrema mais tarde, no culto de autossacrifício (conduzido até o colapso total) ao marido doente.

Se estamos falando do *poder* do pavoroso, então se trata (como já deve ter ficado claro) de um "poder originado" do próprio Dasein. Esse poder do Dasein consegue apenas exprimir sua supremacia, como Heidegger nos inculcou<sup>176</sup>, como uma entrega a algo, no sentido do *lançamento*. Se, para sermos breves, falamos de "poder do pavoroso", referimo-nos a ele sempre nesse sentido – daseinanalítico.

Lola Voß designava esse poder como "o terrível (insuportável, sinistro)", Jürg Zünd, como "o que há de mais sinistro", o "catastrófico" ou simplesmente o "aniquilador", Ellen West, como "o temeroso", o tormento (insuportável), a *coisa sem sentido*, o *espírito maligno*, os *poderes sinistros*, *incompreensíveis*, *hostis* etc. Por trás de todas essas expressões está o *medo do Dasein*, o *simples temor* do estado de entrega a algo supremo.

Mas também já estamos orientados a respeito da *espacialização* do Dasein sob o poder do pavoroso. Ellen West designava seu Dasein como uma *prisão*, uma *rede* e, sobretudo, um *palco*, cujas saídas estão ocupadas por homens armados "de

<sup>175</sup>Infelizmente não soubemos nada a respeito do efeito do suicídio "pavoroso" da irmã e da morte do pai sobre nossa paciente, mas isso não quer dizer de nenhuma maneira que ambos os eventos, especialmente o primeiro, não teve um poderoso efeito sobre ela.

<sup>176</sup>Cf. sua resenha sobre E. Cassirer. *Das mythische Denken* [von E. Cassirer - O pensamento mítico de E. Cassirer]. *Deutsche Literaturzeitung* [Periódico Alemão de Literatura] *Neue Folge* [Nova Série]. ano 5, caderno 21, 1928.

espadas sacadas", um símile de que ainda nos ocuparemos extensivamente. Jürg Zünd e Ilse vivenciam seu espaço de Dasein como *uma concentração em um ponto central*: "Eu estou no foco da crítica", "eu me torno o ponto central". Pressão e impacto, zombaria e derisão afetam "concentricamente" o ponto central. O "mundo" pressiona, como vimos, o corpo e a alma do Dasein<sup>177</sup>. O espaço do Dasein também aqui é o da *estreiteza* e da *proximidade aflitivas, ameaçadoras*. No caso de Lola Voß, esse "cerco" (Ellen West) se mostra especialmente drástico porque não somente o espaço próprio, mas também o espaço mundano está estreitado ou obstruído: é necessário que ela tenha a permissão do oráculo antes que possa dar sequer *um* passo para dentro do mundo.

Tudo isso está em plena concordância com os estudos seminais de nosso amigo Eugen Minkowski. A preocupação dos *nossos* estudos, contudo, era mostrar que não basta (como Eugen Minkowski tentou em seus próprios trabalhos<sup>178</sup> e, recentemente, também Merleau-Ponty<sup>179</sup>, dando sequência aos estudos de Minkowski) responsabilizar pelo delírio de perseguição somente o estreitamento do espaço vivido (*le rétrécissement de l'espace vécu*), a perda da livre movimentação (*la perte du sentiment d'aisance*<sup>180</sup>) e, sobretudo, "a deficiência da distância vivida ou da amplitude de vida". Nós nos atemos firmes à afirmação: "Aquilo que garante que o homem permaneça são frente ao delírio e à alucinação não é sua crítica, mas a estrutura de seu espaço"<sup>181</sup> e também nos atemos à ideia de que no fundamento do Dasein daquele que sofre de delírio de perseguição está uma estrutura espacial alterada em relação ao Dasein do homem são, "uma modificação da espacialidade original da existência"; no entanto, ainda era necessário um passo a mais (o passo *decisivo* para a compreensão do delírio de perseguição) e mostrar qual é o *poder do Dasein que torna possível* essa modificação da espacialização (e sobretudo a da temporalização). Esperamos ter dado esse passo com a demonstração da significação crucial do poder do pavoroso, terrível, sinistro e tormentoso *para* essa modificação.

---

<sup>177</sup>N. do T.: A expressão em alemão é *jemandem auf den Leib rücken*, que significa literalmente "aproximar-se do corpo de alguém". É usada para indicar a pressão ou incômodo que alguém exerce a outrem. Binswanger aqui estende o uso da expressão também para *Seele* ("alma").

<sup>178</sup>Cf. especialmente: *Les notions de distance vécue et d'ampleur de la vie* [As noções de distância vivida e de amplitude da vida]. *Journal de Psychologie* [Jornal de Psicologia] 1930 Nr. 9/10 e *Le Temps vécu* [O Tempo Vivido] II, Cap. VII.

<sup>179</sup>*La Phénoménologie de la Perception* [A Fenomenologia da Percepção]. Paris, Gallimard 1945.

<sup>180</sup>N. do T.: Literalmente, "perda do sentimento de fluência".

<sup>181</sup>Merleau-Ponty, loc. cit. p. 237.

A partir daqui, tentemos observar a espacialização do Dasein no caso Suzanne Urban. Se procurarmos por uma única expressão pra essa espacialização, a expressão *palco do pavor* se insinuará espontaneamente. Pois, a despeito do fato de que, como Emil Steiger mostrou (cf. nota 138), o lugar da tensão dramática é o *palco* (“concentrante”), também dispomos de um *símile* em que essa tensão chega à máxima cenicidade; referimo-nos ao *símile do palco* de Ellen West, que já foi mencionado. Esse *símile* atinge aquilo por que o poeta dramático anseia e que se realiza no delírio: a mais alta visibilidade possível, a evidência aos sentidos da tensão dramática, sua representação como *ação* que se posta diante dos olhos, cai nos ouvidos e pressiona o corpo<sup>182</sup>.

O primeiro palco do pavor que encontramos no caso Suzanne Urban é o ambulatório do urologista. Aqui não se trata nem de um *símile*, nem de delírio, mas a uma *situação* mundana pavorosa, de um *recorte* (“estreito”) do mundo tomado pelo pavor. Mas também aqui não podemos perder de vista a indivisibilidade de Dasein e mundo, de Dasein e situação mundana. A expressão *palco* também é completamente adequada a essa indivisibilidade. Aquilo que primeiro torna o ambulatório do urologista (no sentido de um simples contexto de referências, de um todo atributivo em termos de exame médico, tortura médica e tortura sofrida pelo paciente) o *palco do pavor* é também aqui aquele *Dasein* a que tudo isso *vai de encontro* (se não no campo de visão, no de audição). Na expressão “palco do pavor” coincidem a situação mundana (na qualidade de pavorosa) e o Dasein (na qualidade de apavorado); um não é *possível* sem o outro. O mesmo vale quanto à *dimensão* do pavoroso. Vimos por que era necessário que exatamente *essa* situação assumisse *tal* extensão para *esse* Dasein. - Em Paris, o palco, no sentido da cena original, se estende, mas permanece como palco, sobre o qual o tema da cena original, do pavoroso-mortal, continua atuando. No primeiro hospital psiquiátrico, como vimos, essa “peça” atinge seu clímax dramático. O espaço do Dasein não é mais apenas atmosfericamente modulado pelo pavoroso, mas também é “sistematicamente” *orientado* por ele. Agora não há nada mais e nada mais acontece que não poderia ter seu “lugar” no palco do pavor. Nesse momento, o palco do pavor se torna um *mundo do pavor*. A supremacia do poder do pavoroso e a entrega a ela é a condição de possibilidade para que haja, como já foi dito, um “*mundo sem acaso*”<sup>183</sup> e que toda e cada coisa esteja aproximada (“*rapproché*”<sup>184</sup>) do próprio si-

---

<sup>182</sup>N. do T.: Cf. nota 177.

<sup>183</sup>“A extensão primordial da noção do acaso na vida” (normal) e “sua ausência” no delírio de perseguição já foi ressaltado em 1923 por E. Minkowski em uma trabalho comum com Rogues de Fursac (Encéphale 1923). Cf., todavia, sobretudo *Les notions de distance vécue* [As Noções de



mesmo e, com isso, umas das outras, no que se refere ao significado da perdição<sup>185</sup>. De fato, nesse *mundo* do pavor, no *delírio* de perseguição, todas as coisas não estão apenas em *contato* com o si-mesmo, mas também em contato entre si, partindo do contato elétrico, passando pelo contato de significado e chegando ao contato do perseguidor com o perseguido. Esse “contato” diz igualmente respeito, como vimos, ao contato ótico, acústico, tátil e mental. Não há nada junto a Suzanne Urban e dela, ou nada “nela” que não estaria inserido no contato com os outros. Esse contato não é mais uma comunicação no sentido da comunidade (quem dirá uma *communio*<sup>186</sup> amorosa), mas um contato *mecanicizado* e *materalizado* estreitado em uma única significância<sup>187</sup>. Mesmo os pensamentos são “coisas” que são como que tiradas de um recipiente e inseridas nele. Nisso se mostra os monstruosos empobrecimento e nivelamento do ser-no-mundo na qualidade de delírio de perseguição.

A consequência disso tudo é que o mundo estreitado em forma de palco do delírio é um mundo sinistro, *marionético*, já sendo sinistro pelo fato de os “manipuladores” estarem completamente nos bastidores. Essa consciência de ser uma simples marionete nas mãos de manipuladores desconhecidos está relacionada, como vimos, ao que há de mais pavoroso nos pavores, especialmente porque Suzanne Urban, como tal marionete, também é *forçada* a falar ou a pensar as calúnias com que leva sua família à ruína.

Também o predomínio da *tecnologia* e do maquinário tecnológico está correlacionado à redução do mundo desse delírio a um simples mundo do contato. Toda a tecnologia aqui se torna “tecnologia de palco”, i. e., com suas máquinas, ela serve meramente à realização de certa *intenção*, que aqui é a intenção do comprometimento, da zombaria, do martírio, da aniquilação.

---

Distância Vivida] loc. cit., além disso, Merleau-Ponty loc. cit. (p. 331): “O estreitamento do espaço vivido, que não deixa mais ao doente nenhuma margem e nem dá ao acaso algum papel”.

<sup>184</sup>N. do T.: Termo em francês que tem o mesmo significado daquele que o precede.

<sup>185</sup>N. do T.: Trata-se de um jogo com a expressão *Heilsbedeutung* (“significado salvífico”), usada no cristianismo para designar o papel de certos atos na salvação do indivíduo, como em “o significado salvífico do sofrimento”. Para formar a palavra, Binswanger utiliza aqui o oposto de *Heil* (“salvação”), *Unheil* (“desgraça”, “perdição”).

<sup>186</sup>N. do T.: “Comunhão” em latim.

<sup>187</sup>Encontramos novamente essa redução à *mecânica*, à pressão, ao impacto e ao simples *movimento* no delírio de perseguição, “pronunciada” de maneira especialmente clara no delírio de perseguição de Rousseau (cf. abaixo).

Agora, no que concerne aos “manipuladores” desconhecidos e sinistros desse mundo marionético, encontramos aqui, como em outros casos, certa escala. Os mais baixos ramos dessa escala são assumidos pela “polícia” (apenas em raras excessões por um grupo de concorrentes nos negócios). Aqui nos encontramos, portanto, como no que se refere à tecnologia altamente desenvolvida, em meio à forma puramente *social* do ser compartilhado, das *relações* ou do *trato* com os companheiros, do pegar ou ser-pegado “por alguma parte”<sup>188</sup>. Já conhecemos da “experiência natural” o papel da polícia como um poder sinistro-anônimo. É preciso ler somente *O Processo* de Kafka para ter uma ideia do tipo, da dimensão e do efeito desse poder. Além da polícia, agora entram em ação também seus companheiros, seja a mando dela, seja por conta própria. Aqui está em primeiro plano o médico encaminhador (“o carrasco”), os enfermeiros, os outros pacientes, os companheiros de viagem etc. Também eles são órgãos executores do pavoroso, da calúnia, da zombaria, da desforra, das alusões, da vingança, do desprezo, da desconfiança e da suspeita, da inveja da concorrência etc. Em todos os casos, trata-se, como podemos ver, das formas do pegar ou ser pego por algo relacionados ao mundo compartilhado, no sentido da *impressionabilidade*.

Acima desses “ramos” dos órgãos executores do pavoroso e, especialmente, acima da polícia, encontramos – como contratantes – o partido (antissocialista), o exército de ocupação (da primeira Guerra Mundial) ou mesmo o Estado. E sobre tudo isso está simplesmente o poder diabólico do pavoroso, que ora é apenas pressentido, ora é ouvido como uma “voz” terrível. Todavia, no que diz respeito à “anestesia” sob cuja compulsão, às vezes, a paciente acredita estar agindo ou pensando, ela passa manifestamente a ser mais aplicada pelos órgãos executores do que pelo próprio poder diabólico. Apesar de ele assumir uma voz, não se chega manifestamente à personificação propriamente dita do poder do pavoroso na forma de um diabo ou um demônio, como muitas vezes podemos constatar em outros casos. Em todo caso, também não ouvimos dizer nada sobre *visões* diabólicas.

Por fim, observamos que a designação da espacialização de mundo de nossa paciente, e às vezes do mundo delirante, como *palco* encontra analogia em antiquíssimas concepções do mundo como palco, que remontam ao mito da caverna de Platão. Pense-se apenas no teatro do mundo de Calderón, Quevedo e Hofmannsthal. Também aqui o mundo, todo o universo, é visto como “peça”, atrás ou sobre a qual está um poder cósmico, divino ou infernal, que conduz todos os

---

<sup>188</sup>N. do T.: Cf. nota 34.

acontecimentos nela<sup>189</sup>, e, com ela estão “entrelaçados” todos os destinos humanos. Mas o que aqui se origina da tradição e da crença religiosa, no delírio, origina-se da redução do Dasein à simples “receptividade”, em termos do *medo*. De todo modo, também aqui o delírio não encontra ou inventa nada completamente novo ou singular.

Depois de tudo isso, não se deve aproximar da caracterização do mundo delirante como *palco* nada que lembre um “simples jogo” e, ainda mais, o “lúdico”<sup>190</sup>! Para os pacientes, o que atua nesse palco é, exatamente como o presente caso mostra, a “crua realidade”<sup>191</sup>. Por mais que o modo da espacialização (e da temporalização) do Dasein esteja “reduzido”, o Dasein ainda pode esboçar um mundo *como se fosse real*. Essa realidade é aqui, como em outros lugares, uma “criação espiritual” (para falarmos com Hofmannsthal)<sup>192</sup>. Aqui e em outra parte, é necessário que nos apropriemos “do maior de todos os avanços do pensamento”, “experenciemos o real como uma possibilidade”<sup>193</sup> e, assim, como novamente Hofmannsthal nos diz<sup>194</sup>, cheguemos a um “novo acordo a respeito do conceito de real”.

Acreditamos que só nos aproximaremos da compreensão da realidade do palco do delírio de fato se virmos no “real” apenas *uma* possibilidade (entre outras). Partindo desse ponto de vista, nos adiantamos agora ao exame das relações entre o símile do palco de Ellen West e o palco do delírio de Suzanne Urban. Somos da opinião de que essas relações podem nos ajudar extamente na compreensão do caráter de realidade da vivência delirante. Mas também, a despeito do símile do palco em si, encontramos declarações de Ellen West que exibem a teatralidade de sua vivência da maneira mais clara possível: “Cada

---

<sup>189</sup>Cf. Karl Voßler, *Zeit- und Raumordnungen der Bühnendichtung* [Ordenações do Tempo e do Espaço na Poesia Dramática]. Corona 1931 e Ernst Robert Curtius, *Kritische Essays zur europäischen Literatur* [Ensaio Crítico sobre Literatura Europeia]. pp. 190-191, Bern 1950.

<sup>190</sup>N. do T.: Em alemão, *Spiel* pode significar tanto “jogo”, “brincadeira”, quanto “peça”. “Lúdico” aqui traduz o termo *spielerisch*. Essa relação entre as palavras é impossível de manter em português.

<sup>191</sup>N. do T.: A expressão no original é “*blutige Wirklichkeit*”, “realidade sangrenta”.

<sup>192</sup>*Die Beziehung der Sphären* [A Relação das Esferas]. Berlin 1931. p. 257. Mas cf. também *ibid.* p. 229: “A realidade consiste não somente de coisas concretas, do que é palpável com exatidão: da mesma maneira, vivemos em um mundo de mistérios e de *vivacidades completamente impalpáveis e onicausais*” (itálico meu).

<sup>193</sup>Cf. Szilasi: *Die Erfahrungsgrundlagen der Daseinsanalyse Binswangers* [As Bases Experienciais da Análise do Dasein de Binswanger]. *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. vol. 67, p. 79.

<sup>194</sup>*Ibid.* p. 247.

refeição é um *teatro interno*.” “Sinto-me completamente passiva como a cena em que dois poderes inimigos se dilaceram” e “a que eu preciso assistir completamente indefesa”<sup>195</sup>. Também essas declarações mostram que deve haver relações próximas entre a forma do Dasein de Ellen West e a do delírio de perseguição de Suzanne Urban. Contudo, em primeiro lugar, precisamos ter em vista que também na base do símile de Ellen West estava uma “realidade” “crua”, isto é, que conduziu ao suicídio!

## b) O símile do palco de Ellen West e o palco do delírio de Suzanne Urban

Antes de começarmos nossa tarefa, precisamos ter claro em nossa mente que também os símiles são modos da transcendência, que símiles são a *linguagem* da transcendência<sup>196</sup>. Portanto não podemos ver no símile do palco de Ellen West apenas uma metáfora em termos de psicologia e poética, apenas “uma imagem que serve à ilustração de algo”, mas, em primeiro lugar, uma expressão linguística imediata para o modo de seu ser-no-mundo. Reproduziremos o símile palavra por palavra:

*“Estou rodeada por inimigos. Para qualquer lugar que eu me vire, há um homem com a espada sacada. Como no palco: a pobre criatura se lança em direção à saída; alto! Alguém armado se coloca em sua frente. Ela se lança para a segunda, a terceira saída. Tudo em vão. Ela está cercada, não consegue mais sair dali. Desesperada, sucumbe. Comigo acontece a mesma coisa: estou presa e não consigo sair.”*

Nesse símile, o ser-no-mundo se expressa na qualidade de um estado de rodeamento, cercamento ou prisão em um espaço do Dasein estreito e limitado que não permite qualquer escapada ou partida <sup>197</sup>(“saída”). Foram postos ao Dasein *limites* intransponíveis. Ele se encontra, como a própria Ellen West diz certa vez, “desprovido de sua liberdade”. Quem o desproveu de sua liberdade permanece indeterminado tanto no símile quanto no delírio de perseguição. São *anônimos*,

<sup>195</sup>p. 86 e p. 90.

<sup>196</sup>Cf. W. Szilasi, *Macht und Ohnmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito] p. 189.

<sup>197</sup>N. do T.: Em alemão, existe uma relação entre as palavras “escapada” (*Ausbrechen*, cf. nota 99) e “partida” (*Aufbrechen*), que somente têm um prefixo diferente. A raiz verbal *brech-* está relacionada à ideia de “romper”, “quebrar”.

*armados* por um poder anônimo, os quais obstruem todas as saídas do palco com espadas sacadas<sup>198</sup>.

O que torna esse símile tão valioso para a compreensão do delírio de perseguição é, em primeiro lugar, o fato de que o afligimento, a ameaça e o cerco do espaço do Dasein pela supremacia de poderes hostis do mundo *próprio* (pelo medo incontível de se tornar gorda, por um lado, por outro, pela incontível voracidade animal) ganham expressão no cerco pelo *mundo compartilhado*! Daí depreendemos que a esfera mundana em que o estado de prisão e a perseguição sofrida atuam é secundária daseinanaliticamente e vemos que, em si, o fato do estreitamento opressivo do Dasein tem o papel crucial. Designamos esse *fato* como uma submissão ou uma entrega aos *poderes* supremos do Dasein, em que combatê-los permanece o único *sentido* do Dasein.

Além de tudo isso, deve-se agora observar que *todo* Dasein em sua condição finita, i. e., lançada, têm seus limites. Isso quer dizer apenas que o Dasein, todo Dasein, não é senhor de si mesmo e do mundo, mas está limitado nos limites de seu estado de lançamento<sup>199</sup>. O Dasein não é capaz de “pular a própria sombra”<sup>200</sup> enquanto ele *for*. Mesmo a resolução de morrer não é o tal pulo sobre a própria sombra, mas um pulo *para fora* do Dasein em direção ao *Nicht-da-sein*<sup>201</sup>. O Dasein, como Heidegger mostrou tão claramente, não colocou seu próprio *chão*, podendo apenas *tomá-lo como* se fosse seu. É somente nessa medida que ele é *livre*. Mas é exatamente nessa liberdade que foram colocados limites para ele (na qualidade de Dasein finito) e seus esboços de mundo são e permanecem, por assim dizer, esboços de palco. Mas, se, em outros casos, “o palco” tem limites plenamente móveis, passíveis de contínua expansão e, em certo grau, até mesmo ultrapassáveis, o Dasein que adentrou o símile do palco de Ellen West está de uma vez por todas *cercado* por cortinas que não podem ser deslocadas, por inimigos insuperáveis. De fato, no símile, o Dasein consegue dar a esse cercamento expressão com discernimento e visão do todo, mas *não* consegue *mais se livrar dele*. Ele permanece *preso*. Isso é a dor, o pavor, o desespero desse Dasein. Nesse

---

<sup>198</sup>Fazemos mais uma vez menção à proibição de ir e de sair de Lola Voß.

<sup>199</sup>N. do T.: “Lançado” e “estado de lançamento” traduzem respectivamente *geworfen* e *Geworfensein*, que estão relacionados ao conceito já mencionado de *Geworfenheit*, cf. nota 160.

<sup>200</sup>N. do T.: Tradução literal do alemão “*über seinen eigenen Schatten springen*”. Significa “vencer as próprias inclinações”, “agir contrariamente à própria natureza”, como em “*man kann nicht über seinen eigenen Schatten springen*”, isto é, ninguém age contra os próprios hábitos.

<sup>201</sup>N. do T.: Além da negação de Dasein, trata-se da substantivação da expressão “*nicht da sein*”, isto é, “não estar presente”, “não existir”.

desespero não entra nem uma luz do alto, nem uma ajuda de fora, nem uma que venha do próprio Dasein, chamada resignação. Entretanto é sobretudo no *delírio* que tudo isso acontece.

Se deixarmos o símile do palco de Ellen West e voltarmos nosso olhar para o palco do pavor de Suzanne Urban, veremos que este delírio só dá continuidade ao que aquele símile começou. No delírio, o estreitamento do palco do Dasein apenas vai adiante. Agora os inimigos não estão ocupando as saídas do palco, mas literalmente pressionam “o corpo” e “a alma” do Dasein<sup>202</sup>. Enquanto, no símile do palco, os homens armados apenas impedem o Dasein de escapar do palco, mas o entregam a seu próprio desespero<sup>203</sup>, aqui eles se apoderam não somente do corpo da vítima, mas também de seus pensamentos. Aquilo que descrevemos como ser pego “pela orelha” ou pelo colarinho (em uma palavra, como *impressionabilidade* – corpórea) celebra verdadeiras orgias no palco do pavor do delírio. O Dasein está aqui de tal maneira submetido ao poder sinistro do pavoroso que ele não consegue mais (como consegue Ellen West) olhá-lo diretamente nos olhos (e muito menos combatê-lo *diretamente*). O Dasein está *completamente* preso na simples *receptividade* (e na forma da *impressionabilidade do mundo compartilhado*), ele não consegue mais “escapar”<sup>204</sup> desse enviesamento ou distanciar-se dele<sup>205</sup>. Pois distância significa poder contemplar, verificar, comparar, estabelecer limites. Uma vez que essa distância – cuja governança no Dasein chamamos de espírito – não seja mais possível, uma vez que, com outras palavras, a *koinonía*, a estrutura total das possibilidades de ser do Dasein humano não seja mais possível, o Dasein perde, como já ressaltamos anteriormente, a medida, seu limite, seu “*péras*”<sup>206</sup> e a desmedida, o ilimitado, o *ápeiron*<sup>207</sup>, ergue a cabeça. Isso não pode de nenhuma maneira ser compreendido somente por meio da ética. Onde toda medida está ausente, as possibilidades de ser que não adentraram a *koinonía* crescem em

---

<sup>202</sup>N. do T.: Cf. nota 177.

<sup>203</sup>Em relação a isso, os homens armados do símile estão no mesmo plano que os funcionários que entreouvem as conversas e negligenciam seu dever na fase da atmosferização do mundo que precede o delírio.

<sup>204</sup>N. do T.: Em alemão, *ausbrechen*. Cf. nota 99.

<sup>205</sup>Com relação a isso, cf. mais uma vez W. Szilasi, *Macht und Ohmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito], especialmente A, b) *Die Befangenheit der Seele und die Distanz* [O Enviesamento da Alma e a Distância] pp. 37-55 e *Empfänglichkeit und Annahme* [Receptividade e Aceitação], pp. 65-76. Além disso, meu “*Grundformen*” [Formas Fundamentais] loc. cit.

<sup>206</sup>N. do T.: “Limite” em grego.

<sup>207</sup>N. do T.: Palavra grega formada a partir de *péras* (“limite”) e o prefixo de privação *a-*, significando, portanto, “sem limites”, “infinito”.

direção<sup>208</sup> ao desmedido e ao ilimitado, elas inundam e submetem o Dasein ao invés de “servi-lo”.

Uma vez que a possibilidade de ser da impressionabilidade se autonomize completamente e, com isso, se torne desmedida e ilimitada, e, conseqüentemente, o Dasein se limite ao recebimento de “*impressões*”, fala-se de *alucinação*. Se essa receptividade estiver sob a supremacia do pavoroso e obtiver instruções dele, trata-se necessariamente de alucinações “pavorosas”. O mesmo vale para os “pensamentos”. Também eles estão sob o ditado do pavoroso, do temeroso, do nefasto, também eles são necessariamente *agourentos* e *nefastos*<sup>209</sup>. O “palco” inteiro está posto em cena por um único “diretor”, por um único poder que *confere sentido* e *dá uma direção*. É apenas a partir desse poder que todos os *atos* que conferem e cumprem sentidos recebem sua diretiva e seu cumprimento intencional<sup>210</sup>. Com isso, nos opomos à opinião ainda hoje dominante de que se podem tornar os atos (ou também, como alguns ensaiam em reflexões mais sutis<sup>211</sup>, as *consumações* dos atos) responsáveis tanto pelo sentido do pavoroso quanto pelo seu caráter de certeza. Onde esse sentido, ou melhor, essa significância apenas *ameaça* o Dasein, chega-se ainda à linguagem do *símile*, onde ele o *submete*, à linguagem do *delírio*. Nisso repousa a diferença entre o “sentido no *símile*” e o “sentido no *delírio*”.

Vemos – em resumo –, portanto, primeiramente que o delírio não pode ser compreendido nem a partir do conteúdo do ato, nem a partir da consumação do ato, em segundo lugar, que, como já se mencionou, também não basta observar e descrever o estreitamento ou a restrição do espaço do Dasein (*le rétrécissement de l'espace vécu*<sup>212</sup>), mas que é necessário mostrar que há um *poder* do Dasein e de que tipo é esse poder que estreita o esboço do mundo de tal maneira ou, o que é a

---

<sup>208</sup>N. do T.: Tradução da expressão “*in etwas wachsen*” (“crescer para dentro de algo”), utilizada, por exemplo, pra descrever o movimento da unha que cresce e encrava no dedo.

<sup>209</sup>N. do T.: *Unheilverkündend* e *unheilvoll*, respectivamente, ambos formados a partir de *Unheil*, “desgraça”, “calamidade”, “perdição”, sendo *unheilverkündend* “o que anuncia a calamidade” e *unheilvoll* “pleno de calamidade”.

<sup>210</sup>Quanto à diferenciação entre atos que conferem sentidos e atos que cumprem sentidos, cf. Husserl, *Logische Untersuchungen* [Investigações Lógicas] II,1.

<sup>211</sup>No que se refere a isso, cf. o trabalho especialmente claro e agudo de H. Müller-Suur sobre “*Das Gewissheitsbewusstsein beim schizophrenen und beim paranoischen Wahnleben*” [A Consciência da Certeza na Vivência Delirante Esquizofrênica e Paranoica]. *Fortschritte der Neurologie und Psychiatrie und ihrer Grenzgebiete* [Avanços da Neurologia e da Psiquiatria e de suas fronteiras] ano 18, caderno 1, 1950.

<sup>212</sup>N. do T.: Em francês, literalmente “estreitamento do espaço vivido”.

mesma coisa, despotencializa o si-mesmo de tal maneira que agora ele é apenas uma “máquina de recebimento desprovida de vontade” ou uma peteca “cega” no jogo do Dasein consigo mesmo.

Se chamarmos esse poder de poder do pavoroso ou terrível, do temeroso, aniquilador, conforme o procedimento de nossa paciente (que deve conhecê-lo melhor, uma vez que ela é atormentada até a morte por ele), nunca poderemos esquecer que esse poder irrompe dos próprios Dasein e ser-no-mundo humanos. O estado de doença, aqui o estado de adoecimento de delírio de perseguição, não cria ou produz esse poder, mas apenas representa um jeito com que o Dasein se comporta em relação a ele, isto é, o jeito da sujeição. Os mitos, a religião, a poesia e a filosofia de todos os tempos estão em conflito com esse poder. Enquanto o delírio é uma das formas da *sujeição* do Dasein a esse poder, o mito e a religião, a poesia e a filosofia representam, pelo contrário, formas da superação dele. Com isso, contudo, ao mesmo tempo torna-se evidente que a sujeição ao poder do pavoroso diz respeito e vem ao encontro<sup>213</sup> ao Dasein em seu isolamento – na medida em que o nome autismo<sup>214</sup> é válido –, a superação, por sua vez, só ocorre ao Dasein em sua condição comunitária, histórica, presa à tradição, em uma palavra, ao Dasein como *espírito*. Dessa maneira, o ser espiritual ou o “ser no espírito” é a mais elevada, mesmo a mais bem-sucedida<sup>215</sup> possibilidade de ser do Dasein, aquela que primeiro o define, em sentido pleno, como Dasein humano. Todavia, uma vez que o poder do pavoroso também diz respeito ao Dasein ou ser-no-mundo humanos, é necessário mostrar de que modo é possível sua *superação* por meio do espírito e de que modo ela se completa.

Tentamos caracterizar esse caminho dando sequência a *Über den Satz von Hofmannsthal: "Was Geist ist, erfasst nur der Bedrängte"* [Sobre a Sentença de Hofmannsthal: “Somente o aflito compreende o que é espírito”]<sup>216</sup>. Na ocasião, definimos o ser-espiritual como a constante *partida* do mundo e do Dasein *para fora da aflição*, no que permaneceu completamente irresoluto em direção a qual “região espiritual” se dava a partida, à da religião, da filosofia, da arte ou da ciência, ou também, visto que espírito e amor não se deixam separar, ao “espírito do amor”.

<sup>213</sup>N. do T.: Em alemão, há uma relação entre *betreffen* (dizer respeito) e *treffen* (“ir ao encontro”).

<sup>214</sup>N. do T. “Autismo” vem do grego *autós*, “próprio”, “mesmo”, significando, portanto, o estado daquele que está ensimesmado.

<sup>215</sup>Cf. novamente W. Szilasi loc. cit.

<sup>216</sup> *Studia Philosophica* VIII, 1948.



Se, a partir daqui, observarmos mais uma vez o *símile do palco* de Ellen West e o *palco do pavor* de Suzanne Urban, veremos que aquela partida do mundo e do Dasein em direção a alguma daquelas regiões espirituais, e especialmente à do amor, não é mais possível em ambos os casos. De fato, o mundo em que se confia, como em toda verdadeira aflição, também aqui se tornou um mundo *em que não confia*<sup>217</sup>, *sinistro, problemático*, partido em termos de uma *ruptura*<sup>218</sup>, mas o Dasein já não parte no sentido de uma *partida* autêntica, i. e., ele já não avança para além de si mesmo e em direção ao mundo do *espírito*, que é o único em que ele *retorna* a si na *qualidade de si-mesmo*, em sentido pleno. No *símile do palco* ainda vemos o Dasein dar um passo para além de si mesmo, o próprio passo em direção ao *símile* e, isto é, em direção à *imagem*. Na medida em que a *imagem*, como já se disse, representa a “primeira ondulação da transcendência”<sup>219</sup>, ainda estamos lidando aqui com um modo da transcendência, mas apenas no sentido da ascensão em direção à *imagem*. No entanto, isso significa: o Dasein ainda vê – como espectador, isto é, como si-mesmo – a si mesmo *na imagem*, ele ainda toma notícia de si mesmo à maneira do imaginário, do *símile*. Ele ainda é *transparente* a si mesmo na *imagem* de si mesmo. Dessa maneira, portanto, por meio do pavoroso, ele ainda parte da aflição em direção à *imagem*.

Em contrapartida, no Dasein que se reduziu ao *palco do pavor*, não é mais possível esse passo da partida. O Dasein não consegue mais assistir a si mesmo em longas distâncias, ele não consegue mais “colocar-se numa imagem” que está além de si mesmo, como ainda é o caso no *símile*. Na decadência no mundo como *palco* (sem espectadores), o Dasein, em sua condição *delirante*, não toma mais qualquer notícia de si mesmo, mas tudo o que percebe, percebe a partir de seu mundo. Contudo, na medida em que, no delírio, o Dasein esboça e tem um mundo, é claro que ele ainda transcende, no entanto, ele não *consegue mais, na condição de si-mesmo, retornar do mundo para si mesmo*, como é o caso no *símile*. O ser-espiritual é exatamente esse retorno, esse recuperar-a-si-mesmo do *tumulto*<sup>220</sup> do mundo, a possibilidade da capacidade de ser no espírito. Assim *não* se pode dizer de fato que

---

<sup>217</sup>N. do T.: Cf. notas 41 e 42.

<sup>218</sup>N. do T.: “Partido” aqui é *aufgebrochen*, etimologicamente ligado a *Aufbruch*, “partida”. Quase como em português, *aufbrechen* pode significar “quebrar” ou “deixar um lugar”. O autor relaciona o primeiro sentido a um *Umbruch*, uma “ruptura”, uma “quebra radical”, uma “revolução”.

<sup>219</sup>Cf. W. Szilasi loc. cit. p. 195: “Esse mundo de imagens é também um mundo, e como sempre o mundo vem a ser, o mundo de imagens não desaparece dele. Ele é a primeira ondulação da transcendência; o movimento de suas ondas mostra como a uma imagem sempre se segue uma imagem em uma abrangência cada vez maior”.

<sup>220</sup>N. do T.: Em alemão, *Umbruch*. Esse é outro sentido possível, além dos arrolados na nota 218.

o delírio, a psicose, é uma *doença do espírito*<sup>221</sup>; ele é um estardo de doença do homem em termos de uma forma singular do malogro de sua capacidade de ser no que diz respeito a sua mais elevada possibilidade de ser, ao “ser no espírito”.

Quando o Dasein como palco do pavor não consegue mais retornar do mundo para si mesmo e, portanto, não consegue mais assistir a si mesmo, podemos dizer que ele não se apresenta mais à vista ou ao discernimento, dizer que, no ser-no-mundo do Dasein, o que importa é ele mesmo, em outras palavras, que ele é *por causa* de si mesmo. Uma vez que o delírio é também um modo do Dasein, também aqui o Dasein é “por causa de si mesmo”, mas agora ele já não “vê” nada e já não consegue “ver” nada desse “por causa”. Ele apenas se atemoriza frente a alguma coisa, ou melhor, ele apenas teme alguma coisa<sup>222</sup> (que vem do mundo), mas ele não “vê” mais que esse temer é um *temer-por*<sup>223</sup>, isto é, por sua própria capacidade de ser! Ele somente espera por algo terrível, ameaçador, mas nisso está “subtraído” de si mesmo<sup>224</sup>. Mas agora o Dasein já não sabe nada a respeito dessa “subtração”. Por conta disso tudo, ele não tem mais poder sobre si, não consegue mais se simesmar *autenticamente* como si-mesmo, mas apenas *tomar-se “inautenticamente”*, i. e., a partir do mundo, ou seja, deixar-se reivindicar, atacar, ameaçar, atormentar, em uma palavra: *deixar-se impressionar*. Consequentemente também não consegue mais fazer *qualquer imagem de si mesmo*.

Mas isso não é o bastante! No delírio, sentimos falta não apenas do lado imagético do símile, da imagem (do palco), mas também do pavoroso autêntico, aquilo *do que* a imagem é uma imagem. No símile do palco, a aflição repousa, por meio do pavoroso, sobre o *ímpeto* devorador pavoroso, que restringe todo o espaço do Dasein; o palco ocupado pelos homens armados, o cerco do espaço mundano, é uma imagem dessa *aflição*. No caso Suzanne Urban, a aflição começa quando o marido contrai câncer, em seus sofrimentos e no risco a sua vida. Não encontramos

<sup>221</sup>N. do T.: “Espírito” traduz *Geist* ao longo do estudo. Contudo, ele também é a palavra para “mente”. *Krankheit des Geistes*, que traduzi literalmente por “doença do espírito” é, dessa maneira, “doença mental” normalmente.

<sup>222</sup>N. do T.: No original, a oposição é entre *sich fürchten* e *fürchten*. Ambos significam “ter medo”, mas Binswanger parece fazer a distinção pela presença do pronome reflexivo *sich* (“se”) na primeira construção, que parece apontar para uma relação consigo mesmo.

<sup>223</sup>N. do T.: Em alemão *Fürchten-vor* e *Fürchten-um*, respectivamente.

<sup>224</sup>Cf. Heidegger, *Sein und Zeit* [Ser e Tempo], pp. 341-342 – além disso, W. Szilasi loc. cit. p. 91.: “Aquilo diante do que a alma se atemoriza [*sich fürchten*] é o que desperta o terror [*fürchterregend*] (*phoberón* [“terrível” em grego]), o hostil (*ekhthrón* [“inimigo” em grego]), já aquilo por que o temor [*Furcht*] teme [*fürchten um*] é a própria pessoa, isto é, a alma. Em todo atemorizar-se, o si-mesmo é o que importa. O terrível [*fürchtelich*] mantém seu caráter apenas no estado de preocupação consigo mesmo”.

no palco do pavor nenhuma imagem dessa aflição, muito menos uma “expressão” espiritual. No lugar da imagem e da expressão espiritual entrou algo completamente diferente: a *autonomização do tema do pavor* e sua cristalização na forma de um *drama pavoroso*. O próprio pavoroso-aflitivo se transformou aqui: em lugar do marido, encontramos toda a família ameaçada pelo martírio e pela morte, no lugar do martírio por uma *doença* incurável, entraram os martírios feitos pela polícia etc. Por mais que essas “imaginações”<sup>225</sup> sejam demonstrativas também aqui, faltam-lhes na mesma medida o caráter *imagético* no sentido de uma imagem-de-alguma-coisa. Contudo isso significa: elas têm caráter de *realidade*.

Em lugar da dualidade entre o estado de coisas retratado e a imagem que os retrata<sup>226</sup>, como é característico do símbolo, no delírio temos uma *unidade* diante de nós, uma unidade em que não se pode falar *nem* de imagem e retrato, *nem* de algo retratado. Dito de outra maneira: aqui não podemos diferenciar entre aflição autêntica e a imagem (do espaço mundano ou de outro tipo) dessa aflição. A aflição está aqui além dessa diferenciação; ela é *tanto* uma *quanto* outra coisa. É sobre isso que repousa o *caráter de realidade* das “imaginações” delirantes! Elas não são *imagens da aflição real*, mas *formas reais da aflição*<sup>227</sup>.

Daí resulta que, para a compreensão do delírio, não podemos recorrer nem a um distúrbio do juízo em termos de um equívoco, nem a um distúrbio de percepção sensorial, de ilusão por meio de alucinações. Ambos são já *consequências* da transformação da estrutura do ser-no-mundo como um todo, no sentido do ser-no-mundo deliroide.

O fato de que nós, os outros, falamos a respeito de equívoco e ilusão não deve nos tentar a ver aqui a essência do delírio. Pois isso não está relacionado ao que nós, os outros, refletindo e estruturando, pensamos e concluímos a respeito do Dasein em condição delirante, mas trata-se única e somente de verificar de que tipo é a estrutura do Dasein em condição delirante em si e por si.

---

<sup>225</sup>N. do T.: No original, o autor ressalta a derivação de “imaginação” (*Einbildung*) a partir de “imagem” (*Bild*), separando o prefixo *ein-* por um hífen: *Ein-Bildung*.

<sup>226</sup>N. do T.: Em alemão, o verbo “retratar” tem em sua raiz “imagem” (*Bild*): *abbilden*.

<sup>227</sup>N. do T.: Em alemão, a oposição é mais forte, uma vez que, para significar “uma imagem de alguma coisa”, se diz “*ein Bild für etwas*” (literalmente “uma imagem para alguma coisa”). Assim, a preposição *für* representa uma relação mais distante entre a imagem e a aflição (*Bilder für für die wirkliche Bedrängnis*), em oposição a sua relação com as “formas reais” (*wirkliche Gestalten der Bedrängnis*), marcada pelo artigo *der* que é traduzido por “da” e, portanto, sugere uma relação de dependência e posse.

Todavia, não podemos parar naquilo que diferencia ambos os fenômenos, *símile* e *delírio*, mas precisamos retornar mais uma vez ao que há de comum entre eles. Esse elemento comum é o estado de aflicção pelos poderes sinistros. Isso é a “realidade”, que *tanto* está no fundamento do *símile* do palco *quanto* do palco do pavor. Os homens que ocupam as saídas do palco, os inimigos, como a própria Ellen West diz, não são *em ambos os casos* a última instância, mas, como já se ressaltou, órgão executores daqueles poderes sinistros, intangíveis, sendo completamente indiferente se estes, de sua parte, são percebidos como “espíritos malignos” ou um poder “policial” anônimo. Enquanto, em Ellen West, os poderes pavorosos do Dasein que a afligem e perseguem são palpáveis, isto é, a gula e o oposto medo de ficar gorda, no caso de Suzanne Urban, precisamos reconstruir esse poder a partir de sua biografia e do histórico da doença, de sua paixão por si mesma, de seu comportamento agressivo para com o mundo compartilhado e seu cuidado hipocondríaco e exagerado com a própria família. Aqui a experiência psicanalítica nos ajuda, a qual (como já observamos) nos ensinou a ver nesse tipo de comportamento uma “tentativa de fuga”<sup>228</sup> no sentido de uma *supercompensação* de tendências agressivas e sádicas, portanto, um sistema de segurança contra poderes do Dasein *reais*, sinistros. Vimos que esse “sistema de segurança” sofreu, por meio do adoecimento do marido, um golpe “incurável”, que subverte e “transtorna”<sup>229</sup> todo o Dasein. Consequentemente podemos considerar tanto o *símile* do palco quanto o *delírio* de perseguição como modos (mesmo que de tipos diferentes) de “lidar” com o sinistro no Dasein. Ambos são formas de expressão da maneira com que o Dasein, incapaz de escapar e partir para fora da ameaça que surge por meio do poder sinistro do pavoroso que há nele, percebe e assume – no duplo sentido da palavra<sup>230 231</sup>– esse poder como sua única e autêntica *realidade*.

Por fim, não esqueçamos que, ao *símile* que aparentemente apenas *ilustrava* o poder do pavoroso seguiu-se a realidade do suicídio e, portanto, o *símile* já era expressão da inevitabilidade da realidade do pavoroso, da mesma maneira que o

<sup>228</sup>Cf. A teoria de Freud da *fobia* (pois também aqui se trata de uma fobia) como uma “tentativa de fuga diante de uma satisfação de um impulso”.

<sup>229</sup>N. do T.: *Verrücken*, a partir do qual forma-se o participio *verrückt* (“transtornado”, “louco”).

<sup>230</sup>N. do T.: “Perceber” aqui (*vernehmen*) é aparentado a “assumir” (*annehmen*), partilhando da raiz *nehm-*, “pegar”. O duplo sentido de *annehmen* é “assumir”, no sentido de tomar uma ideia ou concepção para si, e “receber”. Binswanger escreve *an-nehmen*, destacando o prefixo e possivelmente relacionando o verbo com a expressão *jemanden an etwas nehmen*, “pegar alguém por algo” (parte do corpo, por exemplo). Aqui o uso da preposição *an* é praticamente idêntico ao emprego de *bei* em “*bei etwas nehmen*”. Cf. nota 34.

<sup>231</sup>A respeito de perceber e assumir, cf. mais uma vez W. Szilasi loc. cit. p. 65 ss.: *Empfänglichkeit und Annahme* [Receptividade e Assunção].

*delírio* de Suzanne Urban. Nessa inevitabilidade está o que de fato há de comum entre as duas coisas.

Ao caráter de realidade do delírio de perseguição não diz respeito apenas a realidade de ser perseguido, mas também a realidade da *reivindicação* de *ser ouvido*<sup>232</sup> pelo mundo compartilhado e de ser *ajudado* contra os perseguidores. Consequentemente pode-se dizer que aquele que sofre de delírio de perseguição – se o observarmos sempre do ponto de vista do delírio – “tem o pé” na realidade<sup>233</sup>. Ele não se porta de maneira diferente de uma pessoa a quem aconteceu uma injustiça real. Não tem somente a necessidade de “dizer o que sofre”, mas também de defender a si mesmo e os outros dos sofrimentos. No delírio, as petições etc. entram no lugar das consultas etc. Desse modo, o contato com o mundo compartilhado não está de nenhuma maneira interrompido. Sobre o palco do pavor, agora *não* há *somente* os inimigos, mas também uma audiência e aqueles a quem se reivindica ajuda, exatamente como na vida. *Nesse* ponto de vista, aquele que sofre de delírio de perseguição não é, como já ressaltamos, de forma alguma autista. Também aqui será instrutiva uma comparação com o *símile* do palco.

O *símile* do palco já tem em si a função da *comunicação*, ele está *completamente* a serviço da comunicação, do *apelo* aos outros. Quer *mostrar* aos outros, deixá-los *ver* como e com que profundidade o próprio Dasein *sofre* sob o poder do pavoroso; deseja que também os outros, o mundo compartilhado, possam ter *uma imagem* de tormento e miséria dele próprio.

No caso daquele que sofre de delírio, em lugar de *mostrar* “por uma imagem”, passa-se a mostrar por meio da *narrativa* épica-dramática. Assim como o Prometeu Acorrentado de Ésquilo invoca o universo como testemunha do sofrimento tormentoso que Zeus lhe infligiu, quem sofre de delírio invoca o mundo compartilhado como testemunha, confidente e auxiliador. No *símile* mostra-se por uma imagem e no delírio narra-se porque, no primeiro caso, a ocorrência do pavoroso ainda aparece continuamente na forma do *sofrimento* sob o tormento pavoroso – tal sofrimento toma a forma de uma *ação*<sup>234</sup> pela primeira vez no *símile* –, e, no segundo, aparece, como na tragédia, na forma de sofrimento *infligido* (e, portanto, da ação hostil) desde o começo. Entretanto a ação não pode

---

<sup>232</sup>N. do T.: *Anhörenwerden*, no sentido de “ser obedecido”, cf. nota 50.

<sup>233</sup>N. do T.: No original, “*mit beiden Beinen in der Wirklichkeit stehen*” (“estar com as duas pernas na realidade”). Trata-se de um jogo com a expressão *mit beiden Beinen in der Erde* (“na terra”) *stehen*, usada em alemão no mesmo sentido que “ter o pé no chão” em português, ou seja, “ser realista, pragmático”.

<sup>234</sup>N. do T.: No sentido de “enredo”, cf. nota 59.

ser mostrada (lá fora, no palco do teatro), mas somente narrada. Na verdade, a “conversão” dos acontecimentos em “ação” vai muito mais longe do que onde já se chegou ou pode se chegar na tragédia e também no mais arrepiante drama barroco. Embora nestes casos a “evidência” dos acontecimentos “aos sentidos” seja levada ao ápice, o delírio de perseguição supera as possibilidades da tragédia na medida em que a ação não se limita apenas ao que é evidente aos sentidos (aos olhos, aos ouvidos, à pele etc.), mas faz com que também “os pensamentos” sejam recebidos a partir de outros, i. e., também os inclui *na ação*. Aqui, de fato, não há nada que não poderia ser ação, e ação cruel e tormentosa, de acordo com seu surgimento a partir do poder do temeroso ou do pavoroso. Isso também não se opera porque as ilusões sensoriais condicionam o delírio de perseguição (argumento que se pode ver em muitos livros hoje em dia), ou porque o delírio de perseguição condiciona as ilusões sensoriais, mas porque o Dasein, submetido ao poder do pavoroso, admite o pavoroso em todas as *ações* possíveis *que sejam evidentes aos sentidos*; pense-se somente na queda das armadilhas (para estabelecer contato), no ranger do papel em que as palavras de Suzanne Urban são anotadas, em todas suas reinterpretações ilusórias e também na capinação com a foice, nos corvos que mandam voar, no pássaro que deixam o gato mastigar. E o poder do pavoroso aqui é tão grande que ele, repetimos, não se satisfaz com a evidência aos sentidos ou a receptividade “normais”, mas mobiliza modos de recepção completamente novos a partir da corporeidade do Dasein, e daí a receptividade à “eletricidade” e aos “pensamentos” alheios. Portanto, no delírio de perseguição, a evidência aos sentidos e a ação têm uma ligação indissolúvel<sup>235</sup>, sem que se possa dizer que uma seja o elemento primário, a outra, o secundário; antes ambas são uma expressão *imediata* da *entrega* do Dasein ao poder<sup>236</sup> do pavoroso, na forma da impressão causada por seus órgãos executores. Com isso está correlacionado o fato de que aqui, como na tragédia<sup>237</sup>, não há “rua sem saída”, mas tudo vai a qualquer lugar e vem de qualquer lugar e claramente “se refere a um centro”, o que, como já ressaltamos, *exclui o acaso*. Com tudo isso, não queremos de forma alguma colocar o delírio como uma produção artística ou uma arte! Pelo contrário! Enquanto, na tragédia, o *poeta* é quem, *segundo princípios artísticos*, “transforma a matéria-prima numa *fábula trágica*” (Schiller) com o emprego de sua *força formadora*, no delírio

<sup>235</sup>No que concerne a isso, cf. o procedimento do poeta trágico: “O poeta trágico, que converte todos os acontecimentos em ação, aumenta, portanto, a sensorialidade e eleva o efeito de seu material para que ele próprio seja obrigado a empregar completamente sua força formadora” (Emil Steiger, *Zu Schillers “Agrippina”* [Sobre a “Agripina” de Schiller]. Trivium VIII, caderno IV, pp. 265-266)

<sup>236</sup>N. do T.: No original consta *Daseinsmacht*, “poder do Dasein”. Traduzi simplesmente por “poder” porque a repetição do termo “Dasein” em tão curto espaço poderia gerar confusão.

<sup>237</sup>Cf. mais uma vez Emil Staiger, *ibid.*

ainda há um poder formador ou criativo, mas ele não é de nenhuma maneira visionário-artístico, mas cego, e isso sempre implica em destruir a forma. Não há expressão mais apropriada para ambas as coisas do que “uma *contrariedade formadora à forma*”. Por essa expressão, Tillich entende (como já mencionado na obra *Über Ideenflucht* [Sobre a Fuga de Ideias]<sup>238</sup>) “a forma abrangente que reúne em si um elemento formador e destruidor de formas e, com isso, um contrapositivo”.

Por outro lado, também não podemos fechar os olhos diante do fato de que o delírio de perseguição e a tragédia, contudo, coincidem no fato de que ambos têm o pavoroso como tema e no que o poeta trágico só é realmente capaz de *dar forma* a esse tema poeticamente quando ele é capaz não somente de olhar o pavoroso nos olhos, mas também se deixa afligir, estremecer por ele até o âmago, um fato que afastou Goethe (segundo seu próprio testemunho) de escrever uma tragédia (“para não se despedaçar ao fazê-lo”). Pois também aqui, aqui sobretudo, aplica-se a sentença de Hofmannsthal: “Somente o aflito compreende o que é espírito”. *Tragédia* significa, em seu conceito existencial, a *escapada* da existência para fora da aflição por meio do pavoroso, terrível e maligno e sua *partida*<sup>239</sup> em direção a sua doma e conformação *artísticas* como *ação* trágica. O *delírio de perseguição* significa, em seu conceito existencial, o *enclausuramento* do Dasein na aflição por meio do pavoroso e a *agitação*, a *caçada* e a *perseguição* que sofre da parte das *ações* dos órgãos executores do pavoroso, da parte das intrigas dos inimigos.

### c) O poema "A Destruição" de Baudelaire e a transformação do pavoroso na "máquina sangrenta da destruição"

Para provar que nossa representação da tematização do pavoroso na forma do delírio de perseguição trouxe à tona e caracterizou mais precisamente um modo da variação do pavoroso imanente ao Dasein, observemos um poema, no qual essa variação ganha expressão de maneira tão clara quanto no delírio de perseguição. O que falta nesse poema é o *ensejo* (na forma de uma cena original) da erupção<sup>240</sup> do pavoroso a partir do Dasein. Contudo tal cena original não é de nenhuma maneira

---

<sup>238</sup>p. 185.

<sup>239</sup>N. do T.: Sobre "escapada" (aqui na forma do substantivo derivado *Ausbruch*) e "partida" (*Aufbruch*), cf. nota 197.

<sup>240</sup>N. do T.: O termo é *Ausbruch*, mas o contexto exigiu essa tradução.

indispensável, pois o pavoroso, ou *phoberón*, pode irromper<sup>241</sup> a qualquer tempo e em qualquer "lugar". Já fizemos claramente a distinção entre o medo como poder imanente ao Dasein e seu respectivo lugar de irrupção antes<sup>242</sup>. Entre outros motivos, escolhemos o caso Suzanne Urban para apresentar a ideia porque "o ensejo mais extremo" para a erupção do pavoroso a partir do Dasein na forma de uma *cena original* consegue trazer à luz com especial clareza os estágios da variação do pavoroso.

No poema de Baudelaire, o pavoroso já irrompeu do Dasein. Ele sempre esteve e sempre está "lá"<sup>243</sup>. Nós o encontramos aqui tanto na forma do demônio quanto do demoníaco em termos de atmosferização do mundo e, sobretudo, na forma de sua configuração como *máquina* "sangrenta" da destruição. Este é o poema:

Sem cessar, ao meu lado, se agita o Demônio,  
Ele nada em torno de mim como um ar impalpável  
Eu o trago e sinto que queima meu pulmão  
E o enche de um desejo eterno e culpável.

Por vezes ele toma, sabendo meu grande amor pela Arte,  
A forma da mais sedutora das mulheres  
E, sob pretextos especiosos da tristeza,  
Acostuma meu lábio a filtros infames.

Ele me conduz assim, longe do olhar de Deus,  
Arquejando e quebrado de fadiga, em meio

---

<sup>241</sup>N. do T.: *Ausbrechen*, cf. nota 99.

<sup>242</sup>Cf. "Die daseinsanalytische Forschungsrichtung in der Psychiatrie" [O Campo de Pesquisa da Análise de Dasein na Psiquiatria] *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. vol. 57, caderno 2 e *Ausgewählte Vorträge und Aufsätze* [Palestras e Artigos Escolhidos]. vol. I.

<sup>243</sup>N. do T.: Mais um uso de *dasein* em sua forma verbal. Cf. nota 142.



Às planícies do Tédio, profundas e desertas.

E lança aos meus olhos cheios de confusão

Vestimentas sujas, feridas abertas,

E a máquina sangrenta da Destruição!

A interpretação desse poema necessita de apenas poucas palavras a mais, depois do que foi dito acima. Evidentemente, o fato de ele, já no início, personificar como um demônio o poder demoníaco do pavoroso, enquanto, no delírio de perseguição, essa personificação só emerge pouco a pouco, não é importante para uma investigação *daseinanalítica*. Pois aqui se trata dos traços *essenciais* da variação, não de sua sequência temporal. Como no delírio de perseguição, a personificação do pavoroso não é de forma alguma estritamente levada a cabo, mas vai de mãos dadas com a atmosferização: "ele nada em torno de mim como um *ar* impalpável". Água (nadar), ar e fogo (que queima) são os "elementos" impalpáveis, voláteis, tragados (eu o trago) dessa atmosfera. Quanto às vestimentas e formas em que demônio primeiro se posta diante dos olhos do poeta, eles também apontam (para além daquilo que apareceu no caso de Suzanne Urban) o caráter da tentação e da culpa, bem como da tristeza e do vício.

Como Suzanne Urban, o poeta é levado "arquejando e quebrado de fadiga, longe do olhar de Deus" por seu demônio. Também aqui o demônio persegue o Dasein até que ele colapse de esgotamento, longe da face de Deus, assim como Suzanne Urban está longe dos raios de luz do amor, da redenção e da compaixão. Aqui o Dasein *não* está *esclarecido*, mas *escurecido* e confuso (meus olhos cheios de confusão). Consequentemente não encontramos cores em qualquer parte, exceto, como mostram a máquina sangrenta e as feridas abertas, o *vermelho-sangue*.

A máquina sangrenta, contudo, já é em si e por si da maior importância para nosso tema, uma vez que mostra o estágio final, a configuração do demoníaco-pavoroso, com tanta clareza, em total concordância com o delírio de perseguição:

E lança aos meus olhos cheios de confusão

Vestimentas sujas, feridas abertas,

E a máquina sangrenta da Destruição!

No *lançar-aos-olhos* vem à tona também aqui a aflição de *sofrer uma impressão* e do olhar que sofre uma impressão pela visão de vestimentas *sujas, feridas* abertas e da máquina da destruição *manchada de sangue*. Também encontramos o *maquinário* da impressão sofrida na fábula delirante de Suzanne Urban, da mesma maneira, encontramos sujeira e lama, feridas abertas pelos narizes e membros arrancados, mas também martírios psíquicos de todo tipo. Eles também atribulam Suzanne Urban "até sair sangue". O caminho da fantasia poética, com a concordância mais exata, também mostra aquilo que o caminho da força imaginativa do delírio mostra. Ambos obedecem à mesma *lei essencial* do Dasein no que se refere a sua sujeição ao poder "demoníaco" do pavoroso.

É apenas em razão dessa lei essencial que também é possível *ver* nas *interpretações* dos testes de Rorschach a governança do poder do pavoroso, em termos do destrutivo, sangrento, dilacerado, arrancado, cortado, caído, desmoronado, sujo, podre, fedorento, decomposto, morto, mecanizado etc.

O escopo de nossos esclarecimentos a respeito da variação do pavoroso no Dasein e sua tematização na "perseguição" não está limitado de forma alguma ao ferimento *corpóreo* (causado por uma máquina sangrenta) e ao manchamento e sujamento *materiais*! Roupas, lençóis, comida, "sangue" e "corpo" não são as únicas estâncias do pegar e do ser pego por alguma parte "destrutivos". Além dessa impressionabilidade (o ser pego pelo "corpo" no sentido mais amplo possível), há o pegar e o ser pego pelo "ponto fraco", a influenciabilidade ou a sugestibilidade (por exemplo, a influência das ordens "sugestivas" da voz pavorosa em nosso caso), o pegar e o ser pego pela palavra<sup>244</sup> ou o atribuir responsabilidade e o tê-la atribuída a si<sup>245</sup> (pelo adoecimento dos outros, pelas calúnias à família, por exemplo, no presente caso) e, por fim, o pegar e o ser pego pelo *nome* ou pela *reputação* (em nosso caso, o comprometimento que se sofre, por exemplo). Em *todas* essas formas do ser pego por alguma parte mostra-se uma "*máquina da destruição*" com maior ou menor clareza. Em lugar da destruição sangrenta, do ferimento corporal, do assassinato e do manchamento das roupas, dos lençóis ou da comida, entram aqui a "perseguição" sanitária (envenenamento), a que despotencializa psiquicamente ("obrigação") e a que o faz socialmente, isto é, as alusões maliciosas, o manchamento ou sujamento do nome, da honra, a suspeita, a calúnia, a exposição, o insulto, o escárnio, a extorsão, a difamação, em uma só palavra, a "*aniquilação social*". Frente à posição privilegiada, no sentido clínico, dessa última

<sup>244</sup>N. do T.: Cf. nota 81.

<sup>245</sup>N. do T.: Em alemão diz-se "puxar para a responsabilidade" ("*zur Verantwortung ziehen*"), metáfora que se aproxima do "pegar" (*nehmen*).

forma e para provar que também ela não está fora do escopo de nossa análise do poder do pavoroso e da destruição "sangrenta"<sup>246</sup>, nos ocuparemos de um caso especialmente famoso e bem documentando da literatura mundial, o caso Jean-Jacques Rousseau<sup>247</sup>.

#### d) O Caso Jean-Jacques Rousseau

Esse caso é muito apropriado ao que nos interessa, pois a língua francesa é extraordinariamente rica em expressões *metafóricas*, que são aquilo de que se trata aqui. E aqui mostra-se mais uma vez que, para a compreensão da metáfora, não basta ressaltar que ela é uma "transposição" linguística de um campo de sentido para outro, mas que é preciso demonstrar as condições de possibilidade de tal transposição. Podemos observar essa condição na unidade "de Dasein" fundamental (i. e. que abrange todas as relações interpessoais) do pegar e ser pego por alguma parte e em sua forma "*opressiva*". A expressão *opressão*<sup>248</sup> (*opression*) já significa a pressão háptica ou tátil no sentido próprio *e* no sentido "figurado". Também precisamos diferenciar entre impressionabilidade no sentido próprio, ou mais estrito, corporal *e* no sentido "figurado" psíquico, social e espiritual. Entretanto tudo isso, na verdade, está relacionado a um único modo do ser compartilhado, a um único pegar e ser-pegado-por-alguma-parte e é, portanto, de importância completamente secundária para o problema do delírio de perseguição. Isso se deixa demonstrar exatamente no exemplo de Rousseau, que conhecidamente sofria de um delírio de perseguição completamente "não sangrento", puramente social ou reputacional, em termos de uma *difamação* (*difamation*) levada ao extremo, e, no entanto, nele encontramos um vasto número de expressões da esfera do maquinário e da tecnologia a serviço da *destruição*. Consequentemente é necessário ver nisso que o resultado de nossa própria investigação e a visão de Baudelaire dizem respeito a *todos os modos de pegar e ser-pegado por alguma parte agressivos e destrutivos*, em linguagem clínica, da *perseguição*. Citarei principalmente expressões dos *Dialogues* [Diálogos]<sup>249</sup>, que trazem o mote

---

<sup>246</sup>Cf. também a expressão idiomática "sarcasmo sangrento" [no sentido de "sarcasmo cruel"].

<sup>247</sup>Certamente nosso paradigma aqui é o caso Wagner de Gaupp. Contudo, o elemento maquinal aparece com muito mais clareza em Rousseau do que no caso Wagner.

<sup>248</sup>N. do T. Em alemão *Bedrückung*, derivado do substantivo *Druck*, que significa "pressão".

<sup>249</sup>Vol. XVIII das *Oeuvres complètes* [Obras Completas]. Dupont, Paris 1824 – os itálicos são meus.

ovidiano característico: *Barbarus hic ego sum quia non intelligor illis*: "Sou um bárbaro aqui, pois não sou compreendido por aqueles que me cercam". "À força de *ultrajes sangrentos*, mas tácitos, à força de agrupamentos, de cochichos, de risos desrespeitosos, de olhares cruéis e selvagens, ou insultantes e escarnecedores, eles conseguiram expulsá-lo<sup>250</sup> de toda a assembleia..." (361)<sup>251</sup> - "Cometendo contra ele todos os tipos de *atentados* que eles sabem que lhe são os *mais sensíveis* (ibid.)" - "atingido por *mordidas cruéis*" (131). - "À força de *dilacerações*..." (360). - "E certa *máquina de provas* que me exibem" (362) - "Eles encontraram a arte de me fazer sofrer uma *morte lenta*<sup>252</sup> me mantendo *enterrado vivo*<sup>253</sup>" (465). - "Que *sufocam-no* na lama ao bel-prazer, que se divertem em *enterrá-lo vivo*" (113). "Deixá-lo sem nenhuma defesa aos *assassinos* covardes que o *apunhalam* sem correrem riscos" (116). - "Cercá-lo de *passagens subterrâneas* e de *armadilhas armadas* de tal maneira que cada passo seria necessariamente uma queda" (131). - "Imaginem pessoas que começam a colocar cada um uma boa *máscara*, bem ajustada, que se *armam com ferro* até os dentes, que *surpreendem* seu inimigo em seguida, o *acertam* por trás, *colocam-no* nu, *atam-lhe* o corpo, os braços, as mãos, os pés, a cabeça, de modo que ele não possa se mover, *colocam-lhe uma mordaca* na boca, *furam-lhe* os olhos, o *estendem sobre a terra* e passam, enfim, sua nobre vida a *massacrá-lo* de pavor docemente, de modo que, morrendo por suas feridas, ele não cesse de senti-las tão cedo" (132). (A concordância com os martírios dos familiares de Suzanne Urban é especialmente clara nesse trecho.) "Uma *violação* tão criminosa" (100). - "A *vista cruel* deles *ferem* seus olhos por todas as partes, e que o *espetáculo do ódio* o *aflige* e o *dilacera* ainda mais que seus efeitos" (231).

Dessa maneira *impressionante* (no sentido amplo e no sentido estrito), Rousseau descreve (incansavelmente, como de costume, e com repetições sem fim) as intrigas secretas (maquinações, "*machines*") de inimigos, chamados de "estes Senhores", conjurados em um *complot* anônimo que objetiva sua difamação (aos olhos não somente das gerações presentes, mas principalmente das futuras); o grupo parte de dois rivais, cujo número rapidamente aumenta para 10, mas gradualmente passa a abranger o mundo inteiro (*l'univers*) "sem qualquer exceção que seja" e, por consequência, como no caso de Schreber, tem necessariamente seu fundamento na ordem mundana. Nada se diz a respeito de um *demônio* diabólico, mas, em compensação, os próprios inimigos (como vimos) estão possuídos por

<sup>250</sup>Sabidamente, aqui Rousseau fala sempre de si mesmo na terceira pessoa, como Jean-Jacques.

<sup>251</sup>N. do T.: Todas as citações de Rousseau estão no original francês.

<sup>252</sup>N. do T.: Em francês, *longue mort*, "morte longa".

<sup>253</sup>N. do T.: *Enterré tout vif* em francês, "enterrado todo vivo" (465).

uma maldade diabólica. Essa diferença – entre diabos em forma humana e "o diabo" – também é daseinanaliticamente de importância secundária, da mesma maneira que a diferença entre a "danificação" (ferimento, sujamento etc.) corpórea-material e a psíquica-espiritual.

Se procurarmos por uma palavra para essa unidade, pensaremos muito provavelmente na palavra grega *neîkos*, pois nela estão resumidas todas as formas da hostilidade, do pegar e ser pego por alguma parte hostis. *Neîkos* é o substantivo do verbo *neikéo* (= altercar, disputar, ofender, provocar, irritar, zombar, censurar, ralhar, insultar, xingar, tratar mal, acusar, caluniar). Bachelard o traduz como *ardor combativo* ou *provocação*. Ele também afirma: "a provocação tem mil vozes. É próprio da provocação misturar os gêneros, multiplicar os vocábulos, fazer literatura, e esta integridade da matéria dura que nos provoca vai ser atacada, não somente pela mão armada, mas pelos olhos ardentes, pelas injúrias. O ardor combativo, o *neîkos*, é polivalente"<sup>254</sup> O que se aplica à matéria dura, também se aplica totalmente ao homem como opositor ou ob-jeto<sup>255</sup> humano "duro". Encontramos tudo o que Bachelard diz a respeito da vontade incisiva e das matérias duras no delírio de perseguição novamente. Todavia, ele mostra em cultura pura todas as formas da vontade incisiva voltada aos companheiros ou, para falar com George Blin, do desejo de entalhe – relativo aos companheiros (loc. cit. p.38). Faz-se necessária uma investigação especial para demonstrar minuciosamente os paralelos entre a entalhação material (o entalhe na matéria dura) e o entalhe no ob-jeto "duro" relativo aos companheiros. É do maior interesse verificar em que medida a linguagem de Rousseau enfatiza essa diferença e dá expressão à unidade abrangente relativa ao Dasein.

#### IV. TEMPO

Neste ponto, estamos diante da tarefa mais difícil de toda nossa investigação, e exatamente aqui (em uma dimensão maior do que antes) pode ser

---

<sup>254</sup>Cf. *La Terre et les Rêveries de la volonté* [A Terra e os Devaneios da Vontade]. Paris 1948. p. 39.

<sup>255</sup>N. do T.: Tentei retratar a divisão que Binswanger faz na palavra *Gegenstand* ao escrever *Gegen-Stand*. *Gegen* é "contra" e *Stand*, "ato ou efeito de estar em algum lugar", ou seja, *Gegenstand* é o que está diante de nós, no nosso caminho, e portanto não faz parte de nós, os sujeitos. Em latim, *obiectum* tem uma formação muito similar: *ob-* é um prefixo que significa "contra", "impedimento" e *iectum* é o particípio do verbo *iacio* ("jogar", "lançar"), ou seja, objeto é o que está lançado ou jogado contra nós, no nosso caminho.

que se trate mais de levantar os problemas em questão do que de solucioná-los. A razão para isso é, em primeira instância, que nós ainda não possuímos uma ontologia da experiência *natural*<sup>256</sup>. Como conseguir chegar a uma doutrina da experiência – pois também aqui se trata de um modo da experiência – deliroide? Apesar disso, não podemos nos esquivar dessa tarefa, pois ela configura uma, ou melhor, a preocupação central de um esforço de compreensão *dasein*analítica do delírio.

Depois de tudo o que vimos, seria equivocado começar essa tarefa com a tentativa de uma análise da experiência deliroide; não podemos nem mesmo iniciar nossa investigação com a cena original, a experiência do grande pavor. Pois essa experiência “repentina” só conseguiu invadir o *Dasein* dessa maneira “catastrófica” porque ela caiu numa estrutura temporal na qual a extensão ou a continuidade temporal – não falamos de duração intencionalmente – notavelmente sempre esteve em risco, i. e. particularmente sensível frente à irrupção repentina *do novo* na experiência. Entretanto, essa sensibilidade da estrutura temporal não se estendia de nenhuma maneira à experiência do novo, a novas experiências. Antes nos encontramos frente a dois modos diferentes de experiência do novo e, com isso, frente a dois tipos diferentes de novidade: de um lado, uma que em si e por si não se diferencia em nada da experiência natural, de outro, uma em que a novidade do novo assume um pronunciado caráter *ameaçador*, isto é, quando se trata do campo de experiência que a própria família representa. Usando uma expressão popular, podemos dizer que aqui a bem-aventurança da alma consistiria em que *nada de novo* entrasse nesse campo de experiência, mas tudo permanecesse como era antes. A mãe *não pode* ficar doente! Toda alteração significa uma catástrofe aqui. Daí os esforços “exagerados” de preservar a continuidade, o “cuidado hipocondríaco” com a saúde da família e, em especial, da mãe. Já aqui o *Dasein* foi puxado para o redemoinho da atividade, no qual ele “esconde sua capacidade de ser mais própria e vive longe de si”. Já aqui sentimos falta da continuidade estendida da existência, a ausência da capacidade de ser em uma duração autêntica, seja em uma duração no sentido da existência, seja, ainda mais, no do amor *autêntico*.

Com tudo isso, conseqüentemente diz-se que, no caso Suzanne Urban, o *Dasein* se temporaliza *já diante* da cena original não apenas na interação “natural”

---

<sup>256</sup>Desde quando essa sentença foi escrita, E. Szilasi publicou importantes observações quanto a essa questão em seu artigo “*Die Erfahrungsgrundlagen der Daseinsanalyse Binswangers*” [As Bases Experienciais da Análise de *Dasein* de Binswanger]. *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. Volume 67, caderno 1.

da transcendência subjetiva e objetiva, na experiência natural, mas *também* em uma experiência na qual a transcendência subjetiva, em uma palavra, a subjetividade prevalece. Esse modo experiencial ainda está muito longe da constância, firmeza e confiabilidade (*não testada*) do modo de experiência do delírio, mas já se distancia da experiência natural; ele não *somente* não deixa o novo vir a seu encontro livre e abertamente, mas reserva para si um campo de experiência do qual ele se esforça por excluir o novo e em que, portanto, a novidade do novo assume o caráter da ameaça, da interrupção da continuidade temporal. Em uma estrutura temporal tão lábil, a novidade do novo significa aquilo que nós chamamos de *pavor*.

Se o culto familiar de nossa Suzanne Urban não representa um modo de novidade dual no sentido de uma verdadeira comunidade amorosa, mas – na qualidade de culto – um traço alheio ao amor, isto é, “ativo”, isso surge do fato de que a família, como vimos, representava meramente uma extensão do *próprio* si-mesmo, uma extensão na medida em que o si-mesmo só conseguia se temporalizar continuamente na manutenção da continuidade do campo experiencial relacionado à família, na preocupação exagerada com o bem-estar dela. Nesse culto amoroso, o si-mesmo só “cultivava”<sup>257</sup> a si mesmo. Esse autocultivo corresponde àquilo que a psicanálise chama narcisismo, a paixão pelo próprio si-mesmo. Portanto a delimitação do *campo* experiencial em que a novidade do novo assume o caráter do ameaçador deve-se compreender do ponto de vista existencial, isto é, temporal. No culto à família, a questão é, para Suzanne Urban, a continuidade da própria existência. Consequentemente podemos dizer que a novidade do novo assume o caráter do ameaçador ou do risco lá onde (se se pode dizer dessa maneira) ela está relacionada à “experiência existencial”. Em outras palavras, tal experiência necessariamente se mostra como um risco à existência, à continuidade estendida do si-mesmo ou, em resumo, à simesmação. Em nosso caso, tal risco não podia estar ausente, uma vez que a doença e a morte de familiares *devem* sempre ameaçar e ser experienciadas. De acordo com o “modelo” da experiência que o Dasein “fizera” para si no caso Suzanne Urban, em termos de uma experiência “não-natural”, o novo, o câncer do marido, não pôde ser “realmente” *experienciado*, isto é, ser integrado na experiência e “elaborado” existencialmente. Contudo, uma vez que esse novo não podia ser eliminado do mundo, mas repousava sobre o Dasein constantemente como um encargo (de apoderar-se dele *existencialmente*) e o cumprimento desse encargo não foi bem-sucedido, ele se tornou uma ameaça

---

<sup>257</sup>N. do T.: Existe uma relação etimológica entre o substantivo “culto” e o verbo “cultivar” (e Binswanger, em alemão, usa justamente o termo latino : *kultivieren*). O sentido primeiro de *cultus* em latim é “cultivo”, mas por meio de uma transferência de sentido (uma vez que “cultivar” também pode significar “cuidar”), “cultivar um deus” passou a ser “louvá-lo”, “prestar honras a ele”.

abismal<sup>258</sup>, uma ameaça ao "chão"<sup>259</sup> do Dasein e, por fim, seu *abismo*. Com isso, aconteceu o que chamamos de autonomização do tema do pavor, seu desprendimento da cena original, em outras palavras, sua *supremacia* sobre o poder da experiência natural. Nesse momento, todavia, ainda estamos diante da estrutura temporal da *cena original*. No pavor "abismal" relativo ao diagnóstico de câncer e no congelamento de todo o Dasein, "o tempo" estava, por assim dizer, em repouso, não se desdobrou em seus êxtases e, portanto, o Dasein não existia mais no sentido pleno da palavra. Esse é o significado *temporal* da fixidez ou do congelamento<sup>260</sup> do Dasein.

Essa fixidez é muito bem expressa nas palavras de Antônio no Tasso<sup>261</sup>:

"Quando algo completamente *inesperado* acontece

Quando nosso olhar vê algo *prodigioso*,

Nosso espírito fica silencioso por um momento,

Nada temos com que *compará-lo*."

Na falência da capacidade de comparar (na qualidade de primeiro passo em direção à possibilidade de agarrar e apreender<sup>262</sup> o pavoroso do pavor) mostra-se, na verdade, o completo repouso do espírito, do "movimento espiritual". Nesse ponto, entretanto, não podemos esquecer que também o repouso do tempo é um modo de temporalidade, e aquele modo no qual o Dasein, a partir de seus "êxtases" no passado, presente e futuro, recai em si mesmo como "puro"<sup>263</sup> Dasein, como *puro temor*<sup>264</sup>. Esse "desconhecimento" (que caracteriza o pavor) de como e do que acontece comigo, essa impossibilidade do "discernimento"<sup>265</sup>, constitui a *sinistridade*

<sup>258</sup>N. do T.: No original, *bodenlos*, "sem fundo", usado, no entanto, no sentido de "enorme". Não tem relação etimológica com "abismo" (*Abgrund*), mas decidi manter a relação conceitual entre as palavras também na tradução.

<sup>259</sup>N. do T.: Cf. nota 104.

<sup>260</sup>N. do T.: Sobre "rigidez" (*Starre*) cf. nota 106. *Erstarrung*, cf. nota 110.

<sup>261</sup>N. do T.: *Torquato Tasso*, peça de Goethe, que tem como fundo o amor do poeta quinhentista que dá nome à peça pela Princesa de Este.

<sup>262</sup>N. do T.: Existe, em alemão, uma relação etimológica entre "agarrar" (*fassen*) e "apreender" (*erfassen*). *Fassen* também pode ser utilizado no sentido de "apreender", cf. nota 108.

<sup>263</sup>N. do T.: Puro aqui é *nackt* em alemão, isto é, "nu".

<sup>264</sup>Cf. *Grundformen und Erkenntnis des menschlichen Daseins* [Formas Fundamentais e Reconhecimento da Presença Humana]. pp. 445, 448 e passim.

<sup>265</sup>N. do T.: *Einsicht*, cf. nota 98.



"abismal" desse congelamento do Dasein. A "dissolução da fixidez existencial" consiste em ex-sistirmos<sup>266</sup> novamente, em outras palavras, em que os êxtases da temporalização se desdobrem novamente. Já dissemos anteriormente o que isso quer dizer: que somos capazes novamente de apreender o pavoroso do pavor e a nós mesmos<sup>267</sup>, pegar ambos *por* alguma parte e, com isso, comparar ambos a alguma coisa. Nisso começamos a integrar o pavoroso do pavor no continuum de nossa experiência.

Sabemos que isso não teria sido possível no caso Suzanne Urban e por que não teria. O pavoroso do pavor da cena original destruiu, por assim dizer, o "modelo" de sua experiência até aquele ponto; pois esse modelo, completamente estruturado sobre a segurança da existência, manteve a *experiência da falência fora*<sup>268</sup> *dessa segurança*. Para além disso, esse pavoroso não assimilado à experiência necessariamente manteve viva a *receptividade* de si, entretanto, da mesma maneira, aumentou a dimensão da atividade rumo ao desmedido, isto é, até o esgotamento completo: Suzanne Urban "só mostrava interesse pelo câncer do marido".

Aqui nos vêm aos olhos sobretudo os caracteres essenciais da *decadência* (traçados por Heidegger<sup>269</sup> com muita agudeza): primeiro a *tentação* de perder o próprio chão, isto é, a si mesma nesse "interesse", segundo a (suposta) *tranquilização* de ter encontrado o autêntico sentido do Dasein na absorção pelo tema desenfreada, ativa e sempre crescente, terceiro a *alienação* associada a isso, na qual o Dasein "esconde sua capacidade de ser mais própria", quarto o enredar-se ou o *enredamento* do Dasein *em si mesmo*. Relativamente ao último fenômeno, lembremos mais uma vez que o mundo e o Dasein são *inseparáveis*, que o estado de decadência *no mundo* e o enredar-se do Dasein nele próprio significam a mesma coisa.

Se, em Heidegger, estamos lidando com a estrutura *a priori* da temporalidade da decadência, necessariamente salta aos olhos que o Dasein, no caso Suzanne Urban, representa um tipo fenomenológico especial e um grau especialmente alto desse estado de decadência.

---

<sup>266</sup>N. do T.: No original, trata-se exatamente do verbo de origem latina *existieren*. Binswanger separa o prefixo (grafando *ek-sistieren*), atentando à etimologia de *existo* em latim ("sair", "aparecer", "apresentar-se", "nascer", "existir"), composto a partir do verbo *sisto* ("suster", "levantar", "erguer", "apresentar") e o prefixo *ex-* ("para fora").

<sup>267</sup>N. do T.: "Apreender" traduz *fassen*, cf. nota 108.

<sup>268</sup>N. do T.: "Manter fora" traduz *ausschließen*, "excluir", cf. nota 51.

<sup>269</sup>Cf. *Sein und Zeit* [Ser e Tempo]. § 38. *Das Verfallen und die Geworfenheit* [A Decadência e o Lançamento]. pp. 175 ss.

A "transição" a partir dessa já tão "lábil" estrutura temporal de extremo estado de decadência àquela da *atmosfera* do pavoroso mostra-se apenas no fato de que a "presentificação<sup>270</sup> emergente" que caracteriza "temporalmente" o estado de decadência, o "ser arrebatado" pelo presente, *não pode mais*, em uma *resolução*, ser *recuperada* de seu estado de perda<sup>271</sup> - para abrir, "como momento retido"<sup>272</sup>, a *situação* -, bem como no fato de que o estado de decadência não consegue mais "tranquilizar" o Dasein, mas o arrebatava consigo para o presente "inquietante"<sup>273</sup> do constantemente ameaçador. Com isso, a presentificação "emerge" sobretudo da estrutura total da temporalização, da unidade temporal dos êxtases, em termos de passado presente e futuro. Ao mesmo tempo, a ameaça se transforma, por meio daquilo de que se deve cuidar (por meio do cuidado do marido doente e de sua doença), no risco apresentado pelo *mundo compartilhado*<sup>274</sup> que *compartilha* desse cuidado. O Dasein agora também só espera ameaça da parte do mundo compartilhado, isto é, resistência, revolta, ataque. Ele não consegue mais retornar a si mesmo, mas permanece completamente envolvido na atmosfera desveladora da sinistridade do medo<sup>275</sup>.

O aguardo (inautêntico) na forma do simples *farejamento* de riscos sinistros apresentados pelo mundo compartilhado *desvela* agora a sinistridade desses riscos como hostilidades *definidas*, embora secretas, da parte do mundo compartilhado. Esse desvelamento é ambíguo: ele *desvela*, de um lado, o véu atmosférico do risco *sinistro*, portanto, o meio-pelo-qual velado do *medo*, na medida em que ele *descobre* ou *manifesta* a *secretividade* dos inimigos; por outro lado, com isso, ele novamente *vela* o Dasein *diante de si mesmo* com uma profundidade incomparavelmente maior do que a decadência naquilo de que deve se cuidar jamais conseguiria; pois um retorno do Dasein para si mesmo e para a *situação* agora está *fora de questão*<sup>276</sup>. A

---

<sup>270</sup>N. do T.: Cf. nota 89.

<sup>271</sup>N. do T.: "Estado de perda" traduz literalmente *Verlorenheit*, que, em Heidegger, descreve o Dasein que está inautenticamente perdido no "mundo".

<sup>272</sup>Cf. *Sein und Zeit* [Ser e Tempo]. *Die Zeitlichkeit des Verfallens* [A Temporalidade da Decadência]. pp. 346-349.

<sup>273</sup>N. do T.: Em alemão, "inquietar" (*beunruhigen*) é o exato oposto de "tranquilizar" (*beruhigen*). O parentesco etimológico não pode ser mantido em português.

<sup>274</sup>N. do T.: Em alemão, a expressão é "*mitbeteiligte Mitwelt*", em que *mitbeteiligt* significa "compartilhado". Como decidi traduzir *Mitwelt* por "mundo compartilhado", resolvi não repetir o adjetivo na tradução.

<sup>275</sup>Quanto a essa "realocação de acento" da confiança para o medo e sobre sua interpretação daseinanalítica, cf. acima o fim do capítulo III b), bem como o final do "Retrospecto".

<sup>276</sup>N. do T.: *Ausgeschlossen*, particípio de *ausschließen*, cf. nota 51.

alienação (*aliénation*) do Dasein por si mesmo é agora, no delírio, quase "total". Isso é o que, na psiquiatria, designamos como "incorrigibilidade das ideias delirantes".

Deve-se agora examinar mais precisamente o desvelamento peculiarmente velador do meio-pelo-qual do medo, o qual caracteriza o modo de Dasein do *delírio*. Partiremos da experiência do "novo", na qual o estado de decadência "tranquiliza" o Dasein.

Em primeiro lugar, deve-se afirmar que o Dasein gera "novas" experiências mesmo em condição delirante. De que tipo, entretanto, é a novidade do novo nessa experiência? Não é mais uma novidade no sentido da novidade do novo, mostrada pela presentificação peculiar que emerge do estado de decadência, pela experiência "natural" ou cotidiana. Enquanto aqui a experiência avança de um passo experiencial para outro (discursivamente, portanto), guiada pela confiabilidade, pela constância e pela consequência (repetidamente colocadas à *prova*) desse modo (natural) de experiência, a experiência deliroide gira constantemente em círculos. Não se chega a uma extensão da experiência em termos da admissão de experiências "sempre novas". Além disso, a experiência deliroide mostra, na verdade, uma consequência, uma constância e uma confiabilidade até mesmo superiores à experiência natural sob certo ponto de vista. Contudo trata-se de uma confiabilidade não colocada à prova (i. e., que não faz qualquer indicação a *questões*), mas que tem certeza de si. Essa certeza de si origina-se do modo de Dasein que está enviesado pela receptividade e limitado ao simples medo ou, como dissemos antes, do modo de Dasein *submetido* ao poder do pavoroso, i. e., dominado por ele "*inquestionavelmente*". A nova experiência não significa aqui uma extensão da experiência, mas meramente a confirmação das antigas experiências: "é", como muitos pacientes dizem, "sempre a velha canção" e a velha canção *a* cada nova experiência. A submissão ao pavoroso traz consigo um *modelo experiencial* completamente "novo" (novo frente à experiência natural), estipulado de uma vez por todas. Trata-se de uma experiência que está parada na experiência desse novo, e exatamente nela, na experiência do mesmo, isto é, "da velha canção". Isso, no entanto, implica uma diferença essencial em relação à experiência natural, isto é, uma contração portentosa da estrutura temporal e, com isso, da ex-sistência, em termos da perda de um futuro *autêntico*, de um *antecipar-se autêntico* e do estar atolado na pré-expectativa do ameaçador. Essa pré-expectativa é, na qualidade de expectativa, também um aguardo, mas um que é inautêntico e não-existencial, na medida em que ele não consegue sair desse aguardo e retornar a um presente autêntico, no sentido do momento.

No entanto, com isso, o tipo de novidade do novo na experiência deliroide ainda não está de forma alguma suficientemente caracterizado. Ainda falta um traço, o traço decisivo na experiência da novidade no delírio. Também aqui podemos partir do símile do palco de Ellen West. Vemos, nesse ponto, que, exatamente com ou na repetição do conhecido, "da velha canção" (portanto, da experiência da eterna ocupação de toda saída nova), também se tem uma experiência "de algo novo", a experiência da *ausência de saída* como tal. É *ela* que tem como consequência o naufrágio no desespero. Isso se dá no *palco do delírio* da mesma maneira: o enviesamento pela receptividade ao pavoroso faz a partir de cada nova experiência uma experiência da "velha canção", por exemplo, no sentido de uma *ação* hostil de qualquer tipo (da queda da armadilha, do ser fotografada, escutada, comprometida, do mostrar a foice, da decapitação etc.). O Dasein sempre busca novamente uma saída do palco do pavor e ele sempre tem a mesma experiência de novo, a experiência de uma "nova" *ação* maliciosa e hostil. Com isso, chega-se a uma experiência *nova* de fato, que estremece todo o Dasein, isto é, à experiência da maldade, da malícia, da crueldade humanas "sem saída". "Eu teria", dizem muitos pacientes, entre os quais Rousseau e o professor Wagner, "eu nunca teria pensado que as pessoas, 'sem exceção' podiam ser tão diabólicas"; no excitante dessa nova experiência da *ausência de exceções*<sup>277</sup> está o tormento e o desespero do delírio de perseguição. Ela é a expressão da transformação (que já conhecemos a partir do *Caso Lola Vofß*) do terrível ou pavoroso insuportável *único* nas muitas malevolências secretas dos inimigos.

Enquanto no quarto estudo, o *Caso Lola Vofß*, tivemos que nos contentar essencialmente com a verificação e a descrição dessa transformação, esperamos, neste quinto estudo, ter dado um passo a mais na compreensão daseinanalítica dela. Temos consciência que ainda estamos longe da meta. De todo modo, ao menos o caminho para ela parece ter sido mostrado. Na verdade, depois de tudo o que fizemos até agora, parece que aquela transformação só pode ser compreendida a partir da *Empfänglichkeit* ou receptividade<sup>278</sup> (isoladas) ao terrível ou pavoroso

---

<sup>277</sup>Também aqui não poderemos estudar exaustivamente o papel que tem a ausência de exceções no delírio de perseguição. Tal estudo deveria, em primeiro lugar, partir das observações de Kierkegaard sobre a exceção e o geral, como ele pelo menos sugeriu em seu escrito *Die Wiederholung* [tradução para o alemão do dinamarquês *Gjentagelsen* – A Repetição]. Aqui ele mostra que, para o geral ser esclarecido e "bem estudado", seria necessário "somente olhar em torno de si em busca de uma exceção válida" (*Werke* [Obras], Vol. III, p. 208). É exatamente isso que é interdito ao paciente que sofre de delírio.

<sup>278</sup>N. do T.: Em alemão, utilizam-se os termos *Empfänglichkeit* e seu sinônimo de origem latina *Rezeptivität*. Mantive o primeiro termo no original nesse trecho. No restante da obra, Binswanger sempre usa a palavra germânica, que então traduzo por "receptividade".

(*phoberón*) simplesmente. Essa receptividade parece ter uma espontaneidade de algum tipo. Pois é apenas graças a certa espontaneidade que se pode compreender que a *receptividade* ao *phoberón* consegue se transformar em *impressionabilidade* por meio dos *ekhthrói*, ou *inimigos*. A impressionabilidade não é mais a receptividade ao pavoroso como tal, mas a possibilidade de *experiências* de “impressões” ou intrusões pavorosas ou terríveis do mundo compartilhado no próprio Dasein. Com isso, retornamos ao que falávamos acima a respeito da *ação* hostil.

A transição da receptividade à sinistridade do pavoroso à *experiência* (deliroide) de determinadas *ações* secretas e hostis pressupõe, na verdade, a governança de uma certa espontaneidade da experiência e, com isso, de uma certa *Bestimmung* ou determinação do particular. Se designarmos o pavoroso em termos daquilo que aqui está no fundamento de toda experiência, que une todas as experiências isoladas (que lhes é *obrigatório*<sup>279</sup>), como o geral e sua respectiva ação hostil como o particular, poderemos dizer que a ação hostil representa aqui a concreção do geral e do particular. Chega-se aqui à experiência do particular, contudo, esse particular não é mais preservado em sua particularidade, mas é engolido pelo pavoroso (na qualidade de geral). Aqui o particular é absorvido pelo geral do pavoroso. Esse é o cerne da *experiência* em condição *delirante* ou *alucinada*. O Dasein não consegue mais deixar que as experiências isoladas existam em sua particularidade, no sentido da experiência natural, mas, nelas e com elas, gera somente a respectiva experiência nova do geral na qualidade de pavoroso. Consequentemente consegue-se chegar a uma comunicação (no sentido daseinanalítico), mas não se chega mais a um *entendimento* objetivo em termos da experiência natural. Pois a experiência natural não experiencia o que nos é próximo de um ponto de vista arbitrário, mas de um ponto de vista predeterminado pela “natureza” (no sentido da *phýsis*<sup>280</sup> grega). É, como Szilasi<sup>281</sup> mostrou, o ponto de vista ou a posição que todos assumimos. “É por isso que ela é a publicidade, na qual tudo o que aparece entra e, ao entrar, se torna acessível a todos”. *Para a análise do Dasein*, mesmo aquele que sofre de delírio está incluso nesse “nós” (!). É ela que cria “a própria base da comunicação”. E só se pode compreender e descrever a experiência deliroide como experiência a partir dessa base. Assim como na

---

<sup>279</sup>N. do T.: Em alemão, “obrigatório” é *verbindlich* e possui uma relação etimológica com “ligação” (*Verbindung*).

<sup>280</sup>N. do T.: A palavra *phýsis* vem do verbo *phýo* (“nascer”, “originar-se”) e designa, em primeiro lugar, aquilo que é intrínseco a alguém ou alguma coisa, portanto, “natureza” como na expressão “por natureza”.

<sup>281</sup>Relativamente a isso e ao que se segue, cf. *Die Erfahrungsgrundlagen der Daseinsanalyse Binswangers* [As Bases Experienciais da Análise do Dasein de Binswanger] loc. cit. pp. 75 ss.

experiência natural, há uma "orientação para a experiência" na experiência delirante. É a análise do Dasein que nos permite compreender a última como uma experiência. Para além disso, no entanto, a análise do Dasein também deve descrever (como tentamos) as diferenças específicas de ambos os modos experienciais, e exatamente por conta da diferença de suas "orientações". Para a experiência natural, essa orientação está na recondução à "coesão real de um contexto consecutivo e associativo", em outras palavras, ao *a priori* da "natureza" como "contexto estrutural" experienciado transcendental-objetivamente. Nessa "confiabilidade", a experiência natural encontra a tranquilidade. Onde essa confiabilidade é abalada (como, por exemplo, na "fantasia"), chega-se à *questão* e à resposta das questões em termos da orientação de que falamos acima, ao preenchimento, portanto, das *lacunas* da experiência por meio de novas experiências<sup>282</sup>. O caso é outro com a experiência deliroide. Também ela experiencia a estrutura firmemente ordenada da objetividade transcendental (no sentido negativo, contudo) no abalamento que se dá, na forma do *medo*, por meio da não-confiabilidade da experiência. A não-confiabilidade da experiência (sendo também característica à *disposição delirante*) não instrui ao questionamento e a colocar à prova em termos da experiência natural, mas a uma verificação inquestionável, colocada acima de toda prova, no sentido do encontrar-sua-tranquilidade da experiência deliroide. Isso vale tanto para a percepção delirante quando para a (verdadeira) ideia delirante. A razão de a *experiência* (portanto, não estamos falando do "indivíduo!") conseguir se tranquilizar em uma verificação *inquestionável* está na transformação profunda de todo o Dasein ou ser-no-mundo, isto é, em termos do isolamento ou de uma absolutização da receptividade ao pavoroso. Esse isolamento, como todo isolamento de uma possibilidade de ser do Dasein, implica em determinada *restrição* das possibilidades experienciais a um novo *modelo experiencial* específico. No modelo experiencial do delírio de perseguição, a experiência recebe suas instruções a partir do pavoroso, em sua condição de *correlato do medo*. Também aqui as experiências são reconduzidas a um "contexto consecutivo e associativo". O Dasein não recebe mais a partir da transcendência objetiva, no sentido da "*phýsis*", a instrução de deduzir<sup>283</sup> e associar, mas da transcendência subjetiva do *medo* e a partir de seu "correlato objetivo", o

---

<sup>282</sup>"Contudo, todos eles (isto é, os poetas, os artistas, os filósofos, os gênios religiosos) têm a experiência de que o não-confiável é uma instrução ao questionamento, uma coerção à experiência de se livrar de sua incompletude por meio de um preenchimento consequente das lacunas (das negações); não há um abalamento da ordem. O abalamento da impressão de confiabilidade faz com que a consequência do caminho se torne um tema". W. Szilasi, loc. cit. p. 80.

<sup>283</sup>N. do T.: Em alemão, o verbo é *folgern*, que tem uma relação etimológica com *Folge*, "consequência", "sequência".

pavoroso. É na interação *dessa* transcendência subjetiva-objetiva que a experiência encontra sua tranquilidade com *confiabilidade* e *consequência*! Ela não se tranquiliza, portanto, na "experiência da coisa" aristotélica, mas na consequência da experiência de sentido e de significado instruída pelo pavoroso. Toda experiência nova recebe seu sentido inabalável (o sentido do maligno, pavoroso, hostil) a partir da consequência *dessa* experiência. O *mundo* dessa experiência é, como vimos, dirigido por "demônios" sinistros e intangíveis, por poderes ou forças malignas, os quais, elevando-se do próprio Dasein, são percebidos, *experienciados*, na forma de perseguidores e perseguições "que estão ao serviço deles".

"Perceber", diz Merleau-Ponty com muita propriedade, "é engajar de uma só vez todo um devir de experiências em um presente que, a rigor, jamais o garante, é crer num mundo"<sup>284</sup>. Nossos pacientes também acreditam em um mundo, eles também (eles sobretudo) trazem de uma vez todo um futuro de experiências para dentro de um presente, mas com a diferença de que esse presente já implica e *garante* o futuro "incondicionalmente", "indubitavelmente", "inquestionavelmente". Aqui o espaço do Dasein é tão estreito que não há nem "lugar" nem "tempo" para novas experiências em termos do *controle* daquela garantia. E se o fato de que há "uma certeza absoluta sobre o mundo em geral", "mas não sobre algo em particular"<sup>285</sup> é característico da certeza da percepção, o modo experiencial de nossos pacientes se diferencia do modo das pessoas sãs exatamente pela convicção autoevidente da certeza sobre *cada* percepção isolada. *A perda da confiança no mundo como algo digno dela*<sup>286</sup>, doméstico, envolve a confiança inabalável nas percepções isoladas daquilo em que não se confia<sup>287</sup>. Ambas as coisas são igualmente a expressão da submissão do Dasein ao pavoroso e a sua *proximidade* aflitiva pressentida por toda parte e sempre *diante* de cada percepção.

Por ora, basta apenas indicar que a *espacialização* do Dasein na forma de palco do pavor é a expressão "espacial" para o fato de que, nesse Dasein, fundamentalmente "não acontece nada de novo", de que aqui a experiência (como dissemos) gira em círculo, no círculo estreito "em torno da velha canção". Aqui e em outra parte, a interpretação temporal abre o caminho para a interpretação espacial. *O estreitamento do espaço do Dasein (le rétrécissement de l'espace vécu) na*

---

<sup>284</sup>Loc. cit. pp. 343-344..

<sup>285</sup>Ibid.

<sup>286</sup>N. do T.: *Vertraut*, cf. nota 41.

<sup>287</sup>N. do T.: *Unvertraut*, cf. nota 42.

*forma do palco do pavor tem sua "base" naquela contração da estrutura temporal que se mostra na experiência (na experiência na qualidade de deliroides).*

Por fim, abordemos rapidamente alguns problemas isolados do delírio. Se costumamos dizer que, nos pacientes que sofrem de delírio, *muita coisa ainda acontece*, essa maneira de dizer é justificada na medida em que, com isso, se tenham em mente as *confirmações* experienciais sempre novas do velho (do velho conhecido que é o pavoroso). Sob outro ponto de vista, pouco acontece neles, e, com a evolução da esquizofrenia crônica, acontece sempre menos, na medida em que eles não têm experiências novas no sentido da experiência natural, isto é, experiências que "adicionam algo novo" às antigas, mas *apenas* experiências em termos da monotonia da "velha canção". Permanece-se fundamentalmente na experiência do elemento geral *único*, e assim "não acontece muita coisa" nesses pacientes.

A partir daqui, também a questão do "*andamento*"<sup>288</sup> de tal experiência ao menos se deixa observar. Não se trata, é claro, da questão (psicológica) da velocidade ou da lentidão da concepção, mas do andamento em que o Dasein se movimenta. Vê-se facilmente que o que valia para o problema anterior também vale para esse. O modo de temporalização do Dasein de que se trata aqui é a da *longura*, de uma longura que (e mal precisaríamos esclarecer este ponto) se diferencia da *lentidão*<sup>289</sup> da depressão. Pois nesta têm-se poucas ou nenhuma experiência nova (excetuando-se o aumento da lentidão), enquanto, no delírio de perseguição, como vimos, tem-se uma imensidão de "novas" experiências, embora apenas em termos da confirmação da velha canção. A temporalização da longura, que caracteristicamente nunca conduz à temporalização do *tédio*<sup>290</sup>, mostra-se no fato de que não se chega a impressões realmente novas, no sentido da experiência natural, mas apenas, em todas as experiências particulares, à longa experiência da ausência de saída e da sinistridade gerais.

---

<sup>288</sup>N. do T.: Vale notar que o termo utilizado para "andamento musical" em alemão é *Tempo*, que aqui vem a calhar pela relação semântica da palavra com *Zeit*, "tempo" no sentido cronológico.

<sup>289</sup>N. do T.: Em alemão, "longura" é *Langwierigkeit* e "lentidão", *Langsamkeit*. Ambas possuem em sua raiz o adjetivo *lang* ("longo"), que é comumente usado com expressões de tempo. Por exemplo, "muito tempo" diz-se "*lange Zeit*" ("tempo longo"). *Langwierigkeit* vem do adjetivo *langwierig* (também "longo", "prolongado"), que é usado para atividades laboriosas, que ocupam muito tempo. Binswanger está tentando distinguir na etimologia dessas palavras vestígios de formas diferentes de lidar com o tempo. Infelizmente não é possível manter essas relações etimológicas em português.

<sup>290</sup>N. do T.: A palavra para "tédio" é *Langweile* formada pelo adjetivo *lang* ("longo") e o substantivo *Weile* "momento", "intervalo de tempo". É oposto à *Langwierigkeit* no sentido em que esta descreve um longo tempo que é normalmente árduo e laborioso, enquanto a *Langweile* descreve um tempo em que nada ou quase nada acontece.



E, por fim, aqui também se iluminou a questão da *faculdade de sofrer* de nossa paciente. Se nos perguntarmos como é possível que essa paciente consiga suportar "seu sofrimento" por tanto tempo sem se "despedaçar" ou perecer pela mágoa, a resposta precisa seguir o mesmo sentido das duas anteriores. Se compararmos o sofrimento de nossa paciente com o de alguém saudável, veremos que o sofrimento, no caso deste último, se temporaliza na plena concreção da experiência da desgraça (por exemplo, de sua própria doença, da morte do próximo), isto é, na unidade da experiência da desgraça como algo geral exatamente *nessa* particularidade. Na experiência da generalidade como *essa* particularidade, o sofrimento nos abate, ficamos abatidos. O mesmo vale para o irritante. Se alguém, no convívio da vida e do trabalho, for irritado repetidamente da mesma maneira pela mesma pessoa, "ele não vai suportar para sempre". Em verdade, aqui se experiencia a generalidade da irritação novamente *em* cada particularidade, mas não de maneira que (como no delírio) o particular represente o geral e exista somente *pela graça* dele, mas de modo que o geral se particularize de fato em toda sua dimensão, isto é, experiencie sua plena concreção em cada "ensejo" particular, em cada experiência particular, portanto. É isso que, frente ao irritante, não suportamos para sempre. Pois aquela concreção não é possível de forma alguma na simples receptividade ou impressionabilidade, mas (como uma análise extensiva deveria mostrar) somente no presente autêntico da *existência*. Se nossa paciente pensa constantemente em suicídio (no sentido da autopunição etc.), isso não significa, como vimos, que ela não suporta mais seu sofrimento (como era o caso em Ellen West); ela o suporta em si e por si com um lamento monótono – lamento que não é a mesma coisa que a expressão de uma "necessidade *existencial*" – e o suporta porque "felizmente" esse sofrimento não consegue (como uma particularidade que ocorre só uma vez conseguiria) reclamar para si, agarrar e penetrar como uma necessidade "toda a existência" (como faria no caso de uma pessoa sã e no de uma Ellen West), mas vai de encontro a um Dasein *reduzido* à esfera da simples receptividade e impressionabilidade e, com isso, permanece na generalidade tematizada do sofrimento *deliroide*.

## C. ANÁLISE DO DASEIN, PSICOPATOLOGIA E CLÍNICA, PSICANÁLISE

### I. RESULTADO DA INVESTIGAÇÃO DASEINANALÍTICA

Como resultado da investigação daseinanalítica precedente, podemos afirmar que conseguimos observar e analisar a transformação histórica de uma forma de Dasein isolada como "fundamento exemplar" de uma possibilidade essencial de destino humano<sup>291</sup>. Com isso, está traçado o *caráter fenomenológico* de nossa investigação. A essência ou o *eîdos*<sup>292</sup> de que se trata mostrou-se como a essência do pavoroso ou do terrível. Uma vez que essa essência não se encontra no limbo, mas é uma possibilidade essencial do Dasein *humano*, isto é, a *submissão* ao pavoroso, ela precisa ser designada como uma essência *antropológica*. Mas, na medida em que o Dasein humano é história, a essência do pavoroso não podia ser vista como uma *forma* de Dasein, mas tinha que ser exposta ("pro-duzida"<sup>293</sup>) como uma *evolução* ou um *percurso* essencial do Dasein. Isso aconteceu da única maneira possível a toda apreensão essencial: por meio de sua demonstração em um "fundamento exemplar". A partir da história da transformação da forma do Dasein a que demos o nome de Suzanne Urban (dessa história como fundamento exemplar), observamos a *essência* do pavoroso em sua estrutura *essencial* de evolução ou percurso, portanto como possibilidade *essencial* de destino humano<sup>294</sup>. Se

<sup>291</sup>Cf. Szilasi, *Macht und Ohnmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito] (p. 13): "O Dasein é ele próprio história, pois ter um destino é a propriedade específica do Dasein".

<sup>292</sup>N. do T.: O sentido primeiro da palavra grega *eîdos* (que vem da raiz *weid-*, parente da raiz presente no verbo latino *uideo* – cuja forma evoluiu para nosso "ver") é "aquilo que pode ser visto", "forma". Posteriormente ganhou o significado de "tipo", "classe" de alguma coisa. A partir de Platão, passou a ser usado, juntamente com *idéa* ("forma", "ideia", que parte da mesma raiz) para designar as formas fundamentais, o arquétipo inteligível de alguma coisa, como "o bem", "a beleza" etc. em si, em oposição a suas manifestações particulares. Assim, enquanto se poderia dizer que o ouro é algo belo, não se poderia dizer que ele é a beleza em si. Conhecer as formas fundamentais, os *eîde* seria a ocupação própria do filósofo. É nesse sentido que aqui *eîdos* pode ser usado como sinônimo de essência.

<sup>293</sup>N. do T.: Binswanger dissecou o verbo de origem latina *produzieren* ("produzir") que vem do verbo *duco* ("conduzir", "levar") acrescido do prefixo *pro-* ("para frente") e tem como primeiro sentido em latim "conduzir para frente", "apresentar".

<sup>294</sup>Relativamente às expressões "essência" [*Wesen*], "essencial" [*wesensmäßig*] e "possibilidade essencial" [*wesenhafte Möglichkeit*], fazemos referência às *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* [Ideias quanto a uma Fenomenologia e uma Filosofia Fenomenológica Puras] de Husserl (Halle 1913), bem como a minha comunicação, feita em Zurique já em 1922, "*Über Phänomenologie*" [Sobre a Fenomenologia] (*Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria]. 82, 1923 e "*Ausgewählte Vorträge und Aufsätze I*" [Palestras e Artigos Escolhidos I], Bern 1948). – Só se repare de passagem que eu, a

repetidamente designamos a apreensão da essência do pavoroso e de suas possibilidades essenciais como a real intenção de nossa investigação, o fazemos para confrontar essa intenção com a descrição e o retrato puramente clínico-históricos dos acontecimentos e das vivências em que o pavoroso aparece biograficamente. Por mais que a biografia "ofereça" o fundamento exemplar para a observação da essência do pavoroso, a *seqüência* histórica dos acontecimentos e vivências pavorosos não pode ser determinante para a apreensão da essência pura do pavoroso como *possibilidade do Dasein*. Ainda que essa possibilidade se mostre inicialmente em um pavor ou horror que acontece só uma vez, em uma atmosfera pavorosa, na forma de um demônio pavoroso, na maneira de um olhar, um sofrimento, pensamentos ou ações pavorosos, a essência do pavoroso pode acender, dar-se a conhecer (ou como quiserem chamar) em qualquer lugar e ocasião. "Dormimos todos juntos sobre vulcões", para usar uma expressão de Goethe<sup>295</sup>: onde, quando, com que freqüência e com que violência o vulcão entrará em erupção não é determinante para a *essência* do vulcânico.

"Para explorar a essência de um *eîdos* (*phýsin eídous*<sup>296</sup>) , precisamos vê-lo em toda sua plenitude, no cume de seu cume" diz Szilasi<sup>297</sup> com razão. Assim, tentamos explorar a essência do pavoroso "em sua plenitude" e aqui isso implica

---

despeito de minha convicção da importância filosófica e científica imperecível do método puramente fenomenológico, não estou no campo do "intuicionismo absoluto" da maneira que Husserl o advoga, razão pela qual ainda sou aberto a contemplações e reflexões, como disse Hans Kunz recentemente (cf. *Das Problem des Geistes in der Tiefenpsychologie* [O Problema do espírito na Psicologia Profunda], Psyche ano V caderno 5, 1951). Para nosso problema, as observações de Kunz sobre as relações internas entre "essência" e "gênese" (pp. 248 ss.) são de especial importância. Contudo, se abordássemos esse problema minuciosamente, isso iria sobrecarregar demais nosso estudo. Todavia sua importância vem do fato de que já o encontramos em Schilder (cf. *Seele und Leben* [Alma e Vida], p. 114) e, da mesma maneira, recentemente em Paul Ricoeur (cf. *Philosophie de la volonté* [Filosofia da Vontade], Paris 1949 p. 405): "Não há oposição, acreditamos, entre uma psicologia *genética* ligada à *história* das estruturas e uma fenomenologia *descritiva* ligada ao *sentido* das estruturas humanas".

<sup>295</sup>N. do T.: Xenien, III, "Was hast du denn...". O poema inteiro, em uma tradução livre, é o seguinte:

O que tens? Não estás intranquilo,  
E também não estás tranquilo, me fazes uma cara  
Como se hesitasses a pressentir um sono magnético.  
O velho dorme como a criança,  
E, como somos humanos,  
Dormimos todos juntos sobre os vulcões"

<sup>296</sup>N. do T.: Em grego, "natureza da forma". Cf. nota 280.

<sup>297</sup>Loc. cit. p.86.

explorá-la na máxima desmedida de seu isolamento, isto é, naquela possibilidade de ser humana que clinicamente designamos como delírio de perseguição. Para essa finalidade tomamos em separado um destino humano em que a plenitude da essência histórica do pavoroso se mostra quase totalmente.

Se fosse necessária ainda uma confirmação para o fato de que, com a apreensão da essência do pavoroso – ao qual também a essência do destrutivo diz respeito –, estávamos na trilha certa, precisaríamos somente nos referir ao poema "A Destruição" de Baudelaire, no qual se observa e se estende diante dos nossos olhos, numa intuição poética genial e numa totalidade *ainda* maior, aquilo que só conseguimos explorar com a contínua interpretação *dasein*analítica de toda uma vida. A diferença entre o poeta do destrutivo e o intérprete do pavoroso, de um lado, e o *Dasein* insano, de outro, consiste (como é evidente) no fato de que os primeiros *observam* a essência do pavoroso na *visão* poética ou na *interpretação* fenomenológica, enquanto, no último caso, essa essência se *consuma*. E, contudo, observação e consumação têm relação entre si, como o símile de Ellen West mostrou. Também a *observação* e a *representação* da essência do pavoroso é uma consumação do pavoroso, todavia, ainda a partir da estrutura total do *Dasein*, portanto sem ter abandonado o poder da *confiança*; por outro lado, onde o pavoroso se consoma *no* *Dasein* ou "se torna um destino", o poder do *Dasein* da *confiança* encontra-se *submetido* e o *Dasein*, *reduzido* à pura faculdade de sofrer e completamente nas garras "do grande abutre do *medo*". Na observação da essência do pavoroso, também estamos em meio ao *Dasein* e a sua comunicação. Naquilo que é teu, também vejo (*skopéo*) "o que é meu" (*tò emón*), "minha própria imagem", como Emil Staiger traduz a fala reflexiva de Odisseu frente à loucura de seu inimigo, Ajax<sup>298</sup>.

---

<sup>298</sup>Sófocles, *Ájax*, v. 124. [A peça conta a desgraça e o fim de Ajax que, após perder para Odisseu na competição pelas armas de Aquiles, tenta assassinar a ele, Agamêmnon e Menelau (que eram líderes dos gregos e foram juízes da competição). Contudo, durante a tentativa de ataque, a deusa Atena faz descer sobre ele uma loucura que faz com que veja o gado do exército como se fossem seus inimigos. Ajax cai em desgraça ao matá-los pensando que o fazia com seus inimigos. O trecho citado é do começo da peça, quando, já depois dos acontecimentos (não representados no enredo), Odisseu espreita a tenda de Ajax para ver o que aconteceu e conversa com Atena (vv. 118-126 – tradução livre e itálicos nossos):

Atena: Vês, Odisseu, quanta é a força dos deuses?

Antes, quem teria encontrado um homem mais prudente

E melhor ao fazer o que exigia a situação?

Odisseu: Nada sei, mas apieda-me dele,

Infeliz, ainda que seja inimigo,

## II. O RECONHECIMENTO DA ESSÊNCIA DO PAVOROSO E O RECONHECIMENTO DISCURSIVO DE SUA CONSUMAÇÃO

Se agora, partindo do modo experiencial fenomenológico e daseinanalítico, nos voltarmos à investigação e à experiência *psicopatológicas* e *clínicas* – contudo sem jamais perder de vista as do primeiro tipo! –, deixaremos o campo do Dasein comum e da *comunicação do Dasein* e nos colocaremos no terreno *da contemplação e do reconhecimento discursivos, objetivos ou objetificantes*<sup>299</sup>. Com isso, somente agora a forma de Dasein Suzanne Urban se torna o *caso clínico* Suzanne Urban, isto é, um exemplar de determinado tipo, gênero e classe de doença. Por outro lado, quando o clínico fala de *pessoa* ou *personalidade*, ele já deixou o campo da análise do Dasein. Que isso também seja dito tendo-se em vista o extraordinário livro *Die Person des Schizophrenen* [A Pessoa do Esquizofrênico] de Wyrsh<sup>300</sup>. A análise do Dasein é algo completamente diferente da investigação a respeito da pessoa e da

---

Pois está sob o jugo de uma má perturbação,  
E observo sua imagem como se fosse a minha.  
Vejo que nós, que vivemos, não somos mais  
Do que espectros ou uma sombra fugitiva.

<sup>299</sup>Já tratamos da diferença e da relação entre análise do Dasein e psicopatologia em *Über Ideenflucht* [Sobre a Fuga de Ideias], nos *Studien zum Schizophrenieproblem* [Estudos sobre o Problema da Esquizofrenia] anteriores, na palestra *Über die manische Lebensform* [Sobre a Forma de Vida Maníaca] (*Schweizerische Medizinische Wochenschrift* [Semanário Suíço de Medicina] 1945, caderno 3) e, por último, na comunicação em Badenweiler (*Der Nervenarzt* [O Neurologista], vol. 22, caderno 1, 1951), de modo que aqui não abordaremos essa questão em detalhes. – No que se refere a isso, cf. também as observações recentes de Wyrsh quanto a esse tema, que vão ao cerne da questão e fazem justiça a ambos os métodos de investigação; elas podem ser vistas em seu artigo "*Die psychiatrische Untersuchung und die Subjekt-Objektsplaltung*" [A Investigação Psiquiátrica e a Separação entre Sujeito e Objeto] (*Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. vol. 67, pp. 126 ss.). Se Wyrsh explica que "as doenças" não se tornaram "objetos" apenas para o pesquisador e o médico, mas que também o próprio paciente aprendeu a "considerar sua doença um objeto que tem uma existência independente e, portanto, só pertence 'acidentalmente' a ele, o paciente" (p. 127), ele, assim como todos nós, tem um predecessor em Tiling, que, já em 1904, alertou que estamos "demasiado acostumados a atribuir a cada doença, neurose e psicose seu caráter próprio" e a agir como se *a doença invadissem uma pessoa saudável como se fosse alguém estranho!* (Cf. *Individuelle Geistesart und Geistesstörung* [Tipificação e Distúrbio Individuais do Espírito], Wiesbaden 1904, p. 37). Eu vejo em Tiling, a despeito de seus esquemas psicológicos historicamente condicionados, um predecessor da psiquiatria clínica moderna.

<sup>300</sup>Contudo, justamente esse livro mostra com quanto mais facilidade o psiquiatra *acessa* as interpretações daseinanalíticas se elas estiverem com os trajes de uma psicologia ou uma psicopatologia da pessoa.

personalidade. É mérito de Hans Kunz<sup>301</sup> ter diferenciado entre alteração de personalidade e transformação de Dasein ou existência já em 1931, ao falar de delírio primário esquizofrênico.

Se falarmos do *caso* Suzanne Urban, o momento histórico-temporal entra em primeiro plano, isto é, a sucessão histórica dos acontecimentos, vivências e modos de vivência que distinguem esse caso e, portanto, a biografia e o histórico da doença no sentido da psicopatologia e da clínica. Se, para a apreensão da essência do pavoroso, é indiferente onde, quando e de que modo ela *irrompeu no Dasein e escapou de*<sup>302</sup> sua estrutura, esse certamente não é o caso para o reconhecimento discursivo da consumação fática do pavoroso em uma forma de Dasein reduzida ao campo conceitual de um caso clínico. No entanto, ter em vista a essência do pavoroso deve nos guardar de superestimar ou considerar isoladamente algum componente na sucessão dessa consumação! Seria, por exemplo, um erro grande e de consequências graves se quisessem considerar uma vivência de pavor como aquela no urologista (a cena primordial, portanto) indispensável para a consumação histórica do pavoroso. Tal vivência de pavor configura exatamente uma exceção na gênese do delírio de perseguição. Não devemos nos fechar ao olhar clínico de que, mesmo no Caso Suzanne Urban, o delírio de perseguição poderia ter irrompido *sem* tal vivência. Se escolhemos esse caso como fundamento exemplar para a observação da essência do pavoroso e como paradigma clínico para a gênese e determinada forma de delírio de perseguição, repetimos, é porque aqui (em termos clínicos) as “correlações” entre “personalidade pré-mórbida”, situação de partida, humor delirante e delírio vêm aos olhos *com especial clareza*.

Adiciona-se a isso outro momento clínico. A maioria das monografias relativas a análises clínicas e psicopatológicas e a autodescrições de casos isolados “paranoicos” e paranoides dizem respeito a casos em cujo início ou evolução surgem estados de confusão delirantes com vivências de desabamento do mundo, perda do mundo ou ao menos de alteração do mundo e do “eu”, seja com

---

<sup>301</sup>Cf. *Die Grenze der psychopathologischen Wahninterpretation* [O Limite da Interpretação Psicopatológica do Delírio], *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria] 135, caderno 5, p. 693, 1931.

Eis o trecho em questão: "Contudo, assumindo-se que a dissecação psicopatológica do delírio primário já houvesse avançado a ponto de não estar mais restrita à esfera nocional-intencional, a sumarização posterior dos elementos analisados em separado conforme a necessidade (os quais, em sua totalidade fático-concreta, constituem a ocorrência "delirante" primária) mostraria como resultado a alteração de personalidade esquizofrênica que se impõe como delírio primário e não a transformação do Dasein e da existência".

<sup>302</sup>N. do T.: "Irromper em" no original é *einbrechen*, "escapar de", *ausbrechen*. Cf. nota 99.

pronunciada turvação da consciência, estupor onírico ou simples perplexidade. Isso vale tanto para o caso Schreber de Freud como para os casos Klink e Dr. Mendel de Jaspers (*Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Periódico de Toda Neurologia e Psiquiatria] XIV, 1913), o caso Leonore Banting de Gruhle (*Z. Neur.* 28, 1915), o caso especialmente interessante de Schwab (*Z. Neur.* 44, 1919), o caso Arnold de Kehrer (*Z. Neur.* 74, 1922), o caso Hahnenfuß de Beringer e Meyer-Groß (*Z. Neur.* 96, 1925), o caso E. v. B. de Krapf (*Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten* [Arquivo de Psiquiatria e Doenças Neurológicas] 81, 1927) e o caso Kestner de Heidenhain (*Z. Neur.* 127, 1930), para nomear alguns apenas. São exceções, por exemplo, o caso Wagner de Gaupp, o “caso” Strindberg (cf. Jaspers, *“Strindberg und Van Gogh”* [Strindberg e Van Gogh], Bern 1922) e o supramencionado caso Rousseau<sup>303</sup>, bem como, sobretudo, o caso Bertha Hempel de J. Langes (*Z. Neur.* 85, 1923), em que não se trata, contudo, de um delírio de perseguição ou de traços de um, mas de um delírio amoroso. Em oposição aos primeiros casos e em concordância com os últimos, não vemos no caso Suzanne Urban nada de um estado agudo de confusão e não se mostram em sua evolução turvações de consciência de qualquer tipo, nem o distúrbio esquizofrênico de pensamento que, de acordo com O. Kant, “está sempre presente” na formação delirante esquizofrênica. Suzanne Urban nunca perdeu sua “orientação” e nunca exibiu os distúrbios de pensamento esquizofrênicos formais<sup>304</sup>. Isso também é importante para o tipo de ocorrência delirante ou de *forma de delírio* de nosso caso. Pois, ainda que se diferencie dos casos Strindberg e Rousseau pelo “afeto” melancólico *em alto grau*, tem em comum com eles a *forma do delírio*.

No que diz respeito a essa forma, opomo-la, com Eugen Kahn<sup>305</sup>, ao *conteúdo*, à *fábula* e à *orientação* delirantes (no sentido da danificação ou da assistência). Se Eugen Kahn, no que se refere à *forma* do delírio (a despeito da evolução aguda ou crônica), diferencia entre o delírio desorganizado e o sistematizado, o estéril e o produtivo, o fantástico e o realista, no caso Suzanne Urban, é necessário designar o delírio como sistematizado e produtivo, por um lado, e, por outro, realista (assumindo que se queira reservar a expressão “fantástico” para os casos de *paraphrenia phantastica*, que não é aquilo de que

---

<sup>303</sup>Em Strindberg, assim como em Rousseau, de todo modo, encontramos “acessos” extáticos transitórios oníricos ou “visionários”. Aliás, eles também não mostram nenhum distúrbio de pensamento esquizofrênico no sentido estrito.

<sup>304</sup>Hoje em dia, ninguém voltaria a considerar a ideia delirante um distúrbio de pensamento! Tiling já explicou que a ideia delirante é uma *questão do coração* (loc. cit. p.43).

<sup>305</sup>Cf. *Über Wahnbildung* [Sobre a Formação do Delírio], *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten* [Arquivo de Psiquiatria e Doenças Neurológicas] 88 (1929), pp. 446-447.

estamos falando). De nenhuma maneira, em nosso caso e nos casos mencionados por último, pode-se falar de *divagação*, esse "conjunto" a que Carl Schneider<sup>306</sup> se refere, ou melhor, "constrói" como "a viga mestra das alterações" no conjunto de sintomas paranoides. Contudo, já entramos no terreno do *diagnóstico*.

### III. DIAGNÓSTICO

A constante manutenção da "clareza" e da orientação, a ausência de qualquer sintoma catatônico (no sentido mais amplo da palavra) e a verificação do histórico da doença feito em Kreuzlingen de "que sua memória e sua capacidade de julgamento, a observação aguda, o temperamento vivaz e a inclinação ao humor e à espirituosidade não sofreram de nenhuma maneira" poderiam, em um primeiro momento, gerar dúvidas quanto ao diagnóstico de uma esquizofrenia. A alguém que leia o histórico da doença pode surgir a suspeita de que, no caso de Suzanne Urban, se tratasse de um *delírio* puramente *depressivo* ("afetivo", "holotímico" ou "sintímico"). Essa suspeita se funda primeiramente no fato de que a doença, de acordo com o que ouvimos dos familiares, começou com um "transtorno triste de humor", em segundo lugar, em que o humor permaneceu até o final quase exclusivamente depressivo e o conteúdo das ideias delirantes tem um caráter completamente melancólico. Se o delírio depressivo, como diz Bleuler em seu *Lehrbuch* [Manual]<sup>307</sup>, está relacionado aos três campos da consciência moral (*delírio de culpabilidade*), da saúde (*delírio de adoecimento*) e da propriedade (*delírio de ruína*), e aqui frequentemente encontramos insinuações de *delírio de referência*, em Suzanne Urban, os delírios de adoecimento e de ruína (no sentido puramente melancólico) estão fora de questão desde o começo. A situação é mais complicada do ponto de vista das outras duas orientações delirantes. Ouçamos Bleuler novamente: "O *delírio de culpabilidade* leva a acreditar que se cometeram os crimes mais graves sem que haja razão para tanto, ou transforma más ações pequenas e reais em pecados imperdoáveis. Por causa do crime, não somente o paciente é castigado de maneira atroz nessa e na outra vida, mas também todos seus familiares, o mundo inteiro". Encontramos o castigo atroz da paciente e de todos seus familiares no caso Suzanne Urban como que em cultura pura. Por outro lado, não há qualquer crença

<sup>306</sup> *Die schizophrenen Symptomenverbände* [O Conjunto de Sintomas Esquizofrênico], Berlin 1942, p. 102.

<sup>307</sup>p. 51 – Nossas citações são da oitava edição, de 1949, que foi reelaborada por M. Bleuler.



de que se haja cometido crimes gravíssimos<sup>308</sup> e tanto menos a transformação de pequenas más ações em pecados imperdoáveis. A única insinuação a “pequenas más ações” é a observação na autodescrição: “Mas realmente eu não o (a 'armadilha pavorosa', o 'comprometimento' e a longa tortura no primeiro hospital psiquiátrico) merecia a tal ponto, era algo muito superficial, porque eu adorava irritar as pessoas e não ocultava nada, contrariamente ao que muitos fazem”. Aqui não se fala de um pecado *imperdoável* e de seu castigo atroz. O castigo aqui é extraído do puro campo do *humor* e se efetua, em termos clínicos, em uma “transformação de personalidade” muito mais profunda do que aquela que o transtorno melancólico de humor apresenta. A indicação da “pequena má ação” implicada na inclinação a irritar os outros é de especial significância para nós, porque aqui ela discerne a ligação entre culpa e castigo, mas (como dissemos anteriormente) esse discernimento é como que colocado em segundo plano, isto é, trivializado<sup>309</sup>. O mesmo vale para a (única) observação quanto a culpa dos próprios familiares, isto é, de que, se eles tivesse merecido um castigo, ele “não deveria ser tão cruel” (no histórico da doença escrito em Kreuzlingen). Com uma metáfora, podemos dizer que a cabeça da medusa da autoincriminação está aqui coberta com um véu espesso, um símbolo para o fato de que o poder do pavoroso, nesse Dasein, se consumou de maneira incomparavelmente mais rigorosa e destrutiva do que na melancolia (*não* estamos falando da dimensão do sofrimento e do tormento subjetivos), na medida em que esse poder não se dá mais a conhecer como uma miséria existencial tormentosa, mas em sua forma, por assim dizer, mais “não-existencial”, portanto na forma da “máquina sangrenta da destruição”. Isso implica em uma destruição da estrutura total do Dasein incomparavelmente mais profunda do que a que ocorre na melancolia.

---

<sup>308</sup>Em oposição a essa “crença” melancólica, Suzanne Urban tem a convicção de que não foi ela que cometeu os crimes terríveis (as calúnias), de que foi *obrigada* por seus inimigos a cometê-los, na condição de “ferramenta involuntária”. É necessário, agora que estamos falando do diagnóstico, determo-nos completamente nos *atos psicopatológicos*!

<sup>309</sup>O. Kant (*Beiträge zur Paranoia-Forschung III* [Contribuições à Pesquisa sobre a Paranoia III], *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda Neurologia e Psiquiatria] 127, p. 636, nota 1) distingue dentre as formas de delírio (do ponto de vista do “tratamento” do sentimento de culpa) o paranoico expansivo, que atribui toda a culpa ao “mundo externo”, o depressivo, que considera que a culpa é toda sua, e o paranoico sensitivo, que está no meio dos dois anteriores e “se sente atacado pelo mundo externo, mas também sente que a causa disso, ao menos em parte, está em sua própria culpa”. Essa “parte” aparece-nos no caso Suzanne Urban, mas de forma demasiadamente restrita para que possamos designá-la como paranoica sensitiva (para o que, além disso, faltariam quase todos os sinais).

Entretanto tudo isso vale principalmente para o *delírio de referência*. Também ele está *fora* da correlação puramente humoral de culpa e castigo. Consequentemente é muito mais sistematizado do que no caso da melancolia pura.

Mesmo a disposição como tal diverge aqui da disposição de uma melancolia *grave* – pois seria preciso que se tratasse de uma aqui –, na medida em que ela (o que não acontece de maneira alguma no transtorno de humor *grave* puramente melancólico) envolve impulsos obscenos ("conta com muito gosto as piadas mais sujas", como diz o histórico da doença feito em Kreuzlingen), mas também um tipo de alegria desesperada, "um humor mais alegre", sem que se possa falar de viradas maníacas de qualquer tipo.

Além disso, a paciente, de acordo com uma declaração dos familiares, "perdeu suas boas maneiras nos últimos tempos" e se masturba despididamente diante dos olhos da enfermeira. Embora não haja qualquer perda do ponto de vista puramente intelectual que contrarie a suposição do psiquiatra encaminhador de que poderia se tratar, além da melancolia, de uma "demência pré-senil", há, contudo, uma perda nas inibições "morais" que não é conciliável com o diagnóstico de melancolia. Se quisessem falar com Mayer-Groß, a despeito de tudo isso, de uma "melancolia involutiva de tons paranoides", diríamos, em oposição, que não há uma *coloração* paranoide do quadro da doença de Suzanne Urban, mas que o elemento paranoide está no próprio centro desse quadro e não perfaz sua "coloração", mas sua "substância".

Com isso, chegamos ao terreno espinhoso da *paranoidia*, da *parafrenia* e da *paranoia*. Já dizemos de antemão que, juntamente com Kolle, Bleuler, Mayer-Groß e outros, somos da opinião de que, hoje em dia, tanto a paranoia (*psicótica*) quanto a parafrenia devem ser classificadas como esquizofrenia. Ninguém cairia na ideia de que se trata de um desenvolvimento completamente "compreensível" ou de uma reação psicopática e paranoica (no sentido dado por Kolle, Kielholz e outros). Também não se pode falar de um *delírio de referência sensitivo* no sentido usado por Kretschmer (delírio que não vemos de nenhuma maneira como uma forma autônoma, juntamente com Bleuler, loc. cit. p. 360), na medida em que Suzanne Urban (como já se disse) não tinha um caráter sensitivo<sup>310</sup> e a cena original não é a vivência da "insuficiência embaraçosa" (uma "vivência-chave"<sup>311</sup>), bem como em que as referências entre caráter, vivência e mundo circundante não bastam para o

<sup>310</sup>Na mesma medida em que não é uma paranoica sensitiva, Suzanne Urban não é nem uma paranoica combativa, nem uma paranoica desejosa!

<sup>311</sup>Cf. nota 345.

entendimento clínico do caso. O que há em comum entre nosso caso e o delírio de referência é apenas a manutenção de uma relativa sobriedade e da orientação, bem como a grande importância do *esgotamento*. Nisso, não se deve esquecer que, no caso Suzanne Urban, o esgotamento é *consequência* do processo da doença que se inicia, ou seja, do cuidado "extravagante" exclusivo do marido. Da mesma maneira, também não consideramos o transtorno de humor triste no início da doença uma "fase depressiva", mas um "transtorno de humor condicionado ao processo" (Kretschmer).

Do ponto de vista puramente sintomatológico, o caso Suzanne Urban poderia ser classificado como a *paraphrenia systematica* de Kraepelin, já que se trata aqui de um desenvolvimento sorrateiro de um *delírio de perseguição* constantemente em avanço *sem degeneração da personalidade*. No entanto, em primeiro lugar, o desenvolvimento do delírio de perseguição no nosso caso não é de nenhuma maneira tão sorrateiro quanto nos casos de Kraepelin, em segundo, não vemos nenhum elemento de ideias de grandeza consecutivas tal qual elas se apresentam na *paraphrenia systematica* de Kraepelin.

Infelizmente não há, apesar de todas as investigações que fizemos até agora, qualquer informação quanto à *deflagração* do caso Suzanne Urban. Uma vez que "o afeto", (ainda que fosse expresso em um lamento *monótono*) não desapareceu até o último momento, o *prognóstico* não pode ser considerado necessariamente ruim, no entanto, por causa da "desconstrução da personalidade" que já havia surgido, não se pode duvidar (na nossa opinião) que, no melhor dos casos, seria uma questão de "cura social".

Assim, por conta da sintomatologia, da evolução e da possível deflagração, o diagnóstico de uma esquizofrenia parece-nos confirmado. Adiciona-se a isso outro momento que deve ser levado a campo para o diagnóstico da esquizofrenia, referimo-nos à *materialidade* ou *Stofflichkeit*<sup>312</sup> do mundo de nossa paciente<sup>313</sup>. Esse mundo (ao menos pelas informações que temos) não mostra nada de terra<sup>314</sup>,

---

<sup>312</sup>N. do T.: No original, *Materialität* e *Stofflichkeit*, que são sinônimos. Traduzi o termo de origem latina e mantive a palavra alemã no original.

<sup>313</sup>Esse tema diz completamente respeito ao capítulo "Mundo", mas só é discutido aqui porque ele serve à consolidação do diagnóstico e, ao mesmo tempo, a seu aprofundamento.

<sup>314</sup>Estamos pensando na terra como terra frutífera ou a mãe-terra. Quando, em nosso caso, fala-se de terra, trata-se do exato oposto, do "*buraco de sujeira*" do "*fosso de lama*" (na terra), onde a família é martirizada até a morte. Aqui entra, além da matéria dura, a matéria da moleza, na forma da sujeira (*de l'ordure* ["de excremento", em francês]). É do maior interesse ver com que agudeza Bachelard viu a correlação entre "excremento" e "pavor". Cf. mais um vez "*La terre e las rêveries de la volonté*" [A Terra e os Devaneios da Vontade] (p. 110): "Esse finalismo do excremento, caso particular do

água, fogo, ar e, sobretudo, nada de vegetação. Também nos poucos casos, onde o reino animal aparece (corvos adestrados, gato e pássaro) ele está, no sentido do mau agouro, completamente a serviço de perseguições *humanas destrutivas tornadas costumeiras*. Tudo isso é uma razão para que esse Dasein nos pareça alienado (*aliéné*), tão *frio* e *sombrio*. Como no *Caso Lola Vofß*, temos a impressão de um mundo sem vegetação, infrutífero, como se fosse uma "cratera devastada pelo fogo". É certo que muita coisa ainda acontece nessa "cratera", até mesmo coisas humanas, mas essa humanidade é completamente "desumanizada", sem amor, fria, dura, impenetrável e opaca, que não admite que lhe dirijam a palavra e exerçam influência sobre si. É um mundo de segredos *sombrios*, de intrigas *obscuras*, um mundo em que não penetra *nenhuma luz* e, assim, nada que a vida consiga "iluminar", e tampouco o olhar de Deus, *le regard de Dieu*<sup>315</sup>. Em tudo isso, reconhecemos um mundo extensamente esvaziado de sentido, um mundo e consequentemente um Dasein sem história autêntica. No *Caso Jürg Zünd*, falamos de um mundo "reduzido à pressão e ao impacto", no *Caso Suzanne Urban* propriamente dito, de um palco de marionetes nas mãos de manipuladores desconhecidos que estão, por sua vez, a serviço de um poder maligno. Em correlação com isso está a ampla *tecnificação* e *mecanização* desse mundo, o *maquinário* inventado por ele<sup>316</sup>.

---

finalismo do pavor". Poder-se-iam citar a partir d'A *Náusea* de Sartre mais exemplos relativos a essa questão. – Com tudo isso, queremos sugerir o quanto devemos, também em relação ao problema do delírio de perseguição, a essa revelação "dos materiais *a priori*" no sentido usado por Bachelard e ao nosso estudo do *Caso Ellen West*. Além disso, há o fato de que o fosso de lama, semelhantemente à *caverna* (*caverne*) é uma forma particular especialmente feia, fétida e pútrida de profundidade da terra. (Cf. novamente, no que se refere a isso, Bachelard, *La terre e las rêveries du repos* [A Terra e os Devaneios do Repouso]. Paris 1948).

<sup>315</sup>N. do T.: "O olhar de Deus" em francês. Mantive no original pela tradução da expressão estar logo antes.

<sup>316</sup> Um exemplo notável de tal esvaziamento esquizofrênico de sentido do mundo, da redução "de toda moralidade" ao simples "movimento" é, mais uma vez, Rousseau. Cf. especialmente a *oitava* de suas caminhadas em *Les rêveries du Promeneur solitaire* [Os Devaneios do Caminhante Solitário] na edição crítica de Marcel Raymond (Lille et Genève 1948, pp. 130-131, os itálicos são meus): "Então eu comecei a ver que estava só sobre a terra e compreendi que meus contemporâneos eram, em relação a mim, apenas *seres mecânicos*, que agiam somente por impulso e cuja ação eu só podia calcular *pelos leis do movimento*. Qualquer intenção, qualquer paixão que eu pudesse supor que houvesse em suas almas não teriam jamais explicado sua conduta quanto a mim de uma maneira que eu pudesse entender. É assim que suas disposições interiores cessaram de ser qualquer coisa para mim; não vejo neles nada mais do que *massas movidas diferentemente*, desprovidas de toda moralidade em relação a mim". – Aqui Rousseau, assim como Suzanne Urban, designa como "espírito infernal", como poder diabólico, o *poder* que está por trás desse comportamento "incompreensível" do mundo compartilhado, ao passo em que ele (cf. a conclusão da segunda caminhada) só consegue explicar o sucesso "contundente" (que se avizinha ao prodigioso) das intrigas malignas como "um dos segredos impenetráveis do céu": "Deus é justo, ele quer que eu

Se, no caso Suzanne Urban, foi possível sustentar o diagnóstico da esquizofrenia também pelo tipo de esboço de mundo, ainda se poderia, por fim, deduzir da ampla compreensibilidade ou catatimia (nos termos de H. W. Maier) desse delírio de perseguição uma objeção a um processo. Mas, a despeito do fato de, na análise de nosso caso, a questão não ser a "compreensibilidade" psicológica, mas a daseinanalítica (abordaremos o problema mais detalhadamente mais tarde), sabemos há muito (isto é, desde as investigações de Jung e Riklin, bem como o escrito de Bleuler, *Affektivität, Suggestibilität, Paranoia* [Afetividade, Sugestibilidade, Paranoia], de 1906) que aqui (em oposição às opiniões de Gruhle, Jaspers, Kolle e outros, segundo as quais o "delírio primordial" dos esquizofrênicos é uma "última instância" incompreensível ou "sem motivo") *tudo* pode ser do tipo catatímico, ou que, como J. Lange<sup>317</sup> formulou com muita agudeza, "*a compreensibilidade contínua não pode ser usada como contraprova a um processo*".

Uma vez que o diagnóstico de esquizofrenia parece confirmado, e visto que, "onde ideias delirantes e alucinações... estão em primeiro plano"<sup>318</sup>, fala-se (como E. Bleuler) de *paranoia*, precisamos incluir o caso Suzanne Urban nesse subgrupo esquizofrênico<sup>319</sup> e, quanto à *orientação* delirante, classificá-lo como *delírio de perseguição paranoide*.

Antes de continuarmos, precisamos lançar um olhar também sobre a personalidade pré-mórbida. Nisso, não hesitaremos em falar de sintomas *histéricos*, isto é, de uma "convertibilidade de impressões psíquicas em impressões corporais"

---

sofra, ele sabe que sou inocente." "Eis o motivo de minha confiança". Aqui, por fim, vemos como Rousseau também consegue, de alguma maneira, "reverter para o bem" o poder do pavoroso, somente, contudo, por meio do *desvio* que passa por seu completo *isolamento no mundo*!

<sup>317</sup>*Der Fall Bertha Hempel* [O Caso Bertha Hempel] loc. cit. p. 195.

<sup>318</sup>No caso Suzanne Urban, as ideias delirantes e as alucinações não estão em primeiro plano, mas perfazem (a despeito do transtorno depressivo de humor) toda a dimensão da sintomatologia. De qualquer maneira, não vemos sintomas catatônicos de qualquer tipo, negativismos, estereotípias, excentricidades, maneirismos e também neologismos ou propriedades linguísticas esquizofrênicas, a não ser que alguém queira considerar que o "apitar policial" seja algo do tipo. Essa interpretação, contudo, é problemática, pois Suzanne Urban não tem o alemão como língua materna.

<sup>319</sup>H. Müller-Suur (*Das Gewissheitsbewusstsein beim paranoiden und beim schizophrenen Wahnerleben* [A consciência da certeza na vivência delirante esquizofrênica e paranoide]. *Fortschritte der Neurologie, Psychiatrie, und ihrer Grenzgebiete* [Avanços da Neurologia, da Psiquiatria e de suas Fronteiras] ano 18, 1950, caderno 1, p. 51) busca manter a diferenciação entre paranoia e paranoia também na esquizofrenia ao propor a distinção entre uma esquizofrenia paranoide e outra paranoia claramente diferentes no que diz respeito à forma do delírio, à evolução da doença e ao estado final. Por mais que essa proposta tenha valor, não creio que essa diferenciação possa ser aplicada estritamente *baseando-se nos critérios de Müller-Suur*. Uma vez que, na vivência delirante de Suzanne Urban, trata-se de uma "certeza absoluta", também Müller-Suur teria que classificá-la como esquizofrenia paranoide.

elevada que está na fronteira da histeria (endurecimento das pernas frente à ameaça de açoitamento, gritos frenéticos diante de proibições), bem como de fobias históricas ou de uma neurose de medo no sentido empregado por Freud. Referimo-nos ao *cuidado hipocondríaco* "quase anormal" com a saúde dos pais e especialmente da mãe amada de maneira "idólatra". A análise do Dasein mostrou o quanto essa "histeria" e o delírio de perseguição são inseparáveis. – Também está ligado a isso a *riparofobia* que parece se esconder por trás da "limpeza impecável" e seu fundo psicanalítico vem aos olhos nas frequentes aparições de falta de limpeza, imundície e lama no delírio<sup>320</sup>. Também a recusa de vestir roupas manchadas e, portanto, de tolerar, naquilo que se "*leva no corpo*", qualquer coisa que não esteja completamente ilesa ou não seja nova está, como um tipo de obsessão em termos de uma "mania de perfeição" (Janet), em oposição diametral ao papel que a "negligência quanto às roupas", as "vestes sujas" e, por fim, o arranhamento da pele e a injeção de sífilis têm no palco delirante do pavoroso!

### Delírio de perseguição plural (anônimo) e singular

Mesmo com o diagnóstico de uma paranoídia na forma do *delírio de perseguição*, ainda não estamos no fim. Já na introdução desse estudo indicou-se que, no caso Suzanne Urban, diferentemente do caso Schreber-Flehsig, *não* se tratava de um delírio de perseguição *singular* ou isolado que se segue a uma vivência de desabamento do mundo, mas, como nos casos Lola e Ilse, de um *delírio de perseguição plural* ou *anônimo*. Agora, devemos nos ocupar dessa distinção importante tanto do ponto de vista clínico-psicanalítico quanto do daseinanalítico.

Ocorre-nos traçar a correlação da diferença dessas duas formas do delírio de perseguição (entre outras coisas) com a diferença na evolução clínica: no caso Schreber<sup>321</sup>, há uma evolução por surtos – em que o segundo surto mostra a

---

<sup>320</sup>O fato de que aqui também aparece um componente "anal-erótico" é de interesse, pois conhecemos tendências da literatura psicanalítica anterior que, embora de uma forma completamente unilateral e exagerada, querem ver a "fonte da sensação de perseguição" na "perseguição anal". Cf. van Ophuysen (*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* [Revista Internacional de Psicanálise] ano 6, 1920, pp. 68 ss.) e, já antes dele, Stärcke, *Die Umkehrung des Libidovorzeichens beim Verfolgungswahn* [A Inversão dos Sinais de Libido no Delírio de Perseguição], *ibid.* ano 5, p. 285 ss.

<sup>321</sup>Cf. Freud, *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia* [Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia Descrito Autobiograficamente] (*Dementia paranoides*) vol. III do *Bleuler-Freudsche Jahrbuch* [Anuário Bleuleriano-Freudiano] (1911) impresso no

imagem de um delírio agudo alucinatório com visões e vozes em parte temíveis, em parte "indescritivelmente grandiosas" e com a convicção de uma catástrofe mundial e deixa, depois de relaxar, um vasto edifício delirante –, no presente caso, como vimos, não há nenhuma catástrofe mundial ou "mundo destruído" de cujas ruínas, em termos de um "processo de cura" (Freud), um mundo completamente novo é "*reconstruído*", não há nenhum estágio prévio alucinatório *agudo*, mas uma *transição contínua* da experiência que até agora era natural para a nova experiência delirante. Aqui o mundo da experiência natural não é de nenhuma maneira destruído, mas, em sentido hegelianamente duplo, "*encerrado*"<sup>322</sup>, isto é, *tanto* abandonado *quanto* preservado. Não se chega, como no outro caso, a um novo cosmos de raios e irradiação divinos etc., portanto, a uma reviravolta profunda do Dasein. Os perseguidores ainda são parte do mundo *social*. Eles são compostos pela "polícia", de certo partido político, de potenciais concorrentes nos negócios e *ocasionalmente* por pessoas isoladas que intervêm na vida, como o psiquiatra encaminhador do primeiro hospital psiquiátrico (o "carrasco") ou uma prostituta de rua que supostamente foi tirada da lama pelo irmão; no *Caso Ilse* são os médicos encarregados ou os participantes ocasionais de um grupo de leitura, no *Caso Lola*, são simplesmente "os inimigos". Em todos os casos domina uma *pluralidade* de perseguidores ou de grupos sociais perseguidores em parte completamente *anônima*, em parte ocasional, isto é, que aparece sem contexto biográfico. Aqui dominam, nos termos de Rousseau<sup>323</sup>, "todas as paixões terrestres que o tumulto da vida social engendra" ou, para me servir da forma de expressão da fenomenologia das formas sociais fundamentais, todas as formas do pegar e ser-pegado por alguma parte sociais, em primeiro lugar, "pela orelha" (impressionabilidade), mas também "pelo ponto fraco" (influenciabilidade), "pela palavra" (responsabilidade) e, sobretudo, "pelo nome" ou "pela reputação". Adicionam-se a tudo isso a tecnologia e o maquinário refinados que estão a serviço "da sociedade"<sup>324</sup>.

Em oposição a isso tudo, no caso Schreber, todo o edifício do delírio de perseguição se constrói sistematicamente sobre o *conflito entre ele e certa pessoa*

---

terceiro volume (1931) da *Sammlung Kleiner Schriften zur Neurosenlehre* [Reunião de Pequenos Escritos sobre Teoria da Neurose] e em *Gesamte Schriften* [Escritos Completos], vol. VIII.

<sup>322</sup>N. do T.: Em alemão, *aufheben* um elemento central da filosofia hegeliana. Ele indica um momento no processo dialético: a superação de uma contradição em que os elementos positivos são mantidos e os negativos são deixados para trás. Ele encontrou no duplo sentido da palavra *aufheben* (por um lado, "fazer cessar", por outro "guardar", "conter", daí nossa tradução "encerrar", que tem aproximadamente os dois sentidos em português) a expressão desse conceito.

<sup>323</sup>*Les Rêveries* [Os Devaneios], p. 87.

<sup>324</sup>Não demorará muito até que a *televisão* também seja colocada a serviço do delírio de perseguição e um *simples ato de ser fotografado no banho* se torne "ferro velho".

*isolada, o Professor Flechsig; o próprio desabamento do mundo se mostra como consequência desse conflito (p. 61)*<sup>325</sup>.

Contudo, a conhecida formulação de Freud (p. 44) parece contradizer nossa diferenciação: "A paranoia decompõe onde a histeria condensa" (as pessoas). Essa "decomposição" ou "cisão" já atribuída por Jung à tendência geral da esquizofrenia de "despotencializar impressões fortes" (p.45<sup>1</sup>) é algo completamente diferente daquilo que entendemos por pluralização. Nesta, trata-se de múltiplas ou muitas "pessoas isoladas" somente coordenadas por certo *tema*, em Schreber, da decomposição ou cisão de *uma única pessoa* ("em cujas mãos convergem todos os fios do complô", p. 37) em duas (duplicação, Rank), em múltiplas, muitas pessoas ou "almas" (a "divisão psíquica" da alma flechsigiana mostrou ao longo do tempo de 40 a 60 "cisões" desse tipo, p. 36) ou trata-se da "substituição" de certa pessoa isolada "pela pessoa mais elevada de Deus" (p. 43). Em Schreber, portanto, não é o tema, mas a pessoa isolada determinada que é decisiva.

Já conhecemos a partir do *sonho* a diferença entre perseguição singular e plural ou anônima, bem como a noção de transição entre os dois tipos. Também aqui somos perseguidos ora por uma pessoa isolada, ora por uma pluralidade anônima de perseguidores – dos quais simplesmente emana uma *atmosfera* de perseguição –, e, às vezes, uma pessoa isolada desprende-se de (como diz Suzanne Urban) "atmosfera de pessoas rancorosamente hostil a mim", na condição do odiador ou perseguidor propriamente dito. Dessa maneira, também no (primeiro) sonho de Veltchaninov no romance psicológico magistral de Dostoiévski, *O Eterno Marido*<sup>326</sup>, destaca-se dentre a multidão barulhenta que invade a casa uma única forma sinistra silenciosa, na qual se concentra a atenção geral<sup>327</sup>.

Do ponto de vista clínico, o *Caso Ilse* poderia ser concebido como forma transitória entre o delírio de perseguição singular e o plural na medida em que aqui o delírio de perseguição está visivelmente ligado à pessoa do pai, a quem o

---

<sup>325</sup>Estou citando de acordo com o volume III do *Jahrbuch* [Anuário].

<sup>326</sup>N. do T.: Romance que narra o encontro entre o marido de uma mulher falecida (Pavel Pavlovitch) e o ex-amante dela (Veltchaninov), que relembram o passado.

<sup>327</sup>Essa concordância entre sonho de perseguição e delírio de perseguição é apenas um caso particular de certa concordância entre sonho e delírio em geral. E essa concordância se fundamenta no fato de que ambos são modos de Dasein que não "vivem" da *situação*, mas do *tema*, em outras palavras, nos quais o tema que se desprende de uma ou mais situações mundanas se torna *autônomo* e, nessa condição de autonomia, encena os acontecimentos ou a ação. Se observarmos o fato de que é o tema ou os temas (tornados autônomos) que tanto no sonho quanto no delírio *dirigem* aquilo que acontece no *palco* do sonho ou do delírio, a antiga teoria do delírio como um sonho acordado ganha uma fundamentação e um apoio novos.



sacrifício da queima da mão era dirigido. Aquilo que Ilse fala sobre seu "delírio amoroso" ("é necessário que eu ame *todos* os homens assim, porque eu amo meu pai assim") também poderia ter sido empregado em relação a seu delírio de perseguição: é necessário que eu seja atormentada (psiquicamente) assim por todos os homens (que é o que ela pensa sobre os médicos) porque eu fui atormentada assim por meu pai (porque ele tratava a mãe de maneira brutal e sobretudo porque não se deixava influenciar pela vítima). Poderíamos falar de uma "transição", pois aqui a questão não é uma *decomposição* ou uma *cisão* de uma só pessoa em múltiplas outras, mas uma *substituição* do singular pelo plural que se dá com base na *autonomização do tema*, uma simples *pluralização*. Ao mesmo tempo em que na *cisão* ou *decomposição* em múltiplos perseguidores de uma pessoa que originalmente era amada preserva-se a correlação interna entre esta e aqueles, a questão aqui é apenas uma multiplicação puramente externa, puramente numérica.

Casos conhecidos de delírio de perseguição puramente plural são, por exemplo, o caso Wagner de Gaupp e os casos Strindberg e Rousseau. Em todos esses casos, houve tão pouco de vivência de desabamento do mundo ou alteração do mundo quando nos casos Suzanne Urban, Lola Voß e Ilse. Assim, diferenças na evolução clínica parecem ter tanto a ver com a diferença entre delírio de perseguição singular e plural quanto potenciais diferenças na constituição sexual. Nesse ponto, é necessário que façamos mais investigações.

Aquilo que mais uma vez nos obriga a retornar às obras de Freud sobre o presidente do senado Schreber é a revelação da *virada da atenção apoiadora para o afastamento destrutivo*<sup>328 329</sup> (para expressar de maneira geral sua tese da transformação de tendências homossexuais no ódio do delírio de perseguição). Somos da opinião de que Freud tocou aqui nas bases mais profundas do delírio de perseguição *singular*, ainda que em uma formulação intelectualizante demais. Mas de maneira alguma vemos em suas conhecidas formulações um jogo gramatical de oposições (*a grammatical play with opposing negations*), como Mayer-Groß<sup>330</sup> se aventura a dizer. Sua veia crítica tão benéfica em outros casos – também no que concerne às *teorias psicopatológicas* do delírio de perseguição – o cegou completamente aqui. Contudo lamentamos com ele que aqui a teoria de Freud

---

<sup>328</sup>N. do T. Existe em alemão uma relação simétrica entre "atenção" (*Zuwendung*) e "afastamento" (*Abwendung*), cuja oposição se retrata nos prefixos *zu-* (que indica aproximação) e *ab-* (que indica distanciamento).

<sup>329</sup>Cf., no que se refere a isso, abaixo, a oposição feita por Straus entre atração e apavoramento.

<sup>330</sup>Loc. Cit. p. 65.

(como frequentemente ocorre em outros lugares, mas aqui especialmente) não teve mais aprofundamento e aprimoramento científicos. Nossa própria investigação pode ser considerada, de certa maneira, como um começo, do ponto de vista daseinanalítico. Nisso, é claro que não escondemos que a atenção amorosa ou apoiadora não se aplica aos *perseguidores* propriamente ditos (a polícia, por exemplo), mas à família *perseguida*. (Não temos qualquer prova de que Suzanne Urban tenha se sentido perseguida também pela família!) Uma vez que, no entanto, o delírio de Suzanne Urban culmina na calúnia contra a família, a *psicanálise* poderia explicar que os perseguidores, a polícia etc. estão *a serviço* dessa calúnia, em outras palavras, necessariamente servem para fazer com que a calúnia apareça como se fosse *forçada*, isto é, como encobrimento de um *ódio* pela família originário de tendências agressivas da primeira infância<sup>331</sup>. No entanto, estamos, por falta de material psicanalítico e de qualquer noção a respeito da "psiquê" da primeira infância de nossa paciente, no limite de nossa possibilidade de conhecimento.

O mesmo vale para o problema da *culpa*. Com base na experiência psicanalítica geral, seria de se *assumir* que a fobia implicava a supercompensação de um profundo sentimento de culpa, como já foi observado diversas vezes, e, além disso, seria de se *assumir* que as calúnias etc. do delírio de perseguição devem ser concebidas em termos do "retorno do que foi recalcado". A perseguição pela polícia teria, portanto, psicanaliticamente falando, o mesmo sentido do que a fobia e o interesse elevado por cuidar do marido, isto é, o sentido de "manter longe do consciente" as tendências agressivas. Não esqueçamos, contudo, que diria respeito ao entendimento científico desse processo: em primeiro lugar, o retrocesso<sup>332</sup> do Dasein à simples receptividade, em termos do medo, que se mostra na autonomização do *tema* do pavor, em segundo lugar, a submissão (correlacionada a esse retrocesso) do Dasein ao *pavoroso como tal*, em terceiro, o discernimento das possibilidades e dos contextos *essenciais* das *formas fenomênicas* do pavoroso no Dasein humano.

Por mais complicadas que sejam as relações no delírio de perseguição plural, podemos dizer (frente ao conhecimento que possuímos nos dias de hoje) que, se, no delírio de perseguição singular, a *paixão* ("recalcada") por uma única

---

<sup>331</sup>Como esse "ódio" se comporta em relação à "identificação narcísica" com a família (cf. também o trabalho de Tausk citado abaixo – nota 341) é um problema em si. Ele evidentemente está no complexo de problemas do ódio de si mesmo e da autodestruição no transtorno melancólico de humor que também existe em nosso caso, assim como em outros semelhantes.

<sup>332</sup>N. do T.: *Zurückwerfung*, literalmente o "ato de ser lançado para trás".

pessoa forma o ponto de partida *biográfico* e deve ser tomada como responsável pelo desdobramento biográfico da ocorrência delirante, no delírio de perseguição plural, por sua vez, é a *culpa* que parece ter esse papel. Não pensemos agora em eventuais sentimentos recalcados de culpa em relação à família (no sentido psicanalítico), mas na culpa que é imanente ao Dasein, naquilo que o Dasein deve<sup>333</sup> ao *mundo compartilhado*, em uma palavra, em sua *hýbris*<sup>334</sup> ("narcísica")<sup>335</sup>. Não se deve entender isso caracterologicamente, mas daseinanaliticamente, isto é, como o Dasein que fica para trás de suas possibilidades de ser.

Assim, ao fim de nossas considerações, estaria, do ponto de vista daseinanalítico, o *isolamento* "culpado" *inautêntico* e *sinistro do Dasein*<sup>336</sup> (no sentido heideggeriano<sup>337</sup>), sua evasão perante o chamado da "consciência moral" e sua fuga para o *Man-selbst*<sup>338</sup> (inautêntico) como "*consciência moral pública*". Essa "fuga diante da sinistridade do ser-no-mundo (em condição isolada) para a pretensa liberdade do *Man-selbst*" não mostra mais claramente seu reverso (a sujeição à consciência moral pública) em qualquer outro lugar que não seja aqui, onde a "voz do *man*", a consciência moral pública, atrai o Dasein para seu encantamento (o "submete") de tal maneira, que ele passa a só *poder existir* "pela graça" dessa consciência moral, isto é, na condição de completa entrega a ela, de completa "*publicização*". E uma vez que a família, como vimos, implica somente em um si-mesmo inautêntico estendido por meio da identificação, ela também é arrastada para essa publicização. – No entanto, devemos nos contentar com esses breves apontamentos à ontologia da consciência moral. Se foi possível ver que o delírio de perseguição plural também pode ser compreendido daseinanaliticamente a partir

---

<sup>333</sup>N. do T.: A expressão é "*schuldig bleiben*", literalmente "permanecer em dívida" ou "permanecer culpado". *Schuld* em alemão significa tanto "culpa" quanto "dívida".

<sup>334</sup>N. do T.: Termo grego para "excesso", "desmedida", "insolência" e "violência". Indica a ação ou estado de espírito daquele que ultrapassa os limites que lhe foram naturalmente postos. É o que descreve aquele que se considera divino ou trata homens livres como se fossem escravos.

<sup>335</sup>Não há sempre necessidade de uma *dívida* [*Schuld*, cf. nota 333] *concreta*, como nos vem aos olhos, por exemplo, no caso do professor Wagner.

<sup>336</sup>Vê-se que estamos lidando aqui com o problema do *autismo*. Uma vez que esse conceito é usado ora no sentido daseinanalítico (como agora), ora no psicológico, caracterológico, psicopatológico ou psicanalítico, ele se tornou cientificamente quase inutilizável hoje em dia.

<sup>337</sup>Cf. *Sein und Zeit* [Ser e Tempo], segunda parte, segundo capítulo: *Die daseinsmäßige Bezeugung eines eigentlichen Seinkönnen und die Entschlossenheit* [O Testemunho no Dasein de uma Autêntica Capacidade de Ser e o Estado de Resolução] §§ 54-60, pp. 267 ss.

<sup>338</sup>N. do T.: Trata-se do intraduzível pronome *man*, cf. nota 145. *Man-selbst* seria literalmente "o sujeito indeterminado em si", denota um si-mesmo (*Selbst*) entregue à publicidade, representada aqui pelo pronome *man*.

desse ponto de vista, isto é, como transformação ôntica singular da estrutura de cuidado do Dasein e de sua infiltração pela "nulidade", isso é o bastante.

#### IV. ETIOLOGIA

##### a) Hereditariedade

Visto que não temos como julgar se o suicídio da irmã de nossa paciente aos 29 anos de idade se deu por conta de uma melancolia ou uma esquizofrenia, ele só pode ser observado geneticamente se tomarmos em consideração a manifestação de uma psicose endógena. O tipo de morte incomum e especialmente horrível para uma essência feminina advoga a presença de um componente fortemente *melancólico*.

##### b) Involução

Desde a “bela suposição” de Lugaro (Bleuler, *Affektivität...* [Afetividade..] p. 136, nota) de que os sinais graves e característicos da *dementia praecox* se manifestam mais facilmente quanto mais *jovem* for o indivíduo e que, de acordo, as formas paranoides dizem respeito à idade madura, muito se discutiu e se pesquisou sobre essa questão. Segundo Kolle, sabidamente 90% dos paranoides adoecem após os 35 anos. A tentativa feita por Kleist de construção de uma “paranoia involutiva” trouxe à luz o papel etiológico particularmente grande da involução para o surgimento da paranoia. No presente caso, também é importante o fato de que a irmã mais velha da paciente passou, *no climatério*, por uma depressão de três meses. Nós vimos que nossa própria paciente se encontra na menopausa e os cabelos esbranquiçaram rapidamente nos últimos tempos. Alterações hormonais em termos da involução devem ser consideradas corresponsáveis pela irrupção da doença e assim “um risco e uma ameaça à vitalidade como um todo” (Eugen Kahn).

### c) Esgotamento

O esgotamento em alto grau certamente tem um grande papel como outra causa corporal (a paciente “quase não dorme mais”, “seu aspecto estava pálido como um cadáver”). Apesar de esses sintomas anteciparem o farejamento de riscos e, sobretudo, as ideias delirantes, não devemos desviar nossa atenção de que (como já foi ressaltado de diversas maneiras) exatamente o interesse exclusivo, já de tons doentios, pelo câncer do marido era aquilo que levou ao completo esgotamento. Contudo ele pode ter *favorecido* o surgimento de ideias delirantes.

### d) Sexualidade

Lembramos que E. Bleuler notou muito frequentemente nos paranoides uma “sexualidade fraca”, bem como a falta de desejo por filhos. Ambas as coisas se aplicam ao nosso caso. Também um autoerotismo “forte” dificilmente pode ser concebido como um sinal de sexualidade forte. A preferência que a paciente deu ao prazer do autoerotismo em detrimento ao intercuro matrimonial pode indicar certa frigidez (“vaginal”). A presença de um componente pronunciadamente masoquista em associação a traços sádicos (no que também estão incluídas as humilhações sarcásticas feitas aos outros) foi enfatizada diversas vezes. Do ponto de vista *psicanalítico*, como já se disse, devem-se compreender os martírios da família como orgias sádicas, em outras palavras, como irrupção das tendências sádicas recalcadas e supercompensadas na “neurose familiar” histérico-hipocondríaca. Mal precisamos ressaltar que, sem a *predisposição* sadomasoquista, o exame e o adoecimento do marido não teriam esse papel proeminente na doença. Já se apontou um “componente anal-erótico” acima (nota 320). Também se falou repetidamente que não podemos verificar nenhum “componente” homossexual no caso Suzanne Urban. À relativa confiança (de caráter excepcional) em sua médica em Kreuzlingen, a única pessoa para quem ela se dispôs a escrever a autodescrição, se opõe a contínua rejeição das enfermeiras. Sobretudo, não encontramos nenhuma pessoa que esteja no *ponto central* do delírio, “em cujas mãos convergem todos os fios do complô”. No entanto, deve-se lembrar que Freud restringe a sua teoria do delírio de perseguição, por um lado, somente aos homens, por outro, ao grupo de sintomas do delírio de perseguição que ele designa como paranoia e surge por meio da “projeção exterior de pulsões homossexuais que se

tornaram fortes demais<sup>339</sup> e que, no entanto ele não quer expandi-la à *dementia praecox*, que seria "muito menos restrita" em sua etiologia e caracterizada pelas fantasias de desejo, pelas alucinações (p.67). ( No caso Schreber ele sabidamente vê uma mistura de mecanismos paranoicos e "parafrênicos", como ele diz em lugar de "esquizofrênicos".) Todavia Mäder já indicou, antes da análise de Freud sobre Schreber, que, no caso do *esquizofrênico* S. B., a perseguição deve "ser compreendida, em essência, como um atentado homossexual"<sup>340</sup>.

Como dito, no caso Suzanne Urban, não há observações a fazer em relação a todos esses elementos. Freud sabidamente vê o amor somente à luz da paixão. Não vimos nada do tipo. Também não se pode falar de *ódio* autêntico. Suzanne Urban não pronuncia a palavra "ódio" em nenhuma parte. Frente aos torturadores de si e de sua família, ela sente – exatamente como Rousseau e muitos outros pacientes – antes um tipo de desprezo, indignação, uma fúria "frenética", um sentimento de ofensa frente a zombaria e o sarcasmo deles, de irritação pela falta de compreensão quanto a seus sofrimentos, de desconfiança e de medo. Tudo isso é completamente diferente do *ódio mortal* (de sua parte, também "*perseguidor*") do perseguido contra seu *único* perseguidor e suas "cisões" e "decomposições". Contudo, os casos de chacina (de que o caso Wagner pode servir novamente como paradigma) mostram que tal *ódio mortal* também *pode* ocorrer no delírio de perseguição plural – mas então com outros pressupostos, completamente diferentes da paixão!

No entanto, para nós é de grande importância agora o que, naquela obra, Freud diz sobre a diferença da "localização da fixação dispositiva" da libido na "paranoia" e na *dementia praecox*. Lembre-se somente da diferenciação profunda que Freud faz entre a regressão ao narcisismo e a regressão ao autoerotismo infantil, ligando a primeira à reconstrução, à "tentativa de cura" da paranoia

---

<sup>339</sup>Em outro trecho (p. 63), o próprio Freud corrige essa concepção da projeção com a seguinte e importante observação: "aquilo que se faz ruidosamente perceptível é o processo de cura, que torna o recalque regressivo e reconduz a libido de volta para as pessoas que ela deixou. Na paranoia, ele se consoma na rota da projeção. Não foi correto dizer que a sensação reprimida internamente é projetada para o exterior; antes vemos que o que foi encerrado [*aufheben*] internamente retorna do exterior. A investigação eficiente do processo de projeção que adiamos para outra vez nos trará a máxima certeza no que se refere a isso". Pelo que vejo, essa investigação não ocorreu. – Isso se confirmou em: Sigmund Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* [Dos Inícios da Psicanálise] London, 1950, p.118<sup>1</sup>.

<sup>340</sup>*Psychopathologische Untersuchungen an Dementia praecox Kranken* [Investigações Psicopatológicas sobre a Pacientes que Sofrem de Dementia Praecox]. *Jahrbuch von Bleuler und Freud* [Anuário de Bleuler e Freud] II (1910) p. 193. Cf. também Ferenczi, *Über die Rolle der Homosexualität in der Pathogenese der Paranoia* [Sobre o papel da Homossexualidade na Patogênese da Paranoia]. Ibid. vol. 3, 1911, pp. 101 ss.

("delírio de grandeza"), a última à "completa renúncia do amor pelos objetos". Enfatizou-se mais de uma vez que, em nosso caso, o narcisismo e o autoerotismo, além do sadomasoquismo, são as formas predominantes da sexualidade. Embora não se chegue aqui ao delírio de grandeza, atinge-se uma "concentração do interesse da libido no próprio 'eu'"<sup>341</sup>. Por outro lado, mal podemos falar de uma *regressão* ao autoerotismo infantil, uma vez que o autoerotismo em nosso caso manifestamente nunca desapareceu. Em contrapartida, o comportamento sexual ao fim de nosso caso coincide com a experiência e a teoria de Freud na medida em que o autoerotismo assumiu, na verdade, novamente uma forma infantil (ou melhor, da primeira infância), isto é, assumiu sua atividade sem receio quanto às pessoas circundantes. A "fixação dispositiva" deveria existir desde um momento anterior ao que se deve assumir para a parte paranoica da doença, isto é, "desde o começo do desenvolvimento que, partindo do autoerotismo, vai energeticamente em direção ao amor pelos objetos" (p. 67).

#### e) Tipo de constituição

Como é o caso em muitos paranoídes, não se pode falar de uma constituição leptossômica. Por outro lado, também não foi possível falar de um hábito pícnico e, da mesma maneira, de uma forma mista atlético-pícnica ou uma anomalia distrófica. Certamente encontramos em nossa paciente até a última fase da doença traços *intônicos* (como acontece com muitos paranoídes) e daí sua inclinação ao

---

<sup>341</sup>Já se ressaltou diversas vezes que a própria família faz parte desse "eu" - por meio da "identificação". Olhando retroativamente, vejo que psicanaliticamente concordo com Victor Tausk em seu inteligente trabalho (em alguns trechos especulativo demais, mas que ainda hoje é digno de leitura) *Über die Entstehung des Beeinflussungsapparates in der Schizophrenie* [Sobre o Surgimento da Máquina de Influência na Esquizofrenia] (*Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse* [Revista Internacional de Psicanálise Médica], ano 5, 1919). Trata-se aqui de um dos poucos trabalhos que se ocuparam do problema da "omissão" da *família* das fileiras dos perseguidores e de sua inclusão na dos perseguidos. Ele indica "que um outro grupo de objetos de amor da paciente (a mãe, os atuais médicos encarregados, alguns amigos próximos da família) não são considerados perseguidores pela paciente, mas perseguidos, que precisam compartilhar seu destino e cair sob a ação da máquina de influência". Tausk encontra uma explicação para isso no fato de que (entre outros motivos) os membros da família são aqueles objetos de amor "que, visto que eles estavam no princípio da vida da paciente, também foram subjugados à escolha de objeto narcísica por meio da identificação. A paciente ainda hoje exerce essa forma da escolha de objeto sobre essas pessoas ao subjugá-los a seu próprio destino, se identificar com eles" (pp. 29-30). "A paciente, ao consumir a identificação com essas pessoas, trilha um caminho batido, que não parece tão perigoso a seu narcisismo a ponto de fazer com que ela se revolte contra a orquestração libidinosa desses objetos, que sinta que ela é hostil" (p. 30).

humor e às piadas, bem como sua confiança de caráter excepcional na médica encarregada em Kreuzlingen. Não há uma inclinação *geral* ao "processamento" *depressivo* "dos estímulos vitais" (designada como um terreno favorável à formação delirante – Eugen Kahn, entre outros), mas uma inclinação *específica* ao processamento depressivo de "estímulos vitais" que dizem respeito à vida dos familiares. Também não podemos considerar uma *constituição hipoparanoica* no sentido dado por Kleist, ou seja, que predispõe à paranoia involutiva de que ele fala. Há uma essência autoconsciente, dominadora e teimosa, contudo, a personalidade pré-morbida mal exhibe algo de estimulabilidade, sensibilidade e desconfiança. De resto, seguimos Bleuler também aqui (loc cit. p. 401) quando ele diz: "de acordo com nossos conceitos, ela (a constituição hipoparanoica) é uma subforma da psicopatia esquizoide, assim como a paranoia involutiva é uma subforma da esquizofrenia paranoide".

#### f) Caráter

Também já se mencionou que, no caso Suzanne Urban, não estamos lidando com um caráter sensível e tampouco combativo. Embora eu dê pouco valor à investigação caracterológica do ponto de vista da etiologia da paranoia esquizofrênica (em oposição ao *desenvolvimento psicopático-paranoico*!)<sup>342</sup>, seja dito que nossa paciente – em consonância com numerosos paranoicos – exibiu um caráter que se pode designar com expressões como "ambicioso", "vaidoso", "com elevado sentimento de si", "egoísta", "egocêntrico", "inescrupuloso", "tirânico", em uma palavra, "*associal*". Além disso, havia também traços de caráter que raramente encontramos em outros paranoicos e que encontramos nas expressões "irônico", "sarcástico", "frívolo". Caso se deseje, pode-se também tratar o "mimo desmedido" como traço de caráter, tanto em termos de deixar-se mimar pelos familiares quanto no de seu próprio bem-estar (cf. a recusa a vestir roupas manchadas).

---

<sup>342</sup>Em princípio, Kurt Schneider tem razão quando ele diz: "Onde realmente há delírio, o entendimento caracterogênico cessa e, onde se pode compreender, não há delírio". *Über den Wahn* [Sobre o Delírio], Stuttgart 1952, p. 26.



### g) A situação de partida

#### (A "cena original")

Também não devemos considerar clinicamente o pavor da cena original como *a causa* do adoecimento de Suzanne Urban. Se esse pavor tem um papel tão grande na análise de Dasein, é porque ele mostra com extrema clareza a *irrupção*<sup>343</sup> do pavoroso nesse Dasein inerentemente ameaçado por ele e forma o "elemento intermediário" entre o simples estado de ameaça pelo pavoroso e a completa submissão a ele. Contudo, uma coisa é a investigação daseinanalítica da transformação do Dasein em termos da submissão ao apavorante-pavoroso<sup>344</sup> (assim como, no delírio amoroso e no de grandeza, a investigação em termos de seu oposto, a submissão ao atrativo-sedutor), outra coisa a investigação clínica de causas. Se quisermos avaliar o papel da cena primordial de maneira puramente clínica, podemos conceder a ela (junto com Kretschmer) o papel de um "deflagração reativa"<sup>345</sup> do delírio. Não determinemos se, no caso Suzanne Urban, o delírio irromperia mesmo que não houvesse essa vivência, da mesma maneira que precisamos não determinar se o delírio de perseguição de Ilse irromperia sem o desprezo do pai por seu holocausto<sup>346</sup>. É claro que, em ambos os casos, há muitas razões que apontam para uma resposta positiva a essa pergunta. A "vivência deflagradora", que não falta em qualquer formação de delírio, também poderia ter sido outra; contudo o fato de que essa vivência estava relacionada ao adoecimento do marido, que era seu parente de sangue, necessariamente atingiu Suzanne Urban (em vista da já existente "neurose familiar") exatamente em seu ponto "mais

---

<sup>343</sup>N. do T.: *Einbruch* em alemão, cf. nota 302.

<sup>344</sup>N. do T.: Assim traduzi para manter a relação etimológica entre *schrecklich* ("pavoroso") e *abschreckend* ("apavorante"). Contudo, o último termo tem ainda o significado de "repelente", indicando um afastamento que se opõe à palavra "atrativo" (*anziehend*), que aparece logo abaixo.

<sup>345</sup>Nessa expressão, assim como na expressão "vivência deflagradora" é necessário lembrar que, em nosso caso, ela não deve ser concebida no sentido (empregado por Kretschmer) de "vivência-chave", como, por exemplo, uma vivência de insuficiência embaraçosa, a partir da qual o delírio ("sensitivo") se "desenvolve" compreensivelmente de um ponto de vista psicológico, mas no sentido de uma *autonomização do tema*, portanto, de exatamente um *desprendimento* do tema *para longe da* situação de partida! Ao mesmo tempo em que, no delírio de referência sensitivo e em formas de delírio semelhantes, a "vivência de partida" – pense-se apenas nos lapsos sodomitas de Wagner – permanece daí em diante no foco do paciente e este "liga" o delírio a ela, no caso Suzanne Urban, ele desaparece exatamente do foco da paciente e conduz, a partir desse momento, a uma dominação *autônoma*, que *submete* seu Dasein.

<sup>346</sup>N. do T.: Seja "holocausto" entendido aqui em seu sentido original: "sacrifício oferecido pela queima".

sensível" e, portanto, agiu sobre ela de maneira especialmente "catastrófica". No entanto, que essa ação tenha se movimentado exatamente na direção do *delírio de perseguição* não se deixa "explicar" *cl clinicamente* nem somente por aquela "vivência", nem apenas por seu "entrelaçamento" com a personalidade total da paciente e, portanto, como uma "reação de personalidade" no sentido usado por O. Kant ou Zutt<sup>347</sup>, mas somente pelo recurso ao *processo esquizofrênico* ainda completamente desconhecido tanto do ponto de vista genético quanto do biológico! Não nego que a tentativa de O. Kant de "trabalhar o menos possível com o conceito de processo"<sup>348</sup> em suas investigações é interessante e aprofundou a investigação do delírio do ponto de vista psicopatológico, o que também é um desenvolvimento da abrangente palestra que Rümke fez em Paris; por outro lado, o "brotamento do delírio (esquizofrênico) como de uma reação de personalidade" não me parece nem "imperativo"<sup>349</sup>, nem "imperativamente" *provado* por meio da tentativa de por em relevo as relações causais e "finais" da *estrutura do delírio* em termos de uma investigação *dinâmica*. A despeito disso, o papel cognoscente-teórico que Kant atribui a ambos os "momentos de construção" envolvidos em qualquer construção de delírio deixa campo para dúvida: entre os fatores "finais" estão implicados aqueles "que fazem com que a vivência delirante pareça *necessária*", entre os *causais*, por sua vez, os que *possibilitam* a aparição do delírio"<sup>350</sup>. Quem, por exemplo, parte do conceito da "necessidade natural" ou da "causalidade natural" pensa o oposto<sup>351</sup>. De qualquer maneira, é uma contribuição de Kant ter se pronunciado claramente quanto à necessidade e a possibilidade de "fatores" isolados, o que não acontece com frequência.

---

<sup>347</sup>Cf. *Die innere Haltung* [A Atitude Interior], *Monatsschrift für Psychiatrie* [Revista Mensal de Psiquiatria] 73, 1929.

<sup>348</sup>Cf. III. *Beitrag zur Paranoiaforschung* [Contribuição à Pesquisa sobre a Paranoia], *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria] 127, p. 646.

<sup>349</sup>Cf. IV. *Beitrag*, *Z. Neur.* 146, p. 619.

<sup>350</sup>Cf. V. *Beitrag*, *Z. Neur.* 150, p. 275, igualmente IV. *Beitrag*, *Z. Neur.* 146, p. 615.

<sup>351</sup>Cf., por exemplo, Eugen Kahn, *Gleichsetzung von Pathogenese und kausaler Wahn* [Equiparação de Patogênese e Gênese Causal de Delírio em Contraste com a Patoplastia do Delírio], loc. cit. p. 446.

## V. DELÍRIO

Se agora passarmos a contrapor a experiência *dasein*analítica de determinada consumação do pavoroso em determinada evolução do *Dasein* à construção clínico-patológica teórica do delírio de perseguição, podemos fazer ainda algumas observações a fim de recapitular e completar o que já foi dito. Já no capítulo da análise do *Dasein* foi insinuado que a psicopatologia precisa se determinar a observar a *base* das *possibilidades de ser* humanas primeiramente no medo e na confiança, em segundo lugar, a ver neles aquilo que nomeamos (juntamente com Szilasi) *receptividade*<sup>352</sup>, em terceiro lugar, a ter claro para si o fato de que, onde certa possibilidade experiencial – *aqui* a da receptividade exclusiva em termos do *medo* – se isolou ("absolutizou") da estrutura total das possibilidades do *Dasein*, essa possibilidade experiencial se *desdobra de acordo com uma consequência própria*! Seguimos o caminho desse desdobramento em sua própria consequência. É a consequência do desdobramento do pavoroso! Expresso de uma outra maneira: tentamos vir a conhecer, partindo da experiência "natural", "as singularidades fenomênico-descriptivas de certa constituição psíquica em seu contexto consecutivo"<sup>353</sup>. O que designamos clinicamente como *delírio* de perseguição provou-se o ponto culminante, o "pico extremo" desse desdobramento. E nós vimos que só podemos falar de delírio onde a receptividade ao pavoroso isolada, o medo do *Dasein* que "escapou"<sup>354</sup> da estrutura das

---

<sup>352</sup>Cf. *Macht und Ohnmacht des Geistes* [Potência e Impotência do Espírito]. "O medo e a confiança são a própria receptividade. Eles fazem visível o todo do ente, de modo que as impressões dos sentidos são sempre formadas como um todo e interpretadas como isto ou aquilo. Mas, desde a origem, o medo e a confiança sempre percebem determinado ente como o todo, como se representasse o todo. Se a expectativa prévia do medo-confiança for alegrada com uma flor, ela assume que toda a floresta está cheia de rosas; se ela for apavorada por uma sombra, ela assume que toda a floresta está cheia de pavores." "A unidade do medo e da confiança é o poder transcendental original que faz com que pela primeira vez o ente como um todo e o ente a partir do todo encontrem o *Dasein*. Ela é o poder transcendental para a percepção." "A unidade do medo e da confiança providencia a percepção daquilo em que se confia [ou "do familiar", *vertraut* cf. nota 41] e do pavoroso. Ela faz toda vez com que o singular seja perceptível como algo singular no todo que esconde o pavoroso e o confiável do todo. Se a confiança predomina, o pavoroso é esquecido. Se o medo predomina, é esquecido aquilo em que se confia. Esses dois modos do esquecimento mantido são a gênese da assunção." (p. 73). Cf. também p. 72: "A capacidade de confiar é a expectativa prévia daquilo que se espera. Pois, assim como apenas quem está com medo pode ser apavorado, só pode ter esperança aquele que confia." – Já se falou de tudo isso no *Caso Lola Voß*.

<sup>353</sup>Cf. Szilasi, *Die Erfahrungsgrundlagen der Daseinsanalyse Binswangers* [As Bases Experienciais da Análise de *Dasein* de Binswanger]. *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. Volume 67, p. 78.

<sup>354</sup>N. do T: *Ausbrechen*, cf. nota 99.

possibilidades de ser humanas, torna o mundo um *palco* do pavor "consequentemente", em um mundo, portanto, cujo sentido está no fato de que *todos* os acontecimentos são *dirigidos* por um *poder* pavoroso. Ou, em uma maneira de dizer transcendental: trata-se de um ser-no-mundo completamente submetido ao poder<sup>355</sup> sinistro do pavoroso, de um ser-no-mundo, portanto, que não apenas *decaiu no mundo* (no sentido de Heidegger), mas que também, nesse estado de decadência, *percebe* ("sente", "pressente", "escuta", "vê") o pavoroso como poder ("isolado"). Aqui o medo não mantém o Dasein "no nada", desse modo, ele não deixa o mundo naufragar na insignificância, antes confere a ele uma significância distinta e absolutizada, a do pavoroso e, assim, do significado pavoroso de toda singularidade.

*Chamamos de delirante essa consequência extrema do modo experiencial do medo quando a contexto consecutivo do pavoroso se mostra como poder maligno sinistro, como diabo, demônio, voz pavorosa, o destino (Lola Vofß) e como "intrigas secretas" de pessoas malignas e pavorosas. Onde essa dupla face do pavoroso não está presente, onde apenas domina a crença ou a convicção de que há um poder maligno extramundano e ele dirige os acontecimentos (como é o caso da superstição<sup>356</sup>), ou onde o pavoroso domina somente o mundo (como na cena original e em cenas pavorosas, como o pânico), ainda não podemos falar de delírio. Só se pode falar de delírio (sempre no sentido de delírio de perseguição) onde a receptividade ao pavoroso, o medo, esgotou toda a série de suas possibilidades experienciais, partindo do pavoroso como poder do Dasein, passando pelo pavoroso como epítome de ações pavorosas ("maus-tratos"<sup>357</sup>), chegando até os maus-tratos por meio de "máquinas" pavorosas, por meio da "máquina sangrenta da destruição" (Baudelaire) ou por meio da máquina não-sangrenta das práticas ("máquinas", Rousseau) destruidoras de reputação ("difamadoras"), onde ela percorreu, portanto, todo o círculo de suas possibilidades e estacionou nele.*

Queremos agora mostrar ao que a construção teórica clínico-psicopatológica *reduziu*<sup>358</sup> o caminho (em termos de Dasein) da possibilidade experiencial isolada do medo. É claro que aqui só se pode falar de uma "iluminação periférica".

---

<sup>355</sup>N. do T.: Em alemão, *Daseinsmacht*, "poder do Dasein". Cf. nota 236.

<sup>356</sup>Não estamos falando aqui da crença verdadeira ou *religiosa*, ao que tudo o que foi dito aqui *não* se aplica.

<sup>357</sup>N. do T.: Em alemão, existe uma relação etimológica entre "ação" (*Handlung*) e "maus-tratos" (*Misshandlungen*).

<sup>358</sup>Cf., no que se refere a essa "redução", minha comunicação em Badenweiler, loc. cit., além disso: *Die manische Lebensform* [A Forma de Vida Maníaca] loc. cit. e os outros estudos deste volume.

Começaremos com a redução do Dasein, de sua forma e seu caminho ao conceito da *personalidade*. Já vimos como a investigação da personalidade tem um papel importante na pesquisa sobre o delírio, partindo da teoria da "cisão de personalidade" e culminando nos esforços da escola de Tübingen (Gaupp, Kretschmer, O. Kant, F. Kant, entre outros) e recentemente na comunicação de Rümke em Paris, a qual, contudo, vai além do conceito de personalidade e, dando sequência aos estudos de Kunz e aos nossos, vê a ocorrência autêntica do delírio em "toda a transformação existencial", em "toda a alteração do ser-no-mundo". Todavia aqui estamos diante de um *paralelo*<sup>359</sup> de pontos de vista clínico-patológicos e daseinanalíticos, no sentido de uma visão geral das tendências atuais de estudo do delírio. Rümke vê o fundamento da incorrigibilidade do delírio (juntamente com O. Kant) ainda no fato de que o delírio "é uma necessidade para a atual estrutura de personalidade"<sup>360</sup>. A personalidade ainda é por toda parte um caldeirão de predisposições, funções e processos impulsivo-afetivos (causais) por um lado, e, por outro, de correlações, tendências, "significados" finais, ou melhor, dotados de sentido<sup>361</sup>, sendo que os últimos exemplos naturalmente não são mais considerados (como foram por de Clérambault e Guiraud) meramente superestrutura. Wyrsh já fez uma crítica tão conclusiva ao conceito de personalidade<sup>362</sup> que podemos usá-lo como referência. Ao preferir falar de *pessoa* ao invés de personalidade, ele faz uma descrição (muito útil para fins clínicos) desse conceito a qual engloba elementos fisiológicos, psicológicos e daseinanalíticos de igual maneira (talvez a descrição mais útil e com a visão mais geral que a clínica psiquiátrica hoje exhibe), contudo a análise do Dasein é colocada aqui nos limites do conhecimento objetificante<sup>363</sup>. Isso não implica uma crítica do

---

<sup>359</sup>N. do T. Em alemão. *Nebeneinander* (lit. "um ao lado do outro"). Sua formação etimológica é idêntica ao termo de origem grega "paralelo" (o prefixo *pará-* significa "ao lado" e *allél-* é uma raiz com o sentido de "um ao outro", sendo "parelelo" literalmente "que está um do lado do outro"). Como no original, colocamos em itálico a parte da palavra que indica "ao lado" (aqui "par-", lá *neben*).

<sup>360</sup>Citado de acordo com a extraordinária comunicação de Steck sobre o delírio no *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. vol. 67, p. 96.

<sup>361</sup>Quanto a isso, cf. O. Kant, *Beiträge zur Paranoia-Forschung I* [Contribuições à Pesquisa sobre a Paranoia I], *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria] 108, p. 625.

<sup>362</sup>Cf. *Die Person des Schizophrenen* [A Pessoa do Esquizofrênico]. Bern 1949, pp. 51-52.

<sup>363</sup>Cf. loc. cit. p. 54: "Em resumo... uma pessoa se expressa em atos psíquicos e não simplesmente em reflexos e reações, e essas expressões são motivadas, intencionalmente direcionadas a algo adiante e sumarizadas em uma forma unitária por meio do conteúdo do "eu" e do contexto de sentido. Sob outro ponto de vista, isso é uma autoconformação. Além disso, há o fato de que toda pessoa também tem um mundo, não somente o mundo circundante, como o animal, e não somente uma

ponto de vista psiquiátrico-clínico, em contrapartida, queremos somente ressaltar que a análise do Dasein e a forma de *experiência* que lhe é própria precisam ser *reinterpretadas* para funcionar como experiência *clínica*. Nesse momento, a análise do Dasein se torna psicologia e psicopatologia, ainda que elas sejam expandidas e aprofundadas por meio de pontos de vista e experiência que tiraram daquela.

Vemos muito claramente no conceito de *necessidade de delírio* o quanto a investigação do delírio (para o mal do conhecimento psiquiátrico) acabou sendo levada a reboque pela investigação normal-psicológica. Já Hagen falou – certamente de maneira muito avançada para sua época – de um "sentimento de falta de sustentação e de insegurança" que impele o paciente "instintivamente" a "buscar por um ponto firme em que ele possa se segurar e se ater" e que ele encontra "esse complemento e esse consolo – *apenas em uma ideia*" , "de maneira muito parecida com a atitude de uma pessoa saudável em situações análogas". Já no *Caso Lola Vofß*<sup>364</sup> criticamos esse tipo de concepção sobre o acontecimento do delírio, de modo que podemos nos referir a essa crítica. Essa concepção da psicologia normal sobre o delírio vêm à luz da maneira mais crassa no trabalho *Über Wahnbildung* [Sobre a Formação do Delírio] de Eugen Kahn, muito citado e muito "avançado" para sua época<sup>365</sup>. Pense-se apenas em seus paralelos notavelmente "positivistas" entre a formação da crença religiosa e a formação do delírio no que se refere a sua proveniência de "necessidades espirituais" ("subjetivas e não-objetivas") e diz respeito a livrar e aliviar a *personalidade* de uma "realidade que se tornou insuportável". Por outro lado, é contribuição de Eugen Kahn ter indicado energicamente as bases *vitalis* da formação do delírio, embora eu duvide que o "risco vital" também tenha que ser *vivenciado* necessariamente *como tal* (p. 443). No caso Suzanne Urban, certamente há, como já se observou, um risco vital apresentado pelo climatério, pela preocupação pesada e o esgotamento em alto grau; mas não vemos uma vivência (consciente) desse risco. (Naturalmente não discutiremos se a nossa "experiência" tem lacunas.) De resto, não esqueçamos que Kahn apontou enfaticamente o fato de que "o delírio nunca é simplesmente produzido", mas que "*toda personalidade forma seu delírio de sua maneira, pela razão e do modo que corresponde a sua necessidade de delírio*" (p. 448). Isso também corresponde ao nosso ponto de vista na medida em que nós, no que se refere ao delírio de perseguição, ressaltamos que, a despeito da *essência* unitária "do

---

imagem "objetiva" do mundo, como a ciência, mas ela tem um esboço de mundo e está no mundo compartilhado e, sem ele, não pode ser vista de nenhuma forma."

<sup>364</sup>Cf. pp. 61-62.

<sup>365</sup>*Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten* [Arquivo de Psiquiatria e Doenças Neurológicas] 88, caderno 3, 1929.

pavoroso", o tempo e o tipo de sua *irrupção* no Dasein, bem como seu *desdobramento* e sua *formação* na biografia do indivíduo podem ser muito variados.

Também para Bleuler, como se sabe, as ideias delirantes surgem de uma *necessidade afetiva*<sup>366</sup>, ao mesmo tempo em que outros autores, em lugar de necessidade, falam de uma *tentativa*, uma *procura*, um *encargo* de "reformular" uma realidade insuportável (F. Kant) ou de "recuperar sua mesmidade" a partir dela ("em continuidade psicológica") ou "assegurá-la novamente" (Kronfeld<sup>367</sup>). Kahn, por sua vez, vê na salvação de si mesmo (do isolamento) e na "valorização de si mesmo" o sentido, o significado e a meta do delírio (loc cit. p.453). Também para O. Kant, o significado final do delírio ("que é constantemente encontrado por ele") é "*aliviar a vivência de autoestima, que está ameaçada*"; além disso, em segundo lugar (em que claramente ele dá sequência a Freud), é a "*realização (Erfüllung)*"<sup>368</sup> de necessidades impulsivas, não realizáveis de outra maneira, no irreal mundo do delírio"<sup>369</sup>. Para a fundamentação de sua teoria, Kant coloca muita ênfase nas condições torturantes da oscilação da vivência de certeza do delírio e no sentimento tranquilizante da segurança, tão logo a dúvida é desfeita pela certeza. No *Caso Jürg Zünd*, observamos tal vivência em cultura pura. (Cf. a vivência com o porteiro. pp. 209-210). Contudo, sou da opinião de que, no que se refere à teoria da sustentação do delírio, creditam a essa "vivência de transição" mais ônus de prova do que lhe cabe. Tais exemplos mostram apenas que os pacientes preferem uma *certeza*, mesmo que ela seja "inconsolável", à *dúvida* que tanto os tortura, mas não que o *delírio* como tal é uma necessidade para eles! Se fosse possível lhes dar a certeza de que *estão errados* quanto a sua suspeita, eles ficariam decididamente mais tranquilizados do que na certeza delirante, e somente nessa ocasião poder-se-ia passar a falar de um *processo de cura*. A despeito disso, essas teorias da sustentação só *fizeram retroceder* o problema do delírio, retirando-o do delírio pleno

---

<sup>366</sup>Por outro lado, Bleuler observa com muita agudeza mais uma vez: "se alguém fala de 'desejo' ou 'necessidade' de estar doente, de 'interesse pela doença', de 'meta', de 'ganho' da doença, de 'fuga para as doenças', de 'intenção' e 'organização', é necessário ter claro em mente, por causa das consequências práticas, de *que essas expressões e conceitos são tiradas das ideias de um leigo sobre a psiquê normal e, na verdade, não deveriam ser de forma alguma empregadas em relação a estados mórbidos*. Contudo, precisamos utilizá-las, porque não há expressões mais apropriadas." (*Lehrbuch* [Manual] p. 347.). Exatamente nesse ponto, a análise do Dasein poderia ajudar.

<sup>367</sup>*Perspektiven der Seelenheilkunde* [Perspectivas da Psiquiatria]. Leipzig 1930, p. 281.

<sup>368</sup>N. do T.: No original, é o termo latino (*Realisierung*) que está entre parênteses. Como se tratava de sinônimos, resolvi somente manter o termo alemão no corpo do texto.

<sup>369</sup>*Beiträge zur Paranoia-Forschung IV* [Contribuições à Pesquisa sobre a Paranoia IV], *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria]146, p. 615.

e colocando-o sob a assim chamada necessidade de delírio. Onde tal necessidade de delírio existisse, a "ocorrência delirante" ("a doença") já estaria em plena atividade, de modo que nos caberia mostrar as condições da possibilidade do aparecimento de tal *necessidade*!

Em Freud, o conceito é muito mais profundo do que naquilo que se costuma falar sobre o processo de cura, uma vez que ele está firmemente baseado na teoria (construída com muita fineza) da libido, do recalque, do retorno do recalcado e da projeção<sup>370</sup>.

Hanz Kunz formulou a concepção do delírio como uma *sustentação* para a personalidade, se tivermos em vista o "desabamento do mundo", de maneira clara e sóbria (embora demasiadamente psicológica) quando ele diz: "o esquizofrênico 'compreende' a si mesmo e a transformação de sua existência somente sob o aspecto daqueles meios de compreensão que até agora guiaram seu comportamento e seu entendimento – e poder ainda se orientar por eles sem dúvida lhe garante uma sustentação (a qual se torna claramente perceptível em certos casos)"<sup>371</sup>. Também consideramos essa formulação psicológica demais, pois não é "o esquizofrênico" que "compreende" a si mesmo e sua transformação existencial e busca se "orientar" desta maneira – algum esquizofrênico já nos relatou algo do tipo? –, mas é o Dasein – em condição esquizofrênica – que compreende e orienta a si mesmo e o mundo desse modo. Lá o "compreender" significa um "compreender" psicológico, aqui, um "compreender" transcendental.

Naturalmente ainda se poderia mencionar uma multidão de construções semelhantes com conceitos da psicologia normal, como, por exemplo, as teorias que *apontam* o isolamento (Kahn, Gruhle, Kehrer) ou o aleijamento do "nós" (Schulte) como o *motivo* mais importante da *formação do delírio*. A teoria de Schulte<sup>372</sup> é interessante porque descreve na linguagem da psicologia o que agora

---

<sup>370</sup>Loc. cit. p. 62: "Aquilo que consideramos a produção da doença, a formação do delírio, é, na realidade, a tentativa de cura, a reconstrução. Após a catástrofe, esta pode sair-se mais ou menos, nunca completamente, bem; uma 'alteração interior profunda', nas palavras de Schreber, consumou-se com o mundo. Mas a pessoa recuperou a relação com os homens e as coisas, frequentemente uma relação muito intensa, embora também possa ser hostil, que antes era cheia de expectativas e delicada." Cf. também p. 67: "Pensamos aqui na fase das alucinações tempestuosas como uma fase da luta entre a alteração e uma tentativa de cura que quer trazer a libido de volta para seus objetos." Cf. também p. 129<sup>1</sup>.

<sup>371</sup>Loc. cit. p. 709. – Mais observações sobre o trabalho de Kunz cf. abaixo.

<sup>372</sup>*Versuch einer Theorie der paranoischen Eigenbeziehung und Wahnbildung* [Ensaio de uma Teoria da Autorreferência e da Formação do Delírio Paranoicas]. *Psychologische Forschung* [Pesquisa Psicológica], vol. 5, 1924.



só se mantém realmente sob a luz transcendental, daseinanalítica e fundamental-ontológica<sup>373</sup>. Precisamos somente lembrar de nossa concepção da "realocação de acento" dentro da estrutura do ser compartilhado. A construção da autorreferência feita por Schulte só encontra um fundamento se ela for compreendida daseinanaliticamente a partir do poder transcendental da receptividade como *medo isolado*; pois somente então o problema principal encontra sua solução, isto é ele "é reinterpretado" (cf. nota 373).

Outro conceito da psicologia normal (o qual sabidamente remonta a Westphal) que queremos mencionar rapidamente mais uma vez é o conceito de *projeção* (usado por muitos que investigam o delírio e também por Gaupp). Também ele encontrou sua fundamentação teórica mais profunda em Freud. Quanto à crítica a esse conceito como uma possibilidade de explicação psicopatológica, não estamos mais sozinhos hoje em dia. Mayer-Groß também designa a "projeção" – embora em outro contexto – como "um modo universal de pensamento"<sup>374</sup>. Além disso, Wyrsh recentemente voltou esse conceito para a psicologia geral quando ele, tendo em vista a "linguagem" psicanalítica, explica: "Para dizer de maneira mais simples, geral e exata, com isso, se quer dizer a *objetificação das vivências psíquicas*"<sup>375</sup>. Sob esse ponto de vista, nos parece realmente paradigmático o paciente de Schwab<sup>376</sup>, que descreve com extrema drasticidade que suas vivências (pequenos erros, por exemplo) não são projetadas para o exterior, mas são *personificadas*, o que também implica uma objetificação<sup>377</sup>. Seria

---

<sup>373</sup>Cf. loc. cit. p. 6: "Com isso, de um 'eu e os outros' real surge um 'com os outros' qualquer, no sentido de 'um eles que está de alguma maneira contra mim'. O simples 'passar ao lado' real é reinterpretado na forma de um estar-direcionado-a-mim dos outros, e, em lugar do 'bom nós', que não é possível, surge pelo menos um 'estar fechado por todos os lados mutuamente transparente'. A *autorreferência* realizou com isso um 'juntamente' compensatório".

<sup>374</sup>*Congrès internationale de Psychiâtrie* [Congresso Internacional de Psiquiatria]. Paris 1950 I, p. 67.

<sup>375</sup>Loc. cit. pp. 3031. – Cf. também as importantes observações que se seguem a isso sobre a diferença entre doente e saudável do ponto de vista dessa objetificação.

<sup>376</sup>*Selbstschilderungs eines Falles von schizophrener Psychose* [Autodescrição de um Caso de Psicose Esquizofrênica]. *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria] 44, 1919.

<sup>377</sup>Cf. p. 7: "As formas pareciam uma personificação exagerada de erros mínimos que eu mesmo fazia (sem que tivesse repreendido a mim mesmo por causa deles), de desatenções completamente inofensivas em relação à higiene, à ética e à moral, frequentemente mesmo uma desavergonhada distorção de eventos puramente psicológicos; por exemplo, quando, à mesa, eu achava agradável o sabor de uma refeição, na mesma noite (quando a refeição já fora há muito digerida) podia aparecer um demônio como eco dessa sensação, na forma de um ser meio homem, meio animal voraz, lascivo, com uma boca grande, lábios voluptuosos, grossos e vermelhos, barriga gorda e de tamanho gigantesco." "Mesmo que eu me sentasse cansado e me entregasse com razão ao sentimento de relaxar, surgia um demônio correspondente a esse sentimento. Mesmo uma simples

errado considerar as "formas" desse paciente apenas um produto de uma "fantasia superexcitada" ou de uma predisposição "eidética" idiossincrática no sentido dado por Jaensch, mas antes se deve recorrer, em relação a tal objetificação e personificação, ao isolamento do poder transcendental da receptividade, no sentido do *medo*, supondo que queremos compreendê-las do ponto de vista daseinanalítico. A partir desse caso de Schwab, pode-se encontrar facilmente um caminho para o "demônio diabólico" de Suzanne Urban e de muitos outros pacientes que sofrem de delírio, também aqui podemos lançar mão do símile do palco de Ellen West para estabelecer uma escala clara de tais objetificações personificadas de "vivências": em Ellen West, essa objetificação é colocada *propositalmente* a serviço da demonstração e da comunicação; no paciente de Schwab, ela evolui sem propósito, embora ainda o discernimento da indivisibilidade de ambas as partes (da vivência e da forma – o demônio) seja totalmente mantida; em Suzanne Urban, *faltam* tanto o propósito quanto o discernimento daquela indivisibilidade. Contudo ambas as coisas, a objetificação personificante e proposital do símile, bem como a personificação que impositiva e aflitiva do caso de Schwab, nos conduzem necessariamente (de forma completamente independente dos reconhecimentos da psicanálise) a observar também no demônio de Suzanne Urban uma objetificação personificante de certas "vivências". O que nos interessa aqui, todavia, não é a objetificação de vivências, tendências, desejos, temores etc., no sentido da psicologia, *mas a governança do poder transcendental da receptividade, do símile até o delírio de perseguição, portanto partindo da força imaginativa poetizante, passando pela força imaginativa "pseudoalucinatória" (no sentido de Kandinsky) e chegando até a força imaginativa deliroides*. Nessa escala, podemos observar graus do isolamento da receptividade, a partir do grau que ainda está na estrutura total do Dasein e está isolado apenas propositalmente, passando por um grau já autônomo, *mas que ainda não deixa faltar a "distância espiritual", chegando até o isolamento absoluto, no sentido do delírio*. Por fim, somente indiquemos que, como Kunz já viu muito claramente e mostrou em detalhes, precisamos ver também na concepção da *psicologia do ato*, puramente *intencional* do delírio uma tentativa psicológica fracassada de compreensão da "formação do delírio", o que já indicamos. A

---

discordância (caso meu pai ou minha mãe criticassem alguma coisa) produzia uma forma monstruosa e maliciosa, que ameaçava esmagar o 'eu'. Quando ficava doente, via formas sombrias, lentas, que deixavam a impressão do não-saudável. – Eu não podia aceitar as objeções das pessoas que me cercavam de que eu imaginava tais coisas; eu não conseguia achar nada aparentado entre minhas visões e minhas percepções e mesmo hoje não consigo. Nas visões, parece-me que elas não estão num espaço, que permanecem como imagens opacas no meu cérebro ou atrás dos olhos, enquanto, nas minhas percepções, eu vivenciava um mundo a partir do exterior, o qual, contudo, não dizia respeito ao mundo dos sentidos." Além disso, vê-se nesse exemplo o qual difícil, o quão impossível é frequentemente a separação entre alucinações e pseudoalucinações.

ocorrência delirante se encontra num nível incomparavelmente "mais profundo" do que poderia ser apreendido com esses meios, por mais agudeza de pensamento que tenha sido aplicada nesse ponto de vista – penso especialmente em Karl Schneider, Kronfeld e Gruhle – e por mais diferenciações sutis que essa orientação nos tenha trazido.

Para retornarmos ao caso Suzanne Urban, precisamos observar a ocorrência delirante *como um todo*, dos *farejamentos* deliroides até o *delírio* de perseguição já formado. Somente então vem plenamente à luz o significado da contemplação daseinanalítica para a clínica; pois aquilo que a clínica separa de maneira puramente descritiva, colocando, de um lado, os *pensamentos deliroides* ou as *ideias deliroides* (no sentido de Jaspers<sup>378</sup>) do estágio prévio depressivo da disposição delirante (o ato de entreouvir das criadas etc.) e, de outro, as *vivências* ou *percepções delirantes de fato* ou *primárias* (ainda no sentido do mesmo autor<sup>379</sup>), provou ser daseinanaliticamente a expressão da mesma transformação do *Dasein*, que se desdobra com uma *consequência* sinistra, em termos de sua autodespotencialização e subjugamento ao poder da publicidade (anônima). Embora estejamos guardando a recapitulação da evolução dessa transformação do *Dasein* para o retrospecto, mostraremos aqui (onde estamos lidando com a clínica do delírio) em que medida a contemplação daseinanalítica pode lançar luz sobre os conceitos e as diferenciações puramente clínicos.

No que diz respeito aos farejamentos dos riscos apresentados pelo mundo compartilhado, elas ocupam uma posição medial entre ideias delirantes que partem, na compreensão *psicológica*, do transtorno (depressivo) de humor – ideias delirantes holotímicas ou sintético-afetivas no sentido usado por Hardenberg, ideias deliroides no sentido dado por Jaspers – e vivências deliroides de fato. Pois não se pode compreender *psicologicamente* por que *necessariamente* a preocupação com o marido conduz à suspeita contra os enfermeiros; da mesma maneira, não se pode compreender isso *puramente* a partir do transtorno depressivo de humor. A desconfiança *deliroides*, a suspeita *deliroides* não dizem respeito à *essência* do transtorno depressivo de humor. Em contrapartida, essa suspeita deliroides pode ser compreendida *daseinanaliticamente* como primeiro sinal da transformação do *Dasein*, em termos da publicização do *Dasein* que se inicia, em linguagem clínica, do processo esquizofrênico. Já no capítulo "Diagnóstico", se ressaltou que esse

---

<sup>378</sup>Cf. loc. cit. p. 89. A eles, Jaspers sabidamente adiciona as ilusões passageiras de percepções falsas, bem como as ideias delirantes melancólicas e maníacas e as ideias sobrevalorizadas.

<sup>379</sup>Cf. também loc. cit. pp. 82-83.

estágio precisa ser concebido como um transtorno de humor condicionado ao processo e não como um estágio prévio puramente depressivo.

Isso não é insignificante para o problema do *delírio primário* esquizofrênico, de que ainda precisamos nos ocupar. Nosso caso é adequado para fazer o problema avançar também do ponto de vista clínico. Já é importante o fato de que, no delírio de perseguição de Suzanne Urban, no palco do delírio, estamos certamente lidando com ideias verdadeiramente delirantes, em termos do delírio esquizofrênico primário<sup>380</sup>, e de que, entretanto, não podemos conceber a primariedade desse delírio de maneira puramente temporal (como é o caso dos autores alemães e especialmente Gruhle, Kolle e Zutt<sup>381</sup>), isto é, como uma ocorrência delirante "não motivada" que *ocorre pela primeira vez*, para cuja explicação científica recorre-se simplesmente ao processo esquizofrênico ou, mais cuidadosamente, "a uma doença corporal". Com isso, enfatiza-se ainda hoje o *limite* ou o "muro" (Kurt Schneider) que está posto à compreensão psicopatológica do delírio. Se também reconhecermos esse limite da psicopatologia, consideraremos a recorrência à corporeidade um curto-circuito científico; pois, como Kunz primeiro ressaltou e assim analisou, sempre nos resta o recurso à análise do Dasein. Sob certo ponto de vista, E. Bleuler vai mais a nosso encontro do que os autores alemães na medida em que, para ele, na psiquê haveria tão pouco de "última instância" quanto em qualquer outro lugar<sup>382</sup>. Por outro lado, nos afastamos de E. Bleuler e de Jung quando eles querem desqualificar a teoria do delírio primário com a assunção e frequente evidenciamento de *motivos inconscientes*; pois, com a evidência da motivação a partir de motivos inconscientes, como os autores alemães sempre enfatizam (e com razão), a ocorrência *deliroides*, o delírio como tal, não se encontra de nenhuma maneira explicado ou compreendido. O delírio só se encontra compreendido (não psicopatológica e geneticamente, mas daseinanaliticamente) se ele for "entendido" como certo modo e certa evolução estruturais *a priori* do Dasein ou do ser-no-mundo.

O delírio primário também mantém seu valor para nós do ponto de vista puramente clínico-descritivo e diagnóstico. Também em nosso caso – falamos agora do autêntico delírio de perseguição, do palco do delírio –, ele mostra sua

<sup>380</sup>Hans Kunz acreditava que era necessário ver a *vivência de desabamento do mundo* "como o conteúdo" do delírio primário "mais adequado à ocorrência", contudo, essa vivência (como nosso caso mostra) é de forma alguma um pressuposto necessário para o delírio primário.

<sup>381</sup>Johannes Lange, pelo que vejo, é uma exceção, visto que ele não compartilha pelo menos da diferença jaspersiana entre verdadeiras ideias delirantes e pensamentos deliroides. Cf. sua resenha da nona edição do *Lehrbuch* [Manual] de Kraepelin.

<sup>382</sup>Loc. cit. p. 51; cf também p. 359.

idiossincrasia naquilo que Kurt Schneider<sup>383</sup>, entre outros, chamam de sua *bipartição* (o ato perceptivo aparentemente inalterado com suas qualidades sensitivas, mas que apresenta significado anormal no sentido da *autorreferência* da percepção sem ensejo racional ou emocional compreensível). Por mais que se possa objetar de modo puramente fenomenológico contra essa bipartição, ela é clínica e descritivamente legítima, como nosso caso também mostra. (Pense-se novamente no "significado" do gato que mastiga o pássaro, dos corvos que *mandam* voar para fora, da capinação com a foice, do ranger do papel, do martelar da forja etc.)

Como outro critério do delírio primário esquizofrênico em geral e de nosso caso em específico, mencionemos ainda que aqui a *vivência de certeza* ou *de realidade* e o *significado de realidade* objetivo do delírio (no sentido de O. Kant) vão de mãos dadas, em outras palavras, que as ideias delirantes, pelo que podemos acompanhar do caso, são *incorrigíveis* e invariavelmente *válidas*.

Por fim, no que se refere a nossa interpretação do *modo de experiência* (verdadeiramente) *deliroide* (cf. acima o capítulo "Tempo" pp. 424 ss.), Müller-Suur<sup>384</sup> poderia objetar que nós de fato iluminamos daseinanaliticamente a ocorrência da certeza delirante *paranóica*, "alcançada" ou adquirida, mas não o da certeza delirante *esquizofrênica* "sofrida" ("primária"), que Hardenberg diz ser tomada passivamente "como uma sensação"<sup>385</sup>. Encontramos aquele alcançar, no sentido da certeza delirante "paranóica", com muita clareza em Rousseau, por exemplo, que sempre fala de *aprender* e (nos *Devaneios*) de *lições* sempre novas, por meio das quais ele passou de simples *suposições* à certeza<sup>386</sup>. Em contrapartida,

---

<sup>383</sup>Cf. sua mais nova representação do delírio, muito breve e clara, em: *Über den Wahn* [Sobre o Delírio]. Stuttgart 1952, pp. 8-9.

<sup>384</sup>Cf. seu importante trabalho, que citamos diversas vezes: *Gewissheitsbewusstsein beim schizophrenen und beim paranoischen Wahnerleben* [A Consciência da Certeza na Vivência Delirante Esquizofrênica e Paranoica]. *Fortschritte der Neurologie, Psychiatrie und ihrer Grenzgebiete* [Avanços da Neurologia, da Psiquiatria e de suas fronteiras] ano 18, caderno 1, 1950.

<sup>385</sup>Hoppe já falou muito bem, no que se refere a esse tipo de delírio, que ele não é, como a crença religiosa, "conquistado por meio de uma luta", mas "*crece*" no paciente. "O delírio não faz qualquer pergunta". Cf. seu estudo que ainda hoje vale a pena ser lido, *Wahn und Glaube* [Delírio e Crença]. *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria]. 51, 1919, p. 194.

<sup>386</sup>Heidenhain também fala, no que se refere a Rousseau, sobre um "conflito que só adquire sua intensidade mórbida por meio da soma de centenas e centenas de vivências isoladas". Cf. sua patografia (completamente dirigida ao delírio de referência sensitivo) de Rousseau (J. J. Rousseau *Persönlichkeit, Philosophie und Psychose* [A Personalidade, a Filosofia e a Psicose de J. J. Rousseau]. München 1924, p. 83). – Em contrapartida, ele diz que, no caso do professor Wagner (que foi relacionado pela escola de Tübingen *também* à paranoia), "se trata de um evento que deflagra somente uma vez e detém sua eficácia patogênica completamente em si" (ibidem). Vê-se *quão*

segundo ele, o delírio esquizofrênico deveria *começar* com um *fato* vivencial (na qualidade de "delírio primário"). Ainda que a oposição vivencial entre ativo e passivo não vá muito profundamente nem aqui nem em outros casos e não seja uma oposição "diametral" de forma alguma, ainda que não possamos saber se o fato que, segundo o paciente, aconteceu pela primeira vez realmente não tenha acontecido outras vezes (e mesmo que não tivesse, ele poderia, como Bleuler já ressaltou, ter mais ou menos precursores e precedentes que não foram notados) e, além disso, ainda que aqui haja clinicamente todas as transições empíricas possíveis, nossa investigação não diz respeito à questão "*fato* vivencial ou simples *suposição*" mas à experiência do geral *em* cada experiência particular, independentemente de se a consumação dessa experiência ocorre pela primeira vez, uma só ou diversas vezes! Mesmo o "esquizofrênico" que chega imediatamente à certeza delirante tem, como nosso caso mostra também, experiências sempre novas que confirmam as antigas.

Se pudéssemos verificar que o aspecto subjetivo predomina cada vez mais e por fim domina sozinho o campo objetivo, indicar-se-ia, por sua vez, o "mecanismo da convulsão *paranoica*" no sentido empregado por Müller-Suur: "uma vez que o *conflito natural com toda a plenitude da realidade se estreita por meio do não-desprendimento do aspecto subjetivo do objeto, origina-se um dano ao conteúdo vivo da vivência*" (49-50). Nossa observação de que o Dasein não recebe a partir da transcendência objetiva, em termos da *phýsis*, as instruções de deduzir e associar, mas da transcendência subjetiva do medo e a partir de seu "correlato objetivo", o pavoroso, tinha em vista os mesmos fatos. O não-desprendimento do aspecto subjetivo necessita portanto, para sua compreensão, da demonstração daseinanalítica da condição de possibilidade do predomínio do "aspecto subjetivo", assim, *da demonstração da submissão do Dasein pelo poder*<sup>387</sup> do pavoroso.

## VI. ILUSÕES SENSORIAIS

Ao nos voltarmos às ilusões sensoriais que ocorrem no caso Suzanne Urban, já dizemos de antemão que podemos separá-las daseinanaliticamente do evento delirante tão pouco quanto Bleuler pôde separá-los clinicamente. Uma vez ele

---

pouco o critério da recorrência pode, do ponto de vista da "deflagração do delírio", ser utilizado no diagnóstico diferencial de paranoia e esquizofrenia.

<sup>387</sup>N. do T.: *Daseinsmacht*, cf. nota 236.

explica: "o delírio é aquilo que primeiro é produzido pela doença; ele pode aparecer inicialmente como pensamentos, alucinações, ilusões mnemônicas ou visões oníricas"<sup>388</sup>. Hoje não podemos mais dizer que as ideias persecutórias se misturam ao quadro da doença "em razão de ilusões sensoriais", como se podia ler na avaliação do hospital psiquiátrico Sonnenberg sobre o presidente do senado Schreber<sup>389</sup> e infelizmente ainda se pode ler frequentemente. Antes temos que perceber de uma vez por todas que as alucinações não são distúrbios isolados, como (sabidamente) F. Schröder<sup>390</sup> resalta com especial ênfase, e Meyer-Groß<sup>391</sup> já elucidou. No entanto, E. Minkowski se adiantou a todos na parte final de *Le Temps vécu* [O tempo Vivido] de 1923<sup>392</sup>. Na obra de que já lançamos mão no *Caso Lola Voß* (p.357 s.), "*A propos du problème des hallucinations*" [Sobre o Problema das Alucinações], de 1937, ele retorna ao fato de que, nas alucinações, não se trata somente de "um distúrbio da percepção", mas sobretudo de "uma modificação profunda da forma da vida mental cuja alucinação não é senão uma de suas expressões"<sup>393</sup>, e de que seria necessário realizar a análise dos fenômenos alucinatórios sempre "em função do fundo mental que os condiciona"<sup>394</sup>. Também Sartre percebe que, diante de uma psicose alucinatória, seria preciso observar o comportamento geral do paciente. Ele designa esse comportamento de maneira razoavelmente adequada como "conduta alucinatória", mas entende sob esse termo meramente a "acomodação recíproca" entre o paciente e suas ilusões sensoriais<sup>395</sup>. Já nós preferiríamos a expressão francesa *condition hallucinatoire*<sup>396</sup>, como designação de uma forma particular da condição humana, do modo de ser

---

<sup>388</sup>*Lehrbuch* [Manual] p.50. Não concordamos com a expressão "produzido pela doença", uma vez que "a doença" já *está* na ocorrência delirante. No que se refere a isso, cf. também as observações de Wyrtsch e Tiling, nota 299.

<sup>389</sup>Freud, loc. cit. p. 12.

<sup>390</sup>*Der Nervenarzt* [O Neurologista] 1933.

<sup>391</sup>*Der Nervenarzt* [O Neurologista] 1931.

<sup>392</sup>N. do T.: Na verdade, a obra é de 1933.

<sup>393</sup>*Le Temps vécu* [O Tempo Vivido], p.387.

<sup>394</sup> *A propos du problème des hallucinations* [Sobre o Problema das Alucinações]. Extraído dos *Annales Médico-psychologiques* [Anais Médico-Psicológicos] No. 4, 1937, p. 2 e 4 s.

<sup>395</sup>*L'imaginaire* [O Imaginário], nona edição nrf. 1948, p. 205. Cf. quanto a isso E. Minkowski, *Le Temps vécu* [O Tempo Vivido], p. 388: "Para que a realidade percebida normalmente possa suportar esse tipo de neoprodutividade alucinatória, é necessário que uma modificação profunda da vida mental torne possível essa maneira particular de viver o mundo das percepções. É necessário que haja uma modificação da *tolerância*, se eu me arriscar a me exprimir assim, da realidade perceptível em suas relações com o sujeito".

<sup>396</sup>N. do T.: "Condição alucinatória".

humano. Portanto, também concordaríamos com Sartre quando ele diz: "*um louco não faz mais do que perceber a condição humana a sua maneira*"<sup>397</sup>.

Ao mesmo tempo que E. Minkowski sabidamente correlaciona o problema das alucinações com a diferenciação de "espaço escuro" e "espaço claro", Erwin Straus o correlaciona de maneira bastante frutífera com a diferença entre espaço paisagístico e geográfico e entre a sensação (simpática) e a percepção, culminando na sentença: "as alucinações são variações primárias da sensação, não distúrbios da percepção"<sup>398</sup>. "As alucinações, portanto, não se originam de um distúrbio do sensório – compreendendo-se essas funções no sentido psicológico –, também não se originam de um distúrbio das funções da percepção, do pensamento, do juízo, mas partem de um distúrbio e uma variação das funções simpáticas da sensação. Visto que essas funções estão alteradas, o paciente vive em outra comunicação com o mundo; mas uma vez que os modos de ser-no-mundo são fundamentais para todas as vivências, as alucinações não são distúrbios isolados" (ibid.). Com isso, ele se aproxima muito de nossa concepção, contudo, com a diferença de que para ele trata-se de uma diferenciação psicológica, para nós, de uma *daseinanalítica*.

A sensação significa para Erwin Straus uma vivência simpática<sup>399</sup>, não uma forma de *Dasein a priori*. Apesar disso ele coloca em primeiro plano algo que também está no fundamento de nossa concepção do pavoroso (e, portanto, também de seu contrário, o sedutor, atrativo). "Ela (a sensação) está direcionada aos caracteres fisionômicos do sedutor e do espantoso. Ela tem o caráter do 'com' em seus desdobramentos 'em direção a' e 'para longe de'". "O simpático é o outro conceito que abarca ambos, a separação e a união, a fuga e a busca, o apavoramento e a sedução, o simpático e o antipático." "Toda mutilação exterior dessa relação polar obstrui ou aniquila a compreensão simbólica. Na sensação,

<sup>397</sup>L'Être e le Néant [O Ser e o Nada], 16ª ed., p. 442<sup>1</sup>. Os itálicos são meus. Não conseguiriam expressar a nossa concepção mais precisamente.

<sup>398</sup>Vom Sinn der Sinne [Do Sentido dos Sentidos], Berlin 1935, p.286. – Na mesma direção, temos a recente obra de Zutt: *Der ästhetische Erlebnissbereich und seine krankhaften Abwandlungen. Ein Betrag zum Wahnproblem* [O Campo da Vivência Estética e suas Variações Mórbidas. Uma Contribuição ao Problema do Delírio]. *Der Nervenarzt* [O Neurologista] ano 23, caderno 5, maio de 1952. Além disso, Matussek: *Untersuchungen über die Wahnwahrnehmung* [Investigações sobre a Percepção Delirante] (*Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten vereinigt mit Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo de Psiquiatria e Doenças Neurológicas Unido com a Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria], vol. 189, 1952 e *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria]. Volume 71, 1953). – O que aqui designamos como *fisionômico*, *simpático* e *estético*, os franceses chamam bastante vagamente de qualidades afetivas "como 'gracioso, perturbador, simpático, ligeiro, pesado, fino, inquietante, horrível, repugnante' etc." Cf. Sartre, *L'Imaginaire* [O Imaginário], p. 179<sup>1</sup>.

<sup>399</sup>Dessa maneira, não se deve confundi-la com ter sensações no sentido sensual!



temos o mundo em um ponto de vista perspectivo, o temos sempre para nós, isto é, temos um mundo circundante, mas ainda não temos o mundo"<sup>400</sup>.

O "distúrbio e a variação das funções simpáticas da sensação", com que lidamos no caso Suzanne Urban, como um caso de delírio de perseguição, diz respeito exclusivamente ao "caráter fisionômico" do apavorante e do espantoso, do "com" no modo do "para longe de", como foi mostrado diversas vezes e descrito como uma *submissão* ao poder do pavoroso (em qualquer de suas formas: horror, terror, medo etc.). Já no capítulo sobre a configuração do tema como fábula delirante se ressaltou que as ideias de referência, as ilusões e as alucinações são igualmente tipos da *percepção* de um poder "autoalienado" e, portanto, estão no mesmo nível daseinanalítico. Além disso, mencionamos que os modos dessa percepção oscilam entre pressentir, sentir, ver, ouvir e escutar sussurros e ter "pensamentos" forçados. Também enfatizamos que o Dasein não conseguia mais tomar qualquer *distância* ("espiritual"), mas estaria completamente enviesado pela simples receptividade e preso nela e predominantemente na forma da *impressionabilidade* do mundo compartilhado, do ser pego "pela orelha" (pelo olho, pela "pele", pelo corpo). Como dissemos (p. 413): "uma vez que a possibilidade de ser da impressionabilidade se autonomize completamente e, com isso, se torne desmedida e ilimitada, e, conseqüentemente, o Dasein se limite ao recebimento de 'impressões', fala-se de *alucinação*. Se essa receptividade estiver sob a supremacia do pavoroso e obtiver instruções dele, trata-se necessariamente de alucinações 'pavorosas'. O mesmo vale para os 'pensamentos'. Também eles estão sob a ditadura do pavoroso, do temeroso, do nefasto, também eles são necessariamente *agourentos* e *nefastos*. O 'palco' inteiro está posto em cena por um único 'diretor', por um único poder que *confere sentido* e *dá uma direção*. É apenas a partir desse poder que todos os *atos* que conferem e cumprem sentidos recebem sua diretiva e seu cumprimento intencional". Aqui as alucinações são, portanto, uma expressão particular da *ação hostil* que "pressiona o corpo" do Dasein (cf. acima p. 414), são apenas episódios passageiros dela, apenas modalidades de consumação, isto é, ameaças e confirmações dos *sofrimentos* e *tormentos* que partem do poder do pavoroso e das pessoas e máquinas que estão a seu serviço. A partir daí, podemos dizer que nosso estudo não só mostrou que (para falar com Erwin Straus) as alucinações repousam sobre os distúrbios das funções simpáticas da sensação, que onde a "sensação" está limitada a sentir a fisionomia do pavoroso, entram em cena alucinações pavorosas, mas também que, para além disso, as alucinações

---

<sup>400</sup>Loc. cit. p. 127.

pavorosas são na verdade "episódios" do *drama do Dasein* "inspirado" pelo poder<sup>401</sup> do pavoroso *isolado*. As alucinações são a expressão mais "impressionante", isto é, mais "pronunciada", "visível" e "sensível" da *aflição da proximidade*<sup>402</sup>.

Na conto "Na Colônia Penal" de Kafka, um viajante, ao ver um delinquente, pergunta ao oficial se ele sabia sua sentença. "Não", diz o oficial, "seria inútil anunciá-la a ele. Ele já a sente sobre seu corpo". Dessa maneira, Suzanne Urban não vem a saber de sua sentença, mas de seu sofrimento "sobre seu corpo", e, por isso, é "inútil" "anunciar" ou explicar a sentença a ela, ou *esclarecê-la* sobre ela. E quando Kafka continua: "não é fácil decifrar a escrita (da sentença) com os olhos; nosso homem a decifra, mas com suas feridas", também nossa pobre Suzanne Urban *decifra* a escrita de seu "destino" não com os olhos (da compreensão), mas com suas "feridas" e as de seus familiares, com os "sofrimentos infligidos" a ela e a eles. Onde o Dasein *recebe e experiencia* seu destino *como feridas* em e sobre seu "corpo" (e, é claro, também *em* sua alma e *em* sua reputação, cf. Rousseau), ele zomba de qualquer *outra experiência*; pois esta é a mais "impressionante" no sentido duplo da palavra.

## VII. RETROSPECTO

Na introdução à análise do Dasein, intitulada "Antecedentes e Delírio", colocáramos como nossa tarefa acompanhar o caminho pelo qual se tornou *possível* a reviravolta do excesso do bem para o excesso do mal no Dasein que nomeamos Suzanne Urban. Agora cumprimos essa tarefa, de acordo com o que estava em nossa capacidade e nosso "material" permitia. Frente a extraordinária complexidade dos problemas, seria recomendável caracterizar mais uma vez com toda a clareza a maneira com que acompanhamos esse caminho. Começamos por nos *apartar* de outras tentativas metódicas de realizar tal acompanhamento ou demonstração. Primeiro ressaltamos que, em nossa investigação, *não* se trata de "derivar a psicose dos antecedentes de modo compreensível", como Gruhle condenou com razão, dizendo a sua paciente Leonore Banting (e em oposição a um Windelband) que "é o esforço de qualquer pessoa sem formação médica"<sup>403</sup>.

<sup>401</sup>N. do T.: *Daseinsmacht*, cf. nota 236.

<sup>402</sup>Cf. L. Binswanger. *Über den Satz von Hofmannsthal: "Was Geist ist, erfasst nur der Bedrängte"* [Sobre a sentença de Hofmannsthal: "Somente o aflito compreende o que é espírito"], loc. cit.

<sup>403</sup>Cf. *Selbstschilderung und Einfühlung* [Autodescrição e Empatia], *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria] 28, 1915, p. 230. Windelband disse nos *Präludien* [Prelúdios] que Hölderlin "afundou na doença mental por meio da

"Compreensível" significa aqui o mesmo que "empatizável" ou "passível de reconstrução genética".no sentido usado por Jaspers, Kurt Schneider<sup>404</sup> e Hedenberg,<sup>405</sup> entre outros. Contudo, encontramos igualmente tal "derivação" nas obras de pessoas com formação médica e mesmo psiquiátrica, *também* no que se refere à psicose esquizofrênica. Nisso estão incluídas todas as tentativas psicológicas, caracterológicas e constitutivo-psicológicas de deduzir o *conteúdo* do delírio ou mesmo o delírio como tal da biografia pré-psicótica. Portanto *não* acompanhamos nosso caminho de modo a tentar "derivar" aquela reviravolta e, com isso, a psicose da nossa paciente a partir de *capacidades* ou *faculdades* anímicas como juízo, sentimento, afeto, fantasia, necessidade, instinto, desejo, anseio, tendência, *nem* de *propriedades do caráter* como ambição, necessidade de estima, desconfiança, sensibilidade, ressentimento etc., *nem* de *caracteres como um todo* ou *tipos de personalidade* como caráter sensitivo, tirânico etc., personalidade díspar, desequilibrada, despedaçada etc., *nem* de *temperamentos* como estênico e astênico, de *constituições* como esquizóide e sintônica, *nem* de *impulsos*, seja do tipo sexual, seja um "impulso" de aquisição ou recuperação de autoestima, de alívio, de satisfação compensatória, de sustentação no mundo etc., mas também não de modo a tentar derivá-la apenas a partir de certas "*vivências*", seja do tipo embaraçoso, seja do pavoroso, *nem* de uma alteração da maneira dos *atos* ou das consumações de atos intencionais ou das *funções* psíquicas, no entanto, também *não* a partir de uma coincidência do "entrelaçamento" (causal e final) de momentos tão díspares. Por outro lado, naturalmente também *não* percorremos o caminho dos "organicistas", no sentido empregado por Gruhle (quanto ao delírio esquizofrênico primário) ou por de Clerambault, entre outros. Por mais que a clínica não consiga evitar todas as tentativas psicológicas, caracterológicas e biológicas de responder o porquê dessa questão em termos de um conhecimento objetificante, a tarefa da psiquiatria como ciência não se esgota nisso. Como ciência, ela tem que ter em mente o fundamento ontológico que está na base de suas proposições. As capacidades anímicas, as propriedades anímicas, a alma (no sentido da psicologia e da psicopatologia), o caráter, a pessoa, a personalidade, o impulso etc., tudo isso está ontologicamente no limbo, ou seja, não tem fundamento ontológico.

---

consciência da profunda oposição entre a vida intranquila, insatisfatória do presente e o ideal da formação e do modo de vida clássico-helenísticos". Encontramos tais concepções ainda hoje em círculos das ciências do espírito (também no que se refere à paralisia de Nietzsche).

<sup>404</sup>*Versuch über die Arten der Verständlichkeit* [Ensaio sobre os Tipos de Compreensibilidade] *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* [Revista de Toda a Neurologia e Toda a Psiquiatria] 75.

<sup>405</sup>*Über die synthetisch-affektiven und schizophrenen Wahnideen* [Sobre as Ideias Delirantes Sintético-afetivas e Esquizofrênicas], *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten* [Arquivo de Psiquiatria e Doenças Neurológicas] 80, especialmente p. 740 ss.

Encontramos esse fundamento na analítica do Dasein de Heidegger<sup>406</sup>. Sobre ela constrói-se a *análise* do Dasein como ciência fenomenológica da experiência<sup>407</sup>. Sua tarefa é mostrar a idiossincrasia da *estrutura a priori do Dasein* que *possibilita* todos aqueles fenômenos idiossincráticos que *diagnosticamos* clinicamente como *sintomas* esquizofrênicos e *psicose* esquizofrênica.

Há mais de vinte anos, Hans Kunz, como mencionamos mais de uma vez, já ressaltou com agudeza o fato de que a interpretação psicopatológica do delírio encontra seu *limite* no delírio (primário) esquizofrênico. Apesar de sua solução para o problema do delírio esquizofrênico em termos de uma "autoexplicação do Dasein" não nos parecer suficientemente inequívoca, uma coisa é mostrar o caminho da solução programaticamente, outra coisa é percorrê-lo passo a passo em um caso em particular. Contudo, o que temos contra a solução do problema de Kunz como tal é a concepção do delírio esquizofrênico primário como um *espelhamento por juízo e linguagem* da transformação existencial em si (loc. cit. p. 681), como um precipitado "das alterações impulsivo-afetivas" no "juízo delirante na qualidade de resultado daquele espelhamento" (p. 715) ou como uma "autoexplicação inadequada em princípio" da existência esquizofrênica (ibid.). Embora Kunz enfatize com muita agudeza que o delírio primário – em contraposição ao delírio melancólico – forma "a expressão parcial da própria ocorrência transformadora" (p. 681), ele divide diante de nossos olhos com as expressões "espelhamento por juízo e linguagem", "juízo delirante", "resultado", "precipitado", "autoexplicação inadequada", "expressão parcial" (criando divisões demais, portanto) o que em fundamento forma uma unidade, isto é, a unidade da submissão do Dasein ao pavoroso. Isso está relacionado sobretudo à concepção do delírio como um juízo, como uma explicação ou um espelhamento linguísticos. No delírio primário, a linguagem não está, como se fosse algo "secundário", "implicada" na ocorrência transformadora e também não é somente expressão dela – o que ainda está expresso psicopatologicamente e não está de forma alguma além dos limites da interpretação psicopatológica do delírio –, ela é antes algo "primário", o esboço de mundo *adequado*, a linguagem adequada da "ocorrência" ou da consumação do pavoroso *no* (ou dentro do<sup>408</sup>) Dasein.

<sup>406</sup>A significativa tentativa de Häberling de nos fazer compreender melhor o sono e os sonhos mostra quais seriam as relações entre a sua monadologia ontológica e a psiquiatria. (*Zur Lehre vom Traum* [Sobre a Teoria do Sonho]. *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie* [Arquivo Suíço de Neurologia e Psiquiatria] volume 67.)

<sup>407</sup>Cf. Nossa comunicação em Bandewiler, loc. cit.

<sup>408</sup>N. do T.: A oposição no original está entre as preposições *an* e *in*, que, em português seriam igualmente traduzidas por "em". Contudo, em alemão há uma diferença: *an* (como é empregada

Agora, no que se refere à *clínica*, foi necessário designar o excesso do bem, o *culto* familiar, como neurose ("histérica"), o excesso do mal, as *calúnias* e o martírio da família que se dá por meio dela, o "martirológio", como psicose (esquizofrênica). Desde o início, neurose e psicose não foram vistas como quadros clínico-descriptivos, mas como *formas do Dasein* que se distinguem *fenomenologicamente* no caminho de certa *evolução do Dasein* e estão em um contexto essencial *fenomenológico*. A distinção ou particularidade fenomenológica e a "contextura" fenomenológica não foram difíceis de determinar e de acompanhar a partir do esvaecimento do poder<sup>409</sup> da *confiança* e do prevalecimento do poder do *medo do Dasein* e da *consequência experiencial* que lhe é própria. Se a "neurose" ainda se mostrou no excesso do bem como um *estado de ameaça* pelo medo do Dasein e como defesa contra essa ameaça, a "psicose", o delírio, mostrou-se no sofrimento "excessivo" do mal como um *estado de submissão* a esse medo e um estado de entrega a essa submissão.

Na verdade, pudemos constatar passo a passo que o Dasein cada vez mais só conseguia *perceber* e *assumir* ("experenciar"), cada vez mais exclusivamente, o que era "ditado" pelo medo do pavoroso e também vimos como isso se operava. Uma vez que tanto a capacidade de confiar quanto a de ter medo estão relacionadas às duas possibilidades transcendentais de recepção "de impressões", escolhemos para ambas (seguindo o exemplo de Szilasi) a expressão "*receptividade*". De acordo com o modo da receptividade, o Dasein não é apenas "impressionado", mas, ao mesmo tempo, ele "percebe" o mundo e "assume" o que (para expressar de maneira popular) acontece no mundo e como acontece. Enquanto, no Dasein em sua condição "normal" (ou seja, determinada pela norma da medida<sup>410</sup>), é preservada a unidade transcendental de medo e confiança, onde essa unidade (como observamos no Caso Lola Voß<sup>411</sup>) "se encontra *despedaçada* em favor da supremacia do domínio absoluto de uma ou outra coisa, aquilo *que chamamos clinicamente de psicose* está presente".

---

aqui) indica que há uma relação entre duas coisas, sem determinar posição no espaço ou no tempo, em contrapartida, *in* indica que algo está dentro de outra coisa.

<sup>409</sup>N. do T.: *Daseinsmacht*, cf. nota 236.

<sup>410</sup>Sobre o quão determinante a ideia de medida foi para o pensamento *médico desde sempre* e o quão determinante ainda precisa ser, cf. o belo estudo de Walter Müri: *Der Maßgedanke bei griechischen Ärzten* [A Ideia de Medida nos Médicos Gregos]. *Das Gymnasium* [O Ginásio], ano 57, nr. 3, 1950. Além disso, cf. sobretudo Werner Jäger, *Paideia II, Die griechische Medizin als Paideia* [A Medicina Grega como Paideia].

<sup>411</sup>*Lola Voß*, nota 60.

Contudo, enquanto, no Caso Lola Voß, tivemos que nos contentar em descrever o estágio "neurótico" (embora ele já tivesse "tons" completamente deliroides) da sinistridade do terrível que era tão pronunciado e ficou por muito tempo em primeiro plano (em seu engolimento idiossincrático pelo estado de ameaça e submissão frente ao medo do Dasein e à proteção fóbica contra ele), mas pudemos perceber o estágio do secretismo dos inimigos a partir de contato posterior por meio de cartas, no caso Suzanne Urban, por sua vez, foi possível nos aproximarmos daseinanaliticamente ainda mais da "virada" que parte da sinistridade do terrível e chega ao secretismo dos inimigos. Essa possibilidade se efetuou a partir da percepção e do acompanhamento do fato daseinanalítico da *autonomização do tema do pavoroso*.

De qualquer modo, já no caso Lola Voß, pudéramos perceber que, no delírio, lidamos com um si-mesmo "para o qual 'a situação' está existencialmente fechada *por completo* e que vive e age somente em situações importunas. Já não se pode falar de uma *abertura* resolvida da situação, como seria próprio a um si-mesmo autêntico. O 'si-mesmo' não ocorre pela graça da existência, mas pela graça, ou melhor, pelo desfavor<sup>412</sup> do mundo do delírio. Em contrapartida, o terrível não pode mais se tornar algo impessoal e 'extramundano' contra o qual se pode invocar o destino, mas ele se tornou um ente intramundano (não confundir com "do mundo interior"<sup>413</sup>!) que ainda nos é acessível sob o aspecto da hostilidade. Consequentemente ele é *pluralizado*, dispersado entre metas e 'pessoas' indeterminadas. Assim o delírio de perseguição se mostra como um descendente do medo frente ao Dasein na qualidade de terrível! Como a verdadeira fobia, também só se pode entender o delírio a partir do *medo* do Dasein (não 'a partir do afeto do medo!'). 'Mundo' agora não significa mais um todo circunstancial com que o Dasein somente se contenta, mas uma condição percebida inequivocamente pelo Dasein na qualidade de terrível, a condição da hostilidade, daquilo que é hostil ou ameaçador de uma vez por todas, como o *Caso Jürg Zünd* já mostrou com bastante clareza. É um esboço de mundo que não é mais usado, que não mostra

---

<sup>412</sup>N. do T.: No original, a oposição é etimologicamente mais evidente: *Gnade* ("graça", "favor") e *Ungnade* ("contrariedade", "desfavor"), termos frequentemente utilizados para descrever uma relação com os deuses ou uma atitude divina (por exemplo, "*von Gnaden Gottes*", "pela graça de Deus").

<sup>413</sup>N. do T.: A confusão entre as expressões é mais passível de acontecer em alemão, pois elas são, respectivamente, *innerweltlich* (simples justaposição entre *inner* – "intra-", "dentro" – e *weltlich* – mundano, literalmente "de dentro do mundo") e *innenweltlich* (adjetivo derivado de *Innenwelt* – "mundo interior").

mais nenhum rastro de amor e confiança e da *relação de confiança*<sup>414</sup> com as pessoas e as coisas que daí se origina<sup>415</sup>.

Com essas observações, já havíamos ido além da interpretação *psicológica* do delírio em termos do impulso instintivo hageniano de encontrar uma sustentação firme e também em termos de uma *necessidade de delírio*, embora não possamos negar que, nesse momento, ainda não nos afastáramos com suficiente radicalidade do encanto da concepção hageniana.

Quando falamos da autonomização do tema, temos diante de nós algo que está, na verdade, completamente privado do "instinto" ou da vontade, da intenção, da tentativa (de sustentação ou de fuga) de um si-mesmo. Pois a *autonomização do tema* não implica apenas seu desprendimento da situação mundana concreta, mas também uma completa *despotencialização do si-mesmo*. Os dois processos são um só! No *Caso Suzanne Urban*, tratava-se do tema ("sobrevalorizado") do *pavoroso* na qualidade de *situação* tematizada ou tornada *tema* do ser-no-mundo<sup>416</sup>(cf. p. 385).

Essa "tematização" do pavoroso ou essa despotencialização "pavorosa" do si-mesmo mostrava a seguinte evolução do ponto de vista biográfico: o completo enclausuramento no tema (em termos de um interesse elevado ou de uma ideia extravagante), a tentativa tirânica<sup>417</sup> de *enclausurar no tema juntamente consigo* o ambiente que participava do cuidado (do marido), terminou no fracasso dessa tentativa, no sentido de que o ambiente foi completamente *excluído* do tema e *alienado frente* a ele. Já nesse momento está "atada" a possibilidade de ser da *capacidade de confiar*, e em seu "ponto mais sensível", na confiança do Dasein no Dasein compartilhado<sup>418</sup>. Agora o Dasein é unicamente dominado pela possibilidade de ser (transcendental) do *medo*. A essa dominação pelo poder do medo corresponde a transformação da *alienação* do mundo compartilhado no mundo compartilhado como "*poder alheio*". Com isso, as portas estão abertas para a "tematização" do medo continuar, no sentido da entrega consequente do Dasein ao

---

<sup>414</sup>N. do T.: *Vertrautheit*, cf notas 41 e 67.

<sup>415</sup>Loc. cit. p. 102.

<sup>416</sup>É preciso que tenha ficado claro que, com essa formulação, expressa-se uma circunstância daseinanalítica positivamente, a qual só foi interpretada e descrita até agora *negativamente*, como uma consequência *inconsciente*, uma tendência inconsciente etc. Em lugar de também falar teoricamente sobre o "inconsciente", temos que perceber fenomenologicamente sempre em primeiro lugar como ele se comporta em relação ao "consciente"!

<sup>417</sup>Na verdade, aqui ainda se trata de uma tentativa ou uma intenção; não estamos lidando de nenhuma maneira com algo como uma "necessidade delirante" ou um delírio!

<sup>418</sup>N. do T.: Trata-se da relação de um Dasein com os outros.

mundo compartilhado. Desse modo, tendo visto o primeiro passo da transformação do Dasein no *autocegamento* ou na *extravagância*, o segundo na transformação de um Dasein *dominador* que desde sempre *dominou* o mundo compartilhado em um Dasein escravizado, que *alienou* a si o mundo compartilhado e, portanto, está tanto mais *exposto* a ele ("a prisioneira do *tema* do pavor torna-se prisioneira do *mundo* do pavor"), vimos o terceiro passo no estado de *completa* exposição, na completa *publicização*<sup>419</sup> do próprio Dasein ao ser pego, da parte do mundo compartilhado que lhe foi alienado, "pela orelha", pelo ponto fraco, pela palavra (pelo pensamento) e, sobretudo, pela reputação, em outras palavras, ao ser posto no "papel" de uma simples peteca ou de um brinquedo ("joguete" em Rousseau), em um contexto de ação "pavoroso", em uma "*tragédia*" posta em cena por um *poder* pavoroso. O tema se desprende da preocupação medrosa e do cuidado extravagante que consumia forças ("gerava riscos vitais") e se autonomizou, a tragédia pavorosa do adoecimento do marido, condicionada à situação, e sua pressão molesta se transformaram na tragédia muito mais pavorosa da destruição da família, que vai muito mais *além* da situação e, contudo, *permanece ligada* a ela. Nisso, precisamos (como já indicamos anteriormente) manter em vista o seguinte: se as criadas "espreitam para entreouvir", se os pensamentos de Suzanne Urban são repetidos, se suas palavras são estenografadas, se ela própria é fotografada nua no banho para que a comprometam, a questão é, daseinanaliticamente, sempre a mesma: a diminuição e, por fim, a perda da intimidade ou (para expressarmos de uma maneira positiva) a *publicização* do Dasein, sua *entrega* à dominação do *man*<sup>420</sup> e da voz dele (cf. p. 398). A obrigação de pronunciar ou de apenas insinuar linguisticamente calúnias contra a família forma o ponto alto dessa entrega, mas a princípio não representa nada de novo<sup>421</sup>. Desse modo, deve-se ver já no entreouvir das criadas o "germe" da campanha persecutória, da "desgraça de toda a família". E isso já numa época em que Suzanne Urban tomava conta do marido sacrificando a suas forças! Dessa maneira, já podemos ver no entreouvir das criadas (no humor delirante, portanto) a peripécia do excesso do bem para o excesso do mal, do excesso do autossacrifício frente ao martírio do marido para o excesso do martirólogo do marido e de toda a família. Tudo isso se torna daseinanaliticamente compreensível somente por meio

<sup>419</sup>Já E. Minkowski indicou diante de um de seus pacientes a diminuição de intimidade (Le Temps vécu - O Tempo Vivido -, p. 391), embora não seja no sentido daseinanalítico, mas no da diminuição "do caráter pessoa do 'eu'".

<sup>420</sup>N. do T.: cf. nota 145.

<sup>421</sup>Segundo as notícias de jornal, na China, tal obrigação é realmente praticada (por meio do comprometimento público de familiares no rádio), um exemplo de que o delírio de perseguição de Suzanne Urban tomava como base a "realidade" do nosso tempo!



do caráter demoníaco do pavoroso, em outras palavras, por meio de seu desprendimento a partir da estrutura do Dasein e da concomitante submissão deste à desmedida e inesgotabilidade de sua "força imaginativa" ou de sua gestação de imagens. Com tudo isso, entretanto, ficou claro mais uma vez que, do ponto de vista da análise do Dasein, não há qualquer limite a princípio entre as ideias ou pensamentos deliróides (o entre ouvir das criadas etc.) e as verdadeiras ideias delirantes (o sistema "paranoico" do delírio).

Com a tragédia familiar, está consumada a *mundanização* do Dasein, a transformação da sinistridade atmosférica do pavoroso na secretividade dos inimigos, o desvelamento velador do meio-pelo-qual (pavoroso) do medo. O fato de que esse desvelamento ainda implica em um velamento, uma secretividade (ainda que de inimigos manifestos), está mais uma vez estreitamente correlacionado a absolutização precedente do tema do pavor. Na qualidade de um Dasein que foi dominado por um tema absolutizado, desprendido da situação de partida, e se encontra *enviesado* pelo pavor, ele ainda consegue esboçar um mundo, isto é, um todo do contexto referencial, um mundo de ações pavorosas de pessoas pavorosas, mas não consegue mais trazer luz ("visão penetrante") sobre esses contextos referenciais, o que só é possível com a base da estrutura total do Dasein, em outras palavras, com a base da liberdade ("relativa") de seus esboços de mundo.

Sempre que o Dasein se dedica a apenas um esboço de mundo, ainda que seja somente na forma de uma paixão que o submete, de uma restrição passageira de sua liberdade, portanto, estamos diante de um espetáculo de uma "mundanização" do Dasein que rumo ao infinito. Esse espetáculo mostrou-nos logo no início a paixão da *vingança* da parte do deus da vingança Jeová. Assim como a *vingança* não consegue se satisfazer ao esboçar situações, eventos, circunstâncias *mundanas* "impregnadas de vingança" sempre novos, a paixão *amorosa* também não consegue se satisfazer ao esboçar situações, eventos e circunstâncias "eróticas" "no mundo". O mesmo vale para o delírio de perseguição e para o delírio em geral. Se não devemos retroceder e cair no erro de compreender o delírio a partir da essência da paixão (psicologicamente, portanto), precisamos ver que a "impulsão em direção à forma"<sup>422</sup> que lhe é própria não é de modo algum uma propriedade sua que precise, para ser compreendida, da introdução de uma tendência de cura, de uma satisfação compensatória etc. Estamos aqui diante de um traço essencial do *Dasein*, que, contudo, variou no delírio de perseguição, na medida em que aqui

---

<sup>422</sup>Cf. já em Plotino a teoria da origem do *éros* na impulsão em direção à "forma" (*Grundformen...* [Formas Fundamentais...] p. 207) e as tentações de Santo Antônio (p. 400).

(correspondentemente à limitação à espontaneidade da pura *receptividade* e de seu modo experiencial) não se trata mais de formas ou situações ("transparentes") *desveladas*, como é o caso na paixão da vingança ou do *éros*, mas de formas ou situações ("opacas") *veladas* na secretividade.

Com esse quinto estudo sobre o problema da esquizofrenia, impulsionamos a compreensão daseinanalítica mais adiante do que foi possível nos estudos anteriores. O avanço não está somente na estrita apreensão da essência do pavoroso como um poder do Dasein que irrompeu da estrutura do Dasein como um todo, mas sobretudo na demonstração da consequência estrita do desdobramento do *modo experiencial* que é próprio a essa "irrupção". Assim como em todos os outros lugares, também aqui os fatos empíricos somente se tornam compreensíveis cientificamente se conhecemos a essência *a priori* que oferece a base sobre a qual os respectivos fatos podem ser fatos. O que vale para a compreensão científica do delírio de perseguição naturalmente também vale para a compreensão de outras orientações delirantes. Assim como no delírio de perseguição, seria preciso, também no *delírio hipocondríaco*, demonstrar daseinanaliticamente *exatamente dessa forma* a "intervenção", a submissão ao pavoroso ou ao destrutivo. Da mesma maneira, seria necessário submeter também as orientações delirantes no sentido da "promoção", da submissão ao sedutor (Erwin Straus) e ao beatificante (portanto, do delírio de *grandeza* e de *invenção*, *erótico* e *religioso*) a tal apreensão daseinanalítica da essência das propriedades estruturais *a priori* ou transcendentais que estão no fundamento deles. O mesmo naturalmente vale para o *delírio de ciúme*, que é especialmente complexo. Dessa maneira, com nossa investigação, abrimos somente uma brecha científica no muro do problema do delírio. Em meio a isso tudo, (para enfatizar mais uma vez) deveria ter ficado claro que a questão não é a compreensão em termos da "empatia", da compreensão ou da reconstrução da vivência genéticas e tampouco da compreensão caracterogênica, ou seja, não é meramente uma compreensão (psicológica) do *conteúdo do delírio*, mas uma compreensão daseinanalítica, completamente diferente, do *delírio* como tal (isto é, como certa variação de toda a *estrutura do Dasein*) e, em nosso caso, do delírio na *orientação* delirante persecutória e na *forma* delirante da sistematização.

Além disso, deveria ter ficado claro que a interpretação daseinanalítica em termos de um apreensão fenomenológica da essência de certas variações do Dasein precisa assumir a frente na pesquisa do delírio, na qualidade de pesquisa da essência, mas que ela, visto que se coloca a serviço da psiquiatria, precisa da colaboração da pesquisa psicopatológica, psicanalítica e mesmo biográfica. Pois somente com essa ajuda ela é capaz de acompanhar a *consumação* de determinado

poder do Dasein em determinadas pessoas (já que, inversamente, só a partir da consumação – na qualidade de "exemplar" fático –, ela consegue experienciar e apreender a essência em questão).

De resto, mostrou-se que a interpretação daseinanalítica do delírio (como Steck – loc. cit. – viu muito bem) se une com aquelas orientações empíricas no âmbito da pesquisa do delírio que estão convictas de que uma investigação não tem perspectiva de sucesso se começar pela observação e a investigação do delírio em si e de que se deve antes prestar atenção nos "processos" que antecedem o delírio. Em nosso caso, resultou a seguinte "escala" que também pode servir de linha condutora para a investigação de outros casos:

a) Demonstração da *situação de partida* e do tema que foi dado por ela como um encargo. Contudo, uma vez que qualquer situação biográfica pode funcionar como tal situação de partida, é necessário

b) mostrar as condições de possibilidade da persistência e da insistência do respectivo tema, propriamente no modo do Dasein da *"personalidade pré-mórbida"*.

c) Demonstração do "desdobramento" do tema do Dasein em questão em termos do *interesse elevado* ou do *ideal extravagante*.

d) Demonstração do desprendimento do tema para longe da situação de partida e sua *autonomização*, no sentido do *humor delirante* na qualidade de autêntico *clima delirante*.

e) Demonstração do *delírio* como consequência *daseinanaliticamente* necessária de toda a evolução do Dasein que se deu até agora.

Não seria necessário adicionar que a clínica psiquiátrica só vê ora um, ora outro "trecho" de tal evolução do Dasein e, por outro lado, que também deve haver casos clínicos nos quais tal evolução do Dasein possa ser esclarecida daseinanaliticamente com muito mais profundidade do que foi possível em nosso caso, devido à falta de material catamnético e da primeira infância.

Tradução: Tadeu Costa Andrade

Revisão Técnica: Guilherme Messas